

O FENÔMENO DA CLARIVIDENTE VANGA:

Profecias, Previsões
e Encantos

Svetlana Valentinovna
Kudryavtseva

Tradução:
de Amadeu António

O FENÓMENO DA CLARIVIDENTE VANGA

PROFECIAS, PREVISÕES E ENCANTOS

Svetlana Valentinovna Kudryavtseva

Introdução

Um grande número de livros e artigos foram escritos sobre a búlgara Vangelia Guscherova, conhecida mundialmente como a clarividente Vanga. Vanga faleceu há 12 anos e, ao longo dos anos, o seu nome tornou-se um símbolo de fé e revelação profética.

A natureza das suas capacidades milagrosas ainda não foi explicada pela ciência. Como pôde uma mulher cega, quase analfabeta, de uma pequena cidade provincial chamada Petrich, na fronteira entre terras búlgaras, macedónias e gregas, prever eventos decisivos para toda a humanidade, ver o passado e o futuro de uma pessoa e de povos inteiros, falar com os espíritos dos mortos e viajar no tempo graças ao seu dom único, continua a ser um mistério para todos nós.

A sobrinha da vidente e curandeira búlgara, e sua biógrafa, Krasimira Stoyanova, escreveu que «Vanga vivia em plena harmonia e sintonia com a natureza, era verdadeiramente parte dela. Por isso, a natureza falava com ela de forma tão clara e distinta» (K. Stoyanova, *A Verdade sobre Vanga*). Vanga compreendia a linguagem dos pássaros. As flores, as árvores, as montanhas, as ervas, as pedras – tudo o que a rodeava – era para ela vivo e animado. As montanhas contavam-lhe segredos de séculos passados, os rios e as pedras transmitiam-lhe lendas de povos antigos e civilizações desaparecidas, as árvores e as ervas revelavam-lhe os segredos da cura, os pássaros e as flores traziam-lhe notícias das pessoas vivas e das que partiram para o outro mundo e ligavam-na ao cosmos e à criação.

Vanga viveu uma longa vida, cheia de sofrimentos, solidão e luta, mas repleta de uma profunda fé e de sentido espiritual. Ao longo de 55 anos da sua atividade profética, segundo cálculos de investigadores, recebeu mais de um milhão de visitantes, que levavam para a sua casa as suas aflições, tragédias, dores e doenças, bem como a fé nas suas capacidades ilimitadas e a esperança de cura espiritual e física. E Vanga raramente

recusava alguém: passava todas as dores e sofrimentos humanos pelo seu coração.

Sobre o seu destino na Terra, Vanga disse o seguinte (1988): «Fui deixada exatamente aqui! Para aqui devem vir os confusos e os que perderam a esperança, para aqui se dirigem, como pássaros que encontram o rumo. Quem tem sede de salvação encontra o caminho. A mim resta apenas ler os escritos da sua alma, sem ouvir a língua, que é tão faladora, que sabe misturar e confundir tudo de tal modo que nem cem mentes reconheceriam a verdade. E mais: devo não só ler o ontem e o hoje, mas também dar a direção certa para o amanhã» (K. Stoyanova, A Verdade sobre Vanga).

Para muitas pessoas que a conheceram pessoalmente, Vanga é um exemplo de pessoa profundamente crente e moral. Era indiferente à vaidade mundana e ao bem-estar material; o mais importante para ela era a riqueza da alma. Legou todas as suas poupanças à Igreja Ortodoxa e ao Estado. Sempre se lembrou de a quem devia o seu dom milagroso e, ainda em vida, destinou fundos para a construção em Petrich do templo de Santa Petka, que sem exagero se pode chamar o templo da Grande Alma. Esse templo, como escrevem muitos investigadores, era a própria Vanga.

À vidente búlgara faziam-lhe frequentemente a mesma pergunta: «Como salvar-se no nosso mundo difícil e contraditório?» Vanga respondia invariavelmente que só uma qualidade ajudaria a salvar o ser humano – a bondade. E que era preciso cumprir os mandamentos de Deus.

Dizia que as respostas a todas as perguntas deviam ser procuradas nos livros sagrados e que, se as pessoas soubessem ler a Bíblia como deve ser, elas próprias descobririam como resolver este ou aquele problema. Lamentava muito que às pessoas faltasse fé: «É difícil ajudar uma pessoa que não crê», considerava Vanga. Vendo que a violência e o mal abriam caminho, ainda assim esperava que «chegará o dia em que a mentira desaparecerá da face da Terra, não haverá violência nem roubos. As guerras cessarão, os sobreviventes saberão o valor da vida e protegê-la-ão» (de uma transcrição gravada por B. Tsvetkova).

Neste livro reunimos materiais sobre a vida, as profecias e as revelações da adivinha búlgara Vanga, descrevemos casos da sua prática

de cura, citamos numerosas declarações sobre ela e o seu dom feitas por pessoas que a conheceram bem, os seus familiares e correligionários.

Atualmente, em condições de instabilidade económica e de crise que abrange todo o mundo, muitos políticos recorrem às previsões de Vanga e citam as suas palavras. O nome Vanga está na boca de todos, a sua popularidade aumenta a cada ano, embora nem sempre as previsões que lhe são atribuídas sejam autênticas. Nos últimos tempos, na imprensa e na Internet surgiram informações de que Vanga previu o início da Terceira Guerra Mundial e muitos eventos da história mundial até 5079, ano em que ocorrerá o fim do mundo.

A «Lista de Vanga» (assim se chamam essas profecias) ganhou ampla difusão na Internet e é discutida na imprensa e nos blogues. A psicóloga, autora do livro «Vanga. Uma Vida para as Pessoas», colaboradora próxima da profetisa búlgara Boyka Tsvetkova, declara que Vanga nunca falou do fim do mundo nem fez previsões globais sobre toda a humanidade por muitos séculos adiante, pelo que essa «Lista» pode ser considerada uma falsificação. Vanga disse literalmente o seguinte: «Cada vez mais frequentemente encontrarão pessoas que têm olhos mas não veem, têm ouvidos mas não ouvem. Irmão irá contra irmão, mães abandonarão os seus filhos. Cada um procurará salvar-se sozinho. Alguns – um punhado deles – enriquecerão, e o povo empobrecerá, quanto mais longe, pior. Muitas doenças aparecerão, as pessoas começarão a morrer como moscas...» (de uma transcrição das gravações de Vanga feita por B. Tsvetkova).

Vanga deixou muitas previsões relativas aos Estados eslavos, especialmente numerosas profecias sobre o futuro do seu país – a Bulgária – e da Rússia, pois era de lá que vinha a maior parte das pessoas que a procuravam. Vanga sentia grande carinho e amor pela Rússia e pelo povo russo e previa que seria precisamente ao nosso país que caberia cumprir uma grande missão espiritual e unir todos os povos e Estados do planeta sob a égide de um ensino religioso-moral chamado, nas revelações da profetisa, Irmandade Branca.

Sobre a Rússia, os encontros de Vanga com conhecidos políticos russos, pessoas do mundo da ciência e da arte, também se fala neste livro. As memórias de muitos deles são bem conhecidas do leitor, mas o

objetivo da criação deste livro foi reunir o máximo de informação possível que revele a personalidade e a força espiritual da profetisa búlgara.

Sabe-se que Vanga não gostava de falar de política e respondia com grande relutância a perguntas sobre previsões políticas. Apesar disso, ao longo dos muitos anos da sua vida e do seu caminho profético, acumulou-se um número suficiente de previsões políticas de Vanga para as reunir num só livro e tentar uma certa generalização. Claro que esta edição não pretende ser uma investigação nem tenta decifrar as previsões de Vanga, pois isso é muito difícil, já que todas as profecias importantes a vidente pronunciava em estado de transe.

Todos os investigadores do dom único da vidente búlgara dizem que Vanga era uma personalidade paradoxal: por um lado, pelo seu modo de vida e pensamento não se distinguia de uma camponesa comum; por outro, possuía capacidades fenomenais que lhe foram dadas por Deus. Se não fosse esse dom, Vanga teria levado a vida de uma simples mulher rural, como há milhares na Bulgária, e o mundo nunca teria sabido dela. Será talvez por isso que as palavras proféticas de Vanga, pronunciadas em transe, sejam tão difíceis de interpretar? E o que seria se o Senhor tivesse dotado de tais capacidades uma mente mais desenvolvida e poderosa? Mas, como se diz, os caminhos do Senhor são insondáveis e as possibilidades do ser humano são inesgotáveis. É sobre isso que nos faz refletir o caminho espinhoso da vida da vidente búlgara, que sem falso pathos se pode chamar uma façanha em nome das pessoas. É sobre isso que fala o nosso livro.

Vanga sobre os destinos do mundo eslavo. A sua vida e profecias
Vanga sobre os países e povos do mundo. Previsões de eventos da história mundial

Nos anos 1990, já gravemente doente (em 1992 foi-lhe diagnosticado cancro do estômago, mas conseguiu travar a doença e viveu mais quatro anos), Vanga continuou a receber visitantes. Claro que não cem pessoas por dia, como nos anos anteriores – a idade e a saúde não permitiam –, mas encontrava diariamente 10 a 15 pessoas. De onde tirava forças esta mulher extraordinária para, até ao fim dos seus dias, oferecer esperança, curar, orientar, advertir dezenas de milhares de pessoas? «O meu dom vem de Deus», repetia Vanga muitas vezes. E só Deus sabe quantas provações, infortúnios, calúnias, incompreensões e invejas teve ela

própria de suportar ao longo de todos os longos anos da sua vida. Mas Vanga nunca se queixou do destino (aceitou inclusive a sua cegueira como desígnio divino) e repetia frequentemente as expressões: «Deus não dá provações acima das forças» e «Deus ordenou que se suporte». E aconselhava as pessoas a aprenderem antes de mais nada a paciência.

Não é por acaso que o próprio nome da profetisa búlgara – Vangelia, abreviado para Vanga – significa em grego «portadora de boas novas». Só que as novas que Vanga transmitia às pessoas nem sempre eram boas. Mas para a profetisa a verdade era mais importante, por mais amarga que parecesse às pessoas.

Sabe-se que Vanga não gostava de fazer previsões políticas e evitava em geral conversas sobre política. Apesar disso, muitos políticos recorriam a ela na esperança de saber quem venceria as próximas eleições para o parlamento ou para a Duma, como se desenrolaria o destino desta ou daquela potência. Em diferentes anos, procuraram Vanga líderes políticos e altos funcionários de diversas orientações – desde os reis búlgaros Boris III e Simeão II até o Primeiro Secretário do Comité Central do Partido Comunista Búlgaro Todor Zhivkov, o Secretário-Geral do Comité Central do PCUS L. I. Brezhnev e o atual presidente da Calmúquia, Kirsan Ilyumzhinov.

Vanga previu muitos eventos da história mundial: o início da Segunda Guerra Mundial, a vitória da União Soviética sobre a Alemanha fascista, a derrubada da monarquia czarista e o estabelecimento do regime comunista na Bulgária, os eventos em Praga em 1968, a morte de Indira Gandhi, o colapso do socialismo na Europa de Leste nos anos 1990, as guerras sangrentas na Nicarágua e no Líbano em 1982, o naufrágio do submarino «Kursk» em 2000. Algumas das suas profecias, não compreendidas pelos contemporâneos, começam a cumprir-se nos nossos dias, como, por exemplo, a chegada ao poder do antigo rei búlgaro Simeão II ou os atentados terroristas nos EUA a 11 de setembro de 2001.

«Em breve o mundo virar-se-á do avesso e muitas pessoas morrerão.»

O primeiro evento sobre o qual Vanga alertou os seus conterrâneos foi a aproximação da Segunda Guerra Mundial. No início de 1940, a vidente previu que um terrível mal atingiria em breve o povo búlgaro e

que era preciso juntar dinheiro e doá-lo à igreja dos Quinze Santos Mártires para salvar a cidade da destruição: «Em breve o mundo virar-se-á do avesso e muitas pessoas morrerão... Dentro de um ano começará a guerra». É verdade que a guerra já decorria – a Alemanha fascista atacara a Polónia a 1 de setembro de 1939 –, mas ninguém podia imaginar a verdadeira dimensão das tragédias que se avizinhavam. E foi nesses tempos difíceis, quando a terrível catástrofe se aproximava da Europa, que Vanga, uma simples rapariga rural que perdera a visão aos 12 anos, recebeu o dom de «falar dos vivos e dos mortos». E foi assim: «Era alto, louro e divinamente belo.

A sua armadura de guerreiro antigo brilhava ao luar. O cavalo, com a cauda branca ao vento, escavava o chão com os cascos. O cavaleiro parou no pátio, desmontou e entrou no quarto escuro. Irradiava tanta luz que a casa ficou clara como em pleno dia. Virando-se para a vidente búlgara, o visitante disse com voz grave: “Em breve tudo se virará neste mundo, muitas pessoas morrerão. Tu ficarás aqui e falarás dos vivos e dos mortos. Não tenhas medo! Eu estarei ao teu lado, sempre te ajudarei”». Assim contava a própria Vanga a aparição em sua casa do misterioso cavaleiro, que aparecia sempre que a rapariga começava a profetizar sobre o que aconteceria às pessoas nos anos da terrível guerra.

Depois veio o dia negro – 8 de abril de 1941, quando as tropas alemãs atravessaram a fronteira jugoslava e começou a guerra... Os habitantes de Strumica, aterrorizados, abandonavam as casas e escondiam-se na floresta perto da cidade. Quando os tanques alemães entraram na povoação, dos habitantes só lá ficaram a cega Vanga e a sua irmã Lyubka. Os soldados não tocaram nas raparigas. E quando a cidade foi tomada e os tanques partiram, os moradores começaram a regressar às suas casas. Qual não foi o espanto dos vizinhos ao encontrarem Vanga de pé diante dos ícones, falando com uma voz estranha e alheia, nomeando nomes, eventos, datas. O seu rosto estava extraordinariamente inspirado e os seus lábios proferiam profecias. Assim começou o seu grande caminho terreno – «viver não para si, mas para as pessoas» e ler como um livro aberto os escritos de cada alma.

À casa de Vanga em Strumica começaram a afluir pessoas. Queriam saber o que acontecera aos seus entes queridos – pais, maridos, filhos. As previsões de Vanga cumpriam-se com espantosa precisão. Assim, um dia

aconselhou a vizinha Milana Nartenova, que chorava por não ter notícias do marido na guerra, a preparar-lhe o jantar e roupa. «Vejo – disse Vanga – que o teu Milan regressará tarde da noite e só de roupa interior». E assim aconteceu. À noite, apareceu à porta um homem só de roupa interior. Fugira do cativeiro e escondia-se dos soldados alemães. Era Milan.

A outra vizinha, uma mulher idosa, Vanga previu que o filho Hristo regressaria vivo da guerra, mas que isso demoraria. A noiva de Hristo casou-se com outro rapaz, pensando que o antigo noivo morreria: não havia notícias dele. Quando Hristo regressou à cidade natal, a rapariga desmaiou de espanto e o coração da mãe quase rebentava de alegria inesperada. Estes dois casos tornaram Vanga conhecida em toda a Bulgária.

Um dia, na sua pobre morada apareceu um homem baixo e idoso, vestido com um uniforme cinzento e calças de montar. Era o czar Boris III. Vanga, colocando-se no seu lugar habitual no canto junto à lâmpada, onde recebia as pessoas, disse com voz severa: «O teu reino cresce, estendeu-se amplamente, mas prepara-te para caber os teus domínios numa casca de noz. E lembra-te da data – 28 de agosto». O czar, confuso e embaraçado, retirou-se, e a 28 de agosto de 1943 morreu. A casca de noz foi o caixão.

Após a morte de Boris III, as suas parentes foram ter com Vanga para saber o que aconteceria à família real. Vanga aconselhou-as a enfeitar o leito real com fitas vermelho-escuras. As mulheres ficaram muito surpreendidas e perguntaram por que vermelho e não cor-de-rosa ou branco. «Só vermelho», cortou Vanga. O que isso significava, o país soube a 9 de setembro de 1944, quando sobre o palácio real foram içadas as bandeiras vermelhas da revolução.

Vanga previu o fim da Segunda Guerra Mundial. Ainda em 1941 disse a um soldado búlgaro: «A potência que atacou a grande Rússia perderá a guerra». E assim aconteceu.

«As nuvens adensaram-se sobre a cidade.»

Os familiares de Vanga lembram-se bem de como, no início de 1968, a vidente caiu várias vezes em transe e repetia: «Lembrem-se de Praga! Lembrem-se de Praga! As nuvens adensaram-se sobre a cidade, e das

nuvens troveja uma voz: “Guerra!” Praga em breve transformar-se-á num aquário onde loucos pescarão peixes. Sim, sim, exatamente assim». Ouvir isso, recorda a sobrinha K. Stoyanova, era simplesmente assustador. E pouco depois o mundo inteiro assistiu aos trágicos eventos na Checoslováquia. O que Vanga queria dizer ao chamar Praga um aquário onde pescariam peixes continua a ser um mistério.

A própria profetisa nunca comentava as suas declarações, aliás, evitava conversas sobre temas políticos, sofrendo muito com o facto de as suas palavras poderem influenciar o curso dos acontecimentos. «Estou nos pontos mais quentes do planeta, vejo derramamento de sangue, catástrofes naturais e desastres. À noite vocês dormem, e eu vivo as tragédias de todas as pessoas na Terra, tudo o que acontece no mundo». Claro que tudo o que Vanga «via» passava pelo seu coração, que se despedaçava de dor quando tinha de prever tragédias humanas.

«Kursk ficará debaixo de água.»

Em 1980, Vanga previu a tragédia do submarino «Kursk»: «No fim do século, em agosto de 1999 ou 2000 – profetizou Vanga –, Kursk ficará debaixo de água e o mundo inteiro o chorará». Em 1999, esta profecia foi até transmitida na televisão central num programa dedicado à vidente búlgara. Os habitantes de Kursk receberam esta previsão com perplexidade: como poderia uma cidade ficar debaixo de água se não havia rios nem mares por perto? Vinte anos depois, o mundo inteiro chorou realmente os marinheiros do submarino afundado: na sequência de uma explosão no submarino nuclear «Kursk» morreram 118 pessoas.

O futuro da Ucrânia, da Bulgária e da Rússia

Pouco antes de morrer, em 1996, a profetisa de Petrich fez uma série de interessantíssimas previsões sobre o futuro da Ucrânia, da Bulgária e da Rússia. Há dez anos ninguém poderia imaginar quão certa Vanga estaria. Na altura, em 1996, era completamente impossível decifrar o sentido da profecia. Os eventos dos últimos anos puseram os pontos nos Is.

Eis o que Vanga previu, em particular, ao presidente ucraniano L. Kuchma: «O Presidente (era assim que a vidente búlgara chamava o presidente da Ucrânia) enfrentará dificuldades por causa de pessoas desonestas que quererão difamá-lo em vão. O Presidente resistirá se

demonstrar paciência». E alguns anos depois eclodiu na Ucrânia o «escândalo das cassetes», no qual esteve envolvido o ex-presidente L. Kuchma. Em 2000, o seu antigo guarda-costas, o major Nikolai Melnichenko, emigrado para os EUA, divulgou através do líder do Partido Socialista da Ucrânia Oleksandr Moroz gravações feitas alegadamente no gabinete de L. Kuchma. Essas gravações comprometiam o antigo chefe de Estado e testemunhavam o envolvimento de L. Kuchma e do seu círculo no assassinio do jornalista Georgiy Gongadze. A investigação do assassinio do jornalista ucraniano durou vários anos e, muito recentemente, em março de 2008, três antigos altos funcionários da polícia foram condenados. As acusações contra L. Kuchma foram retiradas. Lembremo-nos imediatamente das palavras de Vanga: «O Presidente resistirá se demonstrar paciência».

Quanto à Ucrânia, Vanga fez ainda outra profecia pouco compreensível nos anos 1990, cujo sentido só agora se revelou. Declarou um dia (e há registo disso no diário do avô Gosh, residente em Petrich, que anotava as revelações de Vanga) que a Ucrânia se tornaria a principal entre cinco países. O que queria dizer a sibila cega? Muito provavelmente, trata-se da união de cinco países – Geórgia, Ucrânia, Uzbequistão, Arménia e Moldávia – numa aliança chamada GUUAM. Esta aliança política foi criada em 1997. A Ucrânia continua até hoje a desempenhar nela o papel principal.

Quanto à vida dos ucranianos comuns, Vanga previu: «Após longas e prolongadas dificuldades, as pessoas finalmente viverão muito bem, pois para a Ucrânia deverão chegar tempos maravilhosos».

Esperemos que também estas palavras se derramem como óleo de esperança para o povo ucraniano, a cuja quota couberam muitas provações, e que os «tempos maravilhosos» cheguem. Gostaríamos muito de acreditar nisso.

Outra previsão surpreendente e, à primeira vista, inverosímil em relação ao czar búlgaro Simeão II cumpriu-se já após a morte da vidente. Ainda nos tempos socialistas, ela declarou que o czar búlgaro «tomaria o leme». Claro que era difícil acreditar nisso. Após a derrubada do poder czarista na Bulgária em 1944, Simeão II, o último monarca búlgaro, emigrou para Espanha e viveu lá mais de 50 anos. Durante esses anos, a vida política na Bulgária mudou profundamente. A Bulgária comunista

tornou-se, nos anos 1990, um país democrático. O povo esperava que tivessem chegado finalmente tempos de prosperidade e florescimento, mas na realidade começaram anos de provações e privações. Em primeiro lugar, o país foi atingido por uma terrível crise económica. Em segundo lugar, a Bulgária corria o risco de ser envolvida na guerra nos Balcãs. E em terceiro lugar, catástrofes naturais (inundações) trouxeram morte e destruição.

Parecia que o país havia atraído sobre si a ira de Deus. E o povo esperava de Vanga uma resposta sobre quando chegariam tempos felizes à Bulgária. A vidente já tinha mais de oitenta anos, estava gravemente doente e não podia receber tantos visitantes como nos anos anteriores. Mas as pessoas continuavam a ir e a ir, na esperança de saber se a luz venceria as trevas e se a alegria, a felicidade e a abundância regressariam às suas casas.

Vanga fez previsões muito pessimistas. Aparentemente, os anos 1990 eram por ela percebidos como um castigo apocalíptico às pessoas pelos seus ateísmo e pecados: «A Bulgária enfrentará duras provações, porque somos ateus – dizia Vanga. – As pessoas não acreditam em Deus nem na união, por isso sofrem no pecado». Quem salvaria então o povo tão sofrido? E Vanga fez uma confissão inesperada: «O czar virá e quererá pôr ordem na Bulgária, como outrora o seu pai (ou seja, Boris III, que governou o país de 1918 a 1943). Mas o trono não lhe será devolvido». E, de facto, em maio de 1996, tal como Vanga previra, Simeão II chegou de Espanha ao seu país natal.

O povo recebeu-o com entusiasmo. Nesta pessoa refinada, aristocrática e equilibrada, as pessoas viam o seu salvador. Com a vitória nas eleições de 2001 do «Movimento Nacional Simeão II», o antigo monarca obteve um poder significativo e passou a desempenhar um papel importante na vida da sociedade. Durante cinco anos (de 2001 a 2005) foi primeiro-ministro do seu país. Atualmente, o antigo monarca é líder do «Movimento Nacional Simeão II» e desempenha um papel significativo na vida política da Bulgária. Cumpriu-se a previsão da vidente Vanga, e o antigo czar, embora não tenha recuperado o trono, «pôs ordem» no país.

Sabe-se que Vanga previu mudanças globais na Europa de Leste que abalaram o mundo nos anos 1990. «Na vida das pessoas – disse Vanga ainda em 1971, 20 anos antes dos eventos vindouros – sobrevirão grandes

mudanças. As pessoas mudarão até ficarem irreconhecíveis. A chegada de uma nova era será anunciada por sinais que aparecerão já em 1990». Alguns anos depois, a profetisa búlgara voltou a alertar a humanidade sobre o perigo iminente: «O mundo passará por muitos cataclismos e fortes abalos. Mudará a própria consciência das pessoas. Virão tempos difíceis. As pessoas dividir-se-ão pelo sinal da fé. Regressará a elas o mais antigo e sábio ensino. Perguntam-me quando isso acontecerá? Não tão cedo! A Síria ainda não caiu» (dito por Vanga em maio de 1979).

De facto, nos anos 1990 assistimos ao desmembramento da URSS e dos países do bloco socialista. Em substituição do regime comunista vieram reformas democráticas. Caiu o Muro de Berlim, o que levou à unificação da Alemanha Oriental e Ocidental. Começou uma guerra sangrenta nos Balcãs. O colapso do poder dos comunistas nos antigos países socialistas mudou completamente as relações internacionais entre o Ocidente e o Oriente.

Vanga desenhou um quadro apocalíptico da última década do século XX: «Cidades e aldeias ruirão devido a terremotos e inundações, vários cataclismos naturais abalarão a Terra, as pessoas más ganharão vantagem, e de ladrões, delatores e prostitutas não haverá conta» (dito por Vanga em 1971).

Não só Vanga, mas muitos outros profetas falaram de um apocalipse que aguardava as pessoas no século XX. O famoso vidente do século XVI M. Nostradamus, o americano Edgar Cayce, o santo Serafim de Sarov e muitos outros profetas predisseram que o século XX seria uma era de destruição, pecado e loucura das pessoas.

Falando da Rússia, Vanga previu o aparecimento de um misterioso «oitavo» que estabelecerá definitivamente a paz na Terra: «Virá o oitavo e assinará a paz definitiva». Os investigadores supõem que isso pode ser o ano de 2008. O «oitavo» pode ser também o então presidente D. A. Medvedev (se alinharmos cronologicamente todas as figuras de líderes do país a partir de 1917: Lenine, Estaline, Khrushchov, Brezhnev, Gorbachev, Ieltsin, Putin e Medvedev). À luz dos eventos recentes, pode dizer-se que o prestígio da Rússia na arena mundial cresce e o mérito do presidente nisso é inegável.

«Os irmãos americanos cairão, bicados por aves de ferro.»

Outra estranha profecia da profetisa búlgara cumpriu-se no início do século XXI. Vanga, olhando para o futuro, exclamou com horror: «Medo, medo! Os irmãos americanos cairão, bicados por aves de ferro. Lobos uivarão por detrás de um arbusto, e sangue inocente correrá como um rio» (dito por Vanga em 1989). A explicação tornou-se clara nos nossos dias.

Em setembro de 2001, aviões de terroristas – «aves de ferro» – embateram nos arranha-céus do World Trade Center em Nova Iorque. Os arranha-céus desabados eram chamados pelos americanos de irmãos, ou gémeos. Ficaram por decifrar as palavras: «Lobos uivarão por detrás de um arbusto». O que queria Vanga dizer? Se traduzirmos para inglês a palavra «arbusto», soará como «bush», ou seja, «Bush». Estes eventos trágicos ocorreram realmente durante o mandato do presidente Bush.

«Uma mulher digna no meio de fumo e fogo...»

Em 1969, Vanga previu a saída trágica da vida de uma mulher que entrou na história do século XX como a primeira mulher a chefiar o governo da Índia, como talentosa reformadora e política e ativa lutadora pela paz. Era Indira Gandhi. Vanga exclamou que via «esta mulher digna no meio de fumo e fogo, vestida com um vestido cor de laranja». Os eventos trágicos que Vanga viu graças ao seu talento profético ocorreram na realidade quase duas décadas depois.

A 31 de outubro de 1984, Indira Gandhi morreu, baleada pelos seus próprios guarda-costas. Estava vestida com um vestido cor de açafrão, ou seja, cor de laranja, tal como Vanga previra.

Indira Gandhi planeava para esse dia filmagens para a televisão. Devia encontrar-se com o conhecido ator e escritor Peter Ustinov. Preparando-se para esse encontro, a primeira-ministra do país escolheu um vestido cor de açafrão. Por razões de segurança, devia usar um colete à prova de bala, mas Gandhi tomou uma decisão fatal: não usar o colete para parecer mais elegante, pois tinha filmagens para a televisão. A simples medida de precaução não tomada custou-lhe a vida.

Previsão da guerra em Beirute

Para nos aproximarmos da compreensão de como Vanga comunicava com os seus visitantes, citamos um excerto da conversa de Vanga com o jornalista libanês Abdel Amir Abdala, que ocorreu em 1982. No início do

encontro, o jornalista, como muitos que pela primeira vez entravam em casa da profetisa, não confiava no dom de vidência de Vanga e tentava não cair sob a influência da sua energia, mas depois as suas dúvidas foram dissipadas.

«O quarto de Vanga era como milhares de outros. No centro, um aquecedor elétrico. Vanga estava sentada num sofá coberto por um tapete de fitas azuis e cor de laranja. Ao falar com ela, eu procurava concentrar as forças espirituais nos meus pensamentos para não cair sob a influência desta mulher. Tirei os óculos e olhei para os rostos das outras três mulheres sentadas no canto do quarto. Tudo se imprimiu claramente na minha consciência.

Reinava o silêncio. Era irradiado pelo rosto de Vanga. Ela ergueu a cabeça e disse com voz forte e confiante: “Jornalista libanês, aproxima-te e senta-te aqui. O motorista que saia”.

Foi o primeiro sinal que me revelou a força de Vanga. Como adivinhara ela que o motorista estava no quarto?

– Dá-me um pedaço de açúcar, jornalista libanês.

Tirei do bolso um pedaço de açúcar e pus na mesa, para ver como ela o pegaria. Sem qualquer esforço, estendeu a mão e pegou no açúcar. Começou a apalpá-lo. A mão dela era muito segura. Virou-se para mim, e pareceu-me que olhou para dentro da minha alma. Vanga disse: “Tens óculos que usas nas reuniões mais importantes. Por que os tiraste?” Foi o segundo golpe na minha desconfiança quanto à força da sua visão interior.

– Ouve, disse ela, – o teu pai e a tua mãe estão vivos, vivem no Líbano. Neste momento, a tua mãe está em casa, o teu pai não está em casa. Talvez esteja a trabalhar no campo. Tu ocupas-te de jornalismo há 12 anos, escreves sobre problemas do vosso setor de serviços, mas às vezes sobre política. Mas a tua contribuição é pequena, porque escreves sobre política raramente. Os anos 1982–1983 trar-te-ão grandes sucessos no trabalho. Com o tempo terás sete filhos, e quando fizeres 42 anos serás testemunha de uma grande guerra, mas não te direi quem a começará.

Nas palavras não muito coerentes ouvia-se ora admiração, ora notas de ferro de ordem». Depois, Vanga informou que na Síria, em 1984, começaria uma grande guerra, o que de facto aconteceu. «O Líbano terá problemas do norte e do sul, do leste e do oeste», previa Vanga. O

discurso de Vanga não se distinguia por coerência: em frases curtas e claras, ora falava da situação política no Líbano, ora se referia a factos da biografia do jornalista, ora pedia que ele cuidasse dos pais.

A profetisa dizia: «Oíço que em Beirute há agora guerra. O fogo ora se apaga, ora se reacende».

Quando Abdala regressou a Beirute, soube pelos jornais que exatamente no dia da conversa com Vanga houvera confrontos com organizações armadas na parte ocidental da capital. Os anos 1982–1983 trouxeram realmente ao jornalista grande notoriedade como comentador político. Refletindo sobre o enigma do fenómeno da vidente búlgara, o jornalista libanês escreveu: «Por que razão Vanga falou comigo sobre política? Talvez porque eu estava preocupado com a situação política e o destino do meu país? Antes do encontro com Vanga pensei muito nisso, e os meus pensamentos secretos talvez se tenham de algum modo imprimido no pedaço de açúcar com que adormeci. E Vanga, através da química das sensações, soube dos meus pensamentos e procurou nas suas profecias dar respostas às perguntas que me atormentavam» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

«Lendas da antiguidade profunda»: Vanga sobre o passado do povo búlgaro

A avó vidente Vanga, como a chamam na Bulgária, não só previa o futuro e curava pessoas, mas também revelou muitas coisas interessantes sobre o passado dos eslavos orientais e ocidentais.

Conversa de Vanga com Radovan Pavlovski

O poeta macedónio, figura pública e conhecedor da história do cristianismo Radovan Pavlovski encontrou-se com Vanga e ficou impressionado quando a vidente começou a falar-lhe sobre o passado do povo búlgaro. De onde poderia uma mulher simples e pouco instruída saber tantos factos da história da Bulgária continua a ser um mistério. Vanga contou a Pavlovski com detalhes as disputas do pregador Cirilo, fundador da escrita eslava, com os iconoclastas, que ele travou nos anos 40 do século IX.

Da história sabe-se que o pai Cirilo (no mundo Constantino, 826–869) tornou-se famoso por, juntamente com o irmão Metódio (antes de tomar os votos monásticos, Miguel, 815–885), ter criado o alfabeto eslavo (a

maioria dos estudiosos considera que foi a glagolítica) e traduzido a Bíblia e outros livros litúrgicos do grego para o eslavo. De facto, nos anos 40 do século IX, o jovem mas culto pregador Cirilo lutou contra os iconoclastas, que queimavam e destruíam ícones, mosaicos, frescos, estátuas de santos e altares pintados. Os ideólogos deste movimento religioso guiavam-se pelo mandamento do Antigo Testamento «Não faças para ti ídolo nem imagem alguma do que há em cima...» (Êxodo 20, versículo 4-5).

O historiador búlgaro ficou impressionado com o facto de a vidente descrever o debate de Cirilinho (como carinhosamente chamou São Cirilo) com o principal ideólogo do iconoclasmo – o patriarca Annias – como se ela própria tivesse estado presente nessa disputa. Vanga disse que Cirilo era uma pessoa muito dotada: «Cirilinho aprendeu a Lei de Deus na escola de Salonica... (Cirilo nasceu em Salonica, na Macedónia, numa família de militar e recebeu uma educação brilhante na corte do imperador bizantino Miguel III) Sabia muito da Bíblia de cor. Reproduzia-a de memória. Isso ajudou-o a receber e compreender conhecimentos superiores e a elevar-se».

Vanga contou também sobre a campanha do príncipe russo Sviatoslav Igorevich contra o Reino Búlgaro no século X e sobre a morte do valente príncipe às mãos dos pechenegues.* O grão-príncipe de Kiev Sviatoslav I realizou numerosas campanhas militares. Em 969 tomou a capital do Primeiro Reino Búlgaro – a cidade de Preslav, derrubou o czar búlgaro Boris II e passou a governar as terras búlgaras. Regressando a Kiev da campanha com grande riqueza e pequena escolta, foi morto pelos pechenegues nos rápidos do Dniepre. Vanga descreveu a cena de profanação sobre o grão-príncipe decapitado: «Vejo, vejo. Meu Deus, que horror. Terrível... Ah, que medo... Os pechenegues fazem uma taça do crânio do príncipe russo Sviatoslav. Cobrem-na de ouro. E, ó bárbaros! – bebem vinho da taça. Do crânio de Sviatoslav. Riem-se. Vejo-os. O príncipe pechenegue – Kurya – sorri com ironia. Mas não escaparão ao destino! Ainda haverá retribuição pela espada russa.»

**(Os pechenegues eram um povo semi-nómada de origem turca que habitou as estepes da Europa de Leste e da Ásia Central entre os séculos VIII e XII.)*

Todos estes factos são bem conhecidos dos historiadores, mas de onde os poderia saber Vanga, que só frequentou a escola para cegos na

cidade de Zemun – é um mistério selado a sete chaves. Surge novamente a mesma pergunta: como podia Vanga ler os segredos ocultos do passado? Como podia nomear pessoas há muito mortas, adivinhar nos mais ínfimos detalhes factos da história antiga? De onde vinha a uma pessoa distante do mundo da ciência, como era a vidente búlgara, o conhecimento e as noções sobre personagens e eventos históricos da antiguidade? A ciência moderna não tem resposta para esta pergunta.

No século X, a Bulgária foi conquistada também por outro invasor – o imperador bizantino João Tzimisces (a quem Vanga chamou o Ruivo): «Embora astuto e traiçoeiro fosse o Ruivo, Boris e Roman fugiram da prisão. É verdade que a Boris coube um destino pouco invejável. Quando o czar cativo já pisava a terra natal, Borisinho foi morto por uma flecha de um seu antigo súbdito – um soldadinho búlgaro».

Quando os historiadores verificaram estes factos, tudo o que Vanga disse se revelou verdade. De facto, o imperador bizantino João Tzimisces era chamado o Ruivo. Conquistou a Bulgária em 971 e fez prisioneiro o czar Boris II. Sete anos Boris esteve cativo em Constantinopla, e quando fugiu foi acidentalmente morto por um soldado da guarda.

Conversa de Vanga com Zdravko Petrov

Em 1972, o escritor e crítico Zdravko Petrov convidou a avó Vanga a visitar as escavações arqueológicas perto da aldeia de Samuilova. Vanga foi. E lá, no local das escavações, à sua visão interior abriu-se o quadro do cegamento dos guerreiros do czar Samuel. Quem era o czar Samuel? É também uma personagem da história antiga. Governou o Reino Búlgaro Ocidental no final do século X – início do XI. Fez muito pelo seu povo, lutou contra o imperador bizantino Basílio II pela preservação da independência nacional, mas foi derrotado pelos bizantinos em 1014. Basílio II fez prisioneiros 14 mil guerreiros búlgaros e cegou-os.

O destino de Samuel também foi trágico: ao saber disso, morreu de ataque cardíaco. Vanga, claro, nada sabia destes factos. Simplesmente «viu» como foram cegados os guerreiros de Samuel. Perguntou a Z. Petrov quem era Samuel e quem eram os bizantinos. Isso indica que à visão interior de Vanga se abriam quadros que ela própria não conseguia explicar. A sua tarefa era transmitir às pessoas o que «via» e «ouvia». Nunca explicava nem interpretava as suas visões. A vidente búlgara era

um canal de informação do mundo das coisas que estão além dos conceitos da razão humana.

«A cidade conta-me a sua história.»

A avó Vanga gostava de um lugar na Bulgária – a cidade de Melnik. Na Alta Idade Média, Melnik era uma fortaleza militar. Vanga estava tão encantada com esta cidade (embora, claro, não a pudesse ver) e com a atmosfera que lá reinava que até queria mudar-se de Petrich para Melnik. Vanga considerava que ali o seu dom se revelava especialmente em pleno, ali queria receber pessoas, dedicar-se à cura e prever destinos: «Aqui cada ervinha – dizia Vanga –, cada pedrinha, cada palmo de terra – é um santuário. Venho a este lugar com prazer e aqui descanso melhor. Aqui recarrego-me de força, energia e inspiração. Sento-me numa pedra qualquer, e apetece-me ficar em silêncio. Ninguém me incomoda. Tudo ao redor fala comigo: as pedras, as ruínas, os precipícios. A cidade conta-me a sua história, desde os tempos antigos. Vejo pessoas há muito mortas, templos e casas destruídos que existiram aqui há mil anos».

Aqui Vanga «viu» guerreiros bizantinos vestidos com roupas de brocado dourado, na igreja ouviu as suas vozes. Também «viu» ruínas de uma terma romana debaixo da terra.

Os historiadores confirmaram que realmente vários nobres bizantinos foram exilados de Bizâncio para Melnik. Talvez Vanga «ouvisse» as vozes dessas pessoas há muito mortas. É uma pena que o desejo de Vanga de mudar-se para Melnik não se tenha realizado. Talvez o seu dom se tivesse revelado ainda mais neste lugar abençoado e antigo. E quem sabe o que mais poderia ter revelado ao mundo a mais famosa vidente do século XX.

«Fui deixada exatamente aqui...»

Na Bulgária e na Macedónia há muitos lugares lindíssimos e pitorescos. O vale de Rupite, conhecido pelas fontes termais quentes, é um deles. Estende-se entre as cidades de Sandanski e Petrich, perto da aldeia de Prepechene. Esta terra é rica em fontes minerais quentes com poder curativo. Vanga tratava o reumatismo com as águas curativas de Rupite e aconselhava os doentes a beberem esta água mágica e a tomarem banhos minerais.

A vidente búlgara gostou tanto desta região que foi construída ali para ela uma pequena casa de madeira, onde Vanga recebia os visitantes e passava os seus dias em silêncio e tranquilidade no meio da natureza intocada. A oeste, o vale de Rupite é cercado por uma pequena montanha, Kozhuh, densamente coberta, como lã de ovelha, por arbustos baixos e floresta. Ao pé da montanha corria outrora o rio Struma. Agora ele diminuiu e no calor seca completamente, de modo que o seu leito arenoso brilha ao sol como vidro limpo.

Todos os anos, a 15 de outubro, no dia de São Petka, na sua casa de verão em Rupite, Vanga reunia familiares e amigos. Preparava-se a mesa e todos partilhavam a refeição. No entanto, não celebravam o dia de São Petka. Era um dia de recordação dos que morreram há muito tempo, numa era distante, devido a um fortíssimo terramoto.

Vanga contava esta história triste: «Há mil anos, a 15 de outubro, na zona de Rupite ocorreu uma forte erupção vulcânica. Sob a lava ardente ficou sepultada uma cidade e milhares dos seus habitantes. As pessoas que aqui viviam eram altas e fortes e vestiam roupas brancas e brilhantes, como se fossem feitas de folha de alumínio».

A vidente búlgara dizia que «via» edifícios de teatros e bibliotecas, pois os habitantes desta grande e rica cidade valorizavam acima de tudo a educação e consideravam-se iguais aos deuses. Os portões da cidade eram decorados com figuras douradas de grifos alados – protetores dos cidadãos cultos. Nas águas puras do rio azul que atravessava a cidade batizavam os recém-nascidos, e as crianças cresciam saudáveis e fortes de espírito e corpo.

Na cidade erguiam-se três grandes templos – de Santa Petka, da Virgem Maria e de São Pantaleão. O abismo terrestre que engoliu a cidade e os seus habitantes ainda respira hoje, e o seu sopro aquece a água curativa das fontes. São os suspiros das pessoas há muito mortas.

Vanga pedia que todos os anos, a 15 de outubro, se recordassem em oração silenciosa aqueles que morreram ali há mil anos, no auge das forças. Este dia é simbólico. Deve lembrar a todos os vivos na Terra a fragilidade e brevidade da existência humana.

Vanga advertia as pessoas que queriam lucrar com a água mineral curativa do vale de Rupite. Alertou os comerciantes que decidiram

engarrafar e vender a água que o negócio não daria certo: a fonte secaria, a terra antiga seria profanada. Ainda assim, apareceram pessoas – empresários gregos – que começaram a perfurar o solo para extrair água mineral e fazer negócio. Queriam exportá-la sob a marca «Vanga», mas nada resultou. A terra antiga, onde outrora milhares de pessoas foram sepultadas sob lava ardente, continuava a guardar os seus segredos, acessíveis apenas aos escolhidos, como era a vidente búlgara Vanga.

Conta o sobrinho de Vanga, Dimitr: «Tive de ler que no vale de Rupite existiam realmente antigos santuários. Não só arqueólogos, mas também moradores comuns encontram aqui muitos fragmentos de objetos de culto. Parece-me que a produção de cerâmica, os ofícios e a arquitetura atingiram no vale um alto nível. Não é preciso ter muita imaginação para adivinhar entre os blocos de pedra os degraus de ricos templos trácios, e se não pouparmos as calças e nos arrastarmos bem de joelhos entre os destroços, pode encontrar-se uma moeda romana esverdeada pelo tempo. E não só romana. A vida no vale fervia. Para aqui acorriam peregrinos de lugares próximos e distantes para orar em templos claros e solenes, e também para curar feridas corporais nas fontes termais quentes» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Dimitr relatou um caso interessante de cura com a água no vale de Rupite. À noite, cada sofredor que queria curar-se vinha ao vale, cavava, com as forças que tinha, um buraco na areia, e de manhã lá acumulava-se água mineral. Ao nascer do sol, quando os primeiros raios iluminavam o topo da montanha Kozhuh, os que desejavam saúde colhiam a água com uma cabaça (vaso escavado numa abóbora) e regavam-se com ela. Olhavam para o sol nascente e elevavam orações ao Senhor, pedindo forças espirituais e físicas. Este ritual chamava-se «lavagem ao nascer do sol». Durante todo o ato era preciso guardar silêncio. Se a fé da pessoa na potência curativa da água e na vontade do Senhor fosse forte, recebia cura do seu mal.

Dimitr não é historiador nem arqueólogo de formação, mas gosta de folhear livros antigos e procurar factos curiosos e lendas antigas sobre os lugares onde nasceu e onde viveu a sua famosa parente. Uma das lendas diz que na praça da cidade de Petrich outrora estava uma grande estátua de um cavaleiro. O cavaleiro era São Constantino. A estátua foi removida quando os janízaros invadiram as terras búlgaras. Mas existe outra lenda,

segundo a qual no mesmo lugar estava uma estátua não de São Constantino, mas do deus trácio Heros, pois foi exatamente ali que os arqueólogos encontraram lajes com a sua imagem.

Com o cavaleiro está ligada também o destino da vidente búlgara Vanga: um certo cavaleiro conversava com a vidente junto a um poço, graças a ele recebeu o dom de prever os destinos das pessoas. O cavaleiro advertia-a da guerra iminente (a Segunda Guerra Mundial) e prometia estar ao lado para ajudar Vanga a falar do futuro dos vivos na Terra e ouvir as vozes dos mortos.

Na Bulgária conservaram-se muitas lendas ligadas à imagem do cavaleiro. Numa das rochas está esculpida a imagem de um homem a cavalo, com o nome histórico «Cavaleiro de Madara». Os cientistas supõem que seja o «retrato» do cã Tervel ou, possivelmente, de algum governante do Primeiro Reino Búlgaro. Dimitr supõe se não será esse o cavaleiro que outrora estava na praça e que, mil anos depois, começou a aparecer à profetisa Vanga para informar sobre eventos fatais que se aproximavam. É apenas uma hipótese, claro, muito bela e curiosa. Mas, pensando bem, realmente, o belo cavaleiro com armadura de guerreiro antigo aparecia em casa de Vanga na véspera de eventos muito importantes para a humanidade, a profetisa ouvia a sua voz e contava às pessoas o que as esperava.

Os familiares admiravam-se por que razão Vanga escolhera exatamente o vale de Rupite como lugar para o seu trabalho como curandeira e adivinha. As evaporações de sulfureto de hidrogénio das fontes minerais enchem o vale de um cheiro desagradável, muitas pessoas sentem-se desconfortáveis aqui, e lugares pitorescos na Bulgária, além de Rupite, há aos montes. Mas assim era a vontade da vidente, e ninguém ousava contrariá-la. Vanga dizia que ali extraía energia do cosmos.

«O fluxo energético – raciocina Dimitr – “é atraído” para o leito seco do Struma, pois ali, nas profundezas da terra, estava sepultado um grande segredo, cuja decifração é a chave para ler a história antiga do povo búlgaro» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Os próximos perguntavam frequentemente a Vanga por que vivia nesta desolada deserto (referindo-se ao leito seco do rio Struma), quando nas proximidades havia tantos lugares mais pitorescos. A resposta era esta

(em 1988, à sobrinha K. Stoyanova): «Tenho de estar aqui um certo tempo. Aqui sinto-me bem, enquanto me sinto bem, a energia flui através de mim da terra e do cosmos por uma ponte invisível, absorvo-a facilmente, respiro-a como um bálsamo vivificante. Diante dos meus olhos mentais arde a chama infernal que outrora, em tempos imemoriais, queimava a terra (a erupção vulcânica). O fogo incinerou e refundiu tudo, purificou de impurezas tudo o que antes era impuro. O segredo da purificação pelo fogo escondem as montanhas, não estão longe daqui, sinto a sua presença».

No verão de 1988, Vanga disse: «Fui deixada exatamente aqui. Para aqui devem vir os confusos e os que perderam a esperança, para aqui se dirigem, como pássaros que encontram o rumo. Quem tem sede de salvação encontra o caminho, a mim resta apenas ler os escritos da sua alma, sem ouvir a língua, que é tão faladora, que sabe misturar e confundir tudo de tal modo que nem cem mentes reconheceriam a verdade. E mais: devo não só ler o ontem e o hoje, mas também dar a direção certa para o amanhã. Mas estou tão cansada» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Interessante quem mais poderia estar na ponte invisível que liga a energia do cosmos e da terra? Acontece que as aves. «Os ouvidos das pessoas comuns – dizia Vanga – estão fechados para compreender a linguagem das aves». Mas a própria profetisa sabia fazê-lo e contou que as aves conseguem captar a energia destes lugares cobertos de segredos seculares e carregam-se dela.

Os cientistas notam que o local de Rupite, onde construíram a casinha para Vanga e onde ela recebia visitantes a partir de 1970, pertence a fenómenos naturais únicos ligados a uma anomalia geomagnética. A montanha Kozhuh faz parte da parede de uma cratera de enorme diâmetro. As fontes geotermiais nestes lugares falam de atividade vulcânica oculta nas profundezas da terra. A pessoa que se encontra no vale de Rupite cai sob a influência de um sentimento místico: como se estivesse num mundo extraterreno.

Todos os anos, a 15 de outubro, no dia de São Petka, na sua casa de verão em Rupite, Vanga reunia familiares e amigos. Preparava-se a mesa e todos partilhavam a refeição. No entanto, não celebravam o dia de São

Petka. Era um dia de recordação dos que morreram há muito tempo, numa era distante, devido a um fortíssimo terramoto.

Vanga contava esta história triste: «Há mil anos, a 15 de outubro, na zona de Rupite ocorreu uma forte erupção vulcânica. Sob a lava ardente ficou sepultada uma cidade e milhares dos seus habitantes. As pessoas que aqui viviam eram altas e fortes e vestiam roupas brancas e brilhantes, como se fossem feitas de folha de alumínio».

A vidente búlgara dizia que «via» edifícios de teatros e bibliotecas, pois os habitantes desta grande e rica cidade valorizavam acima de tudo a educação e consideravam-se iguais aos deuses. Os portões da cidade eram decorados com figuras douradas de grifos alados – protetores dos cidadãos cultos. Nas águas puras do rio azul que atravessava a cidade batizavam os recém-nascidos, e as crianças cresciam saudáveis e fortes de espírito e corpo.

Na cidade erguiam-se três grandes templos – de Santa Petka, da Virgem Maria e de São Pantaleão. O abismo terrestre que engoliu a cidade e os seus habitantes ainda respira hoje, e o seu sopro aquece a água curativa das fontes. São os suspiros das pessoas há muito mortas.

Vanga pedia que todos os anos, a 15 de outubro, se recordassem em oração silenciosa aqueles que morreram ali há mil anos, no auge das forças. Este dia é simbólico. Deve lembrar a todos os vivos na Terra a fragilidade e brevidade da existência humana.

Vanga advertia as pessoas que queriam lucrar com a água mineral curativa do vale de Rupite. Alertou os comerciantes que decidiram engarrafar e vender a água que o negócio não daria certo: a fonte secaria, a terra antiga seria profanada. Ainda assim, apareceram pessoas – empresários gregos – que começaram a perfurar o solo para extrair água mineral e fazer negócio. Queriam exportá-la sob a marca «Vanga», mas nada resultou. A terra antiga, onde outrora milhares de pessoas foram sepultadas sob lava ardente, continuava a guardar os seus segredos, acessíveis apenas aos escolhidos, como era a vidente búlgara Vanga.

Conta o sobrinho de Vanga, Dimitr: «Tive de ler que no vale de Rupite existiam realmente antigos santuários. Não só arqueólogos, mas também moradores comuns encontram aqui muitos fragmentos de objetos de culto. Parece-me que a produção de cerâmica, os ofícios e a arquitetura

atingiram no vale um alto nível. Não é preciso ter muita imaginação para adivinhar entre os blocos de pedra os degraus de ricos templos trácios, e se não pouparmos as calças e nos arrastarmos bem de joelhos entre os destroços, pode encontrar-se uma moeda romana esverdeada pelo tempo. E não só romana. A vida no vale fervia. Para aqui acorriam peregrinos de lugares próximos e distantes para orar em templos claros e solenes, e também para curar feridas corporais nas fontes termais quentes» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Dimitr relatou um caso interessante de cura com a água no vale de Rupite. À noite, cada sofredor que queria curar-se vinha ao vale, cavava, com as forças que tinha, um buraco na areia, e de manhã lá acumulava-se água mineral. Ao nascer do sol, quando os primeiros raios iluminavam o topo da montanha Kozhuh, os que desejavam saúde colhiam a água com uma cabaça (vaso escavado numa abóbora) e regavam-se com ela. Olhavam para o sol nascente e elevavam orações ao Senhor, pedindo forças espirituais e físicas. Este ritual chamava-se «lavagem ao nascer do sol». Durante todo o ato era preciso guardar silêncio. Se a fé da pessoa na potência curativa da água e na vontade do Senhor fosse forte, recebia cura do seu mal.

Dimitr não é historiador nem arqueólogo de formação, mas gosta de folhear livros antigos e procurar factos curiosos e lendas antigas sobre os lugares onde nasceu e onde viveu a sua famosa parente. Uma das lendas diz que na praça da cidade de Petrich outrora estava uma grande estátua de um cavaleiro. O cavaleiro era São Constantino. A estátua foi removida quando os janízaros invadiram as terras búlgaras. Mas existe outra lenda, segundo a qual no mesmo lugar estava uma estátua não de São Constantino, mas do deus trácio Heros, pois foi exatamente ali que os arqueólogos encontraram lajes com a sua imagem.

Com o cavaleiro está ligada também o destino da vidente búlgara Vanga: um certo cavaleiro conversava com a vidente junto a um poço, graças a ele recebeu o dom de prever os destinos das pessoas. O cavaleiro advertia-a da guerra iminente (a Segunda Guerra Mundial) e prometia estar ao lado para ajudar Vanga a falar do futuro dos vivos na Terra e ouvir as vozes dos mortos.

Na Bulgária conservaram-se muitas lendas ligadas à imagem do cavaleiro. Numa das rochas está esculpida a imagem de um homem a

cavalo, com o nome histórico «Cavaleiro de Madara». Os cientistas supõem que seja o «retrato» do cão Tervel ou, possivelmente, de algum governante do Primeiro Reino Búlgaro. Dimitr supõe se não será esse o cavaleiro que outrora estava na praça e que, mil anos depois, começou a aparecer à profetisa Vanga para informar sobre eventos fatais que se aproximavam. É apenas uma hipótese, claro, muito bela e curiosa. Mas, pensando bem, realmente, o belo cavaleiro com armadura de guerreiro antigo aparecia em casa de Vanga na véspera de eventos muito importantes para a humanidade, a profetisa ouvia a sua voz e contava às pessoas o que as esperava.

Os familiares admiravam-se por que razão Vanga escolhera exatamente o vale de Rupite como lugar para o seu trabalho como curandeira e adivinha. As evaporações de sulfureto de hidrogénio das fontes minerais enchem o vale de um cheiro desagradável, muitas pessoas sentem-se desconfortáveis aqui, e lugares pitorescos na Bulgária, além de Rupite, há aos montes. Mas assim era a vontade da vidente, e ninguém ousava contrariá-la. Vanga dizia que ali extraía energia do cosmos.

«O fluxo energético – raciocina Dimitr – “é atraído” para o leito seco do Struma, pois ali, nas profundezas da terra, estava sepultado um grande segredo, cuja decifração é a chave para ler a história antiga do povo búlgaro» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Os próximos perguntavam frequentemente a Vanga por que vivia nesta desolada deserto (referindo-se ao leito seco do rio Struma), quando nas proximidades havia tantos lugares mais pitorescos. A resposta era esta (em 1988, à sobrinha K. Stoyanova): «Tenho de estar aqui um certo tempo. Aqui sinto-me bem, enquanto me sinto bem, a energia flui através de mim da terra e do cosmos por uma ponte invisível, absorvo-a facilmente, respiro-a como um bálsamo vivificante. Diante dos meus olhos mentais arde a chama infernal que outrora, em tempos imemoriais, queimava a terra (a erupção vulcânica). O fogo incinerou e refundiu tudo, purificou de impurezas tudo o que antes era impuro. O segredo da purificação pelo fogo escondem as montanhas, não estão longe daqui, sinto a sua presença».

No verão de 1988, Vanga disse: «Fui deixada exatamente aqui. Para aqui devem vir os confusos e os que perderam a esperança, para aqui se dirigem, como pássaros que encontram o rumo. Quem tem sede de

salvação encontra o caminho, a mim resta apenas ler os escritos da sua alma, sem ouvir a língua, que é tão faladora, que sabe misturar e confundir tudo de tal modo que nem cem mentes reconheceriam a verdade. E mais: devo não só ler o ontem e o hoje, mas também dar a direção certa para o amanhã. Mas estou tão cansada» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Interessante quem mais poderia estar na ponte invisível que liga a energia do cosmos e da terra? Acontece que as aves. «Os ouvidos das pessoas comuns – dizia Vanga – estão fechados para compreender a linguagem das aves». Mas a própria profetisa sabia fazê-lo e contou que as aves conseguem captar a energia destes lugares cobertos de segredos seculares e carregam-se dela.

Os cientistas notam que o local de Rupite, onde construíram a casinha para Vanga e onde ela recebia visitantes a partir de 1970, pertence a fenómenos naturais únicos ligados a uma anomalia geomagnética. A montanha Kozhuh faz parte da parede de uma cratera de enorme diâmetro. As fontes geotermais nestes lugares falam de atividade vulcânica oculta nas profundezas da terra. A pessoa que se encontra no vale de Rupite cai sob a influência de um sentimento místico: como se estivesse num mundo extraterreno.

Krasimira Stoyanova recorda como uma vez Vanga lhe contou uma história curiosa sobre o arco-íris. Uma vez, após uma chuva que molhou o pó avermelhado de julho no vale de Rupite, apareceu no céu um arco-íris. Krasimira estava sentada no alpendre da casa, admirava o arco-íris e estava toda entregue a sonhos infantis, quando de repente se ouviu a voz da tia. Vanga pediu à sobrinha que a tomasse pela mão e a levasse sob o arco-íris que se estendia para lá do rio, para lá da montanha Kozhuh.

«Vanga – escreve Krasimira – via o arco-íris com os olhos da alma tão claramente como via tudo o que contava às pessoas» – «O que é o arco-íris?» – perguntou um dia a sobrinha. Vanga respondeu que o arco-íris é apenas uma recordação para as pessoas do Dilúvio Universal, enviado pelo Senhor pelos pecados das pessoas, e recontou a conhecida parábola bíblica. «Tia, mas isso é apenas uma lenda bíblica – disse Krasimira –, nada mais. O que pensas tu sobre o arco-íris?» Vanga refletiu e pronunciou: «Lenda, dizes? Mas de onde vêm as lendas? A arca de Noé está mesmo ao lado da minha casinha. Basta dar dez passos e toco com a mão no seu lado

quente e musgoso. A madeira aquecida pelo sol é tão agradável ao toque!»

Como entender estas palavras de Vanga? Há uma hipótese interessante avançada por cientistas americanos W. Ryan e W. Pitman da Universidade de Columbia, segundo a qual a memória do dilúvio foi transferida para a Mesopotâmia da Península Balcânica, das margens do Mar Negro.

Em geral, a Península Balcânica, a par do Tibete e dos Himalaias, foi durante séculos um dos centros espirituais da humanidade. As tradições dizem que o antigo grego Orfeu viveu no século XIII a.C. na zona de Rodopi (são montanhas a 120 km da cidade de Strumica, de onde era natural Vangelia Pandeva-Gushterova). Perperikon, que surgiu antes do Acrópole de Atenas, também fica perto de Strumica – a 180 km dela.

Se formos para sul da cidade de Strumica, a cerca de 100 km encontramos o santuário mais antigo – o templo do deus Apolo em Delfos. Sobre a entrada do templo, como sabemos da história da Grécia Antiga, estava escrita a frase: «Conhece-te a ti mesmo». Este templo era na antiguidade o centro unificador das cidades-estado helénicas. No meio deste santuário de Apolo encontra-se o chamado umbigo do mundo, ou ónfalo. Representa uma pedra sagrada semelhante a uma taça invertida.

O cientista de Varna Petko Dimitrov, professor do Instituto de Oceanologia da Academia Búlgara de Ciências, dedica muitos anos a investigações ligadas à Península Balcânica. Chegou à conclusão de que a antiga civilização humana surgiu exatamente nesta terra, na margem do Ponto Euxino. Daqui se conclui que não foi por acaso que esta terra abençoada se tornou o local de nascimento da famosa vidente búlgara.

Vanga sobre o futuro da Bulgária

Os anos 1990 ficaram para sempre gravados na história da Bulgária como tempo de provações duríssimas. Em 1989, na Bulgária ocorreu um golpe de Estado: o partido comunista, que governara o país durante várias décadas, perdeu o poder, o país enveredou pelo caminho democrático.

O povo búlgaro acreditava que as mudanças no país trariam abundância e prosperidade. No entanto, o país entrou num período de duras provações e privações. A crise económica, o crescimento inédito da criminalidade, a corrupção e as manipulações financeiras levaram a que

no país começasse uma verdadeira fome – faltava pão e água potável. As pessoas esperavam da sua salvadora avó Vanga previsões consoladoras para o futuro, mas a vidente adoecera gravemente e não queria ver ninguém. Além disso, trazer boas novas às pessoas a profetisa búlgara de oitenta anos não podia: ela sabia melhor do que ninguém que a Bulgária enfrentaria a mais dura prova de dez anos e só após 1998 o país começaria a sair da crise.

Em 1992, os médicos diagnosticaram a Vanga um terrível cancro do estômago. Com esta doença as pessoas não vivem muito, mas a profetisa, apesar da grave doença, da perda de forças e saúde, continuou a receber pessoas e a ajudar o seu povo. Ainda em 1990, Vanga previra a sua morte: partiria para o outro mundo daqui a seis anos, em 1996. À vidente búlgara restavam ainda alguns anos de vida e trabalho, durante os quais pronunciou as suas últimas profecias à humanidade.

No início de 1992 começou a guerra na Bósnia. Surgiu uma ameaça real de que o conflito entre sérvios e albaneses no Kosovo se alastrasse e envolvesse a Bulgária na guerra nos Balcãs. Os búlgaros preocupavam-se com a possibilidade de começar uma guerra e recorreram a Vanga em busca de ajuda. A vidente, apesar do fortíssimo mal-estar, respondeu às pessoas: «Não vejo perigo para a Bulgária! Nem pólvora, nem sangue! Que os búlgaros vivam e prosperem e não percam a esperança! Somos uma tribo heroica. Tudo superaremos! Não há guerra e não haverá. Tudo se arranjará. E terremotos não se esperam... Pelo menos na Bulgária. Mas na Jugoslávia a terra erguer-se-á...

Mas também Sófia espera tempos difíceis. A Bulgária resistirá, porque os búlgaros são um povo trabalhador. Não briguem, não discutam, amem-se uns aos outros. O principal é que no povo viva a fé e o amor» (de uma intervenção de Vanga na emissão rádio «Nochen horizont» em abril de 1992).

«Não haverá guerra», disse Vanga, e as suas palavras tornaram-se esperança para milhares de búlgaros e macedónios. Mas por que razão a profetisa mencionou terremotos? Quanto tempo duraria a calmaria, pois também os sismólogos alertavam que na Bulgária poderiam ocorrer cataclismos naturais?

Em maio de 1999, na «Jugoslávia a terra ergueu-se», como previra a vidente búlgara. Só que não devido a abalos subterrâneos, mas aos bombardeamentos de mísseis de cruzeiro americanos.

Em 1994–1995, em Sófia chegaram tempos difíceis, como previra Vanga. Após uma prolongada seca, as pessoas começaram a sentir falta de água potável. Mas a vidente acreditava que a Bulgária sobreviveria aos tempos difíceis, porque «os búlgaros são um povo trabalhador». Apelava às pessoas para viverem em paz e harmonia, apesar das dificuldades e privações, e não perderem a fé no bem e no amor. A fé em Deus é a única consolação e salvação para o povo, nisso Vanga estava firmemente convencida. Só ela a salvava nos momentos difíceis da vida, só a fé a ajudava a lidar com a pobreza, as doenças, as perseguições das autoridades, a calúnia e as intrigas de invejosos e mal-intencionados. Por isso Vanga, como pessoa profundamente crente, apelava às pessoas para seguirem as virtudes cristãs e procurarem na Bíblia respostas para todas as perguntas que preocupavam o povo búlgaro e outros povos eslavos.

«Um só Deus, um só soberano, um só povo búlgaro – é isso que é preciso!»

«Fortaleçam a fé em Deus, amem-se uns aos outros e sejam mais bondosos, pois sem isso não alcançarão sucesso em nada».

«As pessoas não acreditam em Deus nem na união, por isso sofrem no pecado» (K. Stoyanova, A Verdade sobre Vanga).

Durante longos anos os povos da Bulgária e da Rússia foram educados no espírito do ateísmo e da apostasia, e nos anos 1990 as pessoas, como considerava Vanga, pagavam pela sua descrença e pecados.

Vanga apelava a todos os eslavos para se voltarem para a religião cristã. Considerava que só a fé poderia devolver a moral perdida e unir os povos de diferentes países.

À Vanga acorriam representantes de vários partidos políticos na esperança de ouvir o que esperava o seu movimento nas próximas eleições. Vanga dizia a todos o mesmo (1994): «“Azuis”, “vermelhos”, “verdes” – se os diferentes partidos se unirem, no país reinará a prosperidade». Se os líderes políticos tivessem ouvido Vanga, talvez o curso das reformas no país não fosse tão doloroso e muito mais eficaz.

Mas a falta de acordo entre os movimentos políticos levou a polémicas inúteis no parlamento e ao colapso definitivo da economia do país. Como tudo isso recorda eventos recentes no nosso país!

Em março de 1994, Vanga alertou um deputado: «Se até julho não se reconciliem e não chegarem a acordo em benefício do povo búlgaro, queimarão no fogo!» Só o cegamento pelo poder impelia os políticos para um caminho completamente diferente. De união dos movimentos políticos nem podia haver fala. O país deslizava para um profundo abismo de problemas económicos e sociais.

Em 1994, ao poder chegaram os socialistas liderados por Zhan Videnov. O povo acreditava que tudo mudaria, a vida se arranjará, mas as provações continuavam. Na primavera de 1995, Vanga disse: «Será mau, mas lidaremos com a desgraça. E na Bíblia está escrito sobre isso. Consultem mais a Bíblia, especialmente quando for difícil e duro. Lá está escrito sobre tudo».

Sabia Vanga que o país se dirigia para mais uma catástrofe nacional? O partido socialista de Zhan Videnov levou o país à mais grave crise económica de 1996–1997. A vidente, aparentemente prevendo isso, tentava acalmar as pessoas: «A Bulgária lidar com as dificuldades, e não será uma, mas várias, e após a vitória alegrar-nos-emos» (dito por Vanga em 1995).

Pouco antes da morte, Vanga disse que a Bulgária sairia da crise se viesse um bom e honesto líder. Quem a vidente tinha em mente ficou um mistério.

«Quem ajudará a Bulgária? Só o Senhor Deus! Começarão a dividir a terra, devolvê-la-ão às pessoas. E os tratores, onde estão? Com que lavrar a terra? – indignava-se Vanga com a política venal das autoridades. – Os políticos venderam a Bulgária! É preciso devolver aos camponeses os tratores, debulhadoras, semeadoras... É preciso preservar as associações agrícolas de cultivo da terra, criar novamente cooperativas. Dez pessoas num coletivo, mesmo cinco – que plantem, cultivem a terra, vendam os frutos do seu trabalho – haverá mercado, isso é bom.

Ajudará ao país o governo dos socialistas búlgaros?

Sim, mas já tarde. Demasiado tarde. É preciso dar um corretivo aos ladrões, criminosos! Com isso acabará – o resto melhorará. À polícia não há que temer, que faça o seu trabalho, apoiando-se nas leis.

Quando as coisas na Bulgária se arranjam, daqui a quantos anos?

Não posso dizer exatamente quando isso acontecerá, mas não nos próximos três anos» (revista «Europa 2001», 1995, nº 3).

Vanga não via na Bulgária mudanças para melhor e não indicava data concreta para não enganar as pessoas. Representantes dos partidos «azuis» (União das Forças Democráticas) e «vermelhos» (Partido Socialista da Bulgária) começaram de forma desonesta a usar o nome da profetisa para inclinar os votos dos eleitores para o seu lado. Vanga indignava-se com o comportamento pouco honroso dos políticos. Na saudação natalícia de 25 de dezembro de 1994, na televisão, declarou que não previra vitória nem aos «vermelhos» nem aos «azuis»: «O meu partido é o partido de Deus. Deus é um só, e eu a Ele me curvo. Como acabarão estes anos difíceis – quem sabe.»

«Não se pode semear cevada e esperar que brote centeio. O mesmo com as pessoas. Tudo se arranjará. Virá um homem novo e liderará o Estado» (jornal «Trud», 27 de dezembro de 1994).

Vanga falou novamente da chegada ao poder de um novo líder político. Quem é ele? Será que se referia ao czar? Atualmente muitos afirmam que a vidente tinha em mente Simeão II, que venceu as eleições parlamentares em 2001 e durante alguns anos liderou o Governo do país (de 2001 a 2005).

Ainda em 1978, a vidente búlgara dizia que «passará o tempo, aparecerá um alto estrangeiro que sabe cortar e coser» (K. Stoyanova, A Verdade sobre Vanga). O czar Simeão chegou realmente de Espanha, e com a chegada ao poder do «Movimento Nacional Simeão II» a Bulgária finalmente conseguiu sair da crise e superar o declínio económico da década anterior. As palavras «que sabe coser e cortar» são aqui usadas em sentido figurado, ou seja, o governante porá ordem no país.

Em 1995, Vanga disse sobre o antigo herdeiro do trono búlgaro: «O czar virá e quererá pôr ordem na Bulgária, como outrora o seu pai. Mas o trono não lhe será devolvido. Simeão terá medo de ficar, para que não o matem, como ao pai, o czar Boris».

Pouco antes da morte de Vanga, Simeão visitou a vidente, deu-lhe pesetas espanholas no valor de 5 mil leva búlgaros, beijou a mão da avó e despediu-se.

– Desculpe, mas tenho de ir. Voltarei ainda. A profetisa objetou:

– Não, não voltarás. Dificilmente. Não vejo o teu regresso no futuro (jornal «Trud», 14 de setembro de 1996).

O que queria dizer Vanga? Possivelmente, queria dizer que não veria mais o czar, pois sabia da sua morte próxima.

Na véspera de 1996, Vanga interveio na Televisão Nacional Búlgara com uma saudação aos povos da Bulgária. Previa que o ano que chegava seria bom, estável e pacífico. Todas as pessoas devem ajudar-se mutuamente, e só em conjunto se pode erradicar o mal.

O que é o «mal», os búlgaros souberam exatamente em 1996: os preços subiam dia após dia, os bancos declaravam falência, o lev (moeda búlgara) desvalorizava-se, as pessoas empobreciam. O ano foi muito difícil para a Bulgária, mas pacífico: não houve conflitos militares nem confrontos. As pessoas estavam irritadas, e Vanga continuava a dizer que o mal só pode ser vencido com o bem. A vidente encorajava os compatriotas, dizendo que «agora é difícil para todos, mas Deus ordenou que se suporte. As desgraças ainda estão pela frente. 1997 será o ano mais difícil. Muita gente morrerá de pobreza e doenças. Mas tudo se arranjará.»

Em 1997, tudo o que fora previsto pela cega Vanga se cumpriu: as pessoas desmaiavam de subnutrição diretamente nas ruas, idosos morriam de fome nas filas pelo pão, as casas não eram aquecidas, as escolas fechavam, nos orfanatos as crianças órfãs passavam fome. Os salários caíram para um nível inédito – 5 a 10 dólares por mês. As pessoas não tinham meios para comprar medicamentos, nos hospitais não aceitavam doentes devido à falta de remédios. E todo este horror foi vivido pelo povo búlgaro.

Vanga já não estava entre os vivos, mas as suas palavras soavam como consolo para as pessoas que haviam perdido a fé: «A Bulgária é um país abençoado. Não foi por acaso que as forças superiores me enviaram para aqui» (dito por Vanga em 1995). A vidente acreditava que o povo búlgaro tudo suportaria, e que Deus enviaria a esta terra o bem como

recompensa pelos sofrimentos e pela dor. As provações, considerava Vanga, seriam úteis às pessoas, pois só nas provações o ser humano é capaz de se conhecer a si mesmo.

«Ninguém nasce apenas para a felicidade – dizia Vanga. – Um é um excelente trabalhador, mas não há harmonia na família. Outro tem tudo, mas a saúde falha. Um terceiro é saudável, mas os filhos estão doentes, e assim por diante. Em cada pessoa o bem convive com o mal. Assim é feito o homem, assim é feito o mundo.

É preciso paciência. A Terra espera de nós gratidão por termos vindo e vivermos nela. Pagamos à Terra dívidas, como se fosse renda de casa. Cada pessoa paga. Vivo há tantos anos e vejo o que se passa no mundo.» (K. Stoyanova, A Verdade sobre Vanga).

«A Rússia é a mãe de todas as potências eslavas». Vanga sobre o passado, presente e futuro da Rússia

Nas suas previsões, Vanga falava sempre da Rússia e do povo russo com uma especial calorosa afeição. Porquê exatamente da Rússia?

Uma das razões, possivelmente, reside no facto de, ao longo de muitos anos de profecias em Petrich, ter recebido um enorme número de russos. Vanga, provavelmente, poderia prever os destinos de outros povos e Estados, se não fosse a «cortina de ferro» que separava os países do bloco socialista, incluindo a Bulgária, do resto do mundo. Os estrangeiros eram admitidos junto de Vanga com cautela. Entre os seus visitantes estavam figuras estatais conhecidas em todo o mundo, pessoas da arte e da ciência, empresários e políticos. Alguns vinham por curiosidade, mas a maioria na esperança de obter cura, saber do seu destino e do destino dos seus entes queridos.

Em diferentes anos, Vanga foi visitada pelo Secretário-Geral do Comité Central do PCUS L. I. Brezhnev, pelo presidente da Calmúquia Kirsan Ilyumzhinov, pelo escritor Leonid Leonov, pelos poetas Yevgeny Yevtushenko e Sergei Mikhalkov, pelos atores Vyacheslav Tikhonov e Alla Demidova, pela fisiologista Natalia Bekhtereva, pelo pintor Sviatoslav Roerich e muitas outras personalidades ilustres.

«A Rússia não desviará do caminho das reformas...»

Outra razão residia no facto de Vanga atribuir à Rússia uma missão especial no desenvolvimento dos eventos da história mundial. A vidente assegurava que seria precisamente à Rússia que caberia, num futuro próximo, desempenhar o papel mais importante na resolução dos destinos dos povos de todo o planeta. A adivinha búlgara associava ao nosso país as mudanças mais importantes que se avizinhavam no mundo, tanto de carácter político como espiritual-moral. Em abril de 1996 (pouco antes da morte), a profetisa búlgara falava assim da Rússia: «A Rússia é a mãe de todas as potências eslavas. Aqueles que dela se afastaram regressarão sob uma nova forma. A Rússia não desviará do caminho das reformas, que no final levarão ao crescimento da sua força e poder» (jornal «Duma», 12 de agosto de 1996).

Muito antes disso, no longínquo ano de 1979, quando poucos suspeitavam de reformas políticas na União Soviética, Vanga, numa conversa com o escritor Valentin Sidorov, previu a mudança do sistema político na URSS. Eis o que disse: «Agora a Rússia chama-se União. Mas regressará a velha Rússia e chamar-se-á como no tempo do santo Sérgio. Todos reconhecerão a sua superioridade, e a América também. Isso acontecerá daqui a 60 anos. Antes disso, três países aproximar-se-ão: China, Índia e Rússia. A Bulgária estará com eles apenas em união com a Rússia, se se tornar parte dela. Sem a Rússia, a Bulgária não tem futuro» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga).

Em parte, esta previsão de Vanga já se cumpriu. Mas o que queria ela dizer ao falar da união da China, da Índia e da Rússia? Sem dúvida, tratava-se do renascimento espiritual da Rússia. E estes eventos, como previa Vanga, deverão acontecer nos anos 2040. O famoso profeta americano Edgar Cayce também falava da elevação da China como futuro baluarte do cristianismo. O tempo dirá como se desenvolverão ulteriormente as relações entre a Rússia e a China. Quanto aos eventos recentes na Ossétia do Sul em agosto de 2008, a Rússia, na resolução do conflito georgiano-osseta, sem dúvida, apenas reforçou o seu prestígio internacional. Recordam-se as palavras de Vanga: «Todos reconhecerão a sua superioridade, e a América também».

Claro que nem todas as profecias de Vanga se cumprem, mas uma coisa é indubitável – todos os povos eslavos, incluindo russos, ucranianos, búlgaros, macedónios, sérvios e croatas, estão ligados por laços kármicos

comuns que vêm das profundezas dos séculos, e à Rússia Vanga atribuía o papel de «progenitora» de todos os Estados eslavos.

É notável que Vanga lembrasse constantemente que «sem a Rússia a Bulgária não tem futuro», referindo-se, claro, à amizade multissecular entre os nossos povos. No livro da sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, «A Verdade sobre Vanga», a cega vidente fala assim dos dois povos: «A Rússia ajudou-nos muitas vezes, ajudará também no futuro, pois somos povos eslavos cristãos ligados ao longo dos séculos». Vanga afirmava que a Bulgária no futuro entraria na composição da Rússia. Se isso acontecerá ou não, por enquanto é desconhecido. Atualmente poucos se lembram do facto, exceto talvez os historiadores, de que em 1996 o presidente B. N. Yeltsin, num encontro com o primeiro-ministro búlgaro Zh. Videnov, propôs à Bulgária entrar na composição da União. Não seria isso que Vanga tinha em mente? O povo búlgaro avaliou este passo como uma atentado à soberania do seu país.

Em 1979, Vanga previu o aparecimento na Rússia de um novo líder político a quem estava destinado mudar o seu futuro: «Não haverá guerra (refere-se à Terceira Guerra Mundial). Daqui a 6 anos o mundo mudará. Os velhos líderes sairão da arena política, serão substituídos por novos. Um homem novo aparecerá na Rússia» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga). Em 1985, chegou ao poder na URSS M. S. Gorbachev.

Quanto à atitude de Vanga para com os líderes políticos da URSS e da Rússia, ela sentia grande simpatia e respeito por Mikhail Sergeyevich Gorbachev e Boris Nikolayevich Yeltsin. Nem Gorbachev nem Yeltsin se encontraram com a profetisa, embora Vanga os tivesse convidado várias vezes. Em 1988, Vanga previu a Gorbachev que ele em breve se elevaria. De facto, o Terceiro Congresso Extraordinário dos Deputados do Povo (15 de março de 1990) elegeu Gorbachev Presidente da URSS. Quando no país a confiança do povo em Gorbachev como líder político se perdeu, Vanga afirmava que em vão criticavam Gorbachev: as pessoas ainda se lembrariam de como era bom no tempo dele.

Quando chegou o momento de escolher um novo presidente, Vanga informou que seria exatamente «nem Zyuganov nem Lebed, mas uma figura completamente inesperada». Para com Yeltsin, Vanga sentia um profundo respeito e calor. Convidou-o várias vezes a Rupite, mas Yeltsin não veio. Em seu lugar vinham pessoas de confiança, em particular o

porta-voz da imprensa S. K. Medvedev. A ele Vanga disse que Yeltsin seria eleito presidente para um segundo mandato: «Yeltsin voltará ao poder! Vencerá nas eleições presidenciais». A 3 de julho de 1996, Yeltsin foi eleito para um segundo mandato.

Vanga previu também o ocaso da sua carreira política: «A guerra na Chechénia acabará quando Yeltsin partir» (jornal «Duma», 12 de agosto de 1996). No encontro, Vanga pediu a S. K. Medvedev que lhe trouxesse de recordação o relógio de Yeltsin. Para que precisava dele, ficou um mistério. Talvez o relógio pudesse contar a Vanga muitas coisas sobre o seu dono. Apenas o pedido de Vanga não foi atendido.

Pouco antes da visita de Yeltsin a Espanha, Vanga previu que Yeltsin adoeceria gravemente e seria operado. E assim aconteceu: Yeltsin precisou de uma operação urgente.

A Vanga, em Rupite, onde passou os últimos anos de vida, vinham pessoas de confiança de muitos políticos: Zyuganov, Zhirinovsky, Lebed, Yavlinsky, Luzhkov queriam saber do futuro da sua carreira política.

Muitas das suas previsões Vanga formulava de forma alegórica, e encontrar imediatamente a chave para elas era impossível. Por exemplo, eis o que previu a K. Ilyumzhinov, que frequentemente a visitava e, admirado com o seu dom, até lhe atribuiu o título de cidadã honorária da Calmúquia. No verão de 1995, Vanga disse a Ilyumzhinov que via dois presidentes. Pouco tempo depois ficou claro o que a profetisa queria dizer. Em breve Ilyumzhinov foi eleito presidente da Federação Internacional de Xadrez e tornou-se realmente presidente pela segunda vez.

Nos anos 1970, visitou Vanga o Secretário-Geral do Comité Central do PCUS L. I. Brezhnev. «Reconheces-me?» – perguntou, rindo, à porta Leonid Ilyich. «Vejo que veio um grande chefe», – foi tudo o que Vanga disse a Brezhnev. Com isso terminou o encontro.

Embora a profetisa nunca tivesse estado na Calmúquia, contou a Kirsan Nikolayevich a história do povo calmuque,* das provações que lhe couberam, dos tempos de florescimento e declínio. «Vanga não se enganou uma única vez», afirma o presidente da Calmúquia. Indicou exatamente o lugar no mapa onde foi descoberto um grande jazigo de petróleo. Aconteceu assim: Ilyumzhinov trouxe a Vanga um mapa e pediu

que encontrasse um lugar rico em petróleo. Vanga, pensativa, passou a mão pelo mapa e, ao fim de alguns minutos, parou confiantemente num ponto: «Aqui».

**(O termo calmuque refere-se a um povo de origem mongol (oirates) que habita a República da Calmúquia, uma subdivisão da Federação Russa situada no sudeste da Europa, a noroeste do Mar Cáspio.)*

Ilyumzhinov decidiu verificar as palavras da vidente búlgara e enviou uma expedição de prospeção para a costa do Mar Cáspio. Os geólogos trabalharam vários meses e, quando regressaram com o relatório, indicaram exatamente o mesmo lugar. Claro que nada sabiam da previsão de Vanga. Atualmente, ali, no distrito de Chernozemelsky, na costa do Mar Cáspio, foi construída uma refinaria de petróleo.

«Vejo um mosteiro. É o coração da Rússia.»

Vanga era uma pessoa profundamente crente, venerava também os santos russos, com especial amor e respeito relacionava-se com Sérgio de Radonezh: «Ele é um grande profeta. Não é apenas um santo, é o principal santo russo». Numa das suas visões, Vanga indicou exatamente o mosteiro onde repousam as relíquias do venerável Sérgio de Radonezh – a Lavra da Trindade-São Sérgio: «Vejo um mosteiro. É o coração da Rússia». Descreveu com precisão o quadro de Nikolai Roerich «São Sérgio», pintado em 1932 e pouco conhecido na URSS, pois estava guardado nos reservas.

Nele, o santo Sérgio segura nas mãos a igreja patriarcal, simbolizando a Rússia, e abençoa os guerreiros que vão para a batalha de Kulikovo. Vanga advertia: «Guardem o quadro como a menina dos olhos. É um grande documento, é a maior riqueza da Rússia. Não o enviem para outros países. É destinado à Rússia». E depois a vidente exclama: «Aquele que foi Sérgio agora é o maior santo. É o guia de toda a humanidade. Oh, como ele ajuda agora a humanidade! Transformou-se em luz, o seu corpo é de luz» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga).

«Esta colina está consagrada...»

Os investigadores do dom único da profetisa búlgara notaram repetidamente que para Vanga o passado, o presente e o futuro se fundiam num só, e a própria vidente não conseguia separá-los claramente. Além disso, o próprio conceito de tempo para Vanga era condicional.

Assim, uma vez, conversando com o poeta Sidorov sobre a sua cidade natal Voronezh, a vidente búlgara, sem o saber, indicou o lugar exato na margem do Don, perto de Voronezh, onde posteriormente os arqueólogos escavaram uma antiga fortaleza russa e uma sepultura principesca. Eis o que descreveu Vanga: «Vejo uma colina. Vejo um rio (tratava-se do Don). Na Rússia há muitos lugares santos. Esta colina também está consagrada. Aqui estive três vezes o santo Sérgio e três vezes a abençoou. Neste lugar ergueu uma cruz. Aqui crescem ervas curativas. Aqui há uma fonte curativa» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga).

Cinco anos depois, em 1984, uma expedição arqueológica liderada pelo professor Pryakhin descobriu nesta colina ruínas de uma antiga fortaleza russa, e lá em baixo, ao pé da colina, corria realmente uma fonte curativa.

Interessante é a declaração de Vanga sobre Leninegrado. Ela alegrava-se por a cidade ter sido renomeada para São Petersburgo: «O czar Pedro alegra-se com esta mudança. Em termos espirituais, Leninegrado está agora acima de Moscovo. Lá morreram muitos. As suas almas oram e criam um espaço purificado, e nesse espaço purificado manifestar-se-ão espíritos ilustres» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga).

«Não há força que consiga quebrar a Rússia.»

Quanto à Rússia e ao seu futuro, muito do que Vanga previu nos anos 1980 e 1990 já se cumpriu. Em 1979, Vanga previu: «Não há força que consiga quebrar a Rússia. A Rússia desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á», acrescentando que estas não eram as suas palavras, mas as do santo Sérgio. «Tudo derreterá, como gelo, apenas uma coisa permanecerá intocada – a glória de Vladimir, a glória da Rússia. Demasiado foi sacrificado. Ninguém conseguirá parar a Rússia. Tudo varrerá do seu caminho e não só se preservará, mas tornar-se-á senhora do mundo». Estas palavras não precisam de qualquer interpretação.

Tornámo-nos testemunhas e participantes não só de mudanças políticas, mas também do renascimento espiritual do nosso país. Tudo isso foi previsto nos longínquos anos 1970 por uma mulher discreta da cidade búlgara de Petrich, hoje venerada por muitos como santa – a vidente Vanga.

Vanga e outros profetas sobre o papel da Rússia no renascimento espiritual dos povos da Terra

Muitos profetas falaram e escreveram sobre a Rússia como o país ao qual foi confiada uma missão especial no renascimento espiritual de todos os povos. Vejamos estas previsões.

Michel Nostradamus

O famoso vidente do século XVI Michel Nostradamus, no seu livro «Profecias», previu muitos eventos da história mundial até 3797, entre os quais: a Noite de São Bartolomeu, a Grande Revolução Francesa, a execução de Luís XVI, o incêndio de Londres em 1666, o destino de Napoleão e a guerra de 1812, a Segunda Guerra Mundial, os bombardeamentos nucleares de Hiroshima e Nagasaki, a catástrofe de Chernobil.

Como se sabe, todas as profecias de Nostradamus eram cifradas e expostas em quadras, cuja decifração os cientistas continuam até hoje.

À Rússia, Nostradamus dedicou poucas quadras, mas os principais eventos fatais previu-os mesmo assim. Assim, previu que na Rússia, no século XVIII, apareceria um czar reformador Pedro I. No século XIX previu a queima de Moscovo (em 1812), o triste destino de Napoleão e a entrada dos russos em Paris. No século XX, Nostradamus escreveu sobre a morte do último czar russo Nicolau, sobre a revolução de 1917 e sobre o facto de o poder dos comunistas durar 73 anos.

O profeta francês do século XVI previu os eventos da Segunda Guerra Mundial. Chamava à Alemanha hitleriana o império do Anticristo, e à Rússia Soviética o novo Babilónia, «a miserável filha que se enriqueceu com a abominação da primeira tragédia. Ele (Babilónia) existirá não mais de 73 anos e 7 meses». Em dezembro de 1991, a União Soviética desmembrou-se: o poder dos comunistas durou 73 anos e 144 dias. Eis o que escreveu Nostradamus sobre os eventos na Rússia Soviética após a revolução de 1917: «Do modo como os reinos serão enfraquecidos pelos habitantes do Oriente, parecerá que o Criador libertou Satanás das prisões do inferno. Nesse momento começará a perseguição à igreja, igual à qual nunca houve.» As perseguições à igreja, as repressões e os massacres viveu a Rússia no sangrento século XX sob o poder dos bolcheviques. Tudo

isso ficou no passado. Interessante é o que escreveu Nostradamus sobre o futuro do nosso país?

«Depois do rebanho que permaneceu estéril durante tanto tempo, a partir do paralelo 50, surgirá aquele que renovará toda a igreja cristã». Os investigadores supõem que aqui se trata da Rússia, que deverá desempenhar um papel importante na criação de uma igreja cristã una. Lemos mais adiante: «Será estabelecida uma grande paz, acompanhada de união e concórdia de pessoas de opiniões opostas, divididas por fronteiras de reinos». Estas palavras podem ser decifradas como previsão da futura união da Rússia e da Europa. No século XXI, a Rússia possivelmente entrará na união económica dos países da Europa unida. Este evento, segundo os cálculos de Nostradamus, deverá ocorrer não antes de 2025 (citações do livro «Assim falava Nostradamus»).

Edgar Cayce

O mais conhecido vidente do século XX Edgar Cayce depositava na Rússia a maior esperança do mundo como o país ao qual estava destinado desempenhar o papel principal na elevação espiritual-moral da humanidade. Cayce previa uma aliança entre os EUA e a Rússia. Considerava que a União Soviética sairia da crise graças à amizade e colaboração com os americanos. «A missão dos povos eslavos – dizia Edgar Cayce – consiste em mudar a essência das relações humanas, libertá-las do egoísmo e das paixões materiais grosseiras, restaurá-las numa nova base – no amor, na confiança, na sabedoria» (E. Cayce, «Memórias»). Considerava que da Rússia (não dos bolcheviques, mas de uma Rússia livre) viria um ensino religioso que oferecerá ao mundo esperança e um novo desenvolvimento espiritual. Mas isso acontecerá daqui a muitos anos. Passarão anos antes que isso ocorra.

Paracelso

Outro profeta, que viveu na viragem dos séculos XV–XVI, conhecido no mundo como Paracelso (1493–1541), no seu livro «Oráculos» escreve sobre a Rússia como o país ao qual estava destinado surpreender o mundo com as maiores descobertas na área do espírito humano. Previu o desenvolvimento da humanidade até ao século XXII. Sobre os russos, Paracelso escreve o seguinte: «Há um povo que Heródoto chama hiperbóreos. O nome atual deste povo é Moscóvia. Não se pode confiar

no seu terrível declínio, que durará muitos séculos. Os hiperbóreos conhecerão tanto um forte declínio como um enorme florescimento. Neste país de hiperbóreos, sobre o qual ninguém nunca pensou como um país onde pode acontecer algo grande, sobre os humilhados e rejeitados brilhará a Grande Cruz» (D. Orekhov, O fim do mundo chegará no ano 2000). Paracelso escreveu que estes grandes eventos no «país dos hiperbóreos» ocorreriam 500 anos após a sua morte. Uma aritmética simples leva-nos ao número 2041, pois Paracelso morreu em 1541. Se compararmos esta data com as previsões de Vanga de que a Rússia espera um tempo de florescimento não antes de 2040, facilmente se nota que ambas as profecias coincidem.

Recordemos as palavras de Vanga, ditas em 1980 (no encontro com o escritor V. Sidorov): «Agora chamam-vos União, mas depois chamar-vos-ão, como no tempo do santo Sérgio (Sérgio de Radonezh), Rus. Como águia voará a Rússia sobre a terra, e cobrirá toda a terra com as suas asas. Todos reconhecerão a sua superioridade espiritual, e a América também. Mas isso acontecerá não antes de 60 anos» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga). «Regressará a velha Rus», diz Vanga. Quer dizer que a Rússia deve passar pelo crisol de um novo batismo de fogo e tornar-se, na expressão de Vanga, «senhora (dominadora) de todo o mundo». Vanga, claro, fala da elevação espiritual da Rússia, que chegará em 2040.

O monge Abel

Sobre o grande futuro da Rússia falou também o monge Abel, cognominado o Vidente, que passou mais de 20 anos nas prisões por profecias sobre a morte dos czares russos. Numa conversa com o imperador Paulo, disse o seguinte: «Sobre o destino do Estado Russo houve-me uma revelação em oração acerca de três jugos cruéis: o tártaro, o polaco e o ateu (judaico)». Não é difícil adivinhar que Abel entendia por jugo ateu a Revolução de Outubro de 1917 e o poder dos bolcheviques. Abel previu como terminaria a vida de todos os monarcas russos, começando por Paulo e acabando pelo último czar Nicolau. A Nicolau II, Abel chamou santo e comparou-o ao bíblico Job sofredor. Abel predisse que Nicolau aceitaria uma morte martirizada: «Trocará a coroa real por uma coroa de espinhos, será traído pelo seu povo, como outrora o Filho de Deus».

Abel previu que haveria uma grande guerra mundial: «Pelo ar as pessoas voarão como pássaros, debaixo da água nadarão como peixes, com enxofre fétido começarão a destruir-se uns aos outros». O monge, por razões compreensíveis, não podia saber que tipos de armas seriam inventadas no século XX. «Na véspera da vitória ruirá o trono real. A traição crescerá e multiplicar-se-á. E o teu tetraneto (de Paulo I) será traído, muitos descendentes mancharão as vestes com o sangue do Cordeiro, um mujique com machado tomará o poder na loucura, mas depois chorará ele próprio. Virá verdadeiramente um castigo egípcio. Sangue e lágrimas regarão a terra húmida. Rios de sangue correrão. Irmão levantar-se-á contra irmão. E assim: fogo, espada, invasão de estrangeiros e inimigo interno – o poder ateu açoiará como escorpião a terra russa, saqueará os seus santuários, fechará as igrejas de Deus, executará os melhores russos». Tal seria a ira do Senhor, segundo Abel, pelo repúdio da Rússia ao Ungido por Deus, ou seja, a Nicolau II.

Abel previu também o início da Segunda Guerra Mundial: um «novo Baty» (Hitler) atacaria a Rus. «Haverá salvação para o povo russo?», perguntou Paulo. Abel respondeu que Deus perdoaria o povo ateu e enviaria o seu eleito, que «o coração russo sentirá <...> A sua aparência será soberana e luminosa, e ninguém dirá: “o czar está aqui” ou “ali”, mas “É ELE”». Quem o monge Abel tinha em mente é difícil dizer. Provavelmente, deverá aparecer na Rússia (ou já apareceu) um líder que tirará o país das trevas e do ateísmo. Abel predisse que «grande será a Rússia, ao livrar-se do jugo ateu, regressará às origens da sua vida antiga, <...> um grande destino lhe está traçado». Assim falava o monge Abel na conversa com o imperador Paulo I («Vida do venerável Abel, o Profeta»).

Vasily Nemchin

Viveu em tempos antigos outro profeta, cujas obras eram apreciadas e conhecidas pelo protopope Avvakum – o lituano russo Vasily Nemchin. Ele, tal como o monge Abel, previu o assassinio do czar Nicolau II, escrevendo que o 18.º da dinastia estaria condenado ao sacrifício (referindo-se à dinastia Romanov). Nemchin previu a chegada ao poder dos bolcheviques em 1917: «...todos os poderes passarão, mas a Rússia permanecerá como recompensa pelos tormentos e sofrimentos, pois através da cisão na Rus manifestar-se-á o anticristo e passará a governar».

Vanga também falava da chegada ao poder na Rússia de um «homem novo». Sobre isso disse ao escritor Sidorov em 1979. Só que isso seria daqui a seis anos, quando os velhos líderes saíssem da arena política. Vanga previu ainda o aparecimento de um homem alto, estrangeiro, que «será um bom alfaiate e um bom costureiro» (dito por Vanga em 1987). Mas quando isso acontecerá ficou por esclarecer. Vanga disse apenas que não um ano passaria antes que aparecesse este reformador.

Escrevia também sobre os tempos de Estaline: «Depois disso haverá uma terrível devastação e possessão demoníaca, haverá um czar numa jaula de ferro (Estaline) e uma terrível guerra, e depois, após sete décadas de abominação e desolação, sobrevirá uma grande renovação e haverá três anos de fuga dos “demónios e lobos” da terra russa, quando ambos cederem, ao chegar o novo.» Os investigadores consideram que talvez se trate de líderes políticos que chegaram ao poder no país após a morte de Brezhnev. O «novo» pode ser B. Yeltsin.

Mais adiante, Nemchin escreve sobre o que espera a Rússia no novo século. Prevê no início do século XXI uma guerra entre a cruz e o crescente. Esta profecia pode ser entendida como a guerra entre a Rússia e a Chechénia. Nemchin previu o aparecimento do «grande oleiro», ou «homem novo», sob o qual a Rússia alcançará um grandeza inédita após 2025.

Max Handell

Outra profecia interessante relativa ao futuro da Rússia contém-se no livro de Max Handell «Conceção Cosmogónica dos Rosacruz». Handell escreve: «Com a entrada do Sol no signo de Aquário, o povo russo e a raça eslava em geral alcançarão um grau de desenvolvimento espiritual que os elevará muito acima do seu estado atual <...> A civilização eslava – considera Handell – será breve, mas ao longo da sua existência será grande e alegre, pois nascerá de uma profunda dor e sofrimentos indizíveis, e a lei da compensação levará no seu tempo ao oposto».

Handell, como outros profetas, fala do aparecimento no final do século XX de um «iniciado supremo». Ele aparecerá quando «um número suficiente de pessoas comuns o desejarem e voluntariamente se submetam a tal líder».

Vanga sobre o «novo ensino da Rússia»

A vidente Vanga falou repetidamente do surgimento na Rússia de um novo ensino religioso que unirá todas as religiões e se espalhará pelo mundo inteiro. «Todas as religiões cairão – profetizava Vanga em profundo transe –, restará apenas um – o Ensino da Irmandade Branca. Como uma flor branca (o lótus – símbolo das revelações espirituais do Oriente), cobrirá a Terra, e graças a isso as pessoas se salvarão».

Este ensino, como compreendemos, estava ligado aos nomes de dois mestres espirituais da humanidade – a filósofa, escritora, viajante, fundadora da Sociedade Teosófica Helena Petrovna Blavatsky, conhecida nos círculos religiosos sob o nome de Rada-Bai, e o grande pintor, pensador e iluminador Nikolai Konstantinovich Roerich. Apesar de Vanga ser cristã ortodoxa, cumprindo escurupulosamente todos os ritos religiosos, falava com inspiração da difusão por todo o mundo do «Ensino da Irmandade Branca», ou «Bíblia de Fogo». Este novo ensino, que aparecerá, segundo Vanga, sobre as bases do antigo, ou seja, com base em todas as religiões do mundo.

«O antigo – pregava Vanga com inspiração – pode aqui comparar-se às raízes, e o novo, como uma flor que desabrocha ao sol» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga).

Vanga previu também que «o homem novo sob o signo do novo ensino aparecerá da Rússia». Mas este evento fatal para todos os países não acontecerá antes de 2040.

Quem será este homem novo é desconhecido. Provavelmente, um grande reformador e «mestre» que deverá cumprir uma grande missão espiritual e contribuir para a união dos povos da Terra. Possivelmente, já está entre nós, e, como está escrito na Bíblia, «pelos seus atos o conhecereis». Ou talvez ainda lhe esteja destinado nascer para percorrer o caminho do eleito pelo Senhor.

Uma vez que Vanga associa o aparecimento do «homem novo» ao novo ensino da Rússia, não é difícil supor que esta pessoa será seguidora do antigo ensino indiano agni-ioga, das ideias espirituais de E. P. Blavatsky e N. K. Roerich. Para um cristão ortodoxo pouco familiarizado com o ensino da agni-ioga, as doutrinas esotéricas de Blavatsky e as ideias da Irmandade Branca de N. K. Roerich e E. I. Roerich, isto pode ser percebido

negativamente. Mas as ideias dos seguidores dos antigos mestres indianos de modo algum contradizem a religião cristã e outros credos. Pelo contrário, podem ser vistas como uma síntese do cristianismo, do esoterismo (entendido como ensino místico sobre conhecimentos secretos) e do budismo. Vejamos mais detalhadamente as origens deste ensino. Para isso é necessário recordar o caminho de vida e o serviço de E. P. Blavatsky e N. K. Roerich.

Helena Petrovna Blavatsky (1831–1891) deixou uma marca na história da humanidade como uma personalidade brilhante e extraordinariamente dotada, que dedicou toda a sua vida ao cumprimento de uma missão espiritual. Nasceu em Ekaterinoslav numa família aristocrática. A infância e juventude passaram-se muito feliz: os pais – o coronel P. A. Gan (de uma família aristocrática alemã) e a escritora E. A. Gan (solteira Fadeyeva), cujo género remontava ao grão-príncipe Yaroslav, o Sábio – deram à filha uma educação brilhante e incutiram-lhe ideias de iluminação e humanismo.

Em 1849, Helena casou ficticiamente com o vice-governador de Erevan N. V. Blavatsky, para ter possibilidade de viajar pelo mundo. Muito em breve o casamento dissolveu-se. Aos dezoito anos, Helena deixou a Rússia e partiu em viagem por países da Europa, Ásia e América. Este período na vida de Blavatsky, que durou 23 anos (de 1849 a 1872), pode ser chamado tempo de peregrinações e aprendizagem. Helena visitou muitos países da Europa e América, mas o seu coração pertencia para sempre aos países do Oriente.

Na Índia, os seus mestres foram os guardiões dos conhecimentos secretos – os mahatmas (mestres) Morya, Kut Humi e Djwal Khul. Os mahatmas escreviam sobre Blavatsky: «Em cem anos na Terra encontrámos apenas uma assim», referindo-se ao dom excepcional de Helena Petrovna, à sua dedicação ilimitada ao Ensino, à extraordinária resistência e laboriosidade, às capacidades notáveis de vidência e à determinação heroica. Como escreve um dos seus biógrafos, «ela encantava e subjugava todos os que com ela contactavam mais ou menos de perto. Com a força do seu olhar penetrante e maravilhoso realizava os milagres mais incompreensíveis: botões de flores abriam-se diante dos vossos olhos, e os objetos mais distantes, com um simples chamamento, voavam para as suas mãos».

O único obstáculo para Helena na compreensão das verdades espirituais dos mestres de Shambhala era o seu temperamento impetuoso. 17 anos de trabalho árduo, risco e abnegação, durante os quais Blavatsky assimilava os conhecimentos secretos e a sabedoria do Tibete, foram para ela um tempo de autoeducação e domaçaõ da natureza belicosa e ardente. Através de Blavatsky, os mestres de Shambhala transmitiram ao mundo as principais verdades do mais antigo Ensino sobre o cosmos, o homem e tudo o que existe.

A partir de 1873, toda a vida de Helena Petrovna foi subordinada a um único objetivo – o cumprimento de uma determinada missão espiritual. Sob o pseudónimo Rada-Bai publicou as suas obras: «Ísis Desvelada» (1877) e «A Doutrina Secreta» (1884–1891), com o subtítulo «Síntese da ciência, religião e filosofia».

Em 1875, juntamente com G. S. Olcott, Blavatsky criou a Sociedade Teosófica, que proclamou como objetivos: formar o núcleo de uma Fraternidade Universal sem distinção de raça, sexo ou credo, promover o estudo dos textos sagrados de todas as religiões do mundo, investigar o lado oculto da natureza e as forças espirituais não manifestadas do homem.

Nas suas obras, Blavatsky expunha o seu ensino, que representa uma síntese das conquistas do pensamento religioso da humanidade. Tendo estudado os escritos sagrados egípcios, caldeus, hindus, cristãos, budistas e outros, Blavatsky indicou a essência una de todas as religiões e filosofias, uniu-as num sistema único de visão do mundo, chamado Doutrina Secreta.

Como justamente notam os investigadores, a Doutrina Secreta é a sabedoria acumulada dos séculos, são revelações sobre o cosmos e o homem, sobre a eternidade e periodicidade do ser, sobre as leis cósmicas fundamentais pelas quais vive o universo.

Em vida, Blavatsky foi alvo de críticas e ataques por parte de filósofos religiosos, da igreja e da sociedade, e o seu caminho pode sem exagero ser chamado caminho de mártir – tantos sofrimentos físicos e espirituais, incompreensões, ignorância e calúnias teve de suportar. O correligionário de Blavatsky, Olcott, após a sua morte em 1891 escreveu: «Virá o dia em que o seu nome será inscrito pela posteridade agradecida... no cume mais

alto, entre os eleitos, entre aqueles que souberam sacrificar-se por puro amor à humanidade (...) Agora o nome de Blavatsky saiu do esquecimento, e o seu ensino encontra eco nos corações de pessoas de diferentes raças e credos, ao que ela aspirava com toda a sua alma ardente e grande» (A. Yakunina, *Mestres espirituais da humanidade dos séculos XIX-XX*, Moscovo, Camada Cultural, 2007).

Os nomes de Nikolai Konstantinovich Roerich e da sua esposa Helena Ivanovna são amplamente conhecidos em todo o mundo: Roerich deixou uma marca na história da humanidade e da cultura mundial como pintor, pensador, arqueólogo, viajante e figura pública; a sua esposa – líder espiritual e filósofa – transmitiu ao mundo o ensino secreto dos mahatmas himalaianos sob a forma de 14 livros de «ética viva», ou agni-yoga.

Helena Ivanovna e Nikolai Konstantinovich conheceram-se em 1899, e dois anos depois casaram-se. Daí em diante e para sempre os seus destinos fundiram-se num só: até ao fim dos dias foram fiéis um ao outro, ao seu amor, espiritualizado por altos ideais.

Nikolai Konstantinovich Roerich (1874–1948) nasceu em São Petersburgo, na família do notário do tribunal distrital Konstantin Fyodorovich Roerich e de Maria Vasilyevna Kalashnikova. Traduzido do escandinavo, o apelido Roerich significa «rico em glória», surgiu na época dos vikings. Um dos representantes do género Roerich no século XIII encabeçou a ordem dos templários. Pela linha materna, N. K. Roerich era parente de M. I. Kutuzov. Nikolai concluiu brilhantemente o prestigiado ginásio de Karl von May em São Petersburgo, onde a maioria das disciplinas era lecionada em alemão.

Nikolai Konstantinovich decidiu dedicar a vida à pintura e ingressou na Academia de Artes de São Petersburgo, na oficina de A. I. Kuindzhi. Para não contrariar a vontade do pai, que via o filho na carreira jurídica, Roerich estudou simultaneamente na faculdade de direito da universidade, que concluiu em 1898. Tendo recebido duas formações (artística e jurídica), Roerich tornou-se participante ativo da vida cultural da Rússia. Pintava quadros, publicava artigos em revistas artístico-educativas, participava em expedições da Sociedade Arqueológica Russa.

Ao encontrar Helena Ivanovna, a sua «Lada», que se tornou para toda a vida a sua «companheira inspiradora», Nikolai Konstantinovich

continuou a viajar pela Rússia, a estudar a arquitetura e iconografia antiga russa, a dedicar-se a atividade pública e, claro, à pintura. Em 1918, a família Roerich (o casal teve dois filhos: Yuri – futuro conhecido orientalista e Sviatoslav, que se tornou, como o pai, pintor) mudou-se para o estrangeiro, primeiro para os EUA e depois para a Índia.

A partir de 1907, os Roerich apaixonaram-se pela filosofia, religião e etnografia dos povos da Ásia e do Oriente. Decidiram realizar uma longa viagem à Índia, Tibete e Mongólia, estudar a cultura indiana e encontrar-se com os grandes mestres do Oriente. Por isso, a família aceitou com alegria o convite dos americanos para visitar o país com uma exposição de quadros. Na América, N. K. Roerich foi recebido com grande sucesso.

Além da organização de exposições, os Roerich dedicavam-se a trabalho cultural-educativo: criaram a Sociedade Internacional de Artistas «Coração Ardente» e o centro artístico «Coroa do Mundo», que existem até hoje.

Com o dinheiro obtido da venda de quadros, os Roerich partiram para uma expedição à Índia e durante 5 anos estudaram monumentos de arte e religião, percorreram o caminho por onde passou o grande Buda, superaram cordilheiras altas e passos perigosos. Daí em diante, os seus corações pertenciam ao Oriente.

Os Roerich compraram uma casa no vale de Kulu (estado de Punjab na Índia), e ali mesmo em Nagar, em 1929, abriu-se o instituto de investigações himalaianas «Urusvati» («Luz da aurora matutina»), no trabalho do qual participaram muitas luminares da ciência mundial, incluindo Albert Einstein e Nikolai Vavilov. Ao longo da vida, Nikolai Roerich criou 7000 telas, unidas em ciclos: antigo russo, mongol, tibetano, ciclo himalaiano de paisagens montanhosas, esboços para pinturas e mosaicos de igrejas, decorações para encenações teatrais.

Mas a principal obra da sua vida os Roerich consideravam o cumprimento da missão espiritual que lhes foi confiada pelos mahatmas himalaianos. Dotada desde a infância de capacidades mágicas (incluindo o dom da vidência), intelectualmente e espiritualmente talentosa, Helena Ivanovna tornou-se uma dedicada discípula dos mahatmas do Oriente. O seu mérito perante a humanidade reside em ter sistematizado e unido os conhecimentos recebidos dos seus mestres no ensino da «ética viva», ou

agni-ioga. O que é a agni-ioga? É um novo ensino espiritual-moral que representa uma síntese das antigas religiões do Oriente e das conquistas filosóficas e científicas do Ocidente, dirigido às pessoas que aspiram à autoaperfeiçoamento e ao desenvolvimento espiritual. É um ensino sobre a multidimensionalidade do ser e a integridade do universo, que vive segundo as leis do cosmos, sobre o homem e as suas capacidades ocultas que residem nas profundezas da consciência, sobre a imortalidade da alma.

Além das publicações da agni-ioga, os Roerich realizavam um enorme trabalho de difusão deste ensino por todo o mundo, pois a sua tarefa era a união das pessoas do Oriente e do Ocidente em nome do amor a Deus e ao próximo segundo as leis da luz, harmonia e beleza. Os pensamentos dos Roerich estavam sempre voltados para a Rússia, com a qual associavam esperanças como centro da união espiritual dos povos da Terra: «Eis o que vos legado – escrevia Roerich no artigo «Legado» –, amai a pátria, amai o povo russo, amai todos os povos na nossa Pátria inteira.

Que este amor ensine a amar a humanidade. Não na separação, mas na união das pessoas está depositada essa enorme força que ajudará não só os russos a resistir, mas ajudará a criar um Estado inédito na Terra, que será esse reservatório espiritual do qual, como de uma fonte, toda a humanidade tirará forças vivificantes» (A. Yakunina, Mestres espirituais da humanidade dos séculos XIX-XX, Moscovo, Camada Cultural, 2007).

O mestre de Blavatsky, que se tornou depois mestre de Helena e Nikolai Roerich, foi o Mahatma Morya. Uma vez mostraram a Vanga a fotografia deste homem, que possuía uma força magnética extraordinária. Interessante como Vanga trabalhava com fotografias. Colocava as mãos sobre a imagem da pessoa e entrava em contacto telepático com ela. O resultado era espantoso para os presentes: a profetisa búlgara dava uma descrição exata da aparência da pessoa, das particularidades do seu carácter e factos da sua biografia. Quando Vanga pegou na fotografia, segundo testemunhas, foi como se tivesse sido atingida por uma corrente elétrica. Ninguém a vira em estado tão excitado.

«Por que não deram a fotografia mais cedo? – exclamou excitada. – Ele está aqui. Está convosco. Por alguma razão vejo diante de mim a Sibéria. Ele é russo? Esteve na Rússia?» – «Não. É indiano. É o Mahatma Morya». – «Ele é o protetor de Moscovo, ou melhor, é o protetor da

Rússia. Já o vi antes, só não sabia quem era». Vanga, acalmando-se um pouco, disse: «Vêm ter comigo espíritos, muitos-muitos espíritos. Mas este espírito é o mais forte de todos os que conheço – nunca atravessa o limiar do quarto. Fica sempre atrás da porta. É difícil olhá-lo, porque brilha como o sol. Às vezes vejo-o num cavalo branco e com olhos que metem medo».

Acontece que o cavaleiro num cavalo branco que aparecia a Vanga era o espírito do grande iniciado Mahatma Morya! Vanga aconselhou a pessoa que lhe dera a fotografia a guardá-la sempre no bolso esquerdo, para que interagisse com o coração.

Mas o mais curioso foi que Vanga, segurando a fotografia do mestre, por alguma razão perguntou se não seria um retrato do santo Sérgio de Radonezh. Depois corrigiu-se como que a si própria: «Sim, na foto não é o santo Sérgio. No entanto, vejo dois rostos, dois corpos, mas uma só alma».

«Claro que Vanga nem suspeitava – escreve a testemunha do ocorrido V. Sidorov –, quão exatamente captara a essência da concepção roerichiana, segundo a qual o santo Sérgio é uma das encarnações do mestre Morya» (V. Sidorov, Lyudmila e Vanga).

Gostaria de dedicar algumas linhas a mais uma pessoa que muito fez pela difusão do ensino da Irmandade Branca na Rússia – o escritor e figura pública Valentin Mitrofanovich Sidorov (1932–1999). Valentin Mitrofanovich foi autor de 35 livros, entre os quais novelas, coletâneas poéticas e obras de não ficção. Encontrou-se várias vezes com Vanga, e o resultado desses encontros foi o livro «Lyudmila e Vanga». Trata-se de reflexões do escritor sobre o fenómeno do dom profético da adivinha búlgara, sobre o destino de Lyudmila Zhivkova, sobre a Rússia, o seu passado e futuro.

Sidorov escreveu muito sobre o nosso país e o seu destino. Via a missão da Rússia como sendo condutora do Espírito Santo na Terra. Renunciar a esta missão significaria privar o russo da sua alma.

Valentin Sidorov era correligionário e amigo de Sviatoslav Roerich e participante ativo do movimento roerichiano. Presidiu à comissão do legado literário de N. K. Roerich na União dos Escritores da URSS. Foi o criador e inspirador da Associação Internacional «Paz através da Cultura», cuja tarefa era a fusão das culturas da Índia e da Rússia, pois o escritor

estava convencido de que a Índia não é uma terra estranha, mas uma irmã espiritual da Rússia. A sua novela «Sete Dias nos Himalaias» (1982), escrita no género de viagem filosófica, encontrou eco imediato nos corações dos leitores.

Os livros de Valentin Sidorov são dedicados à interpretação da misteriosa ideia russa e à missão especial do povo russo, que preocupava as mentes de muitos ascetas e pensadores da Rússia. Não foi por acaso que a avó Vanga sentiu imediatamente nele uma alma afim: Valentin Sidorov era um homem de grandes virtudes, dotado não só de profundo intelecto, mas também de generosidade de alma e elevadas qualidades morais. Vanga amava esta pessoa, e é uma grande felicidade que ele tenha deixado um livro de memórias.

Vanga previu ao escritor: «Vinte anos – a partir deste momento – deves trabalhar para que o Ensino se torne conhecido em todo o planeta. Daqui a 20 anos – mais cedo não será possível – colhereis a primeira grande ceifa». Vinte anos depois, Sidorov escreveu o seu último livro «O Ensino Secreto de Jesus». Vinte anos depois, a 12 de julho de 1999, proferiu um discurso na noite comemorativa do décimo aniversário da organização espiritual-educativa «Paz através da Cultura». O escritor estava gravemente doente, mas não recusou a sua intervenção. Vinte anos depois, o poeta, o cidadão, o asceta da terra russa partiu.

Na pátria da grande vidente

A cidade de Strumica. A história da aquisição do dom divino por Vanga

Vanga, ou Vangelia Surcheva, nasceu a 31 de janeiro de 1911 na pequena cidade de Strumica, na Macedónia. O seu pai, Pande Surchev, era camponês. Com trabalho árduo ganhava o pão, trabalhando no campo; a mãe, Paraskeva, cuidava da casa. A menina nasceu prematura, de sete meses, fraquinha. Pensavam que a criança não sobreviveria e não lhe deram nome. Mas a menina sobreviveu, fortaleceu-se e recebeu o nome Vangelia, que em grego significa «portadora de boas novas».

Interessante como outrora, segundo o costume popular, escolhiam o nome da criança nas aldeias búlgaras. Por vezes, um dos parentes do recém-nascido saía à rua e pedia à primeira mulher que encontrasse que dissesse um nome qualquer. Assim fez também a avó da pequena menina.

O nome que lhe indicou uma mulher que passava – Andromacha – não agradou à avó.

Deve dizer-se que nessa época, nas aldeias búlgaras, era costume dar às crianças nomes gregos. Outra mulher indicou o nome Vangelia (abreviado Vanga). E assim chamaram à menina.

Ninguém, claro, podia imaginar que o nome da menina refletiria o seu destino. Três anos depois, a desgraça chegou à família de Pande: durante o segundo parto morreu a sua mulher.

E veio outra desgraça – começou a Primeira Guerra Mundial. Pande foi para a frente, e a pequena Vanga foi acolhida pela vizinha, uma boa mulher turca, Asanitsa. Quando Pande regressou da guerra, muito magro, mas são e salvo, Vanga passou a viver com o pai. A infância e juventude de Vanga decorreram em terrível pobreza e privações incriveis, mas a menina, que cegou aos 12 anos, suportou todas as provações do destino e aprendeu a preservar, na situação mais difícil, uma coragem e força de espírito surpreendentes.

Pande Surchev casou-se pela segunda vez. Como esposa coube-lhe uma das raparigas mais atraentes de Strumica – a bela Tanka. Aconteceu que, nesse tempo conturbado, as autoridades sérvias emitiram uma ordem absurda: todas as mulheres ligadas a oficiais e soldados búlgaros deviam deixar imediatamente a cidade. Os pais de Tanka, noiva de um oficial búlgaro, casaram-na logo com o viúvo Pande.

Tanka sofreu muito por ter casado com um homem que não amava. Mas, como diz o povo, o que se suporta acaba por se amar. Pande apaixonou-se por Tanka, e ela tornou-se uma boa esposa, uma dona de casa eficiente e uma mãe carinhosa para Vanga. Tudo correria bem, mas sobre Pande caiu nova desgraça: as autoridades sérvias confiscaram as terras a todos os búlgaros, e Pande teve de tornar-se jornaleiro. E, infelizmente, assim permaneceu até ao fim dos seus dias. Tanka deu à luz um menino, Vasil, e a Vanga de 11 anos ajudava a mãe a cuidar do irmãozinho.

Quando Vanga fez 12 anos, aconteceu um caso que mudou toda a sua vida. Um dia, decidiu ir com as amigas à fonte «Hansha Cheshma». De repente, o céu escureceu, levantou-se um furacão terrível que tudo arrasava no seu caminho. As meninas ficaram mudas de medo: o tornado

apanhou Vanga e levou-a vários quilómetros para longe da aldeia. Ninguém sabe quanto tempo durou este furacão. Quando o vento acalmou, encontraram a assustada Vanga no campo, coberta de ramos e areia. A menina mal conseguia abrir os olhos – estavam cheios de areia. O tratamento não deu resultados: Vanga perdia a visão. Era precisa uma operação, mas a família não tinha dinheiro para operar a criança em Belgrado. A Vanga de 12 anos cegou. Para ela começaram dias negros. Passava noites inteiras a chorar e a rezar para que a visão regressasse, mas tudo era em vão – Deus não lhe devolveu a capacidade de ver.

Quem sabe, se a visão tivesse regressado a Vanga, o mundo talvez nunca tivesse conhecido o nome desta futura grande profetisa. Vanga não conseguia conformar-se com o facto de se ter tornado um fardo para a família, mas não sabia como viver dali em diante. Os vizinhos aconselharam o pai a mandar a filha para uma casa para cegos em Zemun. O pai assim fez.

Três anos Vanga passou na escola, aprendeu o alfabeto Braille para cegos, estudou outras disciplinas. A rapariga revelou capacidades musicais: aprendeu a tocar piano. A música tornou-se para ela o sentido da vida. Aqui Vanga encontrou o seu primeiro amor. Infelizmente, o casamento com Dimitr, também aluno da casa para cegos, não se realizou. O pai levou a rapariga para casa, pois durante o parto morreu Tanka, e alguém tinha de cuidar das crianças. Assim, aos 18 anos, Vanga despediu-se do seu primeiro amor e dos seus sonhos de uma vida familiar feliz e regressou à casa do pai.

E lá esperavam-na terrível pobreza e mais três criancinhas famintas que precisavam de cuidado e carinho. E a rapariga cega dedicou-se aos trabalhos domésticos e à educação das crianças, que adoeciam constantemente por subnutrição e maus cuidados. O pai passava o dia inteiro a trabalhar como jornaleiro, mas o dinheiro mal chegava para comida, e as crianças passavam frequentemente fome.

A irmã Lyubka recorda que a família era tão pobre que as crianças não tinham nem roupa nem sapatos, e os vizinhos, penalizados, davam a Vanga roupa de mulheres falecidas e fio velho. Vanga, boa costureira, fazia roupa para as crianças com trapos e tricotava camisolas e coletes quentes. Ensinou a pequena Lyubka a tecer, e as duas passavam noites a ouvir o ruído do tear. E à noite Vanga chorava amargamente de desespero

e saudade. Mas, apesar de todas as adversidades, as crianças acreditavam que chegaria o fim da sua vida de miséria.

Vanga não permitia a ninguém estar ocioso e sem trabalho. Assim, por exemplo, à segunda-feira ela e Lyubka lavavam roupa; à terça varriam e limpavam o pátio; à quarta remendavam roupa; à quinta amassavam massa e cozinham pão; à sexta iam para fora da cidade buscar argila vermelha para rebocar a casa; ao sábado colhiam azeda e urtigas para sopa; ao domingo de manhã iam à missa na igreja, e à tarde conversavam com as vizinhas. Na cidade soube-se que a rapariga cega sabia tecer, tricotar e bordar bem, e começaram a fazer-lhe encomendas. Assim, Vanga ganhava com o trabalho manual o pão para si e para a família.

Vanga herdara da mãe o carácter alegre e o amor à limpeza, e do pai uma resistência física extraordinária e laboriosidade, e estas qualidades ajudaram-na a resistir, a não se curvar aos golpes do destino e a tornar-se apoio na vida para os irmãos e a irmã.

Vanga amava muito a limpeza, por isso esforçou-se por criar conforto e ordem na sua pobre morada: o chão de terra cobriram com esteiras, num canto puseram uma cama, e no centro do quarto colocaram um baú que ficara da mãe. Vanga tricotou com fios velhos uma colcha com que cobriram a cama. Não havia mais coisas. No jardim plantaram flores, e era toda a riqueza. Assim viviam... Difícil, pobre, com fome, mas não se rendiam, acreditavam que Deus um dia ouviria as suas orações. E ainda Vanga chorava todos os dias e implorava a Deus que lhe devolvesse a visão, mas as suas orações eram vãs. «Privou-me da visão humana – dizia depois Vanga –, mas deu-me outros olhos com que posso contemplar todo o mundo visível e invisível».

Vanga acreditava que o destino de cada pessoa é determinado pelo Senhor. E se assim era, estava-lhe reservada a dura sorte de aceitar a sua cegueira e reconciliar-se com o seu fado, sem cair em desespero nem perder a fé. Recorda-se um episódio da infância de Vanga. Tinha uns onze anos quando o pai e a madrastra começaram a notar que a menina brincava a um jogo estranho: no pátio, na rua, num canto escondido, escondia um brinquedo qualquer e depois procurava-o às apalpadelas, de olhos fechados, como cega. O pai ficou muito preocupado com este jogo, mas nenhuma ameaça surtiu efeito: a menina continuava a brincar, imitando uma pessoa cega.

Quando Vanga perdeu a visão, começaram a manifestar-se-lhe capacidades de vidência, só que os próximos não davam importância a isso, não compreendendo, claro, que Vanga adquirira o dom de ver o que os outros não podiam. Assim, em Strumica havia um antigo costume de adivinhar na véspera do dia de São Jorge, ou seja, a 6 de maio. As raparigas deitavam num jarro de barro para vinho (em búlgaro «delva») um objeto qualquer, e no dia seguinte tiravam as marcas e adivinhavam o que as esperava no futuro.

As raparigas vizinhas colocavam a delva no pátio de Vanga e frequentemente escolhiam-na como «oráculo». Na manhã de 7 de maio, Vanga tirava as marcas e contava às raparigas o seu destino. Muitas vezes as previsões da cega Vanga cumpriam-se, só que a ninguém ocorria que tudo isso não era acaso. Ninguém podia acreditar que a rapariga adquirira o dom de prever.

Nas aldeias búlgaras celebrava-se ainda outra festividade ligada a adivinhações – o Dia dos Quarenta Grandes Mártires. Nesse dia, as raparigas adivinhavam o noivo: colocavam ramos atravessados no ribeiro – era a «ponte» – e acreditavam que à noite, em sonho, lhes apareceria o noivo a atravessar a «ponte» de uma margem para a outra. De manhã, as raparigas vinham ter com Vanga, e ela revelava os segredos dos seus sonhos. Por alguma razão, ninguém na altura prestou atenção ao facto de a rapariga cega saber interpretar sonhos.

O pai de Vanga, Pande, exausto pelo pesado trabalho de jornaleiro, sonhava encontrar um tesouro. Um dia, a filha disse-lhe que sonhara e sabia o lugar onde estavam enterrados os tesouros. Descreveu-o pormenorizadamente ao pai: era uma aldeia abandonada perto de Strumica. Lá, numa rocha entre o rio e o bosque, estava enterrado o tesouro. O pai ficou muito surpreendido com este relato e não acreditou em Vanga. Riu-se durante muito tempo, pensando que eram invenções, mas depois lembrou-se de que tal lugar existia realmente.

Era a aldeia abandonada de Rayantsi, cujos habitantes morreram da peste. Perto dela corria realmente um ribeiro, e entre o ribeiro e o bosque erguia-se uma rocha denteada. Então o pai propôs a toda a família ir lá. Vanga ia à frente e movia-se com tanta segurança como se conhecesse o caminho. Levou todos até à rocha, e o pai decidiu voltar ali com uma pá para desenterrar o tesouro. Só que o seu plano não se realizou: pouco

depois Pande partiu um braço, esteve doente várias semanas. E depois barraram o ribeiro, construíram uma represa, e os tesouros, se existiam, ficaram no fundo do rio. Aparentemente, não estava escrito que Pande enriquecesse, e no seu destino estava viver e morrer na pobreza.

Passado algum tempo, Pande contratou-se como pastor para um homem rico. Só que aconteceu uma desgraça – desapareceu uma ovelha do rebanho. O pai ficou muito triste, pois não podia pagar ao dono a perda. Vanga assegurou ao pai que encontraria a ovelha. Fora roubada por um camponês da aldeia de Monositovo. Vanga descreveu pormenorizadamente a aparência do ladrão. O pai novamente não acreditou na filha, dizendo que não conhecia essa pessoa. Começou a perguntar a Vanga como soubera do roubo, e a rapariga respondeu que sonhara. Possivelmente, na fase inicial da vidência, recebia a informação através de sonhos.

O pai decidiu mesmo assim verificar as palavras de Vanga e foi à aldeia de Monositovo. Encontrou realmente o ladrão pela descrição da filha e recuperou a ovelha desaparecida.

Em 1939, aconteceu uma grande desgraça na família de Pande – Vanga adoeceu com pleurisia. Durante oito meses a rapariga lutou pela vida, mas a doença não largava a infeliz, e alguns vizinhos compassivos começaram a juntar dinheiro para o funeral da mendiga cega. Vanga emagreceu muito, Lyubka todos os dias mudava a irmã da cama para uma tina e levava-a para a rua, ao ar fresco. O médico disse que a rapariga não sobreviveria. Já tinham chamado o padre para dar a comunhão à moribunda. Qual não foi o espanto de Lyubka quando, dois dias depois, chegou a casa e viu a irmã a varrer o pátio. Vanga estava terrivelmente magra, mas os seus movimentos eram fortes e seguros. Sentindo a presença da espantada Lyubka, Vanga disse: «Pega na vassoura e varre o pátio. É preciso fazer limpeza. Em breve haverá aqui muita gente». O que queria dizer Vanga ficou um mistério. Possivelmente, já sabia que muito em breve centenas de necessitados viriam ter com ela em busca de conselho e apoio.

Em 1940, pouco antes do início da Segunda Guerra Mundial, Lyubka adoeceu com uma terrível doença – meningite. A rapariga foi levada para o hospital, onde esteve duas semanas. Lyubka conseguiu vencer a grave doença, da qual poucos sobreviviam na altura, e regressou a Strumica.

Preocupava-se muito com Vanga, pois esta ficara completamente sozinha: o pai fora preso por agitação antigovernamental (manifestara-se contra a aproximação do governo búlgaro à Alemanha hitleriana), e os irmãos tinham ido procurar trabalho noutras aldeias. Nessas duas semanas, ninguém veio ter com Vanga, nem havia quem lhe trouxesse um copo de água. Mas as circunstâncias não quebraram a rapariga cega: sozinha lidava com todos os afazeres e ficou imensamente feliz por a irmãzinha ter recuperado.

Um dia, Vanga e Lyubka foram ao poço buscar água. Ficava fora da cidade, e era preciso andar muito. Enquanto a irmã enchia a água, Vanga estava sentada imóvel numa pedra e calada, olhando fixamente para um ponto. Lyubka assustou-se muito, pensando que Vanga poderia desmaiar e morrer, tão estranho e mortalmente pálido era o aspeto da irmã mais velha. Vanga acordou do torpor e disse à irmã: «Não tenhas medo, estava apenas a falar com uma pessoa. Era um cavaleiro. Queria dar de beber ao cavalo, mas tu estavas a atrapalhá-lo. Pedi-lhe que não se zangasse contigo por não lhe dares o lugar, pois tu não o vias.

O cavaleiro não se zangou contigo. Apontou-me para pequenas flores brancas. Chamou-lhes erva estrelada, que ajuda contra todas as doenças». Lyubka, claro, espantou-se com o que a irmã disse. Olhou à volta e viu pequenas flores brancas semelhantes a estrelas, de que falara Vanga. Lyubka espantou-se ainda mais, pois nunca antes vira esta planta e era a primeira vez que ouvia o nome «erva estrelada». Lyubka estava completamente confusa: quem era este cavaleiro que Vanga vira, e como podia ela conversar com ele sem dizer uma palavra?

E veio nova desgraça: agora adoeceu gravemente o pai, com septicemia. Vanga e Lyubka cuidaram dele todo o verão de 1940, mas não houve melhoras. Vanga disse um dia com tristeza à irmã que o pai morreria em breve e elas ficariam órfãs de todo. Em setembro, o pai piorou muito. Regressaram dos trabalhos os irmãos para se despedirem do moribundo. Em novembro, Pande partiu. As crianças ficaram órfãs. E alguns meses depois eclodiu a guerra... E Vanga viu novamente o cavaleiro. Desmontou, entrou na baixa sala e disse que em breve tudo no mundo se viraria do avesso, muitas pessoas morreriam, e Vanga receberia o dom de «falar dos vivos e dos mortos».

Após a morte do pai, os órfãos viviam tão dura e pobremente como antes. Os irmãos voltaram a ir trabalhar como jornaleiros para aldeias vizinhas, e as raparigas ficaram a viver as duas.

Quando começou a guerra, a fama de vidente chegou a Vanga. À sua casa começaram a afluir pessoas para saber se os seus entes queridos estavam vivos. E um dia, à porta da casa de Vanga apareceu o soldado Dimitr Gushterov. Veio na esperança de saber os nomes dos assassinos do seu irmão, recentemente falecido. Três crianças ficaram órfãs, e a mãe delas estava doente com tuberculose. Dimitr andava de um lado para o outro no pátio, envergonhado de entrar. Vanga saiu ela própria de casa e chamou Dimitr. «Sei por que vieste – disse a rapariga –, vou dizer-te os assassinos do teu irmão, mas promete-me que não te vingarás e esperarás pelo julgamento deles».

Dimitr cumpriu a palavra. Os assassinos do irmão foram encontrados e condenados. E o rapaz começou a visitar frequentemente Vanga e a conversar longamente com ela. Em abril de 1942, Vanga disse à irmã que Dimitr viria pedi-la em casamento. Em breve os jovens casaram-se e foram viver para Petrich, onde ficava a casa de Dimitr. Do dote da noiva havia um xaile vermelho tricotado, uma caldeira de cobre e um pequeno bidão como memória da casa natal. Vanga despediu-se de Strumica, olhou uma última vez para a sua miserável morada e abriu uma nova página da sua vida – de mulher casada. Sabia Vanga que na nova casa a esperavam a mesma pobreza, sujidade, desarranjo, e ainda uma sogra velha, uma cunhada doente e três criancinhas que precisavam de cuidado, amor e simplesmente comida?

Posteriormente, Vanga recordava com ternura a cidade natal, pois ali decorreram a sua infância e juventude, embora difíceis e famintas, mas inesquecíveis. Contava uma bela e triste lenda sobre como a cidade recebeu o nome. Foi em tempos remotos. A cidade era então governada por um soberano cujo nome não se conservou na história, e a filha chamava-se Strumitsa. Um dia, os tártaros atacaram a cidade, e os habitantes defenderam-se. Strumitsa subiu à muralha da cidade para ver com os próprios olhos o que acontecia e logo notou o jovem e belo chefe tártaro. Apaixonou-se por ele à primeira vista e decidiu infiltrar-se secretamente no acampamento inimigo para o encontrar. Quando o viu novamente, o amor cegou a rapariga, e ela revelou aos inimigos a

passagem secreta para a cidade. Os tártaros tomaram a cidade em minutos. Muitos foram mortos, e o pai de Strumitsa foi feito prisioneiro. Quando soube da traição da filha, amaldiçoou-a. A maldição foi terrível: que após a morte a terra não aceitasse o corpo da filha e o rejeitasse sete vezes, e a alma nunca encontrasse paz. Muitos anos depois, quando os turcos conquistaram as terras búlgaras, as pessoas viam à noite um anjo que as convencia a não perder a fé na libertação. Este anjo era o espírito da amaldiçoada Strumitsa. Assim a alma da rapariga tentava expiar o pecado da traição e encontrar paz.

Vanga contava que na periferia da cidade, numa colina, desde tempos antigos ficaram sete degraus, e os velhos locais diziam que eram marcas do caixão de Strumitsa, cujo espírito a terra rejeitara sete vezes.

Em 1941, quando a Vanga de trinta anos começou a profetizar, sonhou com um enorme templo sustentado por quinze santos guerreiros. Quando mais tarde os moradores fizeram escavações no lugar indicado por Vanga, descobriram ruínas do antigo templo de São Jorge. Vanga contou ainda uma tradição de que, nos tempos da escravidão turca, no templo de São Jorge foram mortos quinze guerreiros, defensores da fé cristã. E já nos nossos dias, nesse lugar regado com o sangue de inocentes assassinados, foi construída uma grande igreja, chamada em memória dos quinze santos mártires de Strumica.

A casa de Vanga em Petrich – caminho de salvação e esperança para centenas de milhares de pessoas

Com a casa em Petrich, para onde Vanga se mudou após o casamento, estão ligados todos os longos anos das suas profecias. Para aqui, para a pequena cidade na fronteira entre a Bulgária e a Jugoslávia, começaram a vir pessoas de lugares distantes para saber dos seus destinos e do futuro da família e dos entes queridos. Aqui decorreu toda a vida da vidente búlgara. Aqui terminou o seu caminho terreno.

E então, no longínquo ano de 1942, Vanga casou-se com Dimitr Gushterov e tornou-se dona da nova casa. Nos primeiros tempos, foi-lhe muito difícil: a sogra ficou descontente com a escolha do filho.

Ela esperava ver não uma nora cega e desamparada, como lhe parecia, mas uma mulher forte e saudável que assumisse todos os cuidados da casa e das crianças. Além da mãe de Dimitr, Magdalena, com

70 anos, na casa – que mais parecia uma miserável choupana – viviam três filhos do filho assassinado e mais dois filhos de outro filho, juntamente com a mãe deles, doente de tuberculose. Mas para Vanga e Lyubka as dificuldades não eram novidade: habituadas à ordem em tudo, puseram-se imediatamente a limpar a casa e o pátio, e em breve a casa brilhava de limpeza. A Vanga coube uma dura sorte: trocou uma vida na casa do pai, miserável e cheia de privações, por outra ainda mais pesada, pois agora tinha de cuidar de toda a numerosa família de Dimitr.

A notícia de que chegara à cidade uma vidente espalhou-se imediatamente pelos moradores, e novamente para a casinha de Vanga começaram a afluir pessoas – doentes e saudáveis, civis e militares, todos com a esperança de que Vanga consolasse e acalmasse as almas feridas pela guerra. A profetisa a ninguém recusava, recebia todos, só que as novas que transmitia às pessoas nem sempre eram boas, pois decorria a guerra, e as vítimas nesses anos terríveis eram inumeráveis.

Citamos testemunhos de pessoas que recorreram a Vanga nos longínquos anos de guerra.

Um oficial búlgaro, G. M., de Plovdiv, contou como foi o seu encontro com a profetisa de Petrich. Em maio de 1944, ele e o seu comandante foram ter com Vanga. Os amigos souberam que em Petrich vivia uma adivinha que, muito antes de 9 de setembro de 1943, previra o estabelecimento do poder comunista na Bulgária, pelo que até fora presa. Os oficiais decidiram visitar esta mulher.

Vanga vivia em grande pobreza, mas não cobrava dinheiro dos visitantes. Os oficiais atravessaram o limiar da pobre choupana e ouviram o seguinte: «Tu és da cidade de Ruse, a tua mulher chama-se Maria, é a tua segunda mulher e um pouco surda. A vossa casa fica à beira do Danúbio, tens um filho chamado Itsko.» Vanga começou a descrever pormenorizadamente a vida do coronel, a falar da sua família, mulher e filhos. Os homens ficaram chocados com a precisão destas palavras. Depois, o coronel de Ruse perguntou como correra o destino do seu irmão. Vanga mudou imediatamente de assunto e começou a falar do irmão, que estava vivo, vivia em França, na cidade de Bordéus, não passava necessidades e sofria muito por não se ter despedido dos familiares antes de partir.

Após este encontro, G. M. começou a visitar regularmente esta pobre morada e tornou-se testemunha de muitas profecias de Vanga. Recordava que, quando Vanga dizia: «Túmulo, túmulo...» – significava que a pessoa já não estava viva. Se pronunciava: «Vai, ele encontrar-te-á» ou «Parte, ele virá atrás de ti», queria dizer que a pessoa estava viva e em breve regressaria da frente. Durante 50 dias, enquanto esteve na Bulgária, G. M. ia ter com Vanga e acabou por concluir que ela era um super-humano, um oráculo enviado por Deus à nossa Terra pecadora.

Nesses anos, veio de cima uma ordem para liquidar em Petrich todos os «elementos nocivos», incluindo Vanga, pois com as suas previsões incutia superstição nos corações das pessoas. Enquanto o comandante da cidade pensava no que fazer com a «adivinha», um soldado perdeu um pacote com um relatório importante. O rapaz foi preso e devia ser julgado em tribunal militar. O culpado pediu que lhe dessem um dia para procurar os documentos secretos e, tendo obtido permissão, correu para casa de Vanga para saber a verdade.

Ela descreveu-lhe uma clareira nas montanhas onde ele deixara cair o pacote. «Ainda lá está, ninguém o viu», disse Vanga. O soldado foi ao lugar indicado e encontrou o pacote com o relatório secreto. O comandante, ao saber que a profetisa ajudara o rapaz a encontrar documentos importantes, decidiu que «liquidá-la como elemento nocivo» era prematuro. Vanga ainda poderia ser útil ao comando. Assim, o acaso ajudou Vanga a evitar a morte.

À vidente começaram a recorrer pessoas de outros lugares. Várias vezes veio de Sófia um homem que, pelo aspeto, parecia abastado e próspero, juntamente com a mulher. Os moradores de Petrich invejavam este casal exemplar, como pensavam. No entanto, Vanga disse às vizinhas: «Não se apressem a invejar ninguém antes de saberem o fim da sua vida». Este senhor «próspero» revelou-se um carrasco ao serviço dos alemães. Após a guerra, foi julgado e condenado à pena de morte.

Vanga não só previa os destinos das pessoas que combatiam nas frentes da Segunda Guerra Mundial. A vidente búlgara ajudava os familiares a encontrar pessoas desaparecidas e posteriormente colaborou com as autoridades policiais, fornecendo detalhes de crimes.

Um dia, recorreu a Vanga uma jovem mulher. Estava muito agitada, chorava continuamente e pedia a Vanga que encontrasse a filha de três anos desaparecida no mercado. Vanga disse que a menina fora raptada por ciganos e que passariam muitos anos antes que a mãe soubesse finalmente da filha.

Vinte e dois anos depois, esta mulher foi a outra cidade e, por acaso, na estação ouviu a conversa de duas companheiras de viagem. Falavam de que numa aldeia próxima viviam várias famílias ciganas e entre elas havia uma rapariga de cabelos loiros, nada parecida com uma cigana. A mulher decidiu verificar se não seria a sua filha e foi à aldeia. Viu a cigana loira, e tudo na sua alma estremeceu. A jovem mulher não acreditou na história da velha louca, e o marido queria expulsar a visita importuna. Mas a sogra interveio e disse que, realmente, a menina fora entregue a ela por ciganos de Petrich, que por sua vez a tinham tirado a um camponês mendigo.

A rapariga, ouvindo o relato da estranha e agitada desconhecida, lembrou-se de repente que na infância, no pátio da sua casa, havia um poço escavado e perto dele uma enorme pedra. A mãe, já sem dúvidas de que encontrara a filha, propôs ir à aldeia natal e ver tudo com os próprios olhos. A filha lembrou-se de que tinha um irmão. Chegando a casa, orientou-se facilmente na casa, como se soubesse tudo há muito. O encontro foi tão comovente que toda a aldeia se reuniu, as pessoas choravam de felicidade por a mãe e a filha, após 22 anos de separação, finalmente se terem reencontrado. Assim se cumpriu a profecia de Vanga, e esta história, como uma lenda, correu toda a Bulgária.

Vanga viveu feliz com o marido, mas a guerra separou os jovens – Dimitr foi para a frente. Ao despedir-se dele, a mulher advertiu: «Cuida-te da água». Dimitr combateu no corpo de ocupação na Grécia, e os soldados frequentemente tinham de beber, em vez de água limpa, água podre de pântano. Quando em 1944 Dimitr regressou a casa, já estava gravemente doente: contraíra malária, tremia constantemente de frio.

Infelizmente, cumpriu-se a previsão de Vanga: da água má o fígado aumentou muito, e Dimitr, para se curar, começou a tomar rakia. Viciou-se no álcool e ficou alcoólico. Nenhum conselho da mulher ou dos familiares surtia efeito. Em 1962, aos 42 anos, Dimitr morreu de cirrose hepática. Vanga viveu uma tragédia pessoal. Ela, que curara milhares de pessoas, não conseguira ajudar o próprio marido. Ele não quis mudar o

seu modo de vida: fechava-se sozinho no quarto e bebia todos os dias. Quando ao marido foi diagnosticada a terrível doença, Vanga sofreu muito, emagreceu, andava pela casa como uma sombra, mas, apesar das preocupações, continuou a receber pessoas. Ninguém suspeitava que na casa da vidente se instalara a desgraça.

Quando o marido morreu, Vanga, que nos últimos dias não saía da cabeceira da cama dele e chorara constantemente, adormeceu inesperadamente para todos. Dormiu três dias, até ao funeral do marido. E depois disse que acompanhara Dimitr até ao lugar que Deus lhe destinara. A partir desse dia, Vanga nunca mais tirou o lenço negro de viúva.

Na manhã seguinte, a sobrinha saiu para a multidão de pessoas que, como sempre, esperavam o encontro com a vidente, e disse que não haveria receção – Vanga enterrara o marido. Mas a vidente búlgara obrigou-a a chamar as pessoas de volta. Disse que era necessária às pessoas e cumpriria o seu dever.

Assim era Vanga: por mais difícil que lhe fosse, não recusava as pessoas que vinham de todos os cantos do mundo. «Não murmureis contra o sofrimento que vos couber – dizia a profetisa. O sofrimento é um meio de purificação, como, digamos, um casaco que ficaria sujo se não o limpassem» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Algumas pessoas temiam as suas previsões, acusavam-na de bruxaria e charlatanismo; outras, convencidas da veracidade das suas palavras, elevavam-na aos céus, chamando-lhe novo apóstolo, santa ou profetisa a quem estavam abertas todos os segredos terrestres. A própria Vanga relacionava-se calmamente com tais declarações, mas não se considerava santa e não admitia qualquer culto.

Vanga viveu sempre muito modestamente, não acumulou dinheiro e doou todas as suas modestas poupanças para a construção da igreja de Santa Petka em Petrich, inaugurada em 1994.

A esta cidade ela amava e muito fez pelo seu florescimento.

Entremos na famosa casa de Vanga em Petrich, na rua Opolchenska. É um modesto edifício de dois andares com uma pequena varanda no 2.º andar. Na cidade moderna, a casa de Vanga, «apertada» por todos os lados por novas construções, dificilmente atrairia a atenção de alguém, se

não fosse o enorme e perfumado jardim de flores no pátio. Sobre o amor de Vanga pelas flores correm lendas: ela não só cultivava e cuidava das plantas, mas tratava-as como seres vivos, conversava com elas e frequentemente pedia aos visitantes que viessem com um ramo de flores: as flores podiam «contar» algo importante sobre a pessoa, sobre o seu passado e futuro.

Na casa reinava sempre uma limpeza ideal. Todos sabiam do amor de Vanga pela ordem. Outra paixão da dona da casa era a cor branca. Tudo ao redor era branco como neve – cortinas, colchas nas camas, toalhas de mesa. Mobiliário quase não havia – apenas o indispensável. Em compensação, toda a casa estava atafalhada de presentes de numerosos hóspedes e amigos de Vanga e de pedaços de açúcar. Todos sabiam que a profetisa gostava de brinquedos, e presenteavam-na com bonecas, cavalinhos, souvenirs de madeira, elegantes castiçais e muitas outras coisas. E o açúcar era um dos segredos de Vanga: cada um que vinha ter com ela trazia um pedaço de açúcar, e por ele a profetisa lia o destino. Outrora, Vanga conhecia o destino da pessoa com velas, mas depois, para evitar incêndios, substituiu as velas pelo açúcar. «Assim mandaram eles», disse Vanga, referindo-se às forças superiores que a ajudavam a realizar milagres.

Vanga, todos os dias, enquanto teve forças, limpava a casa. Claro que tinha ajudantes – a irmã e os sobrinhos –, mas a avó distinguia-se pelo laboriosidade e uma limpeza extraordinária. Por que razão fazia todos os dias uma limpeza ideal, explicava assim: «Vem ter comigo todos os dias muita gente. As pessoas vão embora purificadas, e as suas doenças, preocupações, más intenções, memórias pesadas, a sua ofensa e dor ficam aqui, na minha casa. Devo confessar que é muito pesado para os meus ombros este fardo diário. Por isso começo a limpar e arrumar a minha casa não tanto pela limpeza, mas para aliviar a alma. Só uma alma pura pode entrar em contacto com outra alma» (dito por Vanga em 1989 numa conversa com Katya Chapkynova, professora de Petrich).

Vanga muito fez pela sua cidade. Conhecia arquitetos, construtores e as autoridades locais e, apesar da sua ocupação, encontrava tempo para falar com eles sobre o embelezamento de Petrich. Pela sua beleza, a cidade deve em grande parte à participação ativa da profetisa na vida pública da sua região.

Vanga preocupava-se com que, após a sua morte, a cidade caísse em decadência, mas isso não aconteceu: Petrich ainda hoje alegre a vista com o seu belo aspeto, abundância de jardins de flores e parques.

Enquanto teve forças e saúde, Vanga recebia até 100 pessoas por dia. De todos os cantos do planeta chegavam cartas, mas a profetisa nunca respondia: considerava que o contacto pessoal era mais importante do que uma carta. A irmã Lyubka lia as cartas em voz alta e tomava a peito os sofrimentos dos outros. Vanga ouvia, mas nunca respondeu a nenhuma missiva. Um dia, um caso explicou tudo.

Veio ter com Vanga uma família da Checoslováquia. Os pais estavam preocupados porque o filho de oito anos deixara de falar de repente. Tinham enviado várias cartas a Vanga para saber o que fazer, mas todas ficaram sem resposta. Então marido e mulher decidiram vir. Enquanto Vanga conversava com os pais do menino, ele estava no pátio. A multidão apertava (junto à casa de Vanga acumulavam-se cerca de 200 pessoas), as pessoas empurravam-se, e alguém acidentalmente prendeu o dedo da criança na cancela. Ouviu-se um grito. Os pais assustados correram para a rua. Lyubka, a irmã de Vanga, agarrou o menino e meteu o dedo debaixo do jato de água que corria no jardim. Correram os pais, e o menino, esquecendo a sua mudez, começou a contar como tudo acontecera. O milagre ocorreu aos olhos dos pais espantados. Foi por isso, disse Vanga aos checos, que precisavam ter vindo pessoalmente à sua casa, e não enviar cartas todas as semanas. Claro que o pai e a mãe ficaram imensamente felizes ao ouvir novamente a voz do filho.

A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, no seu livro «Vanga: confissão de uma vidente cega», contou às pessoas como decorria o dia da profetisa. A avó levantava-se cedo, às 5 da manhã, e descia imediatamente do quarto para a capela, no 1.º andar. Era uma pequena sala com um ícone milagroso da Virgem Maria em moldura de prata (presente de Jerusalém) e o quadro «A Última Ceia». Num canto pendia uma lâmpada que ardia dia e noite, no parapeito da janela havia flores. Vanga, de joelhos, elevava a Deus as orações matutinas. Era muito religiosa e cumpria todos os ritos e jejuns ortodoxos. Vanga sabia de cor todas as liturgias e nunca saía do serviço religioso antes do fim. De outro modo, não tinha sentido ir à igreja, considerava a profetisa. Quando lia as orações, o seu rosto iluminava-se com uma luz interior e tornava-se

extraordinariamente inspirado. Às vezes, nesses momentos íntimos de comunhão com o Senhor, não conseguia conter as lágrimas, tão forte era a sua oração por ajuda e intercessão. Frequentemente a sua oração começava com as palavras: «Qual é o meu destino, Senhor, e a quem sirvo? Para edificação do mundo ou para fortalecimento da fé?»

Sobre a religiosidade de Vanga contavam os seus familiares. Apesar do amor à igreja e aos ritos religiosos, fazia reparos aos clérigos. Estava zangada com o abandono que reinava no mosteiro de Rila. Não manter a ordem na casa de Deus era para ela um crime. A vidente advertiu os monges de que, se não pusessem ordem no mosteiro, a punição divina os alcançaria. Ali arderia um enorme incêndio, e a abadia queimaria até aos alicerces. Vanga aconselhou os monges a «sacudir» todos os dias os pecados de si.

Um dia, Vanga expulsou um padre que trocara a batina por roupa civil. Quem se consagrara a Deus, considerava ela, não podia vestir-se como um simples cidadão. Um facto interessante conta K. Stoyanova: «Uma vez ofereceram a Vanga uma bonita camisola vermelha. Vestiu-a, mas de repente ouviu uma voz: “Não seduzas com a tua roupa”. E teve de guardar a camisola no armário. Quem serve a Deus deve ser modesto em tudo».

Após a oração, a avó ocupava-se da limpeza da casa, punha tudo em ordem. Para o pequeno-almoço não se apressava, comia pouco, como uma criança, e frequentemente nem tomava o pequeno-almoço. No verão, saía sempre para o jardim, regava as flores e conversava com elas sobre segredos que ninguém conhecia.

A profetisa búlgara raramente partilhava com a sobrinha os seus pensamentos, mas às vezes falava da sua solidão: «Todos os dias vêm pedir algo pessoas estranhas, e raramente alguém pergunta o que eu preciso, do que dói a minha alma, do que sonho, o que sinto. Mas, claro, isso não é uma desgraça. Sinto-me mal quando a pessoa tem pensamentos e objetivos interesseiros, tem o coração impuro. Tenho pena dessas, o seu destino é a inveja constante, a dureza, doenças atormentadoras».

Depois, Vanga recebia hóspedes em Petrich ou ia para o lugar mais pitoresco – o vale de Rupite, onde tinha uma casinha e um jardim, e ali

recebia pessoas. Por volta das 9 da manhã começava a receção dos visitantes.

Durante as sessões, as pessoas, infelizmente, recordavam longe de tudo o que a vidente dizia. Possivelmente, isso estava ligado à perturbação ao contacto com o sobrenatural. Mas este estranho efeito, quando se bloqueavam a memória e a psique, estendia-se também aos próximos de Vanga. Recordaram muitas das suas previsões e contaram-nas ao mundo, mas ninguém lembra os detalhes, e cada um lembra coisas diferentes, um não repete o outro.

São conhecidos casos em que as pessoas tentavam gravar as palavras de Vanga em fita magnética, mas as gravações apareciam apagadas. Uma vez, dois escritores búlgaros gravavam as palavras da vidente num gravador. Quando regressaram ao hotel e ouviram as gravações, na fita estavam canções populares búlgaras, e não as palavras da profetisa.

Cansada, Vanga ia descansar, ficava a sós com os seus pensamentos, e às 5 da tarde estava novamente cheia de forças para receber hóspedes. Vinham ter com Vanga de Petrich, Sandanski, das aldeias próximas e regiões distantes, chegavam hóspedes do estrangeiro. Algumas jovens mães pediam a Vanga a honra de ser madrinha dos seus bebés, e ela raramente recusava. Dizem que a avó Vanga se tornou madrinha de 5 mil crianças búlgaras.

Por volta das 10 da noite, após a oração vespertina, Vanga deitava-se. Apesar da sua cegueira, vivia sozinha em casa e à noite frequentemente descia ao jardim para regar as flores. Não sentia medo. Uma vez, uma cobra entrou no jardim, e Vanga simplesmente passou por cima dela e continuou.

E no dia seguinte esperava-a um novo dia, novamente tinha de receber, ouvir, encaminhar, curar, desmascarar, dar conselhos a novos visitantes. E assim todos os dias de Deus. De onde tirava Vanga forças para suportar todo este fardo de responsabilidade durante longos 55 anos?

Atualmente, muitos cientistas debatem-se com o enigma da natureza das capacidades únicas da profetisa. A própria Vanga dizia que recebera este dom de Deus: «Aconteceu que eu, que ficara inválida e precisava de ajuda, comecei a ajudar todos os sofredores e tornei-me para eles apoio e esperança» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Vanga contava à sobrinha como «via» o passado e o futuro de cada visitante: «Vem ter comigo uma pessoa, e com ela irrompe na minha vida a vida dela, com todas as alegrias e paixões, fracassos e dor. No meu cérebro abre-se uma janela, através da qual observo a vida do meu hóspede. Não importa se ele fala ou cala. Melhor ainda se calar, porque as imagens da sua vida que vejo são acompanhadas de um relato pormenorizado, ouço perfeitamente palavras inaudíveis para ti ou para qualquer outro» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Citamos alguns casos de comunicação de Vanga com alguns dos seus visitantes em diferentes anos da sua atividade de cura e profecia.

Um dia, cedo de manhã, bateram à porta da casa de Vanga. No alpendre, Vanga encontrou um monge, ainda jovem, mas com uma expressão triste no rosto, uma velha curvada e uma mulher de meia-idade, vestida modestamente. Virando-se para o monge, Vanga disse em voz baixa, mas confiante: «Não devias ter vindo de tão longe».

«A minha mãe está doente, o que devo fazer?» – perguntou o monge.

«Tu és monge, a tua mãe é a igreja. Deves viver e trabalhar apenas para a igreja – repreendeu Vanga o confuso servo de Deus. – Deste voto à santa igreja e morreste para o mundo».

O monge ficou perturbado, corou de embaraço e disse em voz baixa e abatida: «Trouxe uma parente. Ainda é jovem, mas quer ir para um mosteiro e tornar-se freira. O que lhe aconselhar?»

Vanga respondeu que a parente dele não era assim tão jovem e tinha família.

«Sim, marido e dois filhos – concordou o monge –, só que com o marido é completa desarmonia».

Vanga indignou-se: «Assim, abandonar o marido e os filhos ao acaso? E esconder-se da família atrás das portas da igreja? Que ideia! Não tem onde se esconder dos olhos chorosos das crianças, as lágrimas das crianças queimarão a mãe renegada. Não tinham que vir de tão longe. Vão embora».

Aqui vai outra história. Um vizinho de Vanga, já idoso, decidiu esconder para um dia negro a única coisa valiosa – um colar com 10

moedas de ouro de antiga cunhagem. Escondeu o colar num saquinho, e o saquinho coseu numa almofada. Passado algum tempo, o velho descobriu no seu quarto a almofada rasgada – o dinheiro desaparecera. Sem pensar muito, decidiu que as moedas foram roubadas pelo vizinho com quem às vezes brigava e resolveu processar o ladrão. Antes de levar a denúncia ao tribunal, decidiu verificar as suas suspeitas com Vanga.

«De onde soubeste quem é o ladrão? – perguntou Vanga. – Vai para casa, debaixo do alpendre, perto do celeiro, está pendurada uma bolsa, tira-a e mexe bem lá dentro – encontrarás o perdido. E no futuro nunca ofendas as pessoas com a tua suspeita».

No dia seguinte, mal amanheceu, chega a correr o mesmo velho e grita: «Vanga, abre a porta, não aguento esperar!» Vanga abriu a porta, o velho caiu-lhe aos pés com as palavras: «Obrigado, nunca esquecerei que me salvaste do pecado. Foram os netos malandros que roubaram as moedas, e o vizinho não tinha nada a ver, quase desonrei um homem honesto!» Acontece que os netos estudantes tinham espiado o avô a esconder o colar e roubaram as moedas. Graças a Vanga, o roubo foi descoberto.

Muitos biógrafos de Vanga citam a história da chinesa Sun. Esta rapariga estudava em Sófia na Academia de Artes, apaixonou-se por um búlgaro e casou com ele. Em 1971, veio ter com Vanga para, tal como muitos, saber o seu destino. Vanga previu-lhe que Sun regressaria à pátria e se tornaria uma pintora conhecida. «Vejo o teu país, os teus lugares natais, campos inundados de água, rebentos verdes de arroz, casas baixas, pessoas a trabalhar no campo... São tão pobres que nem sapatos têm, e aos pés amarram umas sandálias de madeira», assim transmitiu Vanga a Sun as suas visões.

A vidente disse também que a criança de Sun estava gravemente doente, paralisada, mas que só uma pessoa poderia salvar a criança – ela própria. «Tu lidarás com esta grave doença, vencerás, o teu filho recuperará», consolava Vanga a mulher desesperada.

De facto, Sun foi para a China e tornou-se famosa lá como pintora original. A criança de Sun estava gravemente doente, e a mulher, para o salvar, começou a estudar acupunctura. Pôs o filho de pé, e também ajudou outras pessoas a curarem-se das doenças. Assim se cumpriu o

previsto por Vanga, e a pintora Sun, em vez de desespero, ganhou esperança e fé nas suas forças e conseguiu vencer a doença do filho.

A Vanga vinham muitas celebridades. Um dia, à porta da sua casa apareceu um conhecido pintor búlgaro. Vanga, contrariamente à tradição estabelecida, conversou longamente com este homem e disse o seguinte: «Trabalhaste muito, mas és pobre e não tens nada. Esforça-te por preservar o teu alto espírito, a fé no teu chamamento e talento. Esperam-te grandes dificuldades. Na tua vida haverá uma derrota muito grande, e partirás sozinho». Ao despedir-se de Vanga, o pintor ofereceu-lhe o seu quadro «Cristo com os discípulos no meio de um grande campo» (este quadro esteve muitos anos pendurado na casa dela em Petrich).

Aconteceu que o pintor casou com uma rapariga contra a vontade dos pais dela. Eles fizeram tudo para destruir este casamento, e até foram ter com Vanga em busca de conselho. Só que a vidente deu uma sentença completamente diferente da que eles queriam ouvir. Vanga disse que o pintor, homem pobre mas honesto, fora unido à filha deles pelo amor. Destruir a família deles e deixar as crianças órfãs era um grande pecado. No entanto, os pais não ouviram Vanga e conseguiram o divórcio da filha. Mas não se alegraram por muito tempo com a vitória: ocorreu uma terrível tragédia – a filha deles morreu num acidente de carro. Tal como previra Vanga, as duas crianças ficaram órfãs, e o pintor terminou o seu caminho em completa solidão.

Há inúmeros exemplos de previsões de Vanga sobre destinos humanos. Aqui vai outra história dramática. Uma mulher que vivia no Canadá perdeu o marido e o filho: o marido foi assassinado, e a criança raptada. Atormentada pelos sofrimentos, a mulher começou a procurar um curador que a ajudasse a superar as dores da alma. Viajou por muitos países e finalmente veio ter com Vanga na Bulgária. No verão de 1987, encontrou-se com a adivinha búlgara.

«De facto, uma grande desgraça te atingiu – disse Vanga –, perdeste o marido e o filho. Mas diz-me sem esconder nada – a criança não a deste tu à luz?» A mulher confirmou que adotara o menino, tirando-o de um orfanato.

«Ouve com atenção – disse a profetisa –, este menino está vivo, levaram-no para a Austrália, vive numa grande cidade, vai à escola. Os novos pais fazem tudo para que ele esqueça a antiga família e a pátria.

Na tua quota cairão ainda muitas provações, mas no final encontrarás o filho e trá-lo-ás de volta para casa».

Esta história dramática teve continuação: os assassinos do marido foram punidos. Um deles, no tribunal, confessou que a criança fora raptada e agora vivia numa rica família aristocrática. Passou muito tempo até que a mãe conseguisse, como previra Vanga, ver o filho. Consola o facto de esta triste história ter tido um final feliz.

Vanga acreditava firmemente que o destino de uma pessoa ninguém pode mudar, e mesmo assim tentava evitar um desfecho trágico. Assim, um dia veio ter com ela um jovem homem. Após responder às suas perguntas, Vanga disse: «Promete-me que virás a 15 de maio. Que nada te impeça de estar aqui a 15 de maio».

Aconteceu que exatamente nesse dia – 15 de maio – um amigo convidou este jovem a ajudar na construção de uma casa. O rapaz, claro, não pôde recusar e decidiu ir ter com a vidente a 17 de maio. Mas ocorreu uma fatal combinação de circunstâncias, e este homem foi atropelado por um comboio. Tudo aconteceu a 15 de maio.

Vanga provavelmente viu o futuro deste homem e sabia o trágico final próximo. Queria de algum modo evitar a morte do jovem, mas não conseguiu: mudar o destino de uma pessoa não estava nas suas forças.

Todos os dias, para a modesta casa de Vanga na rua Opolchenska, acorriam centenas de pessoas, todos os dias ela tornava-se testemunha de infortúnios, tragédias e doenças alheias, e todos os sofrimentos humanos passava pelo seu coração. E as pessoas continuavam a vir... Vanga tinha de transmitir aos visitantes tanto notícias tristes como felizes.

Um dia, veio ter com a vidente um professor de desenho de Petrich. Era pobre e além disso doente. Vanga previu que na velhice este homem enriqueceria e se tornaria famoso. Alguns anos depois, o modesto professor de desenho ganhou na lotaria desportiva 20 mil levs, depois mais 10 mil. Graças à riqueza inesperada, pôde deixar o ensino e dedicar-se seriamente à pintura. Os conhecedores de arte interessaram-se pelos

seus quadros, e muito em breve apareceram compradores, o pintor ganhou fama.

Claro que os destinos das pessoas são diferentes. Alguém, como este pintor, tira o bilhete premiado, alguém, infelizmente, espera duras provas e até a morte. Mas tudo, como se diz, é vontade de Deus.

Uma vez, vieram ter com Vanga pais com a filha doente. A rapariga não conseguia abrir os olhos: as pálpebras fechavam-se sozinhas. Vanga, sem lhes perguntar nada, disse: «Levai a filha a Sófia, aos melhores médicos. Mas, aliás, tudo é inútil, eles não poderão ajudá-la». Os pais chorosos partiram com a filha doente e infeliz, e Vanga, deixando cair as mãos sem forças, ficou sentada, olhando fixamente para um ponto.

Mais uma tragédia passou pelo seu coração, e ela nada pôde fazer para ajudar.

K. Stoyanova recorda que muitos invejavam Vanga, o seu dom profético, a sua fama mundial, só que o fardo desta fama era insuportavelmente pesado. E quão dolorosamente doloroso – ver a morte próxima de uma pessoa e não ter forças para evitar o desfecho fatal – só a vidente Vanga sabia.

Um dia, veio ter com a profetisa um importante senhor de Sófia. Acompanhavam-no duas damas. O hóspede comportava-se com grande dignidade, estava vestido impecavelmente, os sapatos brilhavam de negro. Só uma coisa era incompreensível – quantos anos teria. Lyubka (a irmã de Vanga) ganhou coragem e fez-lhe esta pergunta. «Oh, sou um velho tronco muito velho – riu-se o hóspede –, participei na Primeira Guerra Mundial como oficial. Sobrevivi por milagre, e agora esforço-me por cuidar apenas de mim e da minha saúde, sim, apenas de mim. Eis o segredo da minha juventude».

Vanga, às últimas palavras do oficial que se rejuvenescia, bateu com o pé e disse com raiva: «Eh-eh, basta-te, até aqui chega!» Ninguém compreendeu estas palavras. O hóspede presunçoso da capital retirou-se com dignidade. Três dias depois, chegou a notícia de que este longo narcisista morrera subitamente. Eis o que significavam as palavras de Vanga: «Até aqui – e basta!»

Vanga pressentia a desgraça que se aproximava, embora nem sempre pudesse explicar a causa da sua inquietação. Lyubka, a irmã dela,

contou um caso que ocorreu a 1 de novembro de 1950. Nesse dia, Vanga, juntamente com vizinhas, foi ao mosteiro de Rila assistir ao serviço solene por ocasião do dia de São João. O serviço foi longo e muito belo. Antes do fim da liturgia, Vanga começou a comportar-se de modo muito estranho: virava a cabeça, como se escutasse algo. Começou a convencer os fiéis a saírem da igreja, mas ninguém a ouviu. Então Vanga saiu sozinha da igreja, apanhou o autocarro e regressou a casa.

E aconteceu o seguinte: uma terrível nuvem de trovoadas cobriu todo o céu sobre o vale do rio Rila, trovejou, caiu um raio, torrentes de água desabaram do céu sobre a terra. Uma trovoadas tão forte não se via há muito nestes lugares. O rio Rila transbordou e inundou as casas e estradas próximas. Os fiéis de Petrich ficaram tão assustados com esta catástrofe natural que não conseguiram pegar nas suas coisas, e a corrente do rio levou-as. A sogra de Lyubka, encharcada e assustada, conseguiu de algum modo chegar a Petrich, adoeceu e demorou muito a recuperar. E se as pessoas tivessem ouvido Vanga, teriam regressado a tempo às suas casas.

K. Stoyanova cita outro caso em que o desprezo pelo conselho da vidente custou a vida a uma pessoa. Foi assim. Veio ter com Vanga um búlgaro idoso que na juventude emigrara para a Áustria, lá casara e enriquecera. Vivia rica e felizmente, mas consumia-o a saudade da pátria. Este senhor decidiu participar na pátria na festa anual de outono da colheita. Vanga advertiu o hóspede de que no início desta festa, por tradição, era preciso sacrificar um cordeiro e preparar um prato antigo – kurban. A vidente ordenou ao hóspede que comprasse o cordeiro e o sacrificasse ele próprio, senão aconteceria uma desgraça. Mas o hóspede, aparentemente não dando importância às palavras de Vanga, não o fez e morreu subitamente. Foi enterrado na pátria, na Bulgária, pela qual sentia saudades que não o deixavam em paz.

Os familiares de Vanga

Vanga, como já dissemos, viveu sozinha após a morte do marido (em 1962), mas estava sempre rodeada de pessoas próximas – a irmã mais nova, os filhos dela (sobrinhos de Vanga) e amigas, que estavam presentes nas sessões e ajudavam a receber os numerosos hóspedes. É preciso prestar homenagem a estas pessoas, que durante muitos anos estiveram ao lado da sua famosa parente e não deixavam de se admirar de onde tirava uma simples camponesa búlgara um talento tão único.

Falemos um pouco do círculo mais próximo de Vanga.

A pessoa mais próxima da vidente era a sua irmã mais nova, Lyubka. Com ela Vanga viveu os duros anos de provações, fome e miséria que couberam na infância e juventude. Com ela Vanga, que nunca se distinguira particularmente pela franqueza, partilhava raramente os seus segredos, dúvidas e descobertas. Lyubka recordava: «Há quantos anos estamos juntas! Desde o dia do meu nascimento, pode dizer-se, não me afasto dela, e mesmo assim fico em completa ignorância – de onde vem na irmã tais capacidades? Que capacidades são essas? Não sei.

As pessoas chamam a nossa Vanga de tudo: vidente, adivinha, curandeira, oráculo. Para mim ela é uma misteriosa profetisa, a quem o futuro e, claro, o presente são igualmente claros. Há muito renunciei a explicações, não as procuro, sabendo que nada encontrarei, não tento espreitar para o laboratório da sua alma, embora espreitar não seja preciso, Vanga está toda aberta, mas não é com esses olhos que é preciso olhá-la. Não, não com os que temos, mas com outros completamente diferentes...» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Além de Lyubka, Vanga tinha mais dois irmãos – Vasil, que morreu na guerra, e Tome, que após a guerra viveu na Jugoslávia e morreu em 1981. Vanga, que tantas vezes advertia as pessoas dos perigos que as ameaçavam, não conseguiu proteger os seus próximos da desgraça. Já contámos o que aconteceu ao marido de Vanga. Agora falaremos do irmão Vasil.

Lyubka acompanhava Vanga para todo o lado: estava presente nas sessões, atuava como tradutora (Vanga sabia apenas búlgaro), ajudava nas tarefas domésticas e às vezes viajava com ela (Vanga saía muito raramente de Petrich).

Já no fim da guerra, em maio de 1944, em Strumica foi formado um destacamento partidário, e Vasil, juntamente com Lyubka, decidiram alistar-se nas suas fileiras (Lyubka escondeu a intenção da irmã mais velha).

Vanga, ao saber da decisão do irmão, ficou terrivelmente triste e começou a suplicar-lhe que desistisse desta ideia. «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos», chorava a profetisa, mas em vão: o irmão não acreditava nas previsões e foi para o destacamento juntamente com Lyubka.

Em outubro de 1944, Vasil, que se tornara comandante de um grupo de sapadores, recebeu a tarefa de fazer explodir uma ponte perto da aldeia de Furka, para cortar a retirada às tropas fascistas. A tarefa foi cumprida, mas na pressa Vasil perdeu o documento de identidade. Quando os alemães desmontavam os restos da ponte, encontraram este documento e prenderam todos os habitantes da povoação.

Levaram as pessoas para a igreja e ameaçaram fazer explodir o templo se, no espaço de uma hora, o culpado não se confessasse. Vasil saiu da multidão e confessou a explosão da ponte. A sua morte foi terrível: os fascistas torturaram-no brutalmente: deitavam chumbo derretido nos ouvidos, furavam o corpo com baionetas, e depois fuzilaram-no. O cadáver de Vasil, desfigurado até ficar irreconhecível, ordenaram que não fosse enterrado como exemplo para os restantes. Vasil morreu a 8 de outubro de 1944, quando fez 23 anos.

Lyubka, em 1948, casou com o homem que a irmã lhe previra. Lyubka e Stoyan tiveram três filhos: Krasimira, Anna e Dimitr. Em 1966, a família de Lyubka mudou-se para Petrich, pois a Vanga, após a morte do marido, tinha dificuldade em receber sozinha as pessoas e lidar com as tarefas domésticas. Um dia, a multidão de pessoas que imploravam ajuda e cura quase esmagou a própria vidente. Após este caso, a família Gaygurova mudou-se de Sandanski para Petrich. E em 1967, como já dissemos, Vanga tornou-se funcionária estatal, passaram a pagar-lhe salário, um polícia velava pela ordem na casa, um caixa cobrava o pagamento pela receção, a Vanga foi atribuída também uma ajudante para a casa e uma cozinheira.

Stoyan Gaygurov estava, como muitos outros, impressionado com o dom profético de Vanga: ela não só lhe «adivinhou» o casamento com a irmã dela, mas também, ao nascerem as crianças, previu a cada uma o seu destino. Assim, sobre a filha mais velha, Krasimira, Vanga disse que se interessaria por línguas estrangeiras e estudaria hieróglifos. Após terminar a escola, Krasimira ingressou na faculdade de filologia turca e realmente começou a estudar línguas orientais e a decifrar hieróglifos. Posteriormente, tornou-se biógrafa da sua famosa tia e escreveu 3 livros sobre ela.

As suas anotações sobre Vanga começou a fazê-las aos 16 anos, e muitos factos da sua biografia, bem como as suas profecias, tirámo-los dos livros de Krasimira Stoyanova.

À filha mais nova de Stoyan Gaygurov, Anna, a tia previu que seria médica. Anna tinha bom ouvido musical e desde criança tocava piano. Os pais pensavam que a filha dedicaria a vida à música, mas enganaram-se. Por alguma razão, Anna apresentou documentos ao instituto médico, concluiu-o e tornou-se uma boa médica. Nunca se arrependeu posteriormente de ter escolhido a medicina e não a música.

O filho de Lyubka e Stoyan, Dimitr, tal como previra Vanga, recebeu formação técnica e tornou-se engenheiro.

Um dia, Dimitr contou o choque que viveu em 1988. A tia, três dias antes do evento descrito, estava muito calada, não falava com ninguém e pedia que não a incomodassem. Ao quarto dia, chamou o sobrinho e pediu que se sentasse ao lado numa cadeira. Dimitr arrepiou-se de horror quando Vanga falou de repente com uma voz estranha e desconhecida. Entrou em transe e disse textualmente o seguinte: «Sou a alma de Joana d’Arc. Vim de longe e dirijo-me a Angola. Lá agora corre muito sangue, e devo ajudar a estabelecer a paz lá». Depois, com a mesma voz, Vanga pronunciou: «Não acusem esta alma de nada. Ela não é vossa. Não é de ninguém. Testemunha disso é a vossa mãe (a nossa mãe – Lyubka), que a carregou numa tina quando estava à morte.

Então, num instante, a alma dela voou, e no corpo instalou-se outra alma. A vossa mãe recuperou para continuar a sua vida terrena. Mas agora a alma dela já não vos é parente, a vós, filhos, e não vos pode reconhecer. A vossa mãe deve visitar Notre-Dame de Paris, onde deve passar a noite em vigília de oração: assim vos serão revelados os segredos sobre o mundo que nos rodeia» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Depois seguiu-se um longo silêncio. Vanga voltava a si: desaparecia a palidez mortal, aparecia rubor, mas a lentidão nos movimentos demorou a passar – tais sessões de sono hipnótico custavam muito a Vanga. Dimitr compreendeu que fora testemunha de um milagre inexplicável.

Este caso explica o desejo de Vanga de visitar a catedral de Notre-Dame de Paris. Mas este desejo, infelizmente, não se realizou, e o mundo não conheceu muitos segredos que a vidente Vanga devia saber (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Como dissemos, a sobrinha de Vanga, Anna, tornou-se médica. Passados anos, deixou memórias sobre a sua famosa tia. Vejamos as suas palavras.

«Desde pequena – diz Anna –, vivi no “campo de atração” de Vanga, como todos os nossos familiares e próximos». Anna recorda que os médicos inicialmente recusavam terminantemente reconhecer o dom profético de Vanga. Chamavam-lhe charlatã, adivinha, falavam que se dedicava a magia negra, mantinha todo um staff de espiões que recolhiam informações sobre os visitantes e as transmitiam à esperta especuladora e vigarista. Mas Vanga deixava passar ao lado todas estas calúnias, vivia pobremente, não cobrava dinheiro dos visitantes, e todos estes rumores eram provocados provavelmente pelo sentimento de inveja ao seu dom.

E eis que chegou o dia surpreendente em que veio visitar a vidente búlgara ninguém menos que um luminar da ciência médica, o doutor e psicólogo Georgi Lozanov. E começaram as investigações.

Lozanov tornou-se para toda a família de Vanga quase um parente. Sensível e atento, recolhia factos para encontrar uma explicação e dar uma definição científica ao fenómeno de Vanga. Foi exatamente então, nos anos 1970, que surgiu este termo – «fenómeno Vanga». Anna, como pessoa com visão materialista do mundo, relacionava-se com estas investigações com ceticismo. Como dar uma explicação científica àquilo que está além dos limites do conhecimento humano? Nunca conseguia compreender como a tia «escura» do ponto de vista da ciência médica podia diagnosticar sem erro e curar pessoas. Que diagnóstico... Como podia prever o destino de uma pessoa? E o mais surpreendente: tudo o que previa cumpria-se com precisão fatal.

A sobrinha de Vanga chegou à conclusão de que não podem as pessoas inteligentes e cultas, entre as quais se incluía ela própria, orgulhar-se dos conhecimentos adquiridos. E onde está a fronteira entre o conhecimento e a ignorância, se uma simples mulher quase analfabeta podia curar pessoas de doenças perante as quais a ciência oficial encolhia os ombros? «Nós, búlgaros – considera Anna –, devemos alegrar-nos por no nosso pequeno e modesto país ter vivido uma mulher surpreendente – Vanga. O Altíssimo mostrou-se muito generoso para connosco.

Claro que as capacidades fenomenais da vidente búlgara são investigadas e continuarão a atrair a atenção cuidadosa de cientistas de diferentes profissões e gerações. Quem sabe, talvez aos mais talentosos, aos mais atentos delas se abra uma janelinha para o misterioso mundo cego da nossa vidente – Vanga» (K. Stoyanova, Vanga: confissão de uma vidente cega).

Costumes e festas do povo búlgaro

A Bulgária é um país ortodoxo, e aqui, como noutros Estados ortodoxos, o povo sempre celebra as festas religiosas: Páscoa, Natal, Domingo de Ramos, Dormição da Virgem Maria, dia de São Jorge. Vanga especialmente amava a Páscoa e o Domingo de Ramos, em búlgaro – Tsvetnitsa (possivelmente porque um atributo indispensável da festa são raminhos de salgueiro e flores). Vanga contava como nos anos 20-30 do século XX, na Tsvetnitsa, as raparigas de Strumica colhiam urtigas, crista de galo e cozinhavam um bolo folhado festivo – banitsa. E à noite vestiam trajes populares, enfeitavam a cabeça com grinaldas de tulipas, iam de casa em casa e cantavam canções. Vanga lembrava-se bem e cantava ela própria estas canções populares, tinha uma voz bela e ouvido musical: na juventude, na casa para cegos, estudara música e tocava piano. Eis o que cantava Vanga:

A neve cobre os pátios uniforme. Com duas grinaldas de manjerição branco, Um rapaz ousado espreitou para o pátio dela, Atrai-a e ordena-lhe: «Aproxima-te, Dá-me um tulipa, donzela, vermelha-vermelha — Vou enfeitar-me, tornar-me-ia querido para ti...»

Na Bulgária há muitas pessoas crentes. No Domingo de Ramos, tanto os adultos como os escolares, após o serviço religioso, saíam da cidade, levando nas mãos raminhos de salgueiro bentos. A festa simbolizava a Entrada do Senhor em Jerusalém na véspera da Páscoa. A procissão era encabeçada pelo sacerdote, que ia montado num burro e cantava: «Comunhão, ressurreição».

A todos as crianças davam um pequeno sino com uma fita. Os miúdos penduravam-nos ao pescoço, os sinos tilintavam, provocando o entusiasmo das crianças. Fora da cidade, com os raminhos de salgueiro teciam grinaldas e depois colocavam-nas junto ao iconóstase. Todos

cantavam, alegravam-se, glorificavam o Senhor. Lyubka e Vanga participavam nesta festa juntamente com todos os outros.

A relação de Vanga com as festas era de uma pureza e alegria infantis. Na Maslenitsa, no Domingo do Perdão, Vanga convidava convidados para sua casa. É um grande dia — o dia do perdão geral. Vinham os familiares e os numerosos afilhados de Vanga com os seus pais (a vidente búlgara, como já foi referido, tornou-se madrinha de mais de 5 mil crianças). Ela interessava-se, perguntava o que acontecia nas suas vidas. Impressionante, mas Vanga conhecia todos pelo nome, lembrava-se de como tinham decorrido os batizados, quem fora o sacerdote.

Na Bulgária, no Domingo do Perdão, as pessoas reúnem-se, pedem perdão umas às outras por todas as ofensas do ano passado, comunicam. Na mesa festiva colocavam-se bolos, halva branca e de tahini.

Krasimira Stoyanova descreveu um costume local: um dos homens prendia numa corda amarrada a uma rocha um ovo e um pedaço de halva branca e passava a corda por cima da mesa. Cada um dos presentes tentava apanhar com a boca o ovo ou o pedaço de halva sem ajuda das mãos. Quem conseguisse — o ano seria feliz. Depois, ofereciam a cada um um carvão ardente para que tudo o mau se queimasse no fogo. Mas o mais interessante começava após o banquete: na rua acendiam uma grande fogueira e todos saltavam por cima do fogo para se purificarem de tudo o mal e ganharem força e saúde.

No entanto, a festa mais interessante era a Anunciação (25 de março pelo estilo antigo). Nesse dia celebravam-se os anos de Vanga, pois o seu nome é consonante com esta festa — «portadora da boa nova». Muitas pessoas vinham felicitar a avó. Todos se reuniam num prado, no vale de Rupite, cantavam canções populares, dançavam o horo búlgaro. Vanga cantava em dueto com a irmã Lyubka. Ambas as irmãs tinham ouvido musical e cantavam maravilhosamente. As pessoas ouviam-nas com grande prazer. Como era alegre naquela altura! Junto de Vanga reuniam-se pessoas para a ouvir: ela era uma excelente contadora de histórias e tinha um bom sentido de humor. E ao redor estendia-se o vale de Rupite de uma beleza extraordinária. As paisagens pitorescas destes lugares ainda hoje impressionam a imaginação dos visitantes.

Krasimira partilhou memórias de outra festa — o Natal. Na véspera de Natal, toda a família Pandevi, Gushterovi e Gaygurovi reunia-se na casinha de Vanga. Na rua estava fresco, mas não havia neve. A neve, para grande pena das crianças, é muito rara por aqui. Na lareira acendiam o fogo. Em casa decorria a todo o vapor a preparação para a festa. Pela tradição, no Natal era preciso preparar 13 pratos magros e cozer um bolo festivo. Vanga era mestre em cozer bolos, cozinhava deliciosamente pratos nacionais búlgaros. O bolo de Natal tinha um segredo — nele era cozida uma moeda.

A quem calhasse o pedaço com a moeda cozida, teria sorte todo o ano. Claro que todos queriam ser esse felizardo. Antes do jantar, as crianças saíam para o pátio com uma vela acesa, o bolo de Natal e um incensário com incenso. Convidavam o Senhor a provar os petiscos e depois passavam com o incensário à volta da mesa festiva. Após as orações ao Criador, todos se sentavam à mesa. Na lareira o fogo ia-se apagando e, pelo modo como ardia a lenha e qual era o calor na lareira, determinava-se como seria o ano. É uma antiga adivinhação. Profetizar, claro, era confiado à avó Vanga. Todos a escutavam, prendendo a respiração, embora a vidente não visse o fogo e previsse graças ao seu dom único.

Outra festa era venerada pela vidente — o Dia de São Jorge. Na véspera da festa, as mulheres amassavam a massa e cozinhavam doces saborosos. E de manhã, após o serviço religioso em honra de São Jorge Vencedor, subiam ao monte Belasitsa, estendiam toalhas e dispunham os petiscos. Vanga contava várias histórias, das quais era grande apreciadora, ensinando obrigatoriamente as crianças que por tudo o bom e o mau as pessoas terão de prestar contas perante Deus.

O testamento de Vanga

A sua própria morte Vanga previu um mês antes do falecimento. Quando a levaram para a unidade de cuidados intensivos do hospital governamental em Sófia, recusou ajuda médica, confiando tudo à vontade do Senhor. A 10 de agosto de 1996, Vanga disse que os espíritos dos parentes falecidos a chamavam. Conversava com eles, fazendo movimentos com a mão como se acariciasse alguém na cabeça, e depois a eternidade abriu-lhe as suas portas.

Assim o mundo se despediu da mais sábia e venerada vidente do século XX em todos os países, a octogenária Vanga Gushterova. A Igreja búlgara demorou muito a decidir canonizar Vanga, pois a atividade da vidente búlgara em vida (especialmente as adivinhações e a comunicação com os mortos) não correspondia aos dogmas e cânones religiosos, aliás, contrariava o ensino da Igreja. Mas as pessoas comuns já há muito consideravam Vanga uma santa.

Muitos perguntam-se por que razão Vanga, que curou uma grande quantidade de pessoas de várias doenças graves, não conseguiu (ou não quis) curar-se a si mesma da doença mortal. Existe um antigo provérbio indiano: «Só pode ser grande curandeiro aquele que conseguir vencer a própria doença». Resulta que Vanga não era tão grande curandeira como a consideram em todo o mundo. Se é assim ou não, cabe-nos descobrir.

Recordemos as palavras proféticas de Vanga, que previu a sua morte em 1990: disse que partiria desta vida exatamente daqui a 6 anos, o que de facto aconteceu (estas palavras Vanga disse à curandeira russa Lyudmila Kim, com quem foi amiga nos últimos anos). Em 1992, a vidente búlgara adoeceu gravemente, os médicos diagnosticaram cancro do estômago. Vanga previa que no século XX «as pessoas acorrentariam o cancro com correntes de ferro» e ela própria morreu desta grave doença.

Como conseguiu Vanga parar a doença em 1992? Pelo visto, como dizia a própria vidente, o tempo de vida é medido ao homem por Deus e ninguém pode adiar a própria morte nem que seja um dia: tudo está predeterminado de antemão por forças superiores. Em 1992, Vanga conseguiu suspender o curso da doença, conseguiu parar outra maleita na primavera de 1996 — uma fortíssima intoxicação do organismo. Em agosto de 1996, a profetisa de 85 anos adoeceu novamente.

Desta vez, uma forte intoxicação coincidiu com a exacerbação da doença oncológica. Vanga aceitou ir para a clínica governamental em Sófia. Os médicos, vindos de diferentes países para um congresso científico, decidiram operar, mas a vidente búlgara recusou categoricamente a intervenção cirúrgica e declarou que morreria a 11 de agosto às 10 horas e 10 minutos. «Inutilmente se afadigam e cacarejam os médicos. Olhem como vieram de todo o mundo! E eu viverei o quanto me está predeterminado viver. Lá sabem melhor. Lá disseram.» — assim foram as palavras de Vanga pouco antes da morte. A 11 de agosto, às 10

horas e 10 minutos, Vanga deixou de existir. Terminou o seu caminho terreno e foi cumprida a sua pesadíssima missão de ser condutora entre o céu e a terra, entre Deus e os homens.

Vanga deixou testamento em nome do seu amigo — o doutor Napoleonov, o mais antigo ativista social da cidade de Petrich, no qual transmitia todas as suas poupanças e as duas casas (em Petrich e Rupite) ao Estado e ao fundo que leva o seu nome. Vanga explicou assim a sua última vontade: «O homem vem a este mundo pobre e pobre dele parte». Antes da morte, disse que o seu dom o transmitia a uma rapariga de França. Em breve ela faria 10 anos e, ao receber o dom, deveria ficar cega (como outrora acontecera com a própria profetisa).

Vanga foi sepultada junto à igreja de Santa Petka em Rupite, construída, como já foi referido, com os meios da própria vidente. O templo, no qual foram gastos todos os aforros da vidente búlgara, — é a própria Vanga — um enorme mundo desconhecido de amor e de fé ilimitada no bem. Só que após a sua construção Vanga adoeceu gravemente e a sua vida aproximava-se do ocaso.

A curandeira legou que a sepultassem junto à casa, entre as flores queridas do seu coração. E ainda pediu que convidassem para o funeral os cantores do coro da igreja. A vontade de Vanga não foi cumprida. O coro da igreja cantou, acompanhando Vanga no último caminho, junto à igreja de Santa Petka.

Agora à sepultura da vidente vão e vão pessoas, como outrora iam em fluxo ininterrupto à sua casa em Petrich e Rupite. Aqui chegam pessoas de diferentes cantos do mundo, rezam orações e pedem um desejo, que obrigatoriamente se deve cumprir. Elas acreditam que mesmo após a morte Vanga continua a ajudar as pessoas, cura das maleitas e protege das vicissitudes da vida.

A curandeira Lyudmila Kim, que conheceu bem Vanga em vida, recorda que a vidente lhe apareceu em sonho e pediu que levasse à sua sepultura um pedaço de tecido vermelho. Kim surpreendeu-se (pois Vanga não gostava da cor vermelha), mas cumpriu a vontade da falecida. Levou 3 pedaços de tecido — veludo, brocado e seda — e pendurou-os no túmulo. E aconteceu um milagre — Kim e as pessoas presentes afirmam que viram a imagem de Vanga aparecer junto à sepultura. De facto, o rosto da

vidente ficou registado nas fotografias tiradas nesse instante. Assim, Vanga mesmo após a morte continua a comunicar-se com o mundo dos vivos.

Os ensinamentos de Vanga

«Sejam sábios.»

Vanga não gostava de se encontrar com políticos e prever eventos de escala mundial. Demasiado pesadas lhe eram essas profecias, pois via sangue, dor, morte e tragédias de povos e de Estados inteiros, mas não podia mudar nada nem influenciar o curso dos eventos. A profetisa apenas podia chamar as pessoas a não desesperarem e a acreditarem no bem: «Não é um dia, não são dois, já há 53 anos que não há paz na minha alma. Mas digo-vos: só o bem pode vencer o mal. A bondade é a graça de Deus. Sejam sábios, não acreditem em discursos loucos! Então salvar-se-ão mais depressa» (dito por Vanga em 1994).

Todos os sofrimentos humanos não são por acaso, considerava Vanga. A vida humana, tal como os destinos de povos inteiros da terra, está predeterminada lá de cima e é preciso aprender a paciência e a coragem para resistir ao mal. «Nada é por acaso, nada é por acaso — advertia os vivos a vidente Vanga. — Por isso digo a todas as pessoas que a nossa consciência deve reorientar-se para a bondade. E isto não é apenas um desejo. A Terra entra num novo trecho de tempo, que se pode caracterizar como tempo das virtudes. Este novo estado do planeta não depende de nós, ele chega, quer queiramos ou não. O novo tempo exigirá um novo pensamento, outra consciência, pessoas qualitativamente novas, para que não seja violada a harmonia no Universo» (dito por Vanga em 1980).

O renascimento espiritual da humanidade chegará, segundo as palavras de Vanga, muito em breve, no século XXI: a paz voltará à terra e às almas das pessoas, cansadas do mal.

Tentativas de acusar Vanga de colaboração com os serviços especiais

Nos últimos tempos apareceram na imprensa publicações que mancham a memória da grande vidente. Os «desmascaradores» acusam Vangeliya Gushterova (de solteira Surcheva) de colaboração com os serviços especiais, afirmando que os segredos sobre os seus visitantes

eram transmitidos a Vanga não por míticos extraterrestres de outros mundos, mas pelos chekistas* búlgaros. Acusações tão absurdas foram lançadas contra a avó Vanga ainda em vida. Só que ela, mulher sábia e que muito sofrera na sua vida, relacionava-se com essa calúnia com calma. Como disse outrora o grande poeta russo: «Aceita indiferentemente o louvor e a calúnia e não discutas com o néscio». As pessoas que conheceram bem Vanga durante muitos anos, os habitantes da aldeia de Petrich, declaram que todos esses boatos são mentira: Vanga sempre se distinguiu por uma honestidade excepcional e simplesmente não podia trabalhar para os serviços de inteligência.

**(A primeira polícia secreta soviética criada em 1917 por Lênin, cujo nome completo era Comissão Extraordinária Pan-Russa para o Combate à Contrarrevolução e à Sabotagem.)*

O conhecido paranormal Yuri Gorny também considera que Vanga trabalhava para os serviços especiais búlgaros. Segundo a sua versão, o material sobre os visitantes de Vanga era recolhido previamente por empregadas de limpeza de hotéis recrutadas pelos serviços especiais, onde se hospedavam as celebridades, e por taxistas. Ninguém conseguia chegar imediatamente a Vanga, as pessoas marcavam consulta quase um ano antes e os funcionários do KGB tinham tempo de reunir um dossiê completo sobre cada pessoa. Posteriormente, ao encontrar-se com o visitante, esse dossiê era apresentado por Vanga como revelações secretas.

Yu. Gorny traz o exemplo com o primeiro-secretário do CC do PCB Todor Zhivkov, que frequentemente visitava a avó Vanga. Zhivkov ficou impressionado quando Vanga lhe disse ao encontro que os seus amigos tinham sido mortos há 50 anos. Posteriormente, um conhecido chekista contou a Gorny que vira fotografias dos mortos no arquivo. Gorny «desmascara» não só a avó Vanga, mas também outros grandes «místicos» do século XX: V. Messing, U. Geller, Djuna, considerando que milagres não existem e tudo se resume a truques psicológicos. Que as declarações de Yu. Gorny fiquem na sua consciência. Sim, nem todas as previsões de Vanga se cumpriram. Em particular, não se cumpriu a previsão feita ao conhecido telejornalista Aleksandr Bovin, a quem a vidente comunicou que a União Soviética introduziria tropas no Chile. Mas

com base nas previsões não cumpridas não se pode concluir que Vanga «via» o passado das pessoas pelos arquivos dos serviços especiais.

É preciso recordar a estatística. Segundo dados do professor búlgaro G. Lozanov, que investigou as capacidades fenomenais da vidente, cumpriram-se cerca de 70 % das profecias de Vanga. A percentagem de «acertos» é demasiado alta para simples acaso.

Outro cientista búlgaro (o sociólogo V. Dobriyanov) realizou a seguinte experiência: analisou 99 previsões de Vanga e concluiu que 43 delas eram adequadas, 43 — alternativas (ambíguas) e 12 — inadequadas. Isto significa que a percentagem de precisão das previsões de Vanga é de 68,3. É um resultado muito sério, que afasta todas as tentativas de acusar a profetisa de charlatanismo. Outra coisa é que explicar o fenómeno chamado Vanga os cientistas modernos não conseguem. Simplesmente encolhem os ombros, reconhecendo que é um milagre.

A académica Natalia Bekhtereva dizia: «...o fenómeno da vidente Vanga é um facto irrefutável... Embora seja uma realidade não conhecida». Na Bulgária foi até criado o Instituto de Sugestologia (ciência da sugestão sem uso de palavras) e Parapsicologia com um quadro de 30 funcionários, que se ocupava do estudo do fenómeno Vanga. Mas o segredo desta mulher extraordinária até hoje é um enigma para os cientistas. É preciso também recordar que a percentagem mais alta de acertos era durante a busca de pessoas desaparecidas. Aqui o previsto por Vanga cumpria-se em 80 %.

Interessante saber de que arquivos e de que serviços especiais era obtida essa informação? Ou será que teremos de reconhecer que o fenómeno Vanga não é mito nem mística, mas um fenómeno único, incompreensível para a razão humana.

Este mito é também desmentido pelo antigo vice-presidente do KGB da URSS, general F. D. Bobkov. Numa entrevista declarou que as acusações contra Vanga de cumplicidade com o KGB são completamente infundadas. O general Bobkov com a esposa foi a Petrich, mas com a vidente não se encontrou, para que depois não surgissem rumores de que ela estava ligada ao KGB. A esposa de Bobkov encontrou-se com a profetisa búlgara para saber do seu irmão, morto na guerra. O general contou pormenores interessantes sobre o encontro não realizado de

Vanga e Jacqueline Kennedy. Vanga, através de um senador americano, transmitiu um convite oral à viúva de Kennedy para a visitar. A vidente queria contar quem matara o presidente dos EUA. Mas Jacqueline nunca se encontrou com a profetisa: ou mudou de ideias ela própria, ou os serviços especiais americanos não a deixaram. O general Bobkov confirmou que a vidente búlgara nunca fez nada que contrariasse os interesses do Estado. Por isso, igualmente infundadas e tendenciosas parecem as acusações de Vanga de espionagem. A sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, contou como uma busca na casa da vidente em Petrich quase lhe custou a vida.

Isso aconteceu a 20 de setembro de 1974. A causa da busca foi uma suspeita absurda de espionagem. A Vanga cega, que nunca saía do seu país e só fazia o bem às pessoas, consideraram-na a Mata Hari búlgara! Os funcionários da milícia, à procura de provas, reviraram toda a casa de Vanga. E ao saírem, levaram consigo o que lhes agradou (é de dizer que eram presentes que, em agradecimento pela cura ou conselho, deixavam os visitantes). Após esta invasão bárbara, Vanga sofreu um enfarte e foi internada. Um mês inteiro esteve no hospital em Sófia e, quando regressou, pediu que pintassem as paredes para que não ficassem vestígios do terrível saque.

Em geral, segundo as recordações dos familiares, Vanga tinha relações complicadas com as autoridades da Bulgária socialista. Sabe-se que Vanga muito desejava visitar a catedral de Notre-Dame de Paris, assim como a Praça Vermelha e o Kremlin, mas era «não viajante», como se dizia naqueles anos. Assim os seus sonhos não estavam destinados a realizar-se.

A causa desta invasão revelou-se simples: naqueles anos a Bulgária tinha relações tensas com a vizinha Jugoslávia e os habitantes da Jugoslávia vinham constantemente a Vanga. Então as autoridades locais decidiram destruir o «ninho de espionagem», suspeitando da vidente de colaboração com a inteligência estrangeira. Mas Vanga perdoou a todos, não tinha o hábito de guardar rancor às pessoas. As coisas roubadas os invasores depois devolveram. Vanga disse que perdoava os seus ofensores, mas a punição divina já não podia ser parada. Durante a doença, quando Vanga estava em Sófia, da casa desapareceu um rádio transistor «Sokol», que ela ouvia frequentemente. A sobrinha não

conseguia encontrá-lo em lado nenhum e a tia disse um dia: «Não faz mal, ele próprio me trará o rádio». O transistor de facto foi encontrado, mas só 15 anos depois. Verdadeiramente, não há nada oculto que não se torne manifesto. Acontece que o roubara o caixa, quando Vanga estava gravemente doente. Passados 15 anos, arrependido, veio à vidente e devolveu a coisa roubada. Acontece que o caixa estava gravemente doente, mas Vanga já não podia ajudar o infeliz: «Tu pagarás por teres roubado esta coisa. Eu perdoo-te, mas já nada se pode fazer». Tal foi a punição divina. Posteriormente este homem morreu de cancro.

Enquanto Vanga não se tornou funcionária estatal e o dinheiro das consultas não começou a entrar no tesouro da cidade, as autoridades locais de todas as formas a oprimiam, acusavam-na de feitiçaria e charlatanismo. Segundo as recordações da irmã da vidente, Lyubka, uma vez mandaram à Vanga um miliciano para a prender (este caso aconteceu nos anos 1960). A profetisa pediu ao guarda da ordem que esperasse até o marido regressar do mercado, mas o miliciano foi inflexível: «Não posso esperar! Ouve os meus passos — não te perderás». As palavras dele ofenderam Vanga, depois disso chorou muito tempo.

A mulher compreendia que as pessoas que se diziam amigas vinham ter com ela por interesse pessoal e não por amor por ela. Nunca se queixava do destino, mas frequentemente falava da sua solidão. Nem profeta nem santa Vanga se considerava. Chamava-se a si mesma uma mártir, que carregava a sua cruz.

A vidente dizia que simplesmente seguia o destino que Deus lhe dera, pois só Deus pode determinar quem é quem.

As capacidades fenomenais de Vanga

Os cientistas não conseguem dar uma explicação

Surge a questão de como podia uma mulher quase analfabeta do campo, como era Vanga, prever com tanta exatidão e veracidade os eventos na vida das pessoas. As suas profecias Vanga pronunciava em estado de transe e depois não se lembrava de nada das suas palavras. Conservaram-se registos feitos pelos seus próximos — a irmã Lyubka e os sobrinhos, que a ajudavam a receber os visitantes em Petrich, assim como registos feitos pelos próprios hóspedes de Vanga. Como já foi referido

acima, quase não ficaram gravações em magnetofone, pois após as sessões a fita ficava vazia.

Um caso semelhante aconteceu com o conhecido escritor Leonid Leonov. Decidiu (com permissão da própria vidente) gravar a conversa com Vanga numa fita magnética. Qual não foi a sua surpresa quando, após o encontro com a profetisa, já no hotel, descobriu que todas as gravações estavam apagadas. A fita estava limpa.

Os cientistas não conseguem explicar o dom fenomenal da vidente búlgara de ver o passado, o presente e o futuro de pessoas individuais e de Estados inteiros. Uma hipótese interessante foi avançada por Valentin Sidorov, que se encontrou várias vezes com Vanga e foi seu amigo: «O subconsciente de cada pessoa contém uma informação abrangente sobre os mais ínfimos pormenores da sua vida. Na maior parte, não temos consciência dela. Existem pessoas com capacidades (Vanga é uma delas) de ler essa informação» (V. Sidorov. Em contacto próximo com Vanga). É por isso que ela podia contar a uma pessoa, com os mais ínfimos pormenores, eventos do passado distante, adivinhar nomes de familiares, etc.

Muitos interessam-se por como Vanga conseguia prever eventos de escala mundial. Os cientistas modernos supõem que Vanga, de algum modo incompreensível para a ciência e para a razão humana, conseguia «ligar-se» ao campo energo-informacional do planeta, que armazena informação sobre o passado, o presente e o futuro da nossa Terra, e transmitir essa informação às pessoas. Seja como for, o fenómeno da vidência da izabúlgara permanece o maior enigma dos nossos dias.

O famoso escritor do século XX L. Leonov, que foi um dos maiores admiradores do seu talento divino e inexplicável, assim se referia à vidente Vanga: «O dom de Vanga, infantilmente simples e ao mesmo tempo genial, profético, merece o estudo mais profundo, minucioso e respeitoso de todos os seus parâmetros. Isso aproximaria as pessoas da descoberta do material misterioso, ainda ignorado pelo ceticismo, no globo da eternidade. Quem se aventura neste mundo imensurável deve deixar à porta todos os tesouros dos conhecimentos acumulados, como em alguns países se deixa o calçado antes de entrar no templo. Já aconteceu muitas vezes: apesar da pilha de volumes nas bibliotecas, o cientista deparava-se com questões do futuro e da realidade às quais não

conseguia responder, pois elas não têm designação verbal na linguagem terrestre. A predição de grandes e fatídicos eventos facilitaria a transição das pessoas para um estágio mais consciente de existência, que é o nosso presente...»

A natureza das capacidades milagrosas da vidente búlgara

O dom único de Vanga — a capacidade de ver o passado, o presente e o futuro, comunicar com os falecidos, ajudar os vivos, curar maleitas e prever eventos vindouros — desperta o interesse de cientistas de todo o mundo. Até hoje não conseguiram desvendar o segredo das suas capacidades milagrosas, embora houvesse tempos em que Vanga era considerada uma impostora que usava truques psicológicos para influenciar os seus visitantes. Nos anos 1940-1950, quando Vanga começou a profetizar e a sua fama se espalhou muito para além da Bulgária e da Macedónia, os cientistas negavam categoricamente que ela tivesse capacidades de vidência, apesar de Vanga já ter recebido milhares de pessoas, incluindo muitas celebridades da Bulgária e visitantes de outros países.

O ponto de viragem pode considerar-se a publicação na revista «Pogled» do artigo «Parapsicologia e Vanga» do conhecido psicólogo búlgaro Georgi Lozanov. Este pequeno artigo revolucionou as concepções do mundo científico sobre Vanga como mais uma charlatã que enganava as pessoas com predições míticas e conselhos de cura. Mas investigações sérias do doutor Lozanov só apareceram em 1970. Nessa altura, Vanga despertou o interesse de cientistas de outros países: nos EUA foi publicado um livro sobre pessoas com capacidades fenomenais, e a Vanga foi dedicada o capítulo «Vanga Dimitrova — o oráculo búlgaro». Desde então, as publicações sobre a vidente foram inúmeras.

Agora, passados já 12 anos desde a partida de Vanga para o outro mundo, foram escritos dezenas de livros, realizados documentários sobre a sua vida, profecias e destino, continuam a sair artigos de investigação e publicações em revistas científicas. Vanga é chamada a profetisa mais talentosa do século XX.

«O meu dom vem de Deus.»

Em 1967, segundo as suas palavras, Vanga «entrou ao serviço do Estado». Junto à casa em Petrich, onde diariamente se reuniam multidões

de pessoas, apareceu um miliciano responsável pela ordem e tranquilidade durante as sessões. Um caixa, nomeado pelas autoridades de Petrich, cobrava dos visitantes uma taxa que ia para o tesouro da cidade. O dinheiro era pequeno, a própria vidente considerava imoral cobrar pelo dom recebido de Deus, mas não recusava presentes, que na maior parte eram peluches e souvenirs, como já foi referido acima.

No final dos anos 1960, Vanga, ou melhor, as suas capacidades fenomenais, tornaram-se objeto de estudo do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, dirigido pelo professor Georgi Lozanov. O professor e os seus colaboradores provaram cientificamente que as capacidades de Vanga de prever o futuro ultrapassam o simples acaso e cumprem-se em 70 %. Na maior parte das vezes, a informação era percebida pela profetisa como uma voz surda e distante que lhe transmitia mensagens «como se por telefone» (palavras da própria vidente).

Vanga «via» a vida de uma pessoa, o seu passado e futuro, como se estivesse gravada numa fita cinematográfica. Esta «sequência visual» era por vezes acompanhada de sons. A vidente conseguia ler pensamentos à distância sem esforço, não existia barreira linguística para ela, mas toda a informação, como dizia, era-lhe transmitida em búlgaro. O aspeto mais surpreendente do seu dom, segundo os cientistas, era a capacidade de Vanga comunicar com pessoas falecidas. A vidente dizia que, assim que um novo visitante atravessava o limiar da sua casa em Petrich (e nos últimos anos em Rupite), imediatamente se reuniam à volta da pessoa os familiares falecidos, Vanga fazia-lhes perguntas e escutava a informação que transmitia à pessoa espantada e muitas vezes sem palavras.

A própria Vanga não se considerava um fenómeno e todas as tentativas dos cientistas de estudar as suas capacidades considerava perda de tempo. Em 1972, Vanga disse a um investigador científico que trouxera equipamento de gravação de som para as suas investigações: «Estudem-me, experimentem, analisem-me com instrumentos e aparelhos. Querem explicar o que faço? Mas como explicar isso, se é obra das mãos de Deus?» (Zh. Kostandinova. Vanga).

A sobrinha da vidente K. Stoyanova, que escreveu sobre ela os livros «Vanga: confissão de uma vidente cega» e «A verdade sobre Vanga», viveu muitos anos com a tia, tomava notas, ajudava-a a receber pessoas. Ela, claro, conhecia Vanga melhor do que ninguém e não deixava de se

maravilhar com o seu dom milagroso. «O meu dom vem de Deus — disse Vanga à sobrinha. — Ele tirou-me a visão, mas deu-me outros olhos, com os quais vejo o mundo — tanto o visível como o invisível» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

Muitos cientistas tentaram investigar as capacidades de Vanga, mas ninguém até hoje desvendou o seu segredo. Talvez um dia a ciência atinja tais alturas que o fenómeno Vanga receba uma explicação científica. Só que, ao desvendar este grande segredo, não perderemos a fé na grande e incompreensível força do milagre?

Na infância, todos acreditamos em contos de fadas. Eles ensinam-nos a bondade e a pureza de pensamentos, despertam a nossa imaginação e dão-nos a alegria da vida. Ao crescermos, o homem perde a capacidade de acreditar em milagres e a ingenuidade infantil (embora Cristo tenha dito: «Se não vos tornardes como crianças pequenas, não entrareis no Reino dos Céus»). É difícil surpreender-nos com algo, tornamo-nos materialistas e vivemos segundo esquemas, perdemos a sensação de plenitude e alegria da vida. O aparecimento de pessoas como Vanga, a princípio vemos com desconfiança, mas por curiosidade tentamos saber: será mesmo um milagre ou mais uma vez um engano? As capacidades fenomenais de Vanga, reconhecidas por todos os cientistas que visitaram a sua casa em Petrich, por um lado, devolvem-nos a fé infantil nos milagres e a percepção alegre da vida. Por outro lado, tudo o que Vanga fez em vida foi um desafio à ciência moderna.

A filosofia afirma que toda a verdade é relativa, porque é apenas uma partícula da totalidade indivisível do universo. Os postulados de que o conhecimento científico se esgota nos limites do mundo material que nos rodeia revelaram-se errados. A seguir a Sócrates, podemos dizer: «Sei que nada sei», pois o mundo, o universo e o homem estão cheios de enigmas e segredos. Um deles é o aparecimento de oráculos e profetas, ou seja, fenómenos, como a profetisa búlgara Vanga. Toda a sua vida como que nos obriga a parar e a refletir sobre quem somos, para que vivemos e o que há além da linha da realidade.

«Se quiserem conhecer a verdade — aconselhava Vanga —, abram a Bíblia: nela encontrarão respostas para todas as perguntas». Muitos diziam-lhe que não compreendiam a Bíblia e os textos sagrados. «Para compreender a Bíblia — respondia Vanga —, o homem deve elevar-se

espiritualmente. Só então poderá perceber e compreender o Conhecimento Superior. Deus recompensá-lo-á, dar-lhe-á força e ajudá-lo-á a compreender como tudo aconteceu» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

«Quantos livros foram escritos, mas ninguém dará a resposta definitiva se não reconhecer e compreender que existe um mundo espiritual (céu) e um físico (terra) e uma força suprema (chamem-lhe como quiserem) que nos criou» — pregava Vanga. Aos seus numerosos visitantes dizia muitas vezes com censura: «Não acreditam em Deus, mas querem que Ele ajude. Sem fé não venham ter comigo. Não sou eu, é Ele que vos ajuda.»

A todos os incrédulos Vanga dizia que «Deus existe, e se vos calardes, as pedras dirão que Ele existe». E Cristo apareceu-lhe não como um homem retratado nos ícones, mas «como uma enorme bola de fogo, na qual é impossível olhar, tão intensamente brilhava». Deus é luz, era isso que a vidente queria dizer, e quem não acredita em Deus sofre no pecado. Toda a vida de Vanga foi dedicada às pessoas, toda a sua vida foi a confirmação da verdade de que Deus existe.

«A Terra entra num novo trecho de tempo...» O que espera o mundo no século XXI?

«O que está escrito na Bíblia cumprir-se-á.»

Vanga disse muitas vezes às pessoas que a verdade sobre o mundo deve ser procurada nos antigos livros sagrados. Referia-se especialmente à Bíblia, na qual estão escondidos todos os segredos do passado da humanidade e está traçado o futuro da Terra.

Em relação à Bíblia, recentemente foram feitos descobrimentos surpreendentes. Cientistas da Universidade Hebraica de Jerusalém concluíram que a Bíblia não é apenas uma coletânea de textos sagrados, mas também um livro de predições, às quais é preciso encontrar a chave ou o código. A chave é uma sequência de letras do texto das Escrituras. Os investigadores, como experiência, usaram 66 nomes de judeus famosos que viveram em períodos diferentes do século IX ao XIX, com as datas de nascimento e morte. Verificou-se que junto aos nomes indicados na Bíblia estão as datas de nascimento e morte, que coincidem com as datas reais de nascimento e morte dessas pessoas.

No livro do conhecido jornalista e investigador americano Michael Drosnin «O Código Bíblico» refere-se que na Bíblia estão preditos todos os eventos importantes da história mundial do século XX, incluindo a Segunda Guerra Mundial, os bombardeamentos atômicos em Hiroxima, o assassinato dos presidentes Sadat e Kennedy, o desembarque do homem na Lua, a guerra no Golfo Pérsico e muito mais. Por isso não é por acaso que a vidente búlgara apelava às pessoas para lerem a Bíblia com mais atenção: no livro sagrado estão dadas respostas para todas as perguntas que inquietam a humanidade.

Em 1971, Vanga previu que nos anos 1990 chegaria o apocalipse de que fala a Bíblia. Predisse que cidades e aldeias seriam destruídas por terremotos e inundações, e «não se poderão contar os ladrões, delatores e prostitutas». Os verdadeiros sentimentos desvalorizar-se-ão fortemente, e a mentira, o egoísmo e a ambição tornar-se-ão estímulos nas relações entre as pessoas. Interessante que os cientistas dizem o mesmo sobre isto?

A imagem apocalíptica do futuro da humanidade, que é desenhada não só por Vanga, mas também por outros profetas (M. Nostradamus, E. Casey), é confirmada por investigações de cientistas-sismólogos. Eles afirmam que em breve ocorrerá a ativação do «anel de fogo» — a falha tectónica que passa sob o Oceano Pacífico, abrangendo o Extremo Oriente, o Japão, a parte nordeste da Austrália e a costa ocidental da América do Norte e do Sul. Como resultado do mais forte terremoto, mudarão os campos magnéticos e o clima da Terra. Irão para debaixo de água a Califórnia, o Texas, a Luisiana — toda a costa ocidental do continente norte-americano. Sobre estes eventos está escrito na Bíblia como «os três dias de trevas», ou «o batismo e purificação pelo fogo».

A catástrofe universal foi predita também pelo inglês Edgar Casey. Declarou que o eixo da Terra seria deslocado até 2001, e isso levaria à mudança do clima: nas regiões com clima frio e subtropical ficará mais quente, aí crescerão musgos e fetos. Como resultado das mudanças geofísicas, grande parte do Japão irá para debaixo de água, transformar-se-á a Europa do Norte, e Nova Iorque, Los Angeles e São Francisco serão destruídos e, possivelmente, desaparecerão da face da terra.

No século XXI, segundo as palavras de Vanga, chegará o tempo da luz, da paz e da prosperidade, mas tudo isso não acontecerá antes de

2050. «O que está escrito na Bíblia cumprir-se-á. Chegará o apocalipse. Os vossos filhos sobreviverão a ele. Após 2000 não haverá nem catástrofes nem dilúvio. Espera-nos mil anos de paz e prosperidade. As pessoas comuns viajarão para outros mundos de autocarro a uma velocidade dez vezes superior à da luz. Isso acontecerá não antes de 2050. O que prevejo, por pior que seja, não pode ser mudado. A vida do homem está estritamente predeterminada, ninguém a pode alterar» (dito por Vanga em 1980).

Estas palavras de Vanga divergem das predições de outros profetas. Em particular, M. Nostradamus escreveu sobre o século XXI como uma época de destruição e loucura das pessoas, o regresso de Sodoma e Gomorra.

«As desgraças cairão de todos os lados...»

Em 1995, Vanga predisse que o mundo esperava muitas catástrofes: terremotos, incêndios, inundações. «Muitas pessoas sofrerão. As desgraças cairão de todos os lados, todos os povos se afogarão... As pessoas serão menos, e por isso também os bens — a carne de ovelhas, vacas e cabras não se poderá comer. As pessoas andarão sem sapatos e sem roupa, viverão sem comida, combustível e luz» (dito por Vanga em 1995 a Spaska Vangelova de Petrich). Esta profecia sinistra cumpriu-se: em 1995, no mundo ocorreram 557 cataclismos naturais que ceifaram a vida a 18 mil pessoas. Em 1996 ocorreram 600 catástrofes, com o resultado de 11 mil mortos.

Nos anos seguintes a situação não melhorou: terremotos, avalanches, deslizamentos de terra, incêndios florestais, secas, inundações, nevões e frios nunca vistos em países quentes ceifam a vida a centenas e milhares de pessoas. Na Rússia, em 1998, a «terça-feira negra» provocou uma verdadeira catástrofe social: milhões de russos ficaram sem roupa, sapatos, comida, combustível e eletricidade. Claro que não foi uma catástrofe natural, mas consequência de uma crise económica, mas também as predições de Vanga não podem ser interpretadas literalmente.

Vanga advertia que chegaria o dia em que da face da terra desapareceriam algumas plantas, incluindo a cebola, o pimento e o alho, e depois seria a vez das abelhas. O leite de vaca não se poderia beber. A água tornar-se-á tão valiosa como o ouro. A vidente búlgara falava de um

desfecho fatal que espera a terra como resultado da destruição da natureza pelo homem. O uso de químicos, a poluição do solo e do ar levará a que a água comum se torne imprópria para beber. Surgirão muitas doenças novas, até então desconhecidas, «as pessoas sem causa visível cairão na rua, mesmo que antes não tivessem adoecido» (dito por Vanga em 1981).

«Estas doenças ainda podem ser prevenidas, tudo ainda está nas mãos da humanidade» — advertia Vanga as pessoas nos anos 1980. Mas as pessoas mostraram-se surdas às suas profecias, tal como às predições do profeta sérvio Mitar Tarabich. Ele advertia que apareceria uma doença que ninguém conseguiria curar — é o VIH/SIDA. «As pessoas correrão aflitas e procurarão, mas nunca encontrarão o remédio, e ele, com a ajuda de Deus, estará ao lado delas e dentro delas mesmas» — predisse M. Tarabich.

Vanga, em 1995, no templo de Santa Petka em Rupite, caiu em transe e gritou a sua profecia sobre esta doença: «Encontrarão remédio para a SIDA, será de ferro, pois é exatamente o ferro que falta no organismo humano. Mas virá outra doença, mais terrível que o cancro e a SIDA». As palavras de Vanga infundem esperança de que os remédios para o cancro e a SIDA serão encontrados, mas quando — é desconhecido. Continuam a morrer no mundo milhares de pessoas de doenças oncológicas e de SIDA. As provações para a humanidade continuam. E poucos prestam atenção às palavras dos profetas de que «os remédios estão ao nosso lado e dentro de nós mesmos» e que com a ajuda de Deus se pode salvar de quaisquer males. O principal é quem é o homem e em que acredita.

«As ondas varrerão muitos países, e o Sol apagar-se-á por três anos»

Um dos que viu a profetiza búlgara nos últimos anos da sua vida, quando estava gravemente doente e quase não recebia visitantes, foi o empresário ucraniano Anatoly Lubchenko. Há pouco tempo, em 2000, foram publicados materiais sobre o encontro de A. Lubchenko com Vanga. A entrevista com a profetisa Lubchenko gravou num gravador. Dura não mais de 45 minutos, mas representa um interesse extraordinário para toda a humanidade, pois contém predições de Vanga em relação à Rússia e a outros povos eslavos. Vejamos o que disse Vanga.

Lubchenko recorda como chegou à Bulgária no verão de 1994 e quis ver a casa de Vanga em Petrich. Não esperava ver a famosa vidente, pois ela estava doente e, segundo os rumores, não recebia pessoas, mas o destino decidiu de outra forma. Quando Anatoly se aproximou da casa, junto à qual, como sempre, estava uma multidão de pessoas, um homem chamou-o e convidou-o a entrar. Lubchenko ficou muito surpreso, e a multidão olhou para ele como se fosse um leproso. Entrou no quarto e viu uma velhinha seca como uma palha, deitada numa grande cama.

Perdido, Lubchenko não sabia o que perguntar a Vanga, mas ela própria começou a conversa. «Onde está o teu pai?» — foi a primeira pergunta. «Na Alemanha» — respondeu o visitante e sentiu que Vanga sabia da doença do pai (ele tinha cancro). «Em breve vencerão esta doença, acorrentá-la-ão com ferro, mas ao teu pai isso não ajudará.» Lubchenko lembrou-se de que tinha um gravador com uma cassete onde estavam gravadas lições de inglês. Pediu permissão para gravar a conversa. Vanga concordou, rindo-se, mas ordenou que até ao novo século a gravação não fosse mostrada a ninguém. Lubchenko cumpriu a palavra, e a gravação viu a luz em 2000.

Lubchenko fazia as mesmas perguntas que outros visitantes: como Vanga se tornou vidente, como conseguia ouvir e ver o passado e o futuro e comunicar com os falecidos. Vanga respondia que via mensageiros, como se fossem um reflexo de uma grande sombra, ou ouvia uma voz surda que soava na sua cabeça, ora clara, ora distante, como no rádio. Os mensageiros transmitiam a Vanga informação sobre eventos próximos e distantes que esperam os terrestres. Claro que nos interessa o que Vanga disse sobre a Rússia. Citamos um excerto da conversa de Vanga com o empresário ucraniano.

Vanga: — A Rússia espera o bem, a Bulgária e a Macedónia — não muito. As mulheres na Rússia darão à luz muitas crianças boas, que mudarão o mundo. Depois virá o milagre, tempos maravilhosos. A ciência dirá o que nas velhas livros é verdade e o que não é, no cosmos encontrarão vida e saberão de onde ela veio para a Terra. Na terra escavarão uma grande cidade. Do céu chegarão pessoas novas, e haverá grandes milagres. Mas é preciso esperar, não se pode apressar os eventos, isso será daqui a muito tempo.

A. Lubchenko: — E o que acontecerá em breve?

Vanga: — Daqui a 9 anos será o fim do mundo (a entrevista, recordemos, foi gravada em 1994), a Terra virar-se-á do Sol. Onde era quente, haverá gelo, muitos animais extinguir-se-ão. As pessoas lutarão pela energia, mas terão alma para parar. E depois o tempo voltará atrás.

Vanga confirmou a suposição de que a Terra espera um dilúvio semelhante ao bíblico. Isso acontecerá daqui a 30–40 anos. A profetisa disse que na Terra cairá um grande corpo cósmico, e a sua queda causará muitas desgraças: «as ondas varrerão muitos países, e o sol apagar-se-á por três anos». Sobreviverão apenas as pessoas com bons pensamentos, e os restantes perecerão. Mas depois chegará a idade de ouro.

Quanto às mudanças no mundo, serão globais. Claro que é preciso lembrar que as palavras de Vanga tinham caráter alegórico, e as suas profecias não são fáceis de decifrar.

Vanga: — Daqui a 7 anos, as pessoas não semearão nem ceifarão, apenas cultivarão tudo. Os animais reproduzir-se-ão como plantas, e as plantas, como animais. Daqui a 21 anos, ninguém viajará pela terra. Os comboios serão abastecidos com energia do Sol, o petróleo será proibido, a terra apenas dará à luz e descansará. Daqui a 40 anos, as doenças atuais desaparecerão, mas surgirão outras. Estarão ligadas ao cérebro, porque todos beberão do mar, e no mar não haverá ilhas. Depois, encontrarão água no cosmos, e ela será boa. As pessoas serão muitas. A Índia mais do que a China. Mas as pessoas começarão a livrar-se dos corpos.

A. Lubchenko: — O que significa «livrar-se dos corpos»?

Vanga: — Pode-se viver sem corpo, apenas a personalidade, apenas a energia, como nos mortos. Mas isso será daqui a muito tempo.

Lubchenko interessou-se pelo que espera o mundo nos próximos 5 anos.

Vanga: — A Rússia emagrecerá e voltará a ocupar o seu lugar, o bem estará dentro, e a experiência fora. A Europa não conseguirá rejuvenescer. A América aceitará o barbudo e compreenderá que o medo é pior do que o amor. A Síria ruirá aos pés do vencedor, mas o vencedor não será aquele. Os extraterrestres não quererão partilhar conhecimentos com os fortes. Os países femininos recuarão perante os masculinos, mas conservarão os seus planos. O homem pequeno governará vocês toda a vida.

Em relação a esta predição, já se podem tirar conclusões: o que se cumpriu e o que não, pois já passaram 5 anos. Mas decifrar as profecias não é tão fácil como pode parecer.

O território da Rússia realmente diminuiu, já não é a «União indestrutível de repúblicas livres». «O homem pequeno governará vocês toda a vida» — não se percebe a quem se refere: se à Rússia, lembra-se imediatamente V. Putin, se a outros países, é difícil dizer a quem Vanga tinha em mente.

À pergunta se Deus existe no mundo, Vanga respondeu que «Deus não pode estar no mundo, Deus é a própria luz. Não há Deus no homem, mas o homem está em Deus».

A nós, simples mortais, a vidente deu o conselho: «Para não viverem no mal, não se vingarem de ninguém, não guardarem rancores, fazerem boas ações. Para escutarem o seu coração. Sempre só o coração, a cabeça engana-se mais vezes. O coração está ligado ao cosmos. Mas nem todos distinguem a voz do coração da voz da cabeça».

A. Lubchenko: — Existem o paraíso e o inferno?

Vanga: — O paraíso e o inferno são lados diferentes da vida sem corpo. Se o falecido é necessário aos vivos — isso é o paraíso.

A. Lubchenko: — E ajudará aos vivos após a morte?

Vanga não respondeu. Aqui a gravação interrompe-se. A vidente não disse mais nada a Anatoly Lubchenko. Ao empresário pareceu que ela, cansada, simplesmente adormeceu.

«Do destino ninguém escapa...» Vanga sobre as estrelas e os destinos dos povos.

Hipóteses dos cientistas

A vidente de Petrich, a búlgara Vanga, deixou muitas declarações sobre o destino do homem (em 55 anos, estas predições foram inúmeras, assim como as pessoas que visitaram Vanga em Petrich) e sobre os destinos dos países e povos. Também disse repetidamente que o destino do homem, tal como o evento futuro que afeta a vida de muitas pessoas e de Estados inteiros, não pode ser mudado. «O que prevejo, mau ou bom, não pode ser mudado. A vida humana está traçada de uma vez por todas,

e ninguém a pode alterar» — dizia Vanga (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

Aqui está outra declaração semelhante: «O que vejo, por mais horrível que seja, não pode ser mudado. Do destino ninguém escapa». Das palavras de Vanga emana fatalismo. Resulta que mudar o destino é impossível, tudo está predeterminado de antemão por uma razão superior (ou forças superiores), e o homem não tem forças para fazer algo, resta-lhe apenas seguir submissamente o fado.

«Se contasse às pessoas o que vejo e sei, imediatamente quereriam partir desta vida» — refletia Vanga. Será tudo tão desesperançado? Por vezes até dá medo olhar para o futuro. Ou será que há esperança de mudar algo no próprio destino? Para que servia então a profetisa cega, ao falar do destino humano, insistir tanto em que as pessoas fizessem mais boas ações? Talvez o bem seja realmente capaz de fazer milagres não só nos contos de fadas, mas na realidade, capaz de influenciar o destino de uma pessoa concreta e os destinos de países e povos?

Voltemo-nos às opiniões dos cientistas. As investigações realizadas por luminares búlgaros da ciência — os académicos P. Zarev, V. Dobriyanov e o professor D. Filipov — impressionam pelos seus resultados sensacionais: o conhecimento exato de eventos futuros e a tomada de medidas pelo homem (ou grupo de pessoas) para os prevenir em 6 casos em 100 muda o curso inicial dos eventos! É incrível, mas, sabendo das previsões de Vanga, poderia ter-se evitado muitas tragédias e desgraças mundiais! Só que as pessoas continuam a não acreditar em profetas e oráculos ou não compreendem a sua linguagem alegórica. Como é triste, «não há profeta na sua pátria»: as pessoas continuam a viver por intuição, sem escutar as opiniões dos oráculos.

Por exemplo, muito antes da tragédia na central nuclear de Chernobil, Vanga advertia que sobre a Rússia, Bielorrússia e Ucrânia se aproximava uma «dor negra» (Chernobil). Não escutaram, não deram importância às suas palavras. É uma grande pena. E no entanto, a tragédia de Chernobil foi predita ainda no século XVI por M. Nostradamus nas suas «Centúrias»: «A cauda do terrível cometa tocará a terra. Pessoas que perdem cabelo, pele e olhos, correm em louco medo das entranhas do Borístenes». Decifrar esta profecia após a tragédia ocorrida não é difícil: Borístenes é o antigo nome do Dniepre. «A cauda do terrível cometa» — o

voo sobre a Terra do cometa Halley (na mesma altura ocorreu o acidente na central). M. Nostradamus data este evento em 1986. Tudo aconteceu assim. Se as pessoas tivessem conseguido decifrar mais cedo esta mensagem do século XVI, se tivessem escutado as palavras de Vanga, talvez Chernobil não se tornasse símbolo de desgraça.

«Cada povo tem a sua estrela...»

Recordam-se as palavras da profetisa: «Raramente um homem vive em parentesco com os seus planetas e estrelas. As pessoas são cegas. E mesmo quando as advirto do dia fatal, são descuidadas e levianas. Milhares morrem sob as mãos do destino. Como a lebre que corre à luz dos faróis para debaixo das rodas do carro. E bastava esperar só um pouco.» Estas palavras de Vanga obrigam cada um a refletir: a azáfama dos dias, o fluxo infinito de problemas, inventados por nós mesmos, e de repente — uma conjuntura fatal de circunstâncias e tudo. Partiu o homem, como se nunca tivesse vivido na terra. Provavelmente, cada um de nós precisa de prestar mais atenção aos sinais que o destino nos envia, aprender a escutar a própria intuição.

«Raramente um homem vive em parentesco com os seus planetas e estrelas» — aconselhava Vanga. Claro que o homem moderno raramente recorre a astrólogos e oráculos: ou não acredita, ou considera isso algo não sério, e se recorre, por algum motivo não segue os conselhos dos videntes (quantas advertências foram feitas por Vanga! Só poucos as escutaram). E houve tempos em que os astrólogos eram venerados como grandes sábios, aos seus conselhos escutavam faraós e reis. Pelas estrelas determinavam o resultado de uma batalha futura ou a colheita do ano seguinte. Como mudaria a vida na terra se as pessoas aprendessem a reconhecer o destino pelas estrelas e a viver de acordo com a posição dos planetas!

Voltemos novamente às palavras da profetisa búlgara cega: «Todo o ser terreno, a Terra e o Universo estão subordinados a um ritmo e ordem cósmicos estritamente determinados. A violação desta ordem, mesmo na mais insignificante medida, leva a grandes, por vezes fatais, consequências, pelas quais a humanidade mais cedo ou mais tarde pagará um preço alto. Já está a pagar agora...»

Vanga apontava para uma ligação direta entre as estrelas e os destinos dos povos e Estados. E se isto não forem apenas reflexões de Vanga, mas revelações de forças superiores que escolheram a menina búlgara e a dotaram do dom profético? Então aos conselhos da vidente deve-se escutar com mais atenção.

Aos cientistas búlgaros, Vanga disse que a Bulgária não tem uma estrela, mas uma constelação inteira, que este país é protegido e ajudado pela constelação de Capricórnio. Ela também influencia a Índia e o Afeganistão. «Cada povo tem a sua estrela — dizia Vanga —, da qual se carrega de energia luminosa. Mas há exceções. Alguns povos não têm uma estrela, mas um planeta.

Um dia estes povos desaparecerão. Simplesmente sufocarão numa atmosfera incomum para eles... O povo que tem um planeta em vez de estrela, ou seja, uma estrela extinta, apagar-se-á como uma vela num vento forte» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

Escutemos o que dizem sobre isto os cientistas modernos e os sábios da antiguidade.

«Ptolomeu esforçava-se... Só que nem tudo lá é como lhe foi dito...» — disse Vanga.

Sobre o facto de cada país ser governado por uma determinada constelação (signo do zodíaco), escreveram muitos cientistas, começando pelos tempos antigos. Por exemplo, o astrólogo e matemático grego Cláudio Ptolomeu. A principal obra da sua vida chamou-a «Almagesto», que se traduz como «Grande construção». É um tratado de 13 livros, no qual estão reunidos os conhecimentos astronómicos dos antigos sábios da Grécia e dos sacerdotes do Egito.

Ptolomeu compôs também várias cartas da superfície da Terra, incluindo uma carta com indicação da correspondência de cada localidade a um determinado signo do zodíaco. Nestes mapas há muitas imprecisões, possivelmente devido a erros dos copistas.

Os colaboradores da revista «Druzhba» encontraram-se com Vanga e souberam muitas coisas interessantes da sua boca, nomeadamente: a vidente búlgara, segundo eles, apontou os erros de Ptolomeu e contou quais constelações são favoráveis aos povos e países, e quais perturbam os seus destinos. Claro que é preciso lembrar que estas informações

foram transmitidas a Vanga por certos mensageiros de outros mundos (razão superior), com os quais comunicava ao longo de toda a vida.

Todas as profecias importantes para a humanidade Vanga transmitia em estado de transe. «A vidente nesses casos — recorda a sobrinha Krasimira Stoyanova — empalidecia, até desmaiava, dos seus lábios saíam palavras desconexas, e a voz mudava até se tornar irreconhecível, como se uma razão ou espírito alheio se instalasse nela para comunicar eventos fatídicos».

Abaixo está um pequeno excerto da conversa de Vanga com a sobrinha.

Pergunta: — Tens a sensação de que o teu dom de vidência está programado de cima?

Resposta: — Sim. Por forças superiores.

Pergunta: — Que forças são essas que tanto influenciaram em ti?

Não houve resposta.

Pergunta: — Como é habitualmente percebido o «sinal» destas forças ultraterrenas?

Resposta: — Na maior parte das vezes soa uma voz.

Pergunta: — E vêes aquele ou aqueles a quem chamas forças superiores?

Resposta: — Sim, tão claramente como uma pessoa vê o seu reflexo na água.

Pergunta: — Podem estas forças materializar-se, adquirir carne humana?

Resposta: — Não, não podem.

Pergunta: — Se tu, tia, quiseses entrar em contacto com elas, consegues? Ou só elas devem mostrar iniciativa?

Resposta: — Na maior parte das vezes o contacto ocorre por desejo delas. Mas também eu posso chamar estas forças — elas estão em todo o lado, ao lado.

Pergunta: — Todas as pessoas no planeta são uma família, pois todas as pessoas pensam: constituem uma comunidade de razão, que se encontra numa determinada etapa de evolução. Existe paralelamente à razão humana outra, mais perfeita, mais alta?

Resposta: — Sim.

Pergunta: — Diz, tia, esta super-razão de que origem é? De onde vem e onde se localiza?

Resposta: — Esta razão começa e acaba no cosmos, é eterna e infinita, tudo lhe está subordinado.

Assim, voltemos à informação que através de Vanga foi transmitida às pessoas pelas forças superiores (razão superior) do cosmos. É interessante saber quais constelações carregam de força energética a Rússia e outros povos e países eslavos?

O destino do nosso país, tal como o do Brasil, Grécia, Creta, Palestina, Turquia e Índias Ocidentais, é determinado pela constelação de Virgem. A Rússia carrega-se de energia luminosa não só das estrelas de Virgem, mas também das de Aquário e Peixes, e a Sibéria está sob influência das estrelas de Capricórnio e Balança. Por isso o destino da Rússia é determinado por um complexo entrelaçamento de fluxos energéticos de estrelas diferentes. As constelações que estão em dissonância com a Rússia e perturbam o seu desenvolvimento harmonioso são as de Peixes, Leão, Virgem, e na Sibéria — Câncer e Carneiro. Resulta que as constelações de Virgem e Peixes tanto nos carregam de energia como trazem destruição! Por isso a Rússia, segundo as palavras de Vanga, é um país de contradições. É exatamente por isso que sofre golpes do destino nos momentos em que, aparentemente, tudo corre bem.

As estrelas que entram na constelação de Virgem dotam a Rússia e o povo russo de traços como sociabilidade, empreendimento, intuição, pensamento lógico. Na vida social grande papel desempenha a intelligentsia — escritores, jornalistas, pessoas da ciência e educação (antes chamavam-lhes iluministas). Sobre a Rússia, Vanga disse que «o tempo dourado não a contorna, mas também das grandes e pequenas desgraças não há medida — ceifa-as com a foice». O destino da Rússia está condenado a oscilações infinitas: da força à fraqueza, da luz às trevas, e vice-versa, o que é confirmado pela história russa.

Atualmente o nosso país atravessa um período complicado da sua história, mas, segundo as palavras de Vanga, a partir de 2024 a Rússia espera mudanças para melhor. Chegarão tempos felizes, que durarão mil anos (em búlgaro — «hilyadoletie»). Possivelmente, é exatamente neste período que ocorrerá a oscilação da fraqueza para a força, e a energia das estrelas contribuirá para a prosperidade do país.

O que mais disse a vidente búlgara sobre a influência da constelação de Aquário no destino da Rússia? As estrelas mais brilhantes de Aquário — Sadalmelik, Sadalsuud e Skat. A palavra «sadalmelik» traduz-se do antigo árabe como «felicidade do reino». No entanto, contrariamente ao nome, a energia desta estrela predetermina ruína e perseguição de dissidentes. Vanga disse com pesar: «Na Mátushka-Rússia a felicidade do reino de uns desde tempos imemoriais para outros virava-se em dor pesada e sem saída, ruína e miséria do povo russo...» A palavra «sadalsuud» traduz-se como «o mais feliz». Na realidade, a estrela Sadalsuud traz aos povos inquietação e desonra. Segundo as palavras de Vanga, o regime totalitário estalinista e o terrível tempo das repressões (1937–1953) foram predeterminados pela energia de destruição que trazem duas estrelas — Sadalsuud e Sadalmelik.

No plano material, o nosso país espera constantes problemas ligados à energia negativa da estrela Sadalmelik. Mas o fluxo negativo de energia destas duas estrelas cruza-se com a energia positiva da estrela Skat, que predetermina felicidade e bem. É por isso que o destino da Rússia é oscilações eternas da força à fraqueza, da felicidade às adversidades. A estrela Skat forma nos russos uma bela intuição e educa neles a espiritualidade.

Ao longo dos últimos 2 séculos, quem não escreveu sobre um fenómeno como a misteriosa alma russa. Acontece que a natureza interior do homem russo é condicionada pela energia de três estrelas de Aquário, pelo cruzamento dos fluxos energéticos de Sadalmelik, Sadalsuud e Skat. Pela mesma razão, muitos russos são naturezas finas e sensíveis. Para revelar as suas capacidades e talentos, às pessoas russas é necessário um estímulo externo que as impulsione à ação.

Se falarmos da Bulgária e da Macedónia, a elas, tal como ao Afeganistão, aos países bálticos (Letónia, Lituânia, Estónia), Bolívia, Índia, México e Myanmar, protegem as estrelas de Capricórnio. Aqui entra

também a Sibéria e o Tibete. Os povos e países que se carregam de energia da constelação de Capricórnio são poderosos, orgulhosos e independentes, nestes países nascem muitos pensadores e profetas, os feitos intelectuais predominam sobre os económicos. E realmente, a Índia é o país de grandes mahatmas e de grande cultura. A Bulgária é famosa pelos seus *znahari* (*intuitivos*) e curandeiros. E todos os países acima referidos travaram (e travam) luta pelos seus ideais e independência (a mesma Bulgária, México e estados bálticos). Vanga mencionou também o corno da abundância (o corno quebrado da cabra — Capricórnio), que generosamente premiou estas terras com riquezas: a Sibéria com recursos minerais, o Tibete com conhecimentos espirituais.

A Polónia está ligada às constelações de Touro e Carneiro. As estrelas destas constelações influenciam a vida social e política destes Estados, as particularidades da existência e psicologia, formam traços nacionais e carácter. Sob influência das estrelas de Carneiro estão também países como Austrália, Albânia, Venezuela, Reino Unido, Alemanha, Dinamarca, Itália, Coreia, Palestina, França, Suécia, Síria e Japão. Aos povos destes países, tal como aos polacos, são inerentes a persistência na consecução de objetivos, solidez, empreendimento, sociabilidade, força, destreza, coragem, sentido do belo. A população da Polónia é inclinada a explosões de energia negativa, expressas em agressividade e participação em guerras ou incitamento a elas.

Os polacos colocam os próprios interesses acima de tudo, são vaidosos e muito variáveis, valorizam altamente as relações familiares e dedicam grande atenção à criação do lar. Todos estes traços são condicionados pela constelação de Carneiro. A constelação oposta é a de Balança. Mas é preciso lembrar que este povo formou-se também sob impacto da energia das estrelas de Touro. É um povo-trabalhador, que pacientemente e longamente esperou a sorte, mas atrás desta paciência escondiam-se tenacidade e vontade.

Os polacos veneram altamente as tradições e costumes dos antepassados, são inclinados a expressar os seus sentimentos através da arte — música, poesia, pintura. A constelação de Escorpião perturba o curso habitual da vida deste povo.

Aos eslavos ocidentais pertencem, além dos polacos, os checos e eslovacos. O que as estrelas contaram à vidente Vanga sobre os destinos

destas nacionalidades? Os eslovacos e checos estão sujeitos à influência das estrelas de Leão. Sob proteção desta constelação vivem a Áustria, Itália, Roménia, Sicília, França, Ártico e Antártida. A constelação de Leão, como dizia Vanga, é uma das mais felizes da nossa Galáxia. E os próprios países sob impacto das estrelas de Leão são muito diferentes uns dos outros.

A estrela mais brilhante no coração de Leão — Régulo — traz à Chéquia e Eslováquia felicidade, abundância, sucesso e prosperidade. No entanto, as estrelas na cabeça de Leão enviam fluxos energéticos que geram crueldade, agressividade e avareza. Ocorre o entrelaçamento de fluxos de energia de estrelas diferentes: as estrelas no pescoço e coxas de Leão contribuem para o desenvolvimento do comércio e estimulam o empreendimento, as estrelas na cauda e coxas são semelhantes à influência das estrelas de Vénus, despertam nestes povos o sentimento de amor pela mulher, interesse pela arte, veneração da maternidade, aspiração à harmonia.

A excessiva impulsividade e aspiração a obedecer à linguagem dos sentimentos, e não à voz da razão, é o lado fraco destes países e muitas vezes vira-se para eles em desgraças e tragédias.

Os povos da Jugoslávia — sérvios, montenegrinos, croatas, eslovenos — estão, segundo as palavras de Vanga, sob influência da energia das estrelas de Sagitário. A constelação oposta é Gémeos. Vanga disse que a influência das estrelas de Sagitário sobre países e povos menos coincide com os mapas de Ptolomeu. As estrelas permaneceram as mesmas, mas o mapa político mudou fortemente em 2 mil anos, pois esta constelação protege muitos Estados em diferentes partes do mundo. A constelação zodiacal de Sagitário está localizada no centro da Galáxia, e a astronomia moderna reconhece a presença aqui de poderosas fontes de radiação. A energia de planetas do tipo Marte determina o carácter dos povos da Jugoslávia: agressividade e inclinação para a guerra. As estrelas mais brilhantes de Sagitário predeterminam sorte e felicidade, independência e coragem, aspiração ao domínio, amor pelo belo e elevado.

Vanga contou muitas coisas interessantes sobre os mapas de Ptolomeu. Os astrólogos modernos, em particular o cientista búlgaro A. Dimitrov, confirmam as palavras de Vanga de que cada povo sofre influência de uma ou outra constelação. Quanto às «estrelas extintas»,

atualmente no Sistema Solar contam-se cerca de 70, mas quais povos e países estão sob a sua influência permanece um enigma. Vanga também não informou sobre isso. Talvez para a humanidade ainda não tenha chegado o tempo de saber a verdade.

«As estrelas são exatamente como as pessoas... Umas estão prestes a perder, a esgotar todo o seu stock de energia. Outras ainda viverão e viverão, irradiando calor e luz» — dizia Vanga. E resulta que cada povo tem a sua estrela e os destinos dos povos, tal como os dos planetas, são muito diferentes.

Vanga contou que cada cidade ou localidade tem a sua estrela ou constelação. A energia das estrelas exerce um impacto positivo ou negativo sobre os habitantes de um ou outro cidade (ou qualquer povoado). Sobre isto escreveu Cláudio Ptolomeu e astrólogos de outras épocas. Segundo os astrólogos do século XVII, o monstruoso incêndio em Londres, ocorrido em 1666, foi condicionado pela energia da constelação de Gémeos. Vanga disse que o incêndio em Londres ocorreu devido a uma grande explosão de energia da estrela Wasat (que está na constelação de Gémeos).

Ao homem acompanhará a sorte se a constelação sob a qual nasceu coincidir com aquela que governa a cidade. A Moscovo, como se sabe, protege a constelação de Aquário. Isso significa que as pessoas nascidas sob o signo de Aquário se sentirão nesta cidade da forma mais favorável. Vanga contou sobre o artista de Sófia Hristo Nedelchev. Nascido sob a constelação de Leão, viajou para Roma (que é «governada» por Leão). Nesta cidade, o artista sentiu um afluxo de energia e inspiração. Sentiu que outrora, possivelmente numa vida passada, fora italiano e vivera nesta cidade.

A terra búlgara, de onde era originária Vanga, é famosa pelos seus znahari e curandeiros. É um país de cultura extraordinária, uma terra abençoada, que gera profetas e curandeiros, que se carrega de energia das estrelas de Capricórnio. O lugar onde Vanga nasceu, recebeu o seu dom profético e onde passaram os anos da sua vida frutífera e única, também está sob influência da constelação de Capricórnio. As estrelas de Capricórnio ajudaram Vanga ao longo de toda a vida. É interessante também que a própria cidade de Petrich, onde Vanga viveu, esteja localizada perto das ruínas do antigo templo grego do Oráculo de Delfos.

Assim, o nascimento de Vanga estava predeterminado pelo destino, pelas estrelas e pelos segredos desta terra sagrada.

«As pessoas boas servirão o futuro...»

Existe saída para a salvação da humanidade? Vanga via-a no renascimento espiritual das pessoas da terra. Considerava que a consciência das pessoas deve reorientar-se para a bondade: «A Terra entra num novo trecho de tempo, que se pode caracterizar como tempo das virtudes» (dito por Vanga em 1980).

Segundo as palavras de Vanga, devem vir novas pessoas com um novo pensamento, que poderão preservar a paz e a harmonia na terra. «Lutar pela paz não é obrigatório com arma na mão — dizia Vanga em 1987 —, se inspirares nas pessoas pensamentos bons — darás um passo para alcançar a paz». «Muitas pessoas tentam adaptar-se aos tempos atuais, mas isso não as ajudará a entrar no futuro. Elas eram necessárias ao tempo que se vai, e cumpriram a missão que lhes foi imposta pelo céu. Outras, pessoas boas, servirão o futuro — a preservação e o desenvolvimento da vida» (dito por Vanga em 1980).

«Para se salvarem, é preciso relacionar-se uns com os outros com bondade e amor. Se não compreendermos estas verdades simples — advertia Vanga —, as leis inexoráveis do cosmos obrigar-nos-ão a fazê-lo. Mas será tarde demais para mudar algo.»

Os cientistas sobre as estrelas e os destinos

Voltemo-nos agora às conclusões dos cientistas. O que dizem eles sobre a influência das estrelas nos destinos dos países e povos? O conhecido professor, doutor em ciências técnicas A. N. Sinyakov, confirmou as palavras da vidente de que as catástrofes naturais e tragédias na Terra, assim como as tragédias no destino humano, estão predeterminadas pela influência das estrelas e planetas (e outros corpos cósmicos, por exemplo cometas).

Durante muitos anos, o professor ocupou-se do estudo de catástrofes na terra: analisou dados estatísticos sobre terremotos, inundações, explosões em minas, quedas de aviões e catástrofes de foguetões. Investigou o mistério do meteorito de Tunguska e a situação no dia da morte de S. Esenin. O resultado da sua investigação foi a descoberta do LGR — ressonância geofísica local. Este fenómeno surge na

Terra em ligação com o despertar de um certo espaço físico, condicionado pela influência das estrelas e planetas. Surge uma anomalia na superfície da Terra ou nas suas entranhas. Se neste lugar se encontrar um avião, uma mina, uma montanha ou uma pessoa, ocorre uma mudança das propriedades dos materiais e substâncias, e a pessoa deixa de reagir adequadamente ao que acontece e pode tomar uma decisão (ou simplesmente não agir), que lhe custará a vida.

A ressonância geofísica local pode ser chamada de outra forma zona de catástrofes semelhante ao Triângulo das Bermudas. Vanga chamou estas zonas perigosas pontos dolorosos do mapa estelar-fatídico do céu. Aleksandr Nazarievich trouxe o caso com Yuri Gagarin, sobre quem Vanga disse que ele não morreu, mas foi levado para os céus. No lugar onde decorria o voo de Gagarin, na região de Moscovo, no distrito de Novoselki, a 27 de março de 1968 às 10 horas e 35 minutos surgiu um LGR, condicionado pela influência da Lua, Vénus e Júpiter. Gagarin já cumprira o programa e regressava à base. Num certo momento perdeu a orientação, ao sair da nebulosidade em viragem, e não conseguiu dominar o controlo do avião. Este erro fatal custou-lhe a vida.

«Um minuto mais cedo ou mais tarde — e a tragédia poderia ter sido evitada» — considera A. N. Sinyakov. Algo semelhante ocorreu na central de Chernobil em 1986. A falta de coordenação das ações dos operadores na zona de LGR, na qual entrou a central, levou à explosão na AES.

Quanto a colisões com a Terra de corpos cósmicos, como no caso do meteorito de Tunguska, catástrofes naturais semelhantes foram muitas no nosso planeta.

A vidente Vanga predisse no fim do ano mundial (no ano 7000) a queda na Terra de um cometa, em resultado do qual começarão terremotos, mudanças geofísicas, e depois no nosso planeta ocorrerá uma catástrofe ecológica.

Em diferentes cantos da Terra contam-se dezenas de vestígios de quedas de corpos cósmicos. Por exemplo, na ilha estoniana de Saaremaa existe o Lago Sagrado (Kaali pühajärv). Os cientistas provaram que ele se formou no lugar da queda de algum enorme corpo cósmico. Há 2500 anos, nas camadas densas da atmosfera entrou um meteorito, que, ao desintegrar-se, caiu na Terra em forma de chuva de meteoritos. Uma

«gota» desta chuva com peso de 550 t escavou este poço, que posteriormente se encheu de água. Assim se formou o lago.

Uma chuva de meteoritos pode passar em qualquer lugar e atingir bairros residenciais ou casas. Segundo a estatística, no período de 1790 a 1954 foram registados 27 impactos de meteoritos em casas residenciais. Por exemplo, na Polónia em 1868 caiu uma chuva de meteoritos: perto de Varsóvia caíram cerca de 100 000 pedras, algumas pesavam até 10 kg. Quando as pessoas se tornam testemunhas de cataclismos naturais semelhantes, estes eventos ficam na memória dos povos em forma de mitos e lendas.

Como exemplo pode trazer-se a lenda dos índios da tribo Navajo sobre um deus que desceu à Terra numa coluna de fogo, queimando tudo ao redor. Quando os cientistas investigaram o lugar, no qual, segundo a tradição dos índios, desceu a coluna de fogo, viram uma enorme cratera com profundidade superior a 100 m e diâmetro de 1500 m. Acontece que é uma cratera de meteorito, que caiu na Terra há muitos séculos. Quanto maior o raio e a massa do corpo cósmico, maiores destruições pode causar.

As catástrofes podem ter carácter global. Resta apenas esperar que num futuro próximo nada semelhante aconteça na Terra, e mesmo assim vale a pena escutar as predições de Vanga e refletir não só sobre o futuro do nosso planeta, mas sobre o dia de hoje, pois todas as predições se dirigem antes de mais a nós, que vivemos na Terra. «A Terra espera de nós gratidão por termos vindo e vivermos nela. Pagamos à Terra dívidas, como renda de apartamento. Cada pessoa paga... Vivo tantos anos e vejo o que se passa no mundo» — estas palavras simples e sábias da vidente búlgara soam como testamento de Vanga aos descendentes. É preciso aprender a ser grato ao próprio planeta e ao próprio destino (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

«Vejo a vida do homem como se filmada numa fita cinematográfica»

No livro de K. Stoyanova «A verdade sobre Vanga» lemos:

Pergunta: — Como se manifesta concretamente o futuro de uma ou outra personalidade: iluminam-se apenas os eventos principais, ou vê-se toda a vida por completo, na sequência dos eventos? Numa palavra, como no cinema ou de outra forma?

Resposta: — Vejo a vida do homem como se filmada numa fita cinematográfica.

Pergunta: — Lês os pensamentos?

Resposta: — Sim.

Pergunta: — E à distância?

Resposta: — A distância não tem importância.

Pergunta: — Uma ideia é transmitida por fala ou de outra forma?

Resposta: — Não existem barreiras linguísticas. Habitualmente ouve-se uma voz, a língua é sempre búlgaro.

Pergunta: — A profundidade das tuas visões depende da seriedade da pergunta colocada e da personalidade de quem se dirige a ti?

Resposta: — Sim, isso é importante.

Pergunta: — E a profundidade das tuas visões depende do estado de saúde (não só o teu físico), mas também do estado psicológico de quem te pergunta?

Resposta: — Não depende.

Pergunta: — Se acontece que vês com a visão interior que te foi dada de cima uma desgraça próxima ou a morte da pessoa que veio ter contigo, podes fazer algo para que a desgraça possa ser evitada?

Resposta: — Não, nem eu nem ninguém mais poderá fazer algo.

Pergunta: — E se os problemas, mesmo catastróficos, ameaçam não uma pessoa, mas um grupo de pessoas, uma cidade inteira, um Estado, pode preparar-se algo antecipadamente?

Resposta: — É inútil.

Pergunta: — O destino do homem depende da sua força moral interior, das capacidades físicas? Pode influenciar-se o destino?

Resposta: — Não pode. Cada um percorrerá o seu, e só o seu, caminho.

Pergunta: — Como consegues determinar com que tristezas veio ter contigo o visitante?

Resposta: — Ouço uma voz que fala sobre esta pessoa, diante de mim aparece a sua imagem, e torna-se clara a causa dos sofrimentos».

Os extraterrestres do planeta Vamfim

Sobre o planeta Vamfim, Vanga falou não só a S. V. Mikhalkov, mas também a outras pessoas que a visitaram. Os cientistas supõem que é exatamente o 10.º planeta do Sistema Solar, sobre o qual contam os desenhos e registos dos antigos povos da civilização suméria.

Os astrónomos sumérios consideravam que o Sistema Solar consiste em 12 corpos estelares — o Sol, a Lua e 10 planetas. Nove deles são-nos bem conhecidos, e o 10.º planeta, que, segundo suposições dos cientistas modernos, se move numa órbita inclinada, possivelmente é o planeta Vamfim.

O cientista do Turquemenistão Odek Odekov calculou que a cada 3600 anos a Terra se posiciona favoravelmente em relação ao 10.º planeta. Os hieróglifos das antigas civilizações que chegaram até nós testemunham que todos os fenómenos anómalos ligados a contactos dos antigos com extraterrestres ocorreram aproximadamente há 7500 e 3600 anos.

Os extraterrestres com os quais Vanga comunicava durante muitos anos, cumprindo a missão que lhe foi imposta pelas forças superiores, eram exatamente deste planeta. K. Stoyanova, conversando com a tia, perguntou-lhe várias vezes sobre este planeta misterioso. Eis o que contou a vidente búlgara sobre as visitas dos misteriosos extraterrestres do planeta Vamfim:

«Já os vejo há cerca de um ano. São transparentes. Parecem o reflexo de uma pessoa na água. Os cabelos são macios, como penugem de pato, parecem asas. Muitas vezes, quando regresso a casa, encontro-os no meu quarto. Converso com eles, ainda antes de chegar ao portão, ouço sons prolongados e lentos, muito melódicos, como se um coro cantasse salmos. Dizem que vêm do planeta Vamfim — o 3.º planeta a contar da Terra, pelo menos assim me soa. Com que objetivo vêm — não sei. Às vezes um deles pega-me na mão e leva-me ao seu planeta. Sigo-o. Ando pela terra (mas isto não é terra!), semeada de estrelas. Como se as pisasse. Aqueles que me guiam movem-se muito rapidamente, aos saltos. Partem e regressam.

No seu planeta tudo é muito bonito, simplesmente não consigo descrever» (K. Stoyanova. Vanga: confissão de uma vidente cega).

Muitos interessaram-se pelo planeta Vamfim, cujos representantes voavam até Vanga ao longo de toda a sua vida. É possível o contacto com os habitantes deste planeta misterioso com ajuda de meios técnicos ou telepatia? Vanga respondeu negativamente: os terrestres aqui são impotentes para fazer algo — o contacto é realizado pelos nossos hóspedes, a sua civilização é mais desenvolvida no plano técnico e espiritual do que a nossa. Às pessoas ainda falta aprender a comunicação civilizada com representantes de outros mundos. O tempo ainda não chegou. Há demasiado mal ao redor e nas almas das pessoas. Por isso agora sobre contactos com outros mundos só se pode sonhar.

Os extraterrestres não permitiam que Vanga contasse às pessoas o que via e ouvia no planeta Vamfim. Segundo as palavras de Vanga, os mensageiros do cosmos realizam ligações diretas com a Terra através de alguns terrestres. Os extraterrestres controlam tudo o que acontece no nosso planeta. Uma vez instalaram na Terra duas esculturas em honra dos seus ilustres concidadãos.

Uma representava um homem que está sentado numa pedra, pensativo e com a cabeça apoiada nas mãos. A outra representava uma pessoa em pé, que olha para o longe e na mão direita segura um objeto que vagamente lembra uma pistola. Quando os extraterrestres instalavam as esculturas, um extraterrestre decidiu que era preciso deslocar as figuras para o lado, para que as pessoas não as notassem. Outro disse que as pessoas são cegas e de qualquer forma nada veriam.

Exatamente estes extraterrestres cósmicos dotaram Vanga do dom profético e através dela estabeleceram ligação com os habitantes do planeta. Existem também outros escolhidos, mas quem são — permanece um enigma até hoje. Sobre contactos com seres extraterrestres contam hieróglifos, mitos e lendas dos tempos antigos.

Possivelmente, são os mesmos mensageiros celestiais de Vamfim que visitavam Vanga, que lhe abriram os segredos do passado e a possibilidade de ver o futuro do nosso planeta.

A ciência sobre a vidência

As conclusões de tudo o dito são óbvias: a questão da natureza da vidência para a ciência moderna permanece aberta. Em ligação com as reflexões sobre o dom milagroso de Vanga surge outro tema: a ciência reconhece a vidência como facto, como fenómeno realmente existente? Para responder a esta pergunta, é necessário esclarecer alguns conceitos e termos.

O estudo da vidência é feito por uma área do conhecimento como a parapsicologia. O que representa esta ciência? A palavra «parapsicologia» traduz-se do grego como «ensino sobre o que acontece ao lado da alma». Literalmente «para» — «ao lado», «psique» — «alma», «logos» — «ensino, palavra». Esta área do conhecimento estuda fenómenos misteriosos da psique humana, que não se submetem a explicação científica tradicional. Os fenómenos que não encontram explicação racional são considerados paranormais.

Existem pessoas — sensitivos ou psíquicos, que possuem percepção supersensível, na qual não participam os órgãos dos sentidos, e capacidades de influenciar vários processos físicos e o biocampo do homem, sem entrar em contacto com ele.

Telepatia — capacidade de transmitir pensamentos à distância, telecinese — capacidade de deslocar objetos à distância com ajuda de bioenergia, poltergeist — aparição de um ser místico ou espírito, que se manifesta por várias ações, sons e deslocação de objetos, paradiagnóstico — reconhecimento de doenças graças a capacidades supersensíveis, ufologia — ensino sobre fenómenos anómalos, radiestesia — antigo método de determinar a localização de águas subterrâneas ou minerais úteis com ajuda de uma varinha de videira. Todos estes conceitos estão ligados à parapsicologia.

A palavra «extrassensorial» apareceu na nossa fala relativamente recentemente — no início dos anos 1980 após um simpósio de parapsicólogos em Tbilisi. Agora as pessoas com capacidades paranormais são chamadas extrassensoriais. Distinguem-se das pessoas comuns por possuírem capacidades supersensíveis e habilidade de influenciar o biocampo do homem.

As pessoas com capacidades de «ver» o futuro não são assim tão poucas, mas pessoas como Vanga nascem uma vez por século.

A vidência também é parte constituinte da parapsicologia. É uma área científica que estuda a capacidade de prever o que está inacessível à percepção das pessoas num dado momento — eventos e acontecimentos futuros, o destino do homem e de povos inteiros. De outra forma, a vidência chama-se visão interior, ou seja, visão com o olhar interior.

Os videntes na história da humanidade foram muitos. Em diferentes tempos chamavam-lhes profetas, videntes, adivinhos, feiticeiros (ou feiticeiras), oráculos, magos, bruxos, profetas, videntes, previsores. Nos tempos antigos os videntes chamavam bruxas e bruxos, e nestas palavras não estava escondido algum sentido sinistro, pois a palavra antigo-russa «ved» significava «conhecimento», ou seja, bruxos — aqueles que sabiam mais do que todos os outros, incluindo sobre o futuro. E Baba Yaga pelos antigos eslavos era percebida de forma alguma como personagem negativa dos contos infantis, mas como um ser que vive na floresta e possui capacidades de curar, fazer encantos, profetizar.

Baba Yaga — do antigo-russo «yaza» — «doença, maleita, sofrimento», e «yag» — «bosque, floresta de pinheiros». Nos mitos antigo-gregos encontram-se diferentes personagens que possuem o dom da vidência: náíades — ninfas das águas, que dominam a arte da predição e cura; dríades — ninfas que vivem nas florestas e também possuem capacidades de profetizar e curar pessoas; moiras — deusas do destino, que fiam o fio da vida humana; pítias — sacerdotisas-videntes de Pito — localidade na Antiga Grécia, onde se encontrava o templo de Delfos; sibilas — seres que predizem desgraças e tristezas. Os gregos acreditavam santamente nas predições das pítias, e nenhuma decisão importante era tomada sem participação da sacerdotisa.

No Ocidente, à parapsicologia relacionam-se com grande respeito. O curso de parapsicologia está incluído nos programas de ensino de muitas universidades, incluindo em Paris, Berlim, Genebra, Berna e outras. No Iraque, na Academia Assíria, ensinam os fundamentos da parapsicologia e acupuntura (tratamento de doenças com impacto em certas zonas e pontos do organismo humano), e também dão competências de trabalho com pêndulo.

Nos EUA, a União Americana de Astrólogos e outras organizações científicas realizam grande trabalho de investigação no estudo da parapsicologia e OVNIs. No Observatório de Harvard também existe um centro de estudo de fenómenos anómalos.

Muitas conclusões dos cientistas cruzam-se com as declarações da vidente búlgara. Por exemplo, Vanga, ao contar sobre os seus contactos com extraterrestres, que chamava habitantes do planeta Vamfim, mensageiros celestiais, forças superiores, seres extraterrestres, dizia que os via transparentes, «como o reflexo de uma pessoa na água», «como pontos luminosos» ou «imagens cintilantes». Vanga contemplava-os com a visão interior, para as pessoas comuns eram invisíveis. A possibilidade de tornar-se invisível não é negada pelos cientistas que se ocupam de parapsicologia. Os mahatmas e iogues da Índia, Tibete, Nepal afirmam que em qualquer pessoa as capacidades de vidência estão depositadas geneticamente, é preciso apenas desenvolvê-las e aprender técnicas especiais. Agora, claro, estas palavras soam como fantasia. Mas quem sabe, possivelmente chegará o tempo em que as capacidades de vidência serão privilégio não só dos escolhidos. Mas por enquanto podemos apenas admirar o dom milagroso de personalidades tão únicas como a profetisa búlgara Vanga.

Vanga — telepata?

Cada um que visitou Vanga ficava perplexo com a maneira da vidente conduzir a conversa. Chamar a conversa da vidente com os visitantes diálogo no sentido habitual desta palavra é impossível. Vanga fazia perguntas quando se preparavam para lhe perguntar algo (como se previsse a pergunta). Muitas vezes, ao fazer uma pergunta, respondia ela própria, antecipando o interlocutor. Se acreditarmos nos experimentos científicos do professor do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia Velichko Dobriyanov, então 70–80 % das respostas de Vanga representavam mensagens telepáticas corretas.

Formava-se a impressão de que a vidente búlgara simplesmente dominava a técnica de adivinhação, conhecida por qualquer adivinha de rua (talvez por isso os cientistas e os poderosos durante longos anos não quisessem reconhecer o seu dom), só que uma adivinha comum raramente atinge o resultado de reconhecimento de 30 %.

Recordemos que o professor Dobriyanov analisou 18 «diálogos» de Vanga com visitantes, nos quais foram fixados 823 mensagens da vida destas pessoas. Estabeleceu-se que verdadeiras delas foram 445, alternativas (ou ambíguas) — 288, erradas — 90. Para comparação das capacidades de Vanga com outras adivinhas foram gravadas conversas de duas mulheres videntes com visão, que também se encontraram com 18 clientes. Elas, as duas juntas, fizeram cerca de 800 predições, mas delas apenas 200 se revelaram verdadeiras, 420 alternativas e 180 erradas.

Os cientistas que estudaram o fenómeno de Vanga enviavam deliberadamente pessoas fictícias para a enganar. Mas a vidente búlgara desmascarava-as muito rapidamente e com segurança, não dando hipóteses de a iludirem.

A um político que se fazia passar por comerciante de vinho, Vanga disse que «ele não servia para o comércio, precisava de falar com as pessoas» (o que ele fizera toda a vida).

O professor Dobriyanov concluiu que Vanga possuía realmente capacidades telepáticas, a probabilidade de realização dos eventos por ela preditos era significativamente superior à adivinhação média estatística. Mas nem ele nem todo um instituto de cientistas, que se debateram com este enigma, conseguiram explicar a natureza das capacidades de Vanga. Dobriyanov disse apenas que a telepatia, possivelmente, é um atavismo deixado em herança pela evolução.

Talvez a solução esteja nas particularidades do cérebro da profetisa? Pouco antes da morte de Vanga, os cientistas realizaram investigações clínicas do seu cérebro. Os resultados mostraram normalidade, nada de extraordinário foi detetado. Após a morte da vidente, que pedira que não fosse feita autópsia anatómica e que o seu corpo fosse entregue à terra, os médicos cumpriram o desejo da vidente e não permitiram que os cientistas investigassem exaustivamente os seus órgãos internos.

Não existe, até ao dia de hoje, uma explicação satisfatória para o fenómeno de Vanga, apenas suposições. Enquanto a ciência moderna não dispõe de métodos para estudar fenómenos semelhantes a Vanga. As capacidades humanas fenomenais têm os seus testemunhos históricos na pessoa de génios — como Mikhail Lomonosov, Dmitry Mendeleev, Michelangelo Buonarroti, Victor Hugo, Herbert Wells. Sabe-se que as suas

grandes descobertas foram feitas graças a sonhos proféticos. Significa que, no sono, receberam (de onde, de que fontes?) informação sobre eventos e processos futuros.

Vanga possuía um dom muito raro de conhecer informação sobre o futuro, caindo, como já foi dito, em transe ou sono hipnótico. Os cientistas modernos chamam estes fenómenos de vidência, pressentimento e telepatia percepção fora dos órgãos dos sentidos. O açúcar, as flores, as velas eram para ela, muito provavelmente, meios auxiliares. Ela não recebia pensamentos e imagens prontos, mas o seu cérebro processava todo um fluxo de pensamentos e processos subconscientes que ocorriam no interlocutor. Possivelmente, por isso, conseguia verbalizar coisas que espantavam os seus visitantes, muitos dos quais eram luminares da ciência. Todos declaravam que ficaram impressionados com o facto de uma mulher rural quase analfabeta poder falar de problemas científicos sérios e nomear nomes e factos conhecidos apenas por especialistas.

Como mais um exemplo, trazemos o testemunho da médica soviética Z. M., que, ao encontrar-se com Vanga, pediu à vidente que contasse sobre os curandeiros populares da antiguidade e sobre os métodos de tratamento por eles usados. A mulher, conhecida especialista na área da medicina, ficou chocada com o facto de Vanga nomear nomes de curandeiros que apenas especialistas de uma determinada área da medicina poderiam conhecer. «Parece que Paracelso é amigo pessoal dela» — partilhou as impressões Z. M. (este caso é referido no livro de K. Stoyanova «Vanga: confissão de uma vidente cega»).

Experimento científico

A quantidade de predições que Vanga proferiu na sua vida não se presta a qualquer contagem. Por isso, muitos tinham dúvidas sobre o dom profético de Vanga: será possível tal coisa? O psicólogo e paranormal russo Vladimir Safonov, juntamente com outros parapsicólogos búlgaros e russos, participou num experimento científico para verificar o fenómeno de Vanga. O que ele pessoalmente viu e soube deixou-o estupefacto e impressionado. As predições de Vanga cumpriam-se até aos mais ínfimos pormenores. Aqui estão alguns exemplos.

Um jovem casal sem filhos veio ter com Vanga. O homem queria saber se teriam um filho. Vanga zangou-se: «Para que precisas de filhos,

vai com Deus!» O homem saiu, claramente irritado com esta resposta. Vanga disse após a saída dele: «Este homem espera a morte! Quer filhos... Para que precisa ele de filhos?» Um mês depois, o homem morreu num acidente de automóvel.

Em dezembro de 1993, ao cumprir uma missão, foi gravemente ferido o capitão do Ministério do Interior Dafina Todorov. A esposa veio ter com Vanga para saber o que esperava o marido. Vanga confessou após a saída dela ao professor D. Filipov: «Olho para o açúcar e vejo um jovem bonito. Ao lado dele — também jovens rapazes, não consigo tirar os olhos. Vejo olhos maravilhosos, rosto perfeito. E — uma sepultura. O que fazer, como dizer a verdade à esposa? Se disser — a jovem cairá como ceifada. Pedi-lhe que viesse após 10 de janeiro...» O capitão morreu a 24 de dezembro.

Vanga ajudava os órgãos do Ministério do Interior da Bulgária a encontrar pessoas desaparecidas. Conseguia comunicar com os falecidos, por isso podia contar como ocorrera o crime e indicar onde procurar os culpados e os corpos das pessoas desaparecidas.

O paranormal V. Safonov também decidiu verificar as capacidades da vidente e trouxe fotografias de duas raparigas desaparecidas da Rússia: uma desaparecera em Jūrmala, a outra em Kaluga. Pelo diagnóstico realizado pelo parapsicólogo, a criança desaparecida em Jūrmala estava morta, e a rapariga de Kaluga viva. Safonov mostrou a Vanga as fotografias das crianças. Mal tocando na primeira fotografia, Vanga disse que a criança morrera. Pegando na segunda foto, a vidente assegurou que a rapariga de Kaluga estava viva, mantida por resgate. Aconteceu que as conclusões dos dois paranormais coincidiram. A rapariga de Kaluga foi encontrada algum tempo depois com uma mendiga.

Vanga comunicava com as almas dos pais de Vladimir Safonov. «Aqui estão a tua mãe e o teu pai!» — indicou Vanga para o vão da porta. A vidente contou a Safonov que os pais dele morreram, e os irmãos pereceram na guerra. O próprio fora gravemente ferido na frente: Vanga apontou para o pescoço, onde Safonov tinha uma cicatriz após a operação. Também informou que ele era casado e que o casamento era o primeiro e último. Claro que o parapsicólogo russo ficou impressionado com a capacidade de Vanga de entrar em contacto com os falecidos, vê-los e ouvi-los, conhecer pormenores do passado.

Todos estes factos convenceram o paranormal russo de que o fenómeno de Vanga é um fenómeno único e inexplicável. Todas as dúvidas quanto à veracidade das predições infalíveis dissiparam-se.

Mensagens espirituais de Vanga

Vanga, como já dissemos, percebia as suas capacidades como um dom de Deus. Para ela, o mais importante na vida era o cumprimento do seu destino na terra. Vanga deixou à humanidade mensagens e ensinamentos espirituais-morais. Como diz a Bíblia, quem tem ouvidos que ouça. Trazemos como exemplo os mandamentos espirituais da profetisa búlgara.

...Obedecei a Deus, e tudo correrá bem. Se fordes contra Ele, sofrereis e padecereis. Batizai os vossos filhos, para os proteger das desgraças.

Sede mais bondosos, para não sofrerdes mais. O homem nasceu para boas ações, as más não ficam impunes. O castigo mais cruel espera não quem causou o mal, mas os seus descendentes. Isso dói ainda mais.

As pessoas sofrem, e muitas delas são infelizes, porque não possuem a capacidade de esquecer o mau e perdoar.

Não murmureis, ao passar por sofrimentos. Os sofrimentos purificam. Para uma coisa ficar limpa, é preciso lavá-la.

Deus deu ao homem uma arma poderosa — a vontade, que nenhuma força consegue quebrar, por isso o homem decide a quem servir.

O homem é o que é. Se o homem conseguir mudar os seus pensamentos para o bem — mudará a sua vida.

Se o homem souber o que quer, alcançará muito.

Orai, para que Deus poupe o homem, pois ele enlouqueceu no seu ódio ao próximo.

Não luteis com os néscios, eles não são assim tão terríveis, não tenteis mudá-los ou ensiná-los. Piores são os meio-néscios. Eles podem fazer coisas que agitarão todo o povo.

Se deres neste mundo, também no céu terás. Se tens duas maçãs, uma grande e uma pequena, dá uma delas. Igual receberás no outro mundo. Se nada deste nesta vida, também lá nada receberás.

Vanga foi premiada por Deus com capacidades de comunicar com representantes de civilizações extraterrestres. Muitos, claro, faziam-lhe perguntas. As pessoas queriam saber se descobririam vida no cosmos e se ocorreria o encontro de extraterrestres e terrestres.

Vanga respondia que os cientistas encontrarão vida no cosmos, e depois disso tornar-se-á claro de que forma surgiu tudo o vivo na Terra. Quanto ao encontro de pessoas com irmãos pela razão, a vidente disse que isso ocorrerá daqui a muito tempo, não antes de 200 anos.

O caso Wallenberg

Sabe-se que recorriam a Vanga não só como curandeira e profetisa: ela também ajudava a encontrar pessoas desaparecidas. Por vezes, a vidente fazia isso por fotografia, como no caso do conhecido diplomata sueco Raoul Wallenberg, que desaparecera no fim da guerra. O caso Wallenberg ganhou publicidade há alguns anos, quando pela Rússia passou uma onda de reabilitação das vítimas do regime estalinista. Como se sabe da história, o diplomata sueco Raoul Wallenberg em 1944 cumpria uma missão secreta: libertou das masmorras dos campos nazis em Budapeste vários milhares de judeus. O diplomata, arriscando a vida, ajudou estas pessoas a evitar a morte, entregando-lhes passaportes de cidadãos da Suécia.

Em 1945, quando o Exército Soviético libertou Budapeste, Wallenberg e o seu motorista Langfelder foram presos e enviados para a União Soviética. Mais ninguém soube nada deles. Possivelmente, morreram. Não se exclui que cumprissem pena nos campos estalinistas.

Mas existia também uma terceira versão: Wallenberg fugiu, escondeu-se na América Latina, mudou de nome e aparência e viveu com documentos falsos.

Mostraram a Vanga a fotografia de Wallenberg, para saber onde estava escondida a verdade. Ela, como sempre, segurou a fotografia nas mãos e disse que a pessoa nela retratada já não estava viva. A vidente búlgara informou que R. Wallenberg fora preso por ordem pessoal de L. P.

Beria, lançado num dos campos estalinistas e fuzilado sem julgamento. Juntamente com ele morreu também o seu motorista.

Em dezembro de 1995, o processo pessoal de Wallenberg foi desclassificado. Tudo o que a vidente contara revelou-se verdade. Foi assinado um decreto de reabilitação de Wallenberg e Langfelder. Aos familiares do diplomata e do motorista falecidos, o governo da Rússia expressou condolências. Os súbditos suecos Wallenberg e Langfelder foram reconhecidos como vítimas de repressões políticas.

Pessoas que conheceram Vanga. Discípulos e sucessores

«Tudo chega a tempo e por merecimento.» Vanga e a curandeira Dali

A conhecida curandeira Dali tornou-se a primeira russa sucessora da vidente Vanga. Dali há muito sonhava encontrar-se com Vanga, mas o destino decidiu de outra forma: primeiro ganhou experiência em cura e desenvolveu capacidades de vidência, e depois ocorreu o tão esperado encontro com a famosa vidente búlgara.

As suas capacidades

Dali recebeu dos pais, que se tornaram famosos como znahari, que curaram muitas pessoas. O dom de cura transmitia-se por herança de geração em geração. Dali não começou imediatamente a ocupar-se de cura, primeiro não acreditava muito em conjuros e métodos populares de tratamento, mas depois compreendeu que da mãe e do pai recebera em herança capacidades únicas de znahar. Dali dominou muitos métodos de cura popular, mas posteriormente sentiu falta de conhecimentos. Vivia à espera de algum evento importante na sua vida.

Dali veio para Moscovo, trabalhou na Associação de Parapsicologia Médica, estudou na cadeira de radiologia do Primeiro Instituto Médico, aprendeu a ler radiografias, estudou na instalação de ultrassons a estrutura anatómica do organismo humano. As suas capacidades foram altamente avaliadas por médicos e pacientes, mas a Dali faltava um mentor espiritual que a abençoasse no caminho complicado e espinhoso do curandeiro.

1 de novembro de 1994 Dali considera o dia do seu segundo nascimento. Neste dia encontrou-se com a profetisa búlgara e finalmente

recebeu a bênção do mentor espiritual, com cujo encontro há tanto sonhava.

Nessa altura, Vanga já estava gravemente doente, mas recebeu imediatamente a curandeira da Rússia. Dali recorda que antes do encontro com Vanga sentiu uma alegria trémula de expectativa. Escolheu durante muito tempo um presente e queria com ele transmitir uma partícula do seu amor pela famosa vidente búlgara. Por fim, escolheu um xaile de penugem e não se enganou: a Vanga gostou muito dele. Aos outros presentes a lelya («tia» em búlgaro) ficou indiferente, apenas um souvenir atraiu a sua atenção — uma pequena bola que simbolizava o globo terrestre. Vanga pegou nela nas mãos, «olhou» para ela com o seu olho cego e pronunciou: «Ó meu Deus! Que a Rússia esteja bem, que assim seja». Dali ficou impressionada com o facto de Vanga compreender o significado do souvenir, sem precisar de explicações.

Antes da partida, Dali deparou-se com problemas (como se algumas forças resistissem a esta visita): não tinha cidadania russa e o passaporte estava caducado, mas Dali conseguiu mesmo assim ir para a Bulgária. A curandeira da Rússia chegou a Petrich. À porta da casa de Vanga, como sempre, aglomeravam-se pessoas na esperança de entrar numa sessão com a vidente. Informaram Dali que Vanga já esperava a hóspede da Rússia. À chegada disseram-lhe que a profetisa há muito esperava uma mulher da Rússia que continuaria a levar a missão espiritual.

Dali, alada, entrou em casa. Nas mãos apertava um pedaço de açúcar, que toda a noite, pela tradição, mantivera debaixo da almofada. Dali preparara-se para este encontro fatídico: vestiu o melhor vestido, fez um penteado bonito. Apertando contra o peito o pedaço de açúcar, orava para que a vidente búlgara visse não a sua aparência terrena, mas lesse o que se passava na sua alma, o que sentia e pensava, o que se tornara para ela o sentido da vida. Dali não tinha perguntas, apenas pedia mentalmente a Vanga que desse a bênção para a cura.

O sonho acarinhado da curandeira russa realizou-se: Vanga abençoou-a e tornou-se madrinha e professora espiritual.

Quando Dali saiu de casa, dirigiu-se às pessoas: inclinando-se diante delas, disse que lamentava ter passado à frente na fila para Vanga. Depois, uma mulher pediu-lhe que contasse o que a esperava. Dali realmente viu

o futuro desta mulher, aconselhou-a sobre como agir melhor. A curandeira russa não conseguia voltar a si das emoções que a invadiam: após a bênção de Vanga, acreditou que realmente seria vidente, o que aconteceu.

Após receber a bênção, Dali em tudo tenta aproximar-se da sua grande predecessora: na capacidade de ouvir e compreender a linguagem da natureza, dos pássaros e das plantas, conhecer o passado, o presente e o futuro das pessoas e do nosso planeta, ajudar as pessoas, advertindo o surgimento de doenças e indicando como agir para evitar perigos. A vidente diz que ela «como que alarga os limites das representações sobre o espaço vital, dá a chave para os mundos subtis, mostra onde se pode tirar forças para a vida ulterior, amor, criação», ajuda a encontrar ao homem o caminho graças ao qual ocorre a cura física e espiritual. Mas este caminho cada pessoa deve percorrê-lo sozinha.

Na Rússia, Dali abriu uma escola de cura espiritual. O seu objetivo — ensinar os alunos a escutar os seus pensamentos e a realizar ações conscientemente, para alcançar saúde e felicidade.

«Quero partilhar convosco um conselho simples — diz Dali aos seus alunos —, vivei, escutando-vos a vós mesmos, para que às perguntas surgidas recebais resposta através da vossa alma. É preciso apenas escutar-se a si mesmo. E tudo correrá bem, pois não existe pessoa incapaz de contacto telepático, ou, como se costuma dizer, de intuição. Nunca peçais ao Senhor bens materiais — tudo chega a tempo e por merecimento».

Ao homem, considera Dali, é necessário antes de mais acreditar em si mesmo e começar a viver de forma nova. A curandeira russa ajuda cada um a encontrar o caminho para Deus através da oração e para si mesmo através do conhecimento da verdade e da purificação da alma (Ponomareva N. O sussurro das estrelas // Vida Desportiva da Rússia. Nº 8. 1997).

O mundo saberá dela...

Vanga, como se sabe, não teve filhos, apenas afilhados, que na Bulgária são cerca de 5 mil pessoas. Pouco antes da morte, a vidente disse que transmitia as suas capacidades a uma rapariga de 10 anos de França, que, ao receber o dom, ficaria cega, como outrora acontecera com a

própria Vanga, mas o mundo saberá dela graças à sua visão interior e capacidades de vidência.

Realmente, um mês após a morte de Vanga, a pequena rapariga de França Patricia Lumo perdeu a visão, e passados 4 anos abriu-se nela o dom profético. Começou, como Vanga, a comunicar com os falecidos e a prever o futuro. Uma vez, a rapariga salvou pessoas próximas de morrer, prevendo que um avião poderia cair no hotel onde queriam ficar. E realmente, o avião «Concorde» sofreu um acidente no ar e despenhou-se nesse hotel.

É difícil dizer se Patricia Lumo é herdeira do dom de Vanga, mas capacidades de vidência na rapariga, sem dúvida, existem.

Na Rússia também não faltam crianças talentosas que possuem capacidades fenomenais e inexplicáveis. Por exemplo, em Saransk vive Natasha Demkina, que os cientistas chamam «rapariga-raios X». Natasha consegue «ver» os órgãos internos do homem e determinar várias doenças. O fenómeno da «rapariga-raios X» foi estudado tanto na Rússia como no estrangeiro, mas uma decisão unânime, tal como no caso da francesa, não foi tomada. A ciência não deu resposta — é verdade ou acaso.

Outra rapariga russa — Natasha Barskova —, cega de nascimento, possui capacidades de vidência e sabe prever eventos futuros. À rapariga foram feitas 11 operações, mas a visão não recuperou. Em compensação, em Natasha abriram-se capacidades extraordinárias para a matemática e um ouvido musical único, bem como «visão interior». Atualmente, a rapariga colabora com os órgãos de aplicação da lei, ajudando a encontrar terroristas telefónicos. Natasha consegue pelo voz determinar a idade e o carácter da pessoa, mas não se considera um fenómeno e fica terrivelmente envergonhada quando as suas capacidades, que considera modestas, são comparadas com o dom de Vanga.

Na Bulgária vive a rapariga Maria Cholakova, que desde os 8 anos pinta quadros capazes de curar pessoas. Se Maria não pega durante muito tempo nos pincéis e tintas, os seus familiares começam a adoecer, em casa avaria a técnica. Esta rapariga também pode ser chamada herdeira do dom único de Vanga. Mas seja como for, não há resposta unânime

sobre quem afinal herdou as capacidades da vidente búlgara, e para este papel podem candidatar-se muitos.

Vanga e Lyudmila Kim

Gostaria de contar sobre os encontros de Vanga com mais uma mulher extraordinária, sua amiga próxima e discípula, a curandeira popular e especialista em medicina chinesa e tibetana Lyudmila Besuevna Kim.

Lyudmila Kim nasceu em 1941 num alto montanhoso ao pé do Tian Shan numa família numerosa. Da avó Kim Pon Ok herdou capacidades de cura, aprendeu conjuros e orações. A avó de Lyudmila Kim dominava a arte da irido-diagnóstica (reconhecimento de doenças pela íris do olho), sabia diagnosticar doenças pelo pulso da pessoa, estabelecer a causa da maleita pela respiração e cor do rosto. Era também uma habilidosa ervanária e tratava as pessoas com ervas e infusões.

Todas as sabedorias da cura popular e os postulados da vida, a neta absorveu-os da sua avó, e em 1985 o destino presenteou-a com um encontro com a vidente búlgara Vanga. A lelya Vanga tornou-se sua professora espiritual e mentora, revelava-lhe os segredos da vidência e transmitia-lhe a experiência de curandeira. Lyudmila Kim compilou o livro «Duas vezes o livro de curas da avó Vanga e da avó Kim Pon Ok», no qual uniu os conselhos e receitas de duas famosas curandeiras e mestras da sua região. Este livro, como escrevia a própria Lyudmila Besuevna, é «um poço de meios naturais contra maleitas e doenças. Um poço — como que alimentado por nascentes curativas de dois países».

Da história sabemos que geneticamente os búlgaros e os russos são muito semelhantes entre si, mais ainda, têm raízes comuns — o território da bacia do grande rio Volga. As tribos proto-búlgaras mudaram-se para a parte nordeste da Península dos Bálcãs a partir da bacia do Volga. A etnia búlgara formou-se nos séculos VIII–IX. Possivelmente por isso os búlgaros tratam o povo russo com respeito e consideram-nos seus irmãos. E a famosa vidente Vanga não foi exceção: amava muito o povo russo e muitas das suas predições dirigiam-se à Rússia e ao futuro do povo russo. Vanga sublinhava repetidamente que sem a Rússia a Bulgária não tem futuro.

Sabendo disto, a curandeira Lyudmila Kim decidiu unir as receitas da sua avó e da vidente búlgara, claro, tendo em conta a especificidade da localização geográfica da Bulgária e da Rússia, as particularidades das condições naturais onde crescem as ervas. Vanga, sempre que dava uma receita a um doente, recordava que só se pode curar com ervas que crescem na região de onde a pessoa é originária.

Pela formação, Lyudmila Kim era química, pela vocação — curandeira popular. Como química, ela compreendia, claro, que os meios farmacêuticos (medicamentos), que são compostos químicos, ajudam a curar uns órgãos, mas destroem outros. Vanga, apesar de curar com meios populares, não negava a utilidade dos preparos farmacêuticos, porém advertia que «os medicamentos fecham à natureza a porta, através da qual, juntamente com as ervas, ela poderia penetrar no organismo doente e curá-lo. Para cada doença há a sua erva».

No «Duas vezes o livro de curas da avó Vanga e da avó Kim Pon Ok» são apresentados numerosos receitas, como tratar a gripe, a asma brônquica, como se livrar da tosse, do resfriado, da bronquite, do sinusite, como curar a pele de feridas, queimaduras, úlceras, doenças de pele, o que fazer na radiculite, como lidar com a pressão arterial elevada e muito mais. Todas estas doenças (e isto é muito importante) podem ser curadas sem o uso de meios medicinais (químicos), apenas graças às ervas que crescem literalmente debaixo dos nossos pés, fora da cidade e na dacha.

Aqui estão alguns conselhos simples para a prevenção da gripe. Ambas as avós aconselhavam atar ao pescoço do doente de gripe folhas de repolho fresco, e depois envolver o pescoço com uma cachecol de lã. As folhas devem ser mudadas a cada 2 horas, até cessar o processo inflamatório. Outro meio: ralar um copo de beterraba, adicionar 1 colher de sopa de vinagre, deixar a mistura repousar. Extrair o sumo, fazer gargarejos com ele, tomar 1–2 colheres de sopa pelo interior.

Na gripe ajuda um compresso de sumo de cebola: ralar a cebola, colocar a papa numa gaze dobrada em 2 camadas e aplicar por 10 minutos na parte inferior do nariz, previamente untada com óleo de girassol. Este compresso deve ser feito 3 vezes por dia.

No início da doença é eficaz simplesmente chupar durante uma hora um gomo de limão, e depois engolir. Do sumo de limão e alho também

fazem infusão. Para isso, passar 2 limões (sem grainhas) pela picadora de carne, adicionar 2 cabeças de alho picadas e verter a papa com 1 l de água a ferver. A infusão deve repousar durante 3 dias à temperatura ambiente, e depois tomar 1 colher de sopa em jejum. Guardar a infusão no frigorífico.

Todas as receitas recolhidas no «Duas vezes o livro de curas da avó Vanga e da avó Kim Pon Ok» são altamente avaliadas por especialistas em medicina popular, médicos e pacientes. Não só são únicas, como também inestimáveis pela sua acessibilidade geral, pois as ervas, folhas e frutos de árvores e arbustos usados para preparar os remédios crescem na região onde vivemos. Não menos importante é o facto de todas estas receitas serem ditadas por mulheres extraordinárias, o que significa que a sua eficácia é elevada e une-se à energia positiva do cosmos.

Lyudmila deixou memórias de como Vanga recebia os visitantes doentes. Os seus testemunhos são muito interessantes, pois adicionam novos traços ao retrato da vidente e curandeira búlgara.

Por exemplo, uma vez trouxeram a Vanga uma jovem rapariga que perdera a visão durante um exame médico. Esta rapariga terminara o instituto e arranjava emprego. Alguém dos médicos disse que faltava uma vacina. A agulha da seringa tocou um nervo, e a rapariga primeiro perdeu a visão, e depois as pernas deixaram de funcionar. Quando esta infeliz chegou à consulta de Vanga, a vidente deu esperanças a ela própria e aos seus familiares: a curandeira prometeu que em 2 anos a visão regressaria à rapariga, e em 5 anos ela voltaria a andar.

Vanga acenou na direção de Lyudmila Kim: «A Lyuda ajudar-te-á». Lyudmila foi realmente testemunha de como regressou a visão à rapariga e como ela aprendeu a andar, apoiando-se nas costas das cadeiras. Esta rapariga, felizmente, curou-se e começou a dedicar-se ao jornalismo.

Lyudmila Kim dizia que Vanga tratava pessoalmente as pessoas só em casos muito complicados e graves, na maior parte das vezes previa o que a pessoa teria de passar na sua vida e quem ou o quê (quais os meios) a ajudaria a curar-se ou a melhorar o seu estado.

Vanga conversava com o visitante pouco tempo — 5-10 minutos, mas com quem estava gravemente doente podia passar uma hora ou mais, dependendo da complexidade da situação.

Uma vez, vieram ter com Vanga os pais, exaustos por uma doença inexplicável do seu filho de 4 anos. «O que têm?» — perguntou a vidente. A mãe timidamente, aparentemente ainda sem acreditar na realidade do encontro com Vanga (era muito difícil chegar a ela, as pessoas marcavam com um ano de antecedência), disse que a criança estava doente, os médicos supunham epilepsia, mas não conseguiam estabelecer o diagnóstico com certeza.

«Tretas! — zangou-se Vanga. — O rapaz tem um grande susto. O nervo está preso, por isso começaram as dores e as crises. Lyuda, tentas?»

Lyudmila apalpou a coluna vertebral da criança e colocou as vértebras no lugar — nas crianças pequenas são móveis como contas. Após estas simples manipulações, a criança melhorou. «Bem — acenou a dona da casa. — Mas mesmo assim precisam de aquecer a coluna vertebral». Vanga aconselhou os pais da criança doente a pegar uma fita normal, mergulhá-la em cera cozida e colá-la nas costas desde o pescoço até ao cóccix. Este procedimento devia remover a inflamação das terminações nervosas. A família alegrada deixou a casa da curandeira búlgara. Claro, o rapaz curou-se.

Vanga também salvou o filho de Lyudmila Kim — Alik — de uma grave doença, e Lyudmila estava-lhe duplamente grata — como sábia professora e mentora e como anjo da guarda da sua criança. Primeiro, Vanga pediu a Lyudmila que levasse roupa do filhinho, unhas e uma madeixa de cabelo, bem como um frasco com água de Moscovo. Lyudmila enviou tudo através de pessoas de confiança para Petrich. Um mês depois, chegou uma encomenda da Bulgária. A curandeira búlgara enviou tudo de volta com a ordem: enterrar o cabelo e as unhas, e deitar água sobre a criança, recolher a água e também enterrar. Cumprindo as ordens de Vanga, Lyudmila preparou-se com o filho para a Bulgária.

Um ano depois, atravessaram o limiar da casa de Vanga e ouviram o suspiro amargo da avó: «Ai, que horror! Por que a criança sofre tanto? Mas não faz mal, não faz mal... Aproxima-te de mim». O rapaz, sempre medroso com as pessoas e muito caprichoso, aproximou-se obedientemente da avó e abraçou-a. Vanga acariciou o alto eriçado do menino, e depois afastou-o suavemente: «Hayde!» (em búlgaro «vai»). Lyudmila compreendeu que a sessão terminara, e Vanga agora era necessária a outras pessoas.

Lyudmila Kim confirma que Vanga nunca explicava as suas predições, considerando aparentemente que o seu papel de condutora estava cumprido, e adiante a pessoa devia resolver sozinha. Mas a vidente sublinhava repetidamente que ninguém na terra, nenhuma pessoa, tem o direito de viver uma vida sem sentido e vazia. O crime mais terrível perante a Razão Cósmica, que criou o homem, é desperdiçar a vida em preocupações mesquinhas, vã azáfama e existência sem nexos.

«Com uma luz interior alegre iluminava-se o rosto de Vanga, quando comunicava às pessoas notícias alegres — escreve Lyudmila Kim. — Mas aprofundavam-se as rugas no rosto e os vincos nos lábios, quando falava de tragédias e desgraças».

Uma vez, recorreram a Vanga os pais de uma menina de 3 anos, que constantemente se metia debaixo da mesa e encolhia-se de tal forma que não era possível desconstrair nem os braços nem as pernas. Os médicos perdiam-se em conjecturas sobre que doença era esta na criança.

Vanga deu o conselho de banhar a menina em decocção de feno, depois deitar o decocção num formigueiro e convencer a menina a urinar na pilha de formigas. Depois, era preciso remover o cimo do formigueiro e trazer a Vanga. Tudo foi executado exatamente como ordenara a vidente.

Vanga segurou nas mãos por alguns segundos um molho húmido de ervinhas, agulhas de pinheiro e pausinhos e com satisfação disse que agora a menina curaria. A criança não teve mais crises estranhas.

O pai da menina Mite partilhou os seguintes pormenores: quando segurava a filha sobre a pilha de formigas, com a urina saiu do organismo uma mancha negra, parecida com uma grande nódoa de tinta. Ninguém, nem a curandeira Lyudmila Kim, consegue explicar que «método de formigas» aplicou Vanga para tratar a menina. Mas a criança melhorou, as crises cessaram.

«Tão frequentemente quebra o homem mesmo uma única dor, um único grande desgosto, quando as pernas fraquejam e escurece toda a luz branca — escreve a curandeira Lyudmila Kim. — Vanga, mulher idosa búlgara, teve coragem e forças para sofrer não só as suas milhares de milhares de desgraças humanas, perdas irreparáveis e tragédias futuras. Para tal façanha hora a hora são necessárias bondade e paciência sobre-humanas».

Vanga, todos os dias escutando histórias dramáticas de doenças e desgraças de muitas pessoas, nunca se queixava do destino, embora para ela, cega, solitária e idosa, a vida não fosse fácil.

Lyudmila Kim recorda que a profetisa búlgara uma vez se queixou de grande cansaço e insistência dos visitantes: «Sabes, só tu e algumas pessoas próximas tens a ideia de me perguntar não sobre ti, mas sobre a minha saúde. E eu já estou exausta. Pedi a Deus permissão para descansar, mas o meu tempo ainda não chegou. Mas chega de queixas. É hora nossa». Chegara a hora do almoço, e todos se dirigiram à sala de jantar.

Vanga no fim da vida, quando já tinha mais de 80 anos, «pediu a Deus permissão para descansar». Como entender estas palavras? Descansar dos visitantes, das predições, da cura e do cumprimento da sua missão na terra? Ou descansar significa despedir-se da vida? Mas o tempo ainda não chegara — e Vanga continuava todos os dias (sem fins de semana nem feriados, como as pessoas comuns) a receber visitantes, que lhe traziam a sua dor, ofensas, tragédias pessoais e, claro, fé ilimitada de que Vanga daria esperança e devolveria a felicidade às almas exaustas. «Eu sou apenas uma pessoa e condutora entre o mundo do além e o mundo dos vivos» — dizia repetidamente a vidente, mas as pessoas continuavam a acreditar nas suas possibilidades ilimitadas e ajuda.

Os familiares de Vanga afirmam que a vidente, cansada da vã agitação mundana e dos seus trabalhos, três vezes tentou entrar num mosteiro, mas sempre algo não corria bem. Aparentemente, o destino de Vanga era viver entre as pessoas, ajudá-las a carregar o fardo das preocupações e a sua cruz.

Uma vez, veio a Petrich um casal da Ucrânia. Lyudmila Kim encontrou-se primeiro com estas pessoas. Escutando o seu relato confuso sobre a criança doente, Lyudmila aconselhou como tratar a criança e deu-lhes o seu endereço de Moscovo. Mas os ucranianos não acreditaram na curandeira russa e esperaram até chegar a vez deles para a consulta de Vanga. A vidente disse brevemente: «Já vos disseram o que fazer com a criança. Eu só posso repetir as palavras da Lyuda». Os hóspedes confusos dirigiram-se ao hotel. «Vanga — escreve a curandeira Kim — não podia ouvir a conversa com os visitantes ucranianos, estava ocupada com outra

coisa naquele momento, significa que novamente as forças superiores lhe indicaram como agir».

A vidente búlgara não era franca nem com os familiares próximos, mas uma vez disse à sua discípula que de noite o seu corpo descansa, e os pensamentos vagueiam por todo o lado: «Vejo tanto. No silêncio da noite vejo e ouço particularmente bem, como batem os sinos celestiais, marcando cada hora. Todo o vivo se submete a este ritmo. E as pessoas que sabem escutar estes ritmos e viver segundo as leis do Grande Cosmos obterão saúde da alma e destino feliz».

«...Para isso é preciso pouco — sublinhava repetidamente a vidente búlgara —, ser bondoso e levar pensamentos bons ao mundo. A quantidade de bem que o homem leva ao mundo com os seus pensamentos e ações é que determina a sua essência humana» (Russos. Enciclopédia da vidente Vanga. vol. 3. 1999).

Vanga e Vasily Kharlamov

Entre os discípulos e ajudantes de Vanga havia ainda um curandeiro russo, psicólogo pela formação, Vasily Mikhailovich Kharlamov. Atualmente vive em Nizhny Novgorod e dá entrevistas à imprensa muito a contragosto, embora todos os habitantes da cidade saibam que ele foi discípulo da avó Vanga.

Vasily Mikhailovich chegou a Vanga em 1990. Veio à Bulgária com o objetivo de estudar métodos de tratamento com ervas junto aos znahari búlgaros e no fim do curso decidiu ir visitar Vanga — oferecer-lhe, em sinal de gratidão, um ícone e uma taça. Ao aproximar-se da casa, Kharlamov, como todos os que chegavam a Vanga pela primeira vez, viu uma enorme fila: havia muitos que queriam encontrar-se com Vanga. Vasily Mikhailovich, homem modesto, não esperava especialmente um encontro pessoal: decidiu simplesmente entregar os presentes e partir para a Rússia. Mas de repente apareceu à porta da casa um homem e gritou: «Há aqui um sensitivo russo?» Kharlamov respondeu: «Há». Conduziram-no a Vanga sem fila. A vidente perguntou sem preâmbulos e em russo: «Como honrais o pacificador?» Kharlamov imediatamente percebeu que se referia a Andrei Sakharov, que estava exilado em Nizhny Novgorod. Falaram de Sakharov, e a avó Vanga inesperadamente propôs a

Kharlamov ficar a viver com ela. De tal sorte o curandeiro russo nem sonhava, as pernas fraquejaram-lhe.

Foi assim que Vasily Kharlamov, curandeiro de Nizhny Novgorod, se tornou discípulo de Vanga e viveu na Bulgária de 1990 a 1995.

Vasily Mikhailovich alugava um apartamento em Rupite. Encontrava-se com Vanga por vezes, mas ligava todos os dias e, se a vidente tinha tempo livre, ia de visita. Vanga enviava-lhe os seus pacientes, cujos problemas um extrassensorial não tão forte como ela podia resolver.

Segundo as palavras de Kharlamov, o horário diário de Vanga era o seguinte: levantava-se por volta das 9 da manhã, lavava-se com água do poço, ao pequeno-almoço — papa de aveia ou legumes e sumo de bétula. Recebia pacientes até às 18 horas (há que ter em conta que Vanga já ia para o nonagésimo ano). O jantar consistia em peixe cozido, ovos e legumes. À noite comunicava com familiares, discípulos, «examinava» souvenirs trazidos de diferentes cantos do mundo. Mais gostava de brinquedos, especialmente bonecas. Vanga acariciava a boneca e chorava baixinho, pois não tinha filhos nem netos seus. Frequentemente a avó ia à cascata acompanhada dos familiares: precisava de abluções com água de nascente para restaurar forças e saúde.

«Quando Vanga caía em transe e começava a profetizar sobre eventos importantes, até o ar à volta dela — recorda V. M. Kharlamov — estava cheio de descargas elétricas».

Quanto à sucessora de Vanga, que devia ser a rapariga francesa, Kharlamov disse que tudo aconteceu da seguinte forma. Vanga predisse: «Voltarei em 2005». A vidente, segundo as palavras de Vasily Mikhailovich, comunicou que falava com o espírito da sua mãe falecida, que habitava na catedral de Notre-Dame em Paris (para onde Vanga tanto sonhava ir em vida). O espírito da mãe disse-lhe que após a morte a alma de Vanga se instalaria numa rapariga da França, e a criança teria a mesma maleita (cegueira) que a vidente búlgara. Isso ocorreria não antes de 2005. Assim, se acreditarmos nas palavras de Kharlamov, a herdeira do dom de Vanga nasceu há pouco tempo, em 2005, e o mundo ainda simplesmente não pôde ouvir as suas profecias.

Significa que todas as raparigas com supercapacidades, de que falámos, não são continuadoras da obra de Vanga, mas repetimos que tudo isto são conjecturas, a verdade Vanga levou consigo.

Dois anos antes da morte, Vanga pediu a Kharlamov que regressasse à pátria: na Bulgária já não precisavam dele, e em breve as pessoas deixariam de visitar a própria vidente. Então Vasily Mikhailovich não se atreveu a perguntar o que queria dizer a profetisa búlgara, mas depois compreendeu que Vanga falava da sua morte.

Quanto ao dom único da avó Vanga, era impossível aprendê-lo: os discípulos, como Vasily Kharlamov, eram testemunhas das suas predições, quando Vanga caía em êxtase profético, mas ninguém podia repetir isso, claro, nem ensinar.

Kharlamov, como os outros, aprendeu com Vanga a cura. Estudou formas de tratamento com ervas, água, argila, mel, própolis — todos os meios de que agora se fala amplamente. Quanto às acusações contra Vanga de que trabalhava para os serviços especiais, Kharlamov nega categoricamente esta informação. «Se Vanga era agente do KGB — considera Kharlamov —, então a perda do submarino “Kursk” está na consciência dos serviços especiais búlgaros e soviéticos».

Atualmente Vasily Mikhailovich vive e trabalha na sua cidade natal, até recentemente ocupava-se da reabilitação de soldados regressados da Chechénia. É conhecido como curandeiro e extrassensorial. Vão ter com ele tanto pacientes simples como artistas famosos e políticos, mas não divulga a sua atividade e evita atuações públicas.

Vanga e Boyka Tsvetkova. Mais uma vez sobre as capacidades fenomenais da profetisa búlgara

Ao contar sobre a vidente búlgara, é impossível não prestar atenção ao nome de mais uma pessoa, a investigadora do dom único de Vangeliya Gushterova — a psicóloga Boyka Tsvetkova.

Boyka chegou pela primeira vez à casa de Vanga em 1980, sendo uma jovem rapariga recém-formada na faculdade de psicologia. Como muitos investigadores, deparando-se com o fenómeno inexplicável chamado «fenómeno Vanga», Boyka decidiu dedicar a sua vida ao estudo deste enigma.

Armada com gravador, bloco de notas com caneta e câmara de vídeo, passou muitas horas na casa da profetisa de Petrich. A rapariga tornou-se uma das mais fiéis admiradoras e diligentes biógrafas da vidente de Petrich.

As gravações inestimáveis da parapsicóloga Tsvetkova, que conservaram as declarações e profecias de Vanga, transmitindo a imagem não distorcida (autêntica) da sua personalidade, serviram de base ao livro «Vanga. Vida para as pessoas». A vantagem deste livro é que a autora nada inventou nem interpretou nenhuma conversa com Vanga, o livro baseia-se apenas em factos. Pode dizer-se que é um documento único, que revela a personalidade de Vanga não só como curandeira e profetiza, mas também como pessoa comum.

Boyka Tsvetkova foi testemunha das últimas profecias de Vanga e ficou ao lado da profetisa moribunda de cancro até ao seu último suspiro. Atualmente encabeça a Liga Mundial das Mulheres e ocupa-se de atividade pública e científica.

Ao leitor, pensamos, será interessante saber como a parapsicóloga Boyka Tsvetkova dá uma interpretação original do fenómeno Vanga, inexplicável pela ciência moderna. Ela supõe que o dom único de Vanga é produto de uma energia muito forte. Já se tornou apócrifo o relato de como a menina de 12 anos, apanhada por um vórtice de furacão junto à fonte de Hanska-Chesma, ficou cega e adquiriu «visão interior», ou seja, capacidades de vidência muito superiores às possibilidades de outros profetizas. De tais furacões nem se lembravam os anciãos, e na região não houve mais. Muitos investigadores supõem que o furacão foi a causa do aparecimento do fenómeno Vanga.

Tsvetkova pensa de outra forma. Talvez não o furacão em si, supõe a investigadora, mas a terrível pobreza da sua família foi a causa da cegueira dela. Pois a menina perdeu a visão porque os pais não puderam pagar os serviços do médico.

Outra circunstância que contribuiu para o aparecimento do fenómeno Vanga foram os eventos históricos: a revolta antifascista de 1923 foi brutalmente reprimida, a Bulgária afogou-se literalmente num mar de sangue. Tsvetkova escreve que foi libertada uma enorme quantidade de energia dos mortos, que não podia ser destruída e era

incontrolável. Vanga tornou-se, por mais chocante que soe, condutora desta energia. A partir desse momento, começaram as suas visões.

Mas o seu dom só o recebeu em 1939, após uma grave doença (pleurisia) e morte clínica. Os familiares e vizinhos já se preparavam para o funeral, quando a rapariga inesperadamente recuperou. Todos os biógrafos de Vanga referem o episódio de como Lyubka, ao regressar a casa, ficou muda de espanto: a irmã mais velha, que ainda ontem estava à morte, varria o pátio com uma vassoura na mão. Foi exatamente nesse momento, considera Tsvetkova, que um espírito poderoso se instalou em Vanga. Essencialmente, surgiu uma «nova» Vanga, a profetiza, que começou a falar dos vivos e dos mortos.

A psicóloga adverte que às palavras e profecias de Vanga é preciso prestar atenção e respeito excepcionais, não as interpretar de forma irrefletida e superficial. Não podemos aproximar-nos completamente da compreensão plena do sentido das palavras ditas pela profetisa de Petrich. Para que a interpretação seja legítima, é preciso comparar as suas declarações sobre questões semelhantes, feitas em diferentes épocas.

Que espírito se instalou em Vanga é difícil de compreender para nós, pessoas comuns.

Sobre a personalidade de Vanga foram escritos muitos livros e artigos, e todos os autores, assim como os familiares e pessoas que a conheceram de perto, colocam a mesma questão: como podia um espírito de força sobrenatural, que se instalou no corpo de uma mulher camponesa quase analfabeta, coexistir com a sua razão? Todos os biógrafos de Vanga declaram que a pítia búlgara era uma personalidade paradoxal: por um lado, pelo seu modo de vida e pensamento não se distinguia de uma camponesa comum, por outro — possuía capacidades únicas, dadas por Deus. Se não fosse este dom, Vanga levaria a vida de uma simples mulher rural, como há milhares na Bulgária, e o mundo nunca teria sabido dela.

Talvez por isso as palavras proféticas de Vanga, pronunciadas em estado de transe, sejam tão difíceis de interpretar? E o que seria se o Senhor tivesse dotado de tais capacidades uma mente mais desenvolvida e poderosa? Mas, como se diz, os caminhos do Senhor são insondáveis...

Vanga gostava de discorrer sobre a ortodoxia russa e o clero, venerava altamente os santos russos, considerava que a Rússia atingira um elevado grau de proximidade com a energia cósmica e que em breve estava destinado a tornar-se o centro da espiritualidade, de onde sairá um novo ensino religioso-moral que unirá todos os povos.

Sabe-se que Vanga se relacionava com especial calor com os russos e com a Rússia em geral e deixou muitas predições em relação ao nosso país. B. Tsvetkova explica este amor de Vanga pela Rússia pelo facto de os russos, na sua opinião, ao contrário dos búlgaros e outros povos, terem conseguido elevar-se a um nível espiritual e energético mais alto. Talvez isso tenha acontecido porque à Rússia couberam muitos sofrimentos e provações (a maioria no século XX). Os russos eram mais abertos para Vanga, especialmente nos anos 1980 e 1990, e Vanga abria-se a eles.

Quando a União Soviética se desfez e na Bulgária, ligada à Rússia por laços comuns, os comunistas também perderam o poder, o país caiu numa terrível miséria. Muitos búlgaros consideravam que os russos traíram o povo búlgaro, que não se podia confiar neles, mas Vanga mesmo nesses tempos complicados para o país permaneceu amiga da Rússia. Via o enorme potencial espiritual da Rússia e repetidamente dizia que Deus lhe dera forças, e assegurava aos desesperados: «A Rússia não abandonará os búlgaros! Acreditai nela, ela voltará a tornar-se um grande país!» Este renascimento ocorrerá, segundo as palavras da vidente, com o «príncipe Vladimir». A última profecia de Vanga em relação ao nosso país foi feita durante a doença: simplesmente desenhou com as mãos um círculo, sem pronunciar uma palavra.

As pessoas próximas dela, incluindo Boyka Tsvetkova, dizem que a morte para Vanga foi uma libertação dos tormentos da carne e do fardo dos anos.

A profetisa de 86 anos estava cansada das pessoas, das suas desgraças e perguntas infinitas, às quais já não podia responder, da incompreensão de verdades óbvias para ela. Vanga dizia que nenhum ato mau fica impune: por tudo vem a retribuição. Se a vingança não tocar quem cometeu a maldade, passará para os seus descendentes. A todos os que ficavam insatisfeitos com as suas palavras, Vanga dizia que transmitia apenas o que ouvia das forças superiores e que não podia falar em vão.

Da transcrição das gravações feitas por Boyka Tsvetkova:

— Se fizeres o bem — espera-o, se fizeres o mal — espera-o.

— Sede pessoas: não roubeis, não mintais, não mateis.

— Não brigueis entre vós. Amai-vos uns aos outros. O bem provoca o bem, e o mal — o mal.

— Se soubésseis ler a Bíblia como deve ser, há muito teríeis chegado à solução dos problemas que vos dão voltas à cabeça. Que pena que muitos de vós não acreditem.

— Temo o caos nas almas humanas. Temo que o mal abra caminho, e o bem recue em silêncio.

— A humanidade caminha para a loucura: é esta sede de poder, é esta violência... Como assim — criminosos de ontem já governam pessoas? Engano, perversão, o facto de as pessoas se inclinarem para o mal e resistirem ao bem — tudo terá eco.

— A uma pessoa incrédula é difícil ajudar — recordai isso.

— Nas crianças não há pecado, elas expiam o feito pelos pais.

— Tudo está determinado de cima. Se a pessoa acredita e trabalha, cedo ou tarde encontra a resposta certa. Para qualquer pergunta há resposta, só é preciso saber como fazer a pergunta... E se na tua vida não te definires, não haverá resposta para ela.

— Meu Deus, por que se desfaz a União Soviética? Derrubá-la-ão! Quanto sangue se derramará nas repúblicas separadas, quanta miséria e fome haverá!

— Cada vez mais encontrareis pessoas que têm olhos, mas não veem, têm ouvidos, mas não ouvem. Irmão contra irmão irá, mães abandonarão os seus filhos. Cada um procurará forma de se salvar sozinho. Alguns — um punhado deles — enriquecerão, e o povo empobrecerá, quanto mais adiante, pior. Surgirão muitas doenças, as pessoas começarão a morrer como moscas.

— Chegará o dia em que a mentira desaparecerá da face da terra, não haverá violência nem roubo. Cessarão as guerras, os sobreviventes saberão o valor da vida e protegê-la-ão.

Quando perguntavam a Vanga para que serviam as predições, se nada se pode mudar e o destino humano está predeterminado, ela respondia que as predições ajudam a fazer a transição das pessoas para uma existência mais consciente.

Muitas profecias de Vanga são-nos conhecidas, mas muito do que ela disse nunca saberemos. Sabe-se que após a morte de Lyudmila Zhivkova os serviços especiais búlgaros confiscaram um arquivo único de revelações da profetisa gravadas em fita. O arquivo recolhido por L. Zhivkova até hoje não foi encontrado, onde está (na Bulgária ou na Rússia), ninguém sabe. Conservaram-se gravações sonoras únicas e transcrições de conversas com Vanga, feitas por Krasimira Stoyanova e Boyka Tsvetkova, que são atualmente os documentos mais importantes que revelam o mistério da personalidade da vidente Vanga.

Vanga e Lidiya Baranova

A psicoterapeuta Lidiya Baranova conhecia bem a vidente Vanga e visitou-a várias vezes. A especialista Lidiya Baranova interessou-se por como uma mulher cega pode «ver» cores e conhecer o passado e o futuro. Para se aproximar desta pessoa, Lidiya foi à Bulgária. A amiga de Lidiya, Lyudmila Petkova, que vive em Sófia, ajudou-a a chegar à consulta de Vanga e atuou como tradutora (do búlgaro para o russo).

Baranova ainda não conseguira marcar consulta, quando saiu o secretário de Vanga e disse que Vanga esperava a médica da Rússia, aquela que vestia roupa de ganga. A Lidiya fraquejaram as pernas de surpresa. Diante dela na fila estavam 70 pessoas, todas se afastaram, deixando passar a mulher russa.

Quando Lidiya entrou no quarto, não conseguia tirar os olhos da profetisa, sentiu uma dor nos olhos, como se algo tivessem feito com eles. Lidiya imaginava Vanga como uma velha enrugada, como a retratavam nos livros, mas Vanga parecia jovem. Os cabelos grisalhos cortados curtos. Os olhos impressionaram a visitante: nas pálpebras havia grandes cicatrizes grosseiramente cosidas.

Vanga recebeu a doutora da Rússia muito calorosamente e conversou com ela cerca de 40 minutos, embora normalmente dedicasse ao visitante não mais de 3–4 minutos. Primeiro, Lidiya não compreendia sem tradutora o que dizia Vanga. Quando convidaram Lyudmila Petkova,

Baranova ouviu o seguinte: «Vejo diante de mim a sepultura de uma pessoa a quem muito te pareces». Lidiya pensou que Vanga falava do seu falecido pai, cuja sepultura visitara antes da partida. Acontece que Vanga previa o futuro. Alguns anos depois, morreu tragicamente o irmão de Lidiya Baranova (com quem eram exteriormente muito parecidos).

Vanga gostou tanto da doutora Baranova que a acompanhou até ao táxi, o que foi, claro, uma grande honra.

Após este encontro, Lidiya vinha todos os anos à vidente em Petrich. As mulheres tornaram-se amigas. Lidiya ofereceu a Vanga um xaile de seda preta, no qual a vidente apareceu na televisão, dirigindo-se ao povo búlgaro. Conservaram-se fotografias deste evento.

Baranova adiciona alguns traços ao retrato de Vanga: apesar da idade avançada, a profetiza gostava de trabalhos manuais, em casa era acolhedor. Colchas, toalhas de mesa, cortinas e guardanapos eram tricotados pelas suas mãos, em casa havia muitas ícones e estatuetas, oferecidas pelos hóspedes.

Uma vez, Lidiya Baranova conheceu um homem abastado que ajudou Vanga a construir a igreja. Ele ofereceu à vidente búlgara o terreno onde estava a sua dacha* e destinou meios para a construção da igreja de Santa Petka, que se tornou agora lugar de peregrinação de pessoas de diferentes países.

**(Casa de campo ou veraneio.)*

Lidiya Baranova é originária de Kursk. Quando soube da profecia de Vanga de que Kursk iria para debaixo de água, pensou que os tradutores tinham confundido algo (pois Vanga usava o dialeto macedónio). Acontece que a vidente previra a perda do submarino atómico «Kursk».

Baranova recorda que Vanga recebia muitas pessoas da Rússia e pedia que fizessem apenas perguntas pessoais. A vidente não gostava quando lhe perguntavam sobre política, M. S. Gorbachev e a perestroika.

Dizem que Vanga foi colocada no caixão com chinelos bordados com missangas, oferecidos por Lidiya Baranova, a quem a avó Vanga em vida amava como pessoa próxima e querida.

Falsos discípulos

Atualmente, passados 12 anos da morte da vidente, alguns extrasensoriais na Bulgária e na Rússia chamam-se discípulos de Vanga. Na realidade, tendo estado uma vez em casa dela, tomam a ousadia de afirmar que receberam a bênção espiritual da vidente búlgara. Segundo as palavras do diretor do Centro de Investigação Científica de Medicina Tradicional Popular «ENIOM», professor Yakov Galperin, desses falsos discípulos de Vanga na Rússia contam-se cerca de 100 pessoas, e na Bulgária — cerca de 500.

Os familiares próximos de Vanga, em particular a sobrinha Krasimira Stoyanova, declaram que Vanga não teve discípulos a quem abençoasse o caminho de cura. A sua famosa tia teve em diferentes anos ajudantes — curandeiros como Lyudmila Kim ou Vasily Kharlamov, que a ajudavam a receber pacientes, mas sucessores espirituais Vanga não deixou. Por isso os atuais sensitivos, supostos discípulos e seguidores de Vanga, que preveem destinos e curam de todas as doenças, simplesmente usam habilmente o nome de Vanga, sendo os mais comuns charlatães.

Recordemos pelo menos Mairbek Begizov, que vendia o «elixir de Vanga» aos seus pacientes, após o que dezenas de pessoas acabaram no hospital. Atualmente este curandeiro infeliz está sob investigação.

Sobre as profecias que não se cumpriram

Como já escrevemos, nem todas as profecias de Vanga se cumpriam. Segundo dados do Instituto de Sugestologia e Parapsicologia, cumpriam-se aproximadamente 70 % das suas predições. Vanga por vezes enganava-se, como no caso do comentador político Aleksandr Bovin, a quem previu que a URSS iria guerrear no Chile. Isso não aconteceu. O que mais não se cumpriu?

Em 1990, a vidente búlgara disse que o presidente Bush-pai morreria na explosão de um avião.

Vanga dizia que da face da terra desapareceria um dos Estados árabes.

Após 2000, na terra não haverá nem catástrofes nem dilúvio. Mil anos de prosperidade e paz esperam-nos.

Escrevemos sobre as predições de Vanga em relação ao nosso país, transmitidas pelas palavras do escritor V. Sidorov, que se relacionam com ideias teosóficas de E. Blavatsky e N. Roerich. O próprio Sidorov declara que a ideia da Irmandade Branca, sobre a qual lhe contou inspiradamente a pítia búlgara, não se relaciona com as convicções de uma cristã ortodoxa, como era Vanga. Recordemos que todas as profecias importantes Vanga pronunciava em estado de transe, e não era obrigatório que correspondessem às suas convicções e credo religioso. Além disso, qualquer investigador tem direito às suas próprias hipóteses. A tarefa deste livro é transmitir ao leitor o máximo de informação possível sobre Vanga, os seus encontros com pessoas e predições, tiradas das memórias de testemunhas, familiares e pessoas espiritualmente próximas da vidente búlgara.

Chegarão tempos em que da face da terra desaparecerão muitas plantas, incluindo a cebola, o alho e o pimento, o leite não se poderá beber, as abelhas deixarão de dar mel.

A doença atualmente incurável, o cancro (do qual morreu a própria profetisa), será acorrentada com correntes de ferro.

A Rússia voltará a tornar-se um grande império, antes de mais império do espírito.

Muito desejamos esperar que a última predição se cumpra mesmo, e o nosso país obtenha finalmente estabilidade económica, grandeza e autoridade em todo o mundo.

Verdade e ficção

Acontecia que em vida da vidente algumas predições atribuídas a Vanga provocavam medo e pânico na população, especialmente as apocalípticas sobre cataclismos e desgraças futuras. Na realidade, revelava-se que todos estes prognósticos eram pura ficção, completamente não relacionados com o nome de Vanga. Por exemplo, na véspera de 1989 na Ucrânia correu o rumor de que entre 10 e 12 de fevereiro em Kiev ocorreria um terrível dilúvio que varreria a cidade da face da terra. Com esforços conjuntos dos media búlgaros e ucranianos este rumor foi desmentido. Nada semelhante Vanga declarara.

No fim de 1989, os habitantes de Leninegrado estavam preocupados com a predição de Vanga sobre uma terrível inundação que ameaçava a

cidade. Na realidade, a vidente disse que o Neva faria um pouco de barulho e acalmaria, mas o medo, como se sabe, tem olhos grandes. O desmentido desta «profecia» ocuparam-se jornalistas de jornais de Sófia, TASS, APN, diplomatas russos e búlgaros.

Quando em fevereiro de 1989 jornalistas se dirigiram a Vanga para saber se ocorreria um acidente na central nuclear de Beloyarsk, Vanga interessou-se: «Onde é isso? Não sei nada». Acontece que o rumor espalhado sobre o acidente iminente em nome de Vanga era pura falsificação.

Em fevereiro de 1990 começou o pânico na população em Karaganda. Foi provocado pelo rumor de um fortíssimo terramoto, supostamente predito pela vidente búlgara. Alguns habitantes apressadamente começaram a levantar dinheiro das cadernetas, comprar bilhetes de comboio e avião, e Vanga, para parar o pânico na cidade, teve de desmentir este rumor através da imprensa.

No mesmo 1990, Vanga recebeu uma carta do presidente da câmara de Petropavlovsk-Kamchatsky. Na sua mensagem interessava-se se Vanga falara de um terramoto na península de Kamchatka, pois a população estava alarmada, já que a cidade está numa zona sísmica perigosa. A vidente novamente desmentiu o rumor, respondendo que o presidente da câmara não precisava de se encontrar com ela — não haveria terramoto.

Em agosto de 1990, o jornal «Trud» escreveu sobre a tragédia no aeródromo de Blagoveshchensk-no-Amure: aí, durante um voo de treino, despenhou-se o piloto Gennady Kapchuk. Pela cidade correram rumores de que esta tragédia poderia ter sido evitada, pois Vanga previra aos turistas russos esta catástrofe um ano antes. Mas nada semelhante a vidente dissera. A investigação de jornalistas de Moscovo mais uma vez não levou a nada: não conseguiram encontrar testemunhas (turistas russos).

Em 1991, espalharam-se rumores na cidade de Votkinsk de que aí ocorreria um terramoto de 7–8 pontos. A Vanga mais uma vez teve de desmentir, afirmando que tudo isso eram invenções de falsos profetas, não houve terramoto algum em Udmúrtia.

Os familiares e pessoas que conheciam bem Vanga declaram também que a famosa búlgara não fazia predições globais para toda a humanidade.

A sua tarefa era escutar o visitante e ajudá-lo a resolver problemas de saúde e, se possível, prevenir a desgraça. Ocupava-se de predições a pessoas privadas, e não atuava como profeta da humanidade, como, por exemplo, M. Nostradamus. Nos livros escritos sobre Vanga apresenta-se a imagem de uma profetisa distante da realidade, considera Krasimira Stoyanova. A Vanga atribuem pensamentos tirados de várias fontes tibetanas, maçónicas, teosóficas, que eram alheios pelo espírito a uma cristã ortodoxa.

Entre as falsificações seguintes conta-se a «lista de Vanga», que atualmente é ativamente discutida por bloggers na Internet.

Na World Wide Web foi publicado uma certa «lista», atribuída à vidente búlgara, na qual ano a ano estão descritos todos os eventos mais importantes da história mundial, começando em 2008 e terminando em 5079.

Comecemos por 2008. A vidente búlgara supostamente previu que neste ano surgiriam premissas para o início da Terceira Guerra Mundial. Aqui as suas palavras: «2008 — atentado contra quatro chefes de Estado e conflito no Indostão serão uma das causas do início da Terceira Guerra Mundial».

Alguns intérpretes ligam esta sombria profecia ao conflito georgiano-osseta, ocorrido em agosto de 2008. A situação no mundo em agosto de 2008 era realmente muito alarmante: a América acusou a Rússia de agressão militar contra a Geórgia, agravaram-se as relações entre as duas potências, mas, felizmente, não chegou a confrontos militares. Interessante por que esta predição foi ligada à agressão da Geórgia contra Ossétia, embora nela não se diga uma palavra sobre a Geórgia, e se mencione apenas «conflito no Indostão»?

A primeira parte da profecia fala de atentado contra 4 chefes de governos. Realmente, no auge do conflito georgiano-osseta, os chefes de 4 países — Lituânia, Ucrânia, Polónia e Estónia — partiram apoiar a política belicosa do presidente M. N. Saakashvili. Mas aí aconteceu o imprevisível: o piloto das forças aéreas polacas, que pilotava o avião, recusou categoricamente voar diretamente para Tbilisi (é perigoso, pode-se cair sob fogo de qualquer lado). O piloto tomou a decisão de voar para

o Azerbaijão, e daí os presidentes dos 4 países partiram para a capital da Geórgia.

Os bloggers unanimemente afirmam que o polaco sabia da sombria profecia da búlgara Vanga e, resulta, salvou o mundo de uma catástrofe inevitável. Esta afirmação parece-nos infundada.

A profecia de 2008 já a citámos. Segundo a «lista de Vanga», a Terceira Guerra Mundial começará em novembro de 2010, e terminará em outubro de 2014, nesta guerra será usada arma nuclear e química. Permitimo-nos citar mais algumas datas deste «documento», para ilustrar o que espera a humanidade nos próximos 100 anos.

2011 — como resultado da queda de precipitações radioativas no Hemisfério Norte não ficará nem animais nem vegetação. Depois os muçulmanos iniciarão guerra química contra os europeus sobreviventes.

2014 — a maioria das pessoas sofrerá de pústulas, cancro de pele e outras doenças de pele, surgidas após o uso de arma química.

2018 — a China torna-se a nova potência mundial. A Europa, como resultado de uma terrível guerra, ficará despovoada.

2028 — criação de uma nova fonte de energia (provavelmente, trata-se de uma reação termonuclear controlada). Uma nave cósmica parte para Vénus.

2033 — os gelos polares derretem, o nível do oceano mundial sobe.

2043 — na Europa governam os muçulmanos, a economia mundial prospera.

2066 — os EUA atacam o Roma muçulmano, aplicam um novo tipo de arma — climática, o que leva a um resfriamento brusco.

2076 — a sociedade torna-se sem classes (comunismo).

Curioso que na «lista» se indique que os terrestres sobreviverão à Quarta Guerra Mundial (de 3805 a 3018), em 4509 conhecerão Deus, obterão imortalidade e mudar-se-ão para outros planetas. Em 5079 chega o fim do mundo.

Na «lista» apresentam-se muitas predições curiosas, mas que se contradizem entre si, além de que não há certeza de que esta «lista de

Vanga» não seja uma falsificação. Pelo menos, nenhuma das fontes autorizadas, como os livros da sobrinha de Vanga K. Stoyanova, as memórias dos familiares, amigos e discípulos de Vanga, diz algo sobre a existência de uma «lista» semelhante. Consequentemente, a humanidade deparou-se mais uma vez com um fenómeno tão pouco edificante como a falsificação.

É ofensivo que o nome da famosa profetiza búlgara seja usado por alguém com o objetivo de assustar as pessoas com predições sombrias de guerras e fim do mundo (suscitam suspeitas as numerosas menções aos muçulmanos na «lista de Vanga»). Quantas vezes à vidente em vida teve de desmentir rumores espalhados pelo mundo inteiro em seu nome, e mesmo após a morte de Vanga alguém continua a enganar-nos com falsificações semelhantes.

Vanga ajuda as pessoas simples

A comunicação de Vanga com as almas das pessoas falecidas

Gostaria de começar este capítulo com as palavras da profetisa Vanga: «Eu sou a porta que leva ao mundo do além e de volta, para nós. Eu ligo estes dois mundos...»

Na vida de cada pessoa acontecem momentos trágicos, quando sofre uma perda irreparável — a morte de uma pessoa próxima ou familiar. Tendo experimentado um sentimento ilimitado de dor, a pessoa coloca a si própria perguntas: o que nos espera além da linha da morte, existe de facto um mundo do além, o que acontece com a alma (ou com aquilo que resta após a morte do corpo físico) da pessoa falecida?

Ao longo de muitos séculos, os servos da igreja inculcavam aos crentes que no mundo do além as almas dos justos vão para os jardins paradisíacos, e as almas dos pecadores sofrem no inferno.

A vidente Vanga, graças ao seu dom único de ser «a porta que leva ao mundo do além e de volta», destruiu muitos dogmas religiosos e científicos. Na opinião de muitos cientistas, a capacidade de Vanga comunicar com pessoas falecidas foi o traço mais surpreendente do seu dom divino. O mundo do além, tal como o descrevia Vanga, de forma alguma correspondia às representações religiosas sobre a existência do inferno e do paraíso. Exatamente por esta razão os clérigos demoraram muito a decidir canonizar Vanga, acusavam-na de heresia e apostasia.

Como ilustração, trazemos as palavras de uma pessoa que esteve além da morte: «Se morri, então onde estou? Se isto é o paraíso — na minha opinião, não vale grande coisa. Se é o inferno, então é muito melhor do que eu esperava».

«Há várias mortes, mas o princípio superior não morre...»

Vanga dissipou o mito de que após a morte a pessoa espera medo e escuridão do desconhecido. Eis o que dizia a vidente:

«Já te disse que após a morte o corpo decompondo-se, desaparece, como tudo o vivo após a morte. Mas uma certa parte não se submete à decomposição, não apodrece». — «Aparentemente, trata-se da alma da pessoa?» — «Não sei como chamar. Considero que aquilo no homem que não se submete à decomposição desenvolve-se e passa para um novo estado mais alto, sobre o qual nada sabemos concretamente. Acontece aproximadamente assim: morres analfabeto, depois morres como aluno, depois como pessoa com ensino superior, depois como cientista». — «Então, significa que à pessoa esperam várias mortes?» — «Há várias mortes, mas o princípio superior não morre. E isto é a alma da pessoa» (K. Stoyanova. Vanga: confissão de uma vidente cega).

Todos os casos de comunicação de Vanga com pessoas falecidas ou espíritos, dos quais foram testemunhas os familiares dos defuntos (muitas vezes horrorizados com tudo o ouvido), provam que após a morte com a pessoa não ocorre nenhuma mudança repentina e ela de forma alguma é transferida para os céus. Com a perda do corpo físico, a pessoa simplesmente passa de um estado para outro. Não compreende que morreu. A pessoa falecida continua a ver e ouvir os familiares, mas não pode entrar em contacto com eles. «Eu de forma alguma morri — pensa a pessoa —, estou vivo, como antes, só que por que ninguém me nota?»

A compreensão da existência no além chega porque o contacto com as pessoas torna-se impossível. Mas em todos os tempos na terra existiram pessoas (médiuns ou sensitivos) que eram uma espécie de «ligação» entre o mundo dos mortos e o mundo dos vivos. Tal «ligação» foi também Vanga. Os contactos com pessoas falecidas tiravam-lhe muitas forças físicas e podiam provocar até uma crise nervosa. Por isso Vanga pedia aos familiares que trouxessem à sessão flores em vasos e velas, que, aparentemente, absorviam a energia negativa e ajudavam a vidente a

restaurar as forças: «Vês, ele está ao pé de mim! — disse Vanga a uma mulher que perdera o filho. — Vós vindes ter comigo com as mãos vazias, e eu espero uma flor ou uma vela... Não preciso de dinheiro, comida nem bebida. Se agora me cansar, este cansaço não passará até de manhã. Precisam-se flores e velas.» A informação sobre o falecido, que os familiares do defunto «criavam» com a sua presença, era absorvida pelas flores e velas, salvando assim Vanga de ataques e tonturas.

Como funcionava o canal de ligação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos? Este canal, afirmam os cientistas, existe realmente. Mas a comunicação com o mundo do além é possível apenas através do subconsciente da pessoa, que pertence simultaneamente a um e outro mundo. Na maioria das pessoas a informação passa da consciência para o subconsciente ou, se disser mais exatamente, para o superconsciente. O canal inverso funciona apenas nos sensitivos, médiuns, ou seja, em pessoas com capacidades extraordinárias ou em pessoas com desvios psíquicos. À vidente Vanga foi dado ver e ouvir aquilo que é inacessível à maioria das pessoas.

Voltemo-nos às memórias de K. Stoyanova. Eis que diálogo ela traz no seu livro «Vanga: confissão de uma vidente cega»:

«Pergunta: — Como te aparece a pessoa falecida sobre a qual te perguntam — como uma imagem determinada, como um conceito sobre a pessoa ou de outra forma?

Resposta: — Aparece uma imagem visível clara do falecido e ouve-se a sua voz.

Pergunta: — Então, a pessoa falecida é capaz de responder a perguntas?

Resposta: — Ele tanto faz perguntas como pode responder a perguntas que lhe são feitas.

Pergunta: — Conserva-se a personalidade após a morte física ou sepultamento?

Resposta: — Sim.

Pergunta: — Como percebes tu, tia, o facto da morte da pessoa — apenas como cessação da existência física do corpo?

Resposta: — Sim, apenas como morte física do corpo.

Pergunta: — Ocorre a reencarnação da pessoa após a morte física, e em que se expressa?

Vanga não respondeu.

Pergunta: — Que tipo de ligação é mais forte — a de sangue ou a espiritual?

Resposta: — Mais forte a espiritual.»

E agora trazemos alguns casos de contactos de Vanga com o mundo do além.

«No início dos anos 1980 em Rupite, tendo-se inscrito, como era devido, vários meses antes, chegou um certo Vilko Panchev de Plovdiv, homem ainda não velho com bigodes cor de trigo.

O intimidado Vilko, tendo saudado, visivelmente de medo decidiu não enrolar e começou diretamente do limiar:

— Tia Vanga, a senhora é a minha última esperança. O assunto é sério. Estou casado com sucesso há já 15 anos. Temos filhos que nascem a cada ano e meio-dois anos, no total foram seis, e todos morrem pouco após o nascimento! Eu e a minha Slava amamo-nos e queremos muito filhos! Ajude, pelo amor de Deus!

Após uma pausa não longa, o homem ouviu:

— E lembras-te da tua mãe? Sei que ela já não está viva, mas ela está diante de mim, como viva, e tudo me conta. Após esta comunicação compreendi que te portaste muito mal com a mãezinha. Não queres reconhecer a culpa e limpar a consciência? Eu sei tudo, mas quero ouvir de ti o que sentes...

Vilko pensou pouco. Diante de Vanga — ele já compreendera — enganar é inútil, e começou a contar:

— Quando tinha 16 anos, a minha mãe engravidou. Tinha então já 37 anos. Imaginem como me envergonhava diante dos colegas da minha mãe, da sua enorme barriga. Os rapazes troçavam de mim, e eu... eu gradualmente odiei aquele ser que cresce na barriga dela! Quando nasceu a irmã, perdi completamente a cabeça — tudo se misturou: pena da mãe,

antipatia pela irmãzinha, vergonha diante dos amigos, cujas mães nem pensavam em desfigurar a barriga com gravidez. No fim das contas, prevaleceu o último. Eu, já rapaz adulto, tentava de todas as formas evitar a mãe, e a irmã nem reconhecia, que existisse ou não — para mim era indiferente.

— Eis a minha resposta: não respeitaste nem amaste a mãe, não compreendeste a lei principal do cosmos — cuidar do próximo! Nem as normas humanas de moralidade compreendeste! O que semeaste, isso ceifas! Não compreendeste a mãe, condenaste a criança no seu ventre, então o que esperas agora?» (L. Dimova. O segredo do dom da curandeira búlgara).

Vilko compreendeu a sua culpa e assegurou a Vanga que pediria perdão à mãe falecida e melhoraria as relações com a irmã.

Quando perguntaram a Vanga como comunicava com os falecidos, ela respondeu: quando vem ter com ela uma pessoa, à volta dela reúnem-se os familiares que partiram para o outro mundo. Eles fazem perguntas a Vanga, e ela pergunta-lhes. Tudo o que ouve, transmite aos vivos.

Passado algum tempo, na família de Vilko nasceu um rapaz, que chamaram Boris lav, e posteriormente nasceram duas meninas gémeas.

Uma vez recorreu a Vanga uma mulher cujo filho, soldado, morrera recentemente. Vanga interessou-se por como se chamava o rapaz. «Marko» — respondeu a mãe. Mas Vanga objetou: «Ele disse-me que se chamava Mario». Realmente, em casa os familiares chamavam o jovem Mario. O filho falecido (através de Vanga) comunicou à mãe como ocorrera a catástrofe, quem era culpado da sua morte. Disse que a morte o advertira vários dias antes da catástrofe, sentira a sua aproximação. Depois perguntou por que a mãe não lhe comprara um relógio. Acontece que ele perdera o relógio na caserna, e a mãe prometera-lhe comprar um novo, mas após a morte do filho considerara que já não era preciso. O filho perguntou onde estava a irmã, por que não a via. A mãe explicou: a irmã terminara o instituto e mudara-se para viver noutra cidade.

É conhecido o caso em que vieram ter com Vanga pais consumidos pela dor, cujo filho morrera recentemente — fora eletrocutado. Os pais consideravam-se culpados da morte do filho: não deviam ter deixado o rapaz ir com os amigos para a dacha. Vanga primeiro não queria receber

estes visitantes, pois a criança morrera recentemente, e o contacto com ele podia terminar para a vidente com um ataque. Mas depois concordou. Entraram no quarto os pais do rapaz. Vanga imediatamente empalideceu fortemente e falou com a voz da criança falecida (aparentemente, instalara-se nela o espírito do defunto). Os pais estavam horrorizados: reconheceram a voz do seu filho. A mãe, aparentemente sem acreditar que ao lado estava o espírito do seu filho, pediu a Vanga que descrevesse como era o rapaz.

Vanga zangou-se e com a voz da criança disse: «Eu estou aqui, sou aquele sobre quem perguntais, e para que todos acreditem, contarei como vós me despedistes. Eu de calças cinzento-escuras e camisola cinzenta. Não vos admireis! Quando parti e perguntei, vós os dois permitistes que eu fosse. Chamaram-me, e ninguém me podia parar. Comigo o meu tio e o avô». Depois o rapaz disse que precisava de partir, chamavam-no. Os pais do rapaz partiram, profundamente abalados com tudo o ouvido (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

O que acontece com a alma da pessoa após a morte

Provavelmente, não há pessoa na terra que não tema a morte. Cada um pelo menos uma vez tentou imaginar como é a morte: aparece para o moribundo uma velha com foice ou o moribundo vê uma luz que traz paz e bem-aventurança. Aqueles que experimentaram o estado de morte clínica falam que a morte não traz dor nem sentimento do desconhecido, mas um estado de completo apaziguamento e paz. Como sobre este tema se expressava Vanga?

A vidente admirava-se de por que as pessoas temem a morte. A morte ela «via» na imagem de uma bela jovem sorridente com cabelos loiros soltos. «Por que dizeis que a morte é má? Não, não é assim. Eu vejo-a como uma bela mulher loira» (Trud. 1996, 27 de setembro).

Será que Vanga realmente via uma bela loira que visitava a pessoa no momento da morte? Muito provavelmente não. As palavras da famosa profetisa, como sempre, são simbólicas. Aparentemente, a vidente búlgara queria dizer que a morte é a transição da pessoa para outra dimensão e nada mais, o medo dela é um engano dos vivos. A própria Vanga desde abril de 1941, quando lhe apareceu pela primeira vez o cavaleiro branco, e até aos últimos minutos da vida transmitia mensagens

dos vivos do mundo dos mortos. As almas dos mortos comunicavam constantemente com a vidente, informavam sobre eventos passados e futuros.

Vanga disse em 1979: «Os espíritos são transparentes e incolores, como água num copo. Mas brilham, irradiam luz. Portam-se como pessoas — sentam-se, andam, riem, choram. Não me deixam em paz. Adormeço, e eles acordam-me e gritam: “Levanta-te! Hora de trabalhar!” Ultimamente todos me repetem: “Não temas! O mundo não perecerá!”» (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Ao colaborador científico Stoyu Stoev, Vanga contava que os mortos por vezes gritam tão forte que lhe começa a doer a cabeça. Assim advertiram a vidente sobre eventos terríveis iminentes: desgraças, catástrofes, guerras e doenças. Os defuntos enchem o quarto de Vanga, se vem um visitante. Imediatamente começam a aparecer a Vanga imagens da localidade onde viveu a pessoa, passam eventos da sua vida, como se gravados numa fita cinematográfica. Para compreender tudo isto, Vanga interessa-se junto do visitante pelo que ele quer saber: pormenores sobre o trabalho, saúde, filhos, familiares ou coisas perdidas.

Os espíritos antes de mais comunicam o nome do hóspede (por vezes ela vê o nome escrito por completo, por vezes só a primeira letra) e contam tudo sobre a pessoa. A vidente transmite o que ouve. O mais difícil para ela era comunicar à pessoa a proximidade da morte. Vanga tentava não nomear diretamente o dia da morte ao visitante e sempre tentava advertir a pessoa do perigo, mas isso na maior parte das vezes não ajudava: cada um percorria o seu caminho, medido por Deus.

Vanga advertia que os mortos não se deve temer, se visitam a pessoa em sonho ou dão alguns sinais aos vivos. «Eles estão entre nós, amam-nos e ajudam a ver as verdades eternas. Por isso devemos honrá-los nos nossos corações... Para os falecidos são muito importantes a honra e os sentimentos dos vivos por eles, e não os pomposos funerais, que por vezes os familiares organizam para exibição» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

As pessoas desde tempos imemoriais acreditavam na vida após a morte. No Livro Tibetano dos Mortos conta-se pormenorizadamente o que espera a alma da pessoa após a morte. No Antigo Egito, como se sabe,

as pessoas acreditavam que além da linha da morte a pessoa teria outra vida, por isso sepultavam o falecido juntamente com servos, animais domésticos e todo o património adquirido.

Vanga possuía um dom único de ver os mortos e falar com eles, como com vivos. Sobre isto escreveram muito os seus familiares e pessoas próximas. Ao longo de 55 anos do seu trabalho titânico, não submetido à compreensão da razão humana, conservaram-se numerosas testemunhas da comunicação de Vanga com espíritos de pessoas falecidas. E podem as pessoas comuns (não médiuns) comunicar com os defuntos? Vanga uma vez ajudou uma jovem mulher a evocar a imagem do marido falecido cedo. O marido desta mulher morrera de cancro, e a sua dor era inconsolável. Para de alguma forma ajudar a viúva a lidar com os seus sofrimentos, Vanga propôs-lhe falar com o falecido. A mulher concordou. Mas o seu abalo desta «encontro» foi tão forte que perdeu os sentidos e teve de chamar a ambulância.

Natalia Bekhtereva (fisióloga de renome mundial e até recentemente — diretora do Instituto de estudo do cérebro) com ajuda de Vanga também conseguiu ver o marido falecido (ver o capítulo «Encontros de Vanga com pessoas conhecidas da Rússia»), o que reforçou a sua fé nas capacidades milagrosas da vidente búlgara. Exemplos semelhantes podem trazer-se muitos.

Facto interessante: os cosmonautas que estiveram nos espaços ilimitados do nosso Universo confirmam as palavras de Vanga sobre a possibilidade de comunicação com almas de falecidos. A nós, simples mortais, claro, interessa a questão do que realmente viram e ouviram eles durante os seus voos, aconteceu aos cosmonautas ver OVNI's, extraterrestres ou entrar em contacto com a razão extraterrestre?

Quase cinco décadas (desde o voo do primeiro cosmonauta ao cosmos e até hoje) esta informação por razões compreensíveis esconde-se sob o carimbo «Altamente secreto». Neste tempo no cosmos estiveram mais de 450 pessoas, delas 150 saíram ao espaço aberto. Muitos deles (se não todos) depararam-se com fenómenos anómalos, só que contar a verdade ao mundo ninguém se apressa.

Um cosmonauta russo célebre (que voou nos anos 1960) ousou partilhar as suas impressões sobre o voo com o professor Kirill Butusov,

mas pediu que na imprensa não mencionassem o seu nome. O cosmonauta informou que no cosmos deparou com um fenómeno chamado por psicólogos efeito de presença. A sua nave cósmica voava pelo Cruzeiro do Sul. O espetáculo era tão cativante e belo que os cosmonautas não conseguiam tirar os olhos da escotilha. Aqui tudo começou.

Num certo momento o cosmonauta sentiu a presença de alguém ao lado: como se alguém olhasse para as suas costas com olhar pesado, e depois ouviu «sussurro». O mesmo aconteceu com o engenheiro de bordo. Ambos os homens eram oficiais soviéticos, ateus, distantes da mística e dogmas religiosos. Simultaneamente dois pessoas não podiam enlouquecer, significa que o «sussurro» do cosmos não lhes pareceu. Havia uma voz e dizia aproximadamente o seguinte (pela antiguidade dos anos o testemunha, claro, não podia reproduzir palavra por palavra o ouvido): «Tu vieste aqui cedo demais e de forma errada. Acredita em mim, pois sou o teu antepassado pela linha materna. Lembra-te, ela contava-te, ainda em criança, sobre o bisavô, fundador da fábrica Demidov nos Urais? Filhinho, vós não deveis estar aqui, regressai à Terra, não violeis as leis do Criador. Filhinho, debes regressar, regressar, regressar...»

(Enciclopédia da vidente Vanga. M. Russos. 1999. T. 1–3).

O companheiro do cosmonauta também ouviu a voz de uma parente falecida há muito, que chamava a abandonar o cosmos e nunca regressar aqui. Para convicção, esta voz contou uma história do passado do engenheiro de bordo, que só pessoas próximas dele podiam saber.

As «vozes» ou «sussurro do cosmos» tornaram-se o tema principal das conversas entre o comandante da nave e o engenheiro de bordo. Os homens tentavam compreender a origem destas vozes, e a sua razão materialista concluiu que algumas forças superiores (ou, possivelmente, seres extraterrestres que já há muito estudam a nossa civilização) se opõem à penetração do homem no cosmos. Mas esta conclusão pareceu aos cosmonautas pouco convincente. E se, decidiram eles, realmente vinham ter com eles parentes falecidos? E então impunha-se a conclusão de que o seu mundo materialista era no fundo errado. «A consciência não só é indestrutível, mas continua a viver após a morte física em algumas outras etapas. E as etapas supõem uma hierarquia inteira, no topo da qual inevitavelmente está aquele a quem o meu bisavô chamou Criador» —

concluiu o cosmonauta (Enciclopédia da vidente Vanga. M. Russos. 1999. T. 1–3). Nos anos 1960 tal posição podia ser chamada abertamente desafio ao mundo comunista, por isso, regressando à Terra, toda a informação sobre o acontecido os cosmonautas guardaram em segredo. Este reconhecimento do conhecido cosmonauta convence-nos de que as pessoas no cosmos, tal como a vidente búlgara Vanga na Terra, comunicavam com almas de parentes falecidos.

Os cosmonautas não se atreveram a arriscar a carreira e guardaram em segredo as suas observações. Atualmente, o narrador lamenta que, quando durante o voo ouviu a voz do seu bisavô, não tenha tentado entrar em conversa com ele. Sobre Vanga, nos anos 1960, os cosmonautas soviéticos nada tinham ouvido. Educados na sociedade soviética, seguramente não teriam acreditado então no seu dom profético.

O principal é que o cosmos provou aos astronautas que é incondicionalmente racional, e não morto e hostil ao homem, como era propagandeado. O Universo é tanto mais complexo do que as representações da razão humana sobre ele, quanto a vida em todas as suas manifestações é mais complexa do que o destino de uma pessoa individual.

Outro conhecido cosmonauta, Georgy Grechko, está convencido de que no Universo existe outra razão, mais desenvolvida do que a nossa. Exatamente esta razão, ou melhor dizendo — Deus, deu o impulso ao desenvolvimento da vida no nosso planeta e criou o homem à sua imagem e semelhança.

A maioria dos cosmonautas mantinha (e mantém) registos diários sobre os voos e fenómenos misteriosos que lhes aconteciam em órbita, só que estes documentos únicos para nós ninguém se atreve a tornar públicos. O professor Kirill Pavlovich Butusov, que trabalhava no observatório astronómico de Pulkovo e no Instituto de Investigação de Matemática Computacional e Processos de Controlo da Universidade Estatal de São Petersburgo, durante muitos anos recolhia literalmente gota a gota testemunhos dos cosmonautas sobre fenómenos misteriosos no cosmos. Além do efeito de presença, de que já falámos, Butusov recolheu informações sobre outros fenómenos inexplicáveis. Entre eles — o efeito de aumento de objetos terrestres. Este fenómeno foi descoberto pela primeira vez pelo astronauta americano Gordon Cooper. Ao voar

sobre o Tibete, viu a olho nu casas e outras construções, embora a uma distância de 300 km seja simplesmente impossível distinguir algo na terra! Mas um efeito semelhante foi testemunhado também pelos nossos cosmonautas. Por exemplo, Vitaly Sevastyanov viu do cosmos a cidade de Sochi, o porto e a sua pequena casa de dois andares. Yuri Glazkov, ao voar sobre o Brasil, distinguir a faixa da autoestrada e um autocarro que corria por ela, aparentemente até de cor azul!

Mais um testemunho incrível à primeira vista: os cosmonautas afirmam que durante o voo saíam do seu aspeto habitual e no sentido literal transformavam-se nalgum animal. Sobre este fenómeno contou no Instituto de Antropologia Cósmica de Moscovo o cosmonauta-teste Sergei Krichevsky. Um cosmonauta contou que «se transformou» num dinossauro: sentiu que lhe apareceram patas, escamas, membranas entre os dedos, garras enormes. Nesta imagem caminhava por algum planeta, superando ravinas e abismos. Acontecia que o cosmonauta se transformava num extraterrestre ou em alguém outro.

Se reunirmos todos os testemunhos dos cosmonautas sobre voos no cosmos, obter-se-ia um enorme livro cheio de enigmas e maravilhas. Possivelmente, no futuro a publicação dos inestimáveis registos dos cosmonautas abrirá para nós, terrestres, o véu sobre os segredos mais íntimos do grande e incompreensível cosmos.

Vanga sempre observava com interesse os voos dos cosmonautas. Com a sua visão interior via o desembarque dos americanos na Lua. Só que «via» muito mais amplo e maior do que as pessoas comuns, e uma vez deixou escapar que aos americanos não foi dado ver nem a décima parte do que lhe mostraram. Pena que Vanga não tenha deixado explicações a esta frase, possivelmente esta informação não foi permitido abrir aos terrestres exatamente aquelas forças superiores que a ajudaram ao longo de toda a vida.

Vanga — curandeira

Vanga era uma excelente diagnosticadora, conseguia determinar doenças sem tocar na pessoa doente e dava recomendações sobre como tratar várias maleitas. Graças aos seus conselhos, muitas pessoas curaram-se. A curandeira considerava que todas as doenças podem ser curadas com ervas. A Bulgária neste sentido é um país abençoado, pois aqui

crecem numerosas plantas medicinais. Vanga dizia às pessoas que é preciso usar ervas que crescem apenas na região natal. Outras plantas para tratamento não servem.

Ervas curativas

Que meios propunha Vanga para o tratamento de doenças? Pode curar-se sozinho? Usar as receitas de Vanga é preciso com grande cautela, pois ela dava conselhos a pessoas concretas e muitas vezes para a mesma doença «prescrevia» receitas diferentes. Cada pessoa é uma individualidade, e as abordagens ao tratamento devem ser diferentes, considerava a avó Vanga.

Assim, para doença dos rins, a vidente propunha beber infusão de sementes de abóbora.

A uma pessoa com cirrose do fígado ajudou leite de vaca comum, ao qual previamente se misturava farinha branca de trigo.

Aos pais de uma criança cuja temperatura elevada se mantinha há 3 meses, Vanga aconselhou banhar a criança doente em água morna, adicionando infusão de bagas de uva azeda. A criança após este procedimento curou-se.

A um doente de leucemia, Vanga ordenou beber sumo de raízes de malva, e a outro — sumo dos caules desta planta.

Vanga aconselhava a todas as pessoas — doentes e saudáveis — esfregar-se de manhã com orvalho. Chamava o orvalho matinal o melhor meio para a saúde, pois de manhã as plantas libertam substâncias curativas. Um bebé que dormia mal à noite, os pais, por conselho de Vanga, simplesmente banharam-no no orvalho matinal e envolveram-no numa fralda húmida. O bebé curou-se e deixou de sofrer de insónias e dores de cabeça.

Aos asmáticos, Vanga aconselhava beber todos os dias infusão de flores de tussilagem e evitar beber água fria.

Aos que sofrem de eczema e outras doenças de pele, Vanga recomendava untar as zonas afetadas com infusão quente de ervas florestais, e também tomar banhos com infusão de casca de carvalho. Do mesmo modo, Vanga curou uma criança que sofria de crises.

Da sarna, a curandeira «prescrevia» tomar decocção de cevada e com a mesma decocção esfregar a pele do doente.

A uma mulher cujas pernas inchavam fortemente, Vanga ordenou aplicar nas pernas compressas de cera, azeite e água.

Das dores no peito e inflamação dos pulmões ajudava este tratamento: é preciso fazer compressas quentes de massa de pão amassada com fermento caseiro, vinagre, óleo vegetal e vinho.

Aos que sofrem de tosse forte, Vanga aconselhava beber chá de sementes de linho.

Às pessoas com coração doente, a znahar propunha tomar 4 vezes por ano, durante 4 dias, infusão de flores de espinheiro-alvar.

Em estado pré-infarto, recomendava beber em jejum chá de espinheiro-negro.

A uma visitante, como meio contra enxaqueca, a vidente búlgara aconselhou beber à noite uma colher de sopa de água com açúcar, e a outra, que sofria de perturbação nervosa — mistura de sumo de limão com mel.

No diabetes na fase inicial ajuda decocção de bagas de amora-silvestre.

Estes conselhos a nós, pessoas habituadas a métodos modernos de tratamento, podem parecer estranhos, mas Vanga insistentemente recomendava aos doentes experimentar a força curativa das ervas, pois considerava que só a natureza pode restaurar o equilíbrio perturbado pela maleita no organismo humano.

Vanga acreditava que em breve as pessoas descobrirão remédio para a doença mais terrível — o cancro, mas que meio será esse, não explicou. Disse que conterà muito ferro, porque é exatamente o ferro que falta no organismo do homem moderno.

Conversando com Svyatoslav Roerich sobre plantas, flores e ervas curativas, Vanga disse que o mundo começou com a erva e com a erva terminará. Tudo crescerá com erva do esquecimento. E a vida humana...

Que plantas recomendava Vanga para o tratamento de diferentes maleitas e doenças?

Tussilagem. Na Bulgária, esta erva, que ajuda bem no tratamento dos órgãos respiratórios, chama-se kashlitsa (cura a tosse). Vanga mais de uma vez dizia aos visitantes que não recorressem a médicos, mas recolhessem kashlitsa, que cresce literalmente por todo o lado e cura não só da tosse, mas de muitas doenças. A vidente aconselhava usar decocção e chá de folhas de tussilagem para tratamento de hidropisia, escrófula, tuberculose, hipertensão, malária, em perturbações nervosas, como meio cicatrizante de feridas e até para tratamento de estomatite.

O segredo desta planta é muito simples: a tussilagem, como dizia Vanga, é um excelente melífero. O néctar e o pólen floral — eis o que torna esta planta um meio milagroso contra muitas maleitas. É útil simplesmente infundir com água a ferver folhas e flores (aproximadamente 1 colher de sopa por 1 copo) de kashlitsa e beber como chá, aliás, meio muito eficaz em perturbações nervosas e diarreia.

Decocção e chá também se usam contra tosse, asfixia, para tratamento de hidropisia e escrófula.

O sumo desta planta é um meio magnífico na hipertensão, malária, palpitações aceleradas.

É melhor recolher folhas de tussilagem na primavera, pois as propriedades curativas desta planta são mais fortes nesta época do ano. O sumo ajuda no tratamento da tuberculose. É preciso simplesmente misturar o sumo com mel e açúcar e tomar 4–6 colheres diariamente.

Folhas frescas ou papa delas, aplicadas a zonas inflamadas da pele, ajudam bem em feridas e abscessos.

Para tratamento de estomatite é preciso enxaguar a boca com decocção morna de folhas de tussilagem.

Malva. Os búlgaros chamam esta planta com belas flores brancas, cor-de-rosa ou lilás palavra «slez», talvez porque as flores tenras lhes lembram lágrimas. Na Rússia, a malva silvestre nas aldeias chama-se ainda prosvirnik. Com que mereceu a confiança da avó Vanga esta flor? Acontece que a infusão de folhas e flores de malva tem ação anti-inflamatória e calmante na bronquite, tosse forte, perda de voz, inflamação das amígdalas. É preciso simplesmente triturar 2 colheres de chá de folhas e verter 1 copo de água fria. Passadas 5–6 horas, a infusão

estará pronta. A infusão floral prepara-se assim: trituram-se as flores, vertem-se 1 copo de água a ferver e bebem-se em várias doses.

Chá de malva ajuda ainda em dores no intestino, estômago, fígado, em inflamação da bexiga urinária. Usa-se para gargarejos na garganta em angina e resfriado, para compressas em inflamação das pálpebras e olhos. Com infusão de folhas de malva tratam-se furunculose e doenças de pele purulentas, usa-se para enxaguamentos em processos inflamatórios na cavidade oral.

Parece que como uma planta pode ajudar no tratamento de doenças completamente diferentes? Acontece que plantas assim são muitas, e não é mais simples tratar-se da farmácia natural, como aconselhava Vanga, do que envenenar o organismo com preparações químicas? O conselho é simples, só que poucos o usam.

Aipo. O aipo, ou em búlgaro «kereviz», é uma planta com folhas carnosas penadas e pequenas flores brancas reunidas em umbelas. No povo, o aipo chama-se salsa selvagem ou dos pântanos. Esta planta com cheiro forte picante.

Propriedades curativas possui a raiz do aipo. Usa-se para preparação de sumo e infusão e trata doenças dos rins, gota, urticária, dermatite. Ajuda em mau apetite e doenças do sistema digestivo. O sumo obtém-se da raiz por espremedura e toma-se 1–2 colheres de chá 2–3 vezes por dia antes das refeições. A infusão faz-se assim: raízes cortadas vertem-se 1 copo de água fria, infundem-se durante 2 horas e bebe-se.

Amora-silvestre. As bagas suculentas de amora, como se sabe, são um poço de vitaminas variadas, por isso Vanga amava muito esta planta e recomendava simplesmente comer um punhado ou dois de bagas frescas por dia.

Infusão de folhas de amora ajuda aos doentes que sofrem de perturbações nervosas e doenças do coração, tem ação anti-inflamatória, diaforética, diurética. O mel de amora (recolhido pelas abelhas das flores) é bom tomar em resfriado, ajuda na tosse, baixa a febre.

Linho. Segundo as palavras da vidente búlgara, o linho é uma das plantas mais antigas do planeta, cultivada pelas pessoas desde tempos imemoriais. Sobre as propriedades curativas do linho contam manuscritos antigos do Egito e livros de curandeiros tibetanos. Tudo está nas sementes

de linho: contêm grande quantidade de proteína, enzimas, ácidos orgânicos, vitaminas. Graças à presença destes componentes, o linho usa-se na medicina desde tempos imemoriais. No «Izbornik do grão-príncipe Svyatoslav Yaroslavich» (século XI) descreve-se o impacto curativo no organismo humano do óleo de linho. O grande curandeiro Avicena no «Cânone da ciência médica» traz declarações sobre as propriedades curativas do linho de curandeiros da Antiga Grécia, Roma, Índia e Ásia.

A avó Vanga valorizava altamente esta planta, considerando que o óleo de linho é capaz de fazer milagres. Na natureza contam-se cerca de 300 espécies de linho, e todas possuem propriedades curativas. Do óleo de linho fabricam-se preparações para tratamento de aterosclerose e hipertensão, lesões por radiação da pele e queimaduras. As sementes de linho têm ação anti-inflamatória em doenças do estômago e intestinos, tratam-se com elas doentes de diabetes.

A curandeira aconselhava em constipações crónicas tomar 2 vezes por dia 1–3 colheres de chá de sementes de linho trituradas e beber com água ou leite. As sementes de linho preparam-se da seguinte forma: vertem-se com 1 copo de água fria e infundem-se 2–3 horas, mexendo periodicamente. A mistura obtida bebe-se antes de dormir. Pode cozer-se sementes de linho em 2 copos de água, coar e beber. O linho usa-se para compressas em queimaduras da pele.

Absinto. No povo, o absinto amargo chama-se erva da viúva. Vanga uma vez disse que se 1 colher de decocção desta erva diluir em 16 baldes de água, mesmo assim esta água será amarga ao gosto. Mas esta planta, afirmava a curandeira Vanga, não só amarga, mas também cura.

Que maleitas ajuda a curar o absinto amargo e o absinto comum, chamado também chernobylnik? O absinto amargo aplica-se em doenças dos órgãos de digestão, em acidez elevada, gastrite, cólicas estomacais, meteorismo, doenças da vesícula biliar e fígado. Esta planta estimula a secreção das glândulas digestivas, reforça a libertação de bÍlis e sumo pancreático.

Vanga recomendava aplicar infusão de absinto amargo na escrófula, tuberculose, hemorroidas, epilepsia, reumatismo, em perturbações do ciclo menstrual. A infusão prepara-se simplesmente: 1–2 colheres de chá de folhas trituradas de absinto amargo vertem-se 1 copo de água a ferver

e tomam-se 1,5 hora antes das refeições. Pode usar-se também extrato alcoólico de absinto amargo, que ajuda bem da insónia e em perturbações nervosas.

O absinto comum (chernobylnik) Vanga aconselhava consumir em doenças nervosas e crises, como meio contra insónia, epilepsia, como calmante.

O chernobylnik ajuda a livrar-se de parasitas intestinais, melhora a digestão e aumenta o apetite. É preciso preparar o seguinte meio: 3 colheres de chá desta planta vertem-se 1,5 copo de água a ferver e deixam-se infundir. Beber ao longo do dia.

Tomilho. Na língua búlgara, o nome desta erva insignificante à vista, mas extraordinariamente perfumada com panículas violeta-rosa que cheiram a incenso, soa como «chuber». Não por acaso no povo esta erva chama-se bogorodskaya — a planta é rica em óleos essenciais. No nosso país contam-se cerca de 70 espécies de tomilho, na Bulgária, chamada por Vanga país abençoado — cerca de 100 espécies.

O tomilho usa-se para tratamento de doenças da garganta, como meio contra tosse, resfriado, bronquite, tosse convulsa, asma brônquica, inflamação dos pulmões, e também em catarro crónico do estômago, espasmos e cólicas estomacais, úlcera do duodeno, meteorismo, perturbações da digestão.

A infusão prepara-se assim: 5 colheres de chá de flores e folhas de tomilho trituram-se e vertem-se 1 copo de água a ferver. A infusão bebe-se ao longo do dia em pequenas doses.

A infusão usa-se também para tomar banhos em perturbações nervosas e erupções cutâneas. Para isso é preciso verter 100 g de erva com 2 l de água a ferver e infundir durante 0,5 hora num lugar quente. Coar e usar para tomar banho. Vanga muitas vezes na sua maneira rude dizia aos visitantes que não precisavam ter vindo de longe, quando o remédio cresce debaixo dos pés deles. A um doente que sofria de reumatismo, disse: «Para que vieste? Ou não sabes ler? Em todo o teu corpo está escrito “tomilho”» (outro nome do tomilho). Curar-te-á um banho desta erva...

Espinheiro-negro. Nos manuais médicos indica-se que esta planta não serve para tratamento, mas a curandeira Vanga considerava o

contrário. Aos seus visitantes dizia muitas vezes que propriedades curativas possuem os frutos, folhas, flores, raiz e até a casca do espinheiro-negro. Na sua atividade de cura, a vidente usava muitas vezes esta planta.

O espinheiro-negro é um arbusto alto espinhoso com frutos adstringentes e ácidos ao gosto. Os frutos têm ação antisséptica, diurética e fixadora. As flores são um meio magnífico que cessa vômitos, náuseas, melhora o metabolismo e acalma o sistema nervoso. Chá de folhas de espinheiro-negro tem ação laxante, diurética e cicatrizante de feridas.

A casca e raiz do espinheiro-negro Vanga recomendava usar como meio antipirético.

Aqui estão algumas receitas de Vanga em que se usa espinheiro-negro.

Infusão de folhas (ou chá) prepara-se assim: folhas jovens, recém-cortadas, infundem-se com água a ferver e bebe-se 1 copo por dia como diurético em doenças dos rins e edemas.

Das flores também se prepara infusão: 2 colheres de chá de flores vertem-se 1 copo de água arrefecida e infundem-se durante 8 horas no frio. Tomar 4 vezes por dia antes das refeições como laxante em constipações, doenças do fígado, rins, bexiga urinária, em perturbações do metabolismo e resfriado.

Da casca do espinheiro-negro faz-se decocção e bebe-se em diarreia. Os frutos secam-se, cozem-se compota e bebe-se em falta de apetite, gota e aterosclerose. Folhas de espinheiro-negro vaporizam-se em água a ferver e aplicam-se a feridas e úlceras.

Os familiares de Vanga recordam que a avó uma vez brincou: «Através dos espinhos — às estrelas, através do espinheiro-negro — à saúde». Surgiu um novo provérbio.

Visco. As propriedades curativas do visco branco são valorizadas por todos os curandeiros populares, não passou ao lado desta planta também a avó Vanga. Recomendava usar visco às pessoas que sofrem de aterosclerose, pressão arterial elevada. O visco abranda as palpitações aceleradas, livra de ataques de dor de cabeça. A eficácia desta planta foi avaliada por doentes com doença crónica das articulações. O visco para

hemorragias, normaliza o trabalho do sistema nervoso, cura do reumatismo.

Como aplicar? Vanga aconselhava fazer infusão de folhas e rebentos de visco. Uma colher de chá de folhas e raminhos de visco triturados verter com 1 copo de água e manter durante 8 horas. Depois beber a infusão ao longo do dia em pequenas porções. Vanga advertia que não se pode consumir visco durante muito tempo — é venenoso.

Decocção de rebentos de visco branco ajuda em hemorragias, diarreia, menstruações prolongadas.

Os frutos também se usam na prática médica. Dos frutos coze-se decocção que reforça o sistema nervoso e ajuda em crises epiléticas.

Os frutos de visco Vanga aconselhava usar no tratamento de reumatismo, gota, artrite, em edemas de gânglios linfáticos e tumores.

Aveia. Esta planta começou a ser cultivada juntamente com outros cereais — trigo e cevada — no Norte da China e Mongólia há cerca de 6 mil anos. Os antigos agricultores avaliaram a força nutritiva e propriedades curativas da aveia e começaram a consumi-la ativamente como alimento. Dos grãos de aveia, como todos sabem, obtém-se grão, farinha, tolokno. É um cereal saboroso e nutritivo e um meio curativo magnífico. A aveia era famosa pela sua força curativa no Antigo Egito: usavam-na os sacerdotes para preparar poções.

Sumo de aveia verde, recém-cortada, é útil beber em perturbações do sono, para restauração de forças após resfriado e gripe, em sobre-esforços nervosos. Compota preparada de farinha de aveia recomenda-se aos doentes em doenças gastrointestinais. Flocos de aveia usam-se em todo o mundo como produto dietético e remédio em doenças crónicas, pois a aveia elimina do organismo o excesso de colesterol. A vidente Vanga dizia que decocções, infusões, elixires, chás, máscaras e banhos de grão e grãos de aveia ajudam não só em várias doenças, mas contribuem para o rejuvenescimento do organismo. O que de novo contou Vanga sobre este cereal?

Decocção de aveia é um meio magnífico que cura de muitas doenças. Recomendava-o a avó Vanga na alimentação artificial de crianças: com ele dilui-se o leite. Se o bebé tem diarreia, o leite deve diluir-se com decocção queimada.

Útil a infusão em doenças gastrointestinais: gastrite, colecistite, enterocolite, úlcera péptica. E prepará-la é simples: é preciso um pacote comum de flocos de aveia «Hercules» verter 8 l de água morna fervida e deixar 1 h no quarto. Neste tempo preparar massa de 1 colher de chá de fermento, 2 colheres de chá de açúcar, 1 copo de água e 1 copo de farinha. A massa deve deixar-se num lugar quente e esperar que suba. Depois misturar a levedura e os flocos e manter um dia num quarto quente. Após isso, coar a mistura através de peneira para uma panela esmaltada e levar ao frio. Tomar a infusão é preciso diariamente durante 3–6 meses em doenças crónicas dos órgãos de digestão. Todas as manhãs deitar 1,5–2 copos da mistura numa panela, levar a ferver e deitar por pratos. Consumir como alimento, adicionando manteiga.

Vanga aconselhava também às pessoas com doenças crónicas do trato gastrointestinal outra receita não tradicional de tratamento com decocção de aveia. É preciso lavar 1 copo de aveia (grãos), verter com água destilada à temperatura ambiente e infundir 10–12 horas, depois ferver e cozer em lume brando com tampa bem fechada durante 30 minutos. Depois envolver a panela e infundir a decocção 12 horas. Coar e completar o volume da decocção até 1 l. Tomar meia hora antes das refeições 3 vezes por dia durante 30 dias.

Vanga recomendava tomar decocção de aveia para tratamento de tosse persistente, em bronquite, pneumonia, traqueíte. A decocção é preciso prepará-la assim: 2 colheres de sopa de aveia misturar com 2 colheres de sopa de passas e verter 1,5 l de água fria a ferver. Cozer a mistura em lume fraco ou tomá-la ao forno, até o volume do líquido diminuir para metade. Depois arrefecer, coar, espremer e adicionar 1 colher de sopa de mel. Misturar tudo bem e tomar 1 colher de sopa várias vezes por dia.

A aveia ajuda a livrar-se do mau hábito do tabagismo. Para isso é preciso verter 2 colheres de sopa de aveia com 1 copo de água a ferver e levar duas vezes a ferver. Coar e beber durante um mês 1/4 de copo 4–5 vezes por dia. O desejo de fumar atenua-se.

Vanga recomendava às mulheres que desejam prolongar a juventude tomar banhos e fazer máscaras de mistura de farelo de aveia com diferentes componentes: com sumo de melancia — para pele seca, com clara de ovo e sumo de limão — para pele oleosa. A receita de poção

rejuvenescedora de aveia e mel usava-se desde tempos antigos. Baixa bem o conteúdo de colesterol no sangue e rejuvenesce o organismo a bebida de flocos de aveia, sumo de espinheiro-alvar e açúcar. A aveia a avó Vanga valorizava altamente e comia todos os dias papa de aveia.

Carvalho. Vanga contou uma antiga lenda búlgara: os pais levavam a criança doente a um bosque de carvalhos, rachavam ao meio um rebento jovem de carvalho e passavam a criança por ele 3 vezes. Depois atavam o carvalhinho com linha e iam para casa. A criança curava-se, porque o carvalho lhe dava forças tão necessárias ao organismo infantil para crescer. Vanga recomendava aos pais durante passeios de verão de adultos com criança pequena colocar a carrinho do bebé debaixo da copa do carvalho: a criança fortalece-se e será saudável.

Acontece que na Rus também existia o costume de passar a criança doente através de um carvalho rachado ao meio. Depois atavam a árvore com cinto, e a criança curava-se, recebendo cura do carvalho.

Vanga dizia que a decocção de casca de carvalho é eficaz em várias doenças de pele, feridas (cicatrizas feridas resultantes de congelamento, fissuras nos pés), ajuda a livrar-se de furúnculos, transpiração dos pés. Vanga recomendava usar decocção de carvalho para enxaguar a boca em inflamação da garganta, amígdalas, em mau hálito. Banhos de casca de carvalho ajudam em hemorroidas sangrantes e inflamações vaginais. A decocção prepara-se assim: 500 g de casca de carvalho triturada cozem-se em 3–4 l de água durante 0,5 hora e adicionam-se ao banho ou usam-se para lavagens e compressas.

Decocção de casca de carvalho com vinho tinto é um bom meio em hemorragias, diarreia, disenteria, inflamação da bexiga, menstruação abundante.

A infusão toma-se também por via interna. Para isso 1 colher de chá de casca de carvalho triturada infunde-se em 2 copos de água durante 8 horas e bebe-se ao longo do dia (a crianças este remédio não se prescreve). A decocção reforça bem as gengivas, cura feridas na cavidade oral, usa-se como compressas cicatrizantes em feridas e após congelamento.

Os bolotas também se usam na prática médica. A bebida de bolotas, preparada de bolotas tostadas, ajuda a eliminar a preguiça do intestino e usa-se para restauração de forças.

Por que a casca de carvalho é tão curativa? Em que reside a força mágica do carvalho? Na casca, folhas, bolotas ou sumo vivificante? Desde tempos antigos o carvalho simbolizava força e poder. O deus grego Apolo, protetor das artes e ciências, era também grande curandeiro e curava as pessoas com o toque de um ramo de carvalho. E as bolotas guardava-as à cabeceira durante o sono. Assim, é difícil subestimar a força curativa do carvalho.

Cevada. Sabe-se que grãos de cevada se colocavam nas tumbas dos faraós egípcios juntamente com joias de ouro, espada do faraó e carroça. Atualmente usam-se para preparar farinha, grão, malte, café de cevada. A principal força curativa dos grãos de cevada reside no facto de a cevada contribuir para a restauração do metabolismo perturbado no organismo humano, por isso antigamente aos doentes que sofreram doenças graves prescreviam decocção de malte de cevada. É preciso dizer que a decocção de cevada é bem tolerada por todos, é útil tomá-la juntamente com caldo de carne. Ajuda bem em erupções cutâneas e furúnculos.

Aqui estão as receitas de cevada que Vanga recomendava aos seus pacientes.

Em diarreia e infeções intestinais, Vanga aconselhava preparar decocção de grão inteiro de cevada. Um punhado de sementes verter com 0,5 copo de água e infundir durante 4–5 horas, depois cozer 10 minutos, coar e beber 4 colheres por dia.

Se a pessoa sofria de hemorroidas, escrófula, inflamação da bexiga, doença dos cálculos urinários, a vidente búlgara propunha bebida de malte. Prepara-se assim: 1 colher de sopa de farinha de malte verter com 1 l de água a ferver e infundir várias horas, depois filtrar, adicionar açúcar a gosto. Beber ao longo do dia. Todos os dias é preciso preparar nova infusão, pois azeda rapidamente.

Decocção de cevada acalma o sistema nervoso, usa-se para tomar banhos. Para isso é preciso tomar 400 g de malte para criança ou 1–2 kg para adulto, colocar num saquinho e deitar no banho primeiro em água

quente, depois fria. Depois é preciso espremer bem o saquinho e misturar o muco formado. Pode tomar-se o banho.

Pinheiro. A Bulgária é um país extraordinariamente belo e famoso pelas suas florestas poderosas. Especialmente veneram e amam na Bulgária o bosque de pinheiros e os pinheiros de Rumélia (Rumélia — nome da antiga província da Bulgária, atualmente pertence à Turquia). Durante muitos anos a Bulgária esteve sob o jugo otomano, e os pinheiros de Rumélia mantinham nas pessoas a fé e coragem.

O pinheiro é uma árvore com propriedades milagrosas, sobre isso todos sabem. O que aconselhava Vanga usar para tratamento? Dizia que no início da primavera no bosque é preciso recolher pinhas, de preferência em tempo claro, colocar num frasco e guardar até à próxima primavera. De pinhas de pinheiro é útil cozer decocção ou fazer tintura em álcool. Para preparar tal tintura, Vanga tomava agulhas novas de pinheiro, pilhava-as no almofariz e vertia álcool (3 partes de agulhas para 10 partes de álcool), depois mantinha 14 horas, espremia, coava e usava para tratamento de reumatismo, hidropisia, bronquite crónica. Banho com uso de decocção de pinheiro ajuda em erupções escrofulosas, articulações doentes, reumatismo. É preciso tomar 1 kg de agulhas de pinheiro, ferver em 2 l de água em recipiente fechado, coar a decocção e deitar no banho com água. Tomar o banho durante 10–15 minutos.

Do reumatismo ajuda bem, segundo as palavras de Vanga, a «lã florestal». Para a fazer, é preciso recolher agulhas de pinheiro, de molhá-las em água (para sair a camada exterior), secar e encher com esta «lã», ou seja, agulhas elásticas de pinheiro, uma almofada. Esta almofada aplica-se ao lugar dolorido.

Produtos apícolas

Agora falemos do tratamento com mel e própolis. Em 1967, quando Vanga entrou ao serviço do Estado e em casa apareceu algum conforto, começou a comprar regularmente mel e usá-lo para tratamento pessoal e cura dos familiares. Até essa altura o mel era-lhe inacessível, pois a família da vidente vivia pobremente, e o mel era caro.

Na juventude, em 1942, segundo as memórias da irmã Lyubka, Vanga curou-se com veneno de abelha. Aconteceu que após a mudança para Petrich Vanga adoeceu gravemente, e a doença deu complicações nas

pernas. A vidente sofreu muito, pois não conseguia dar um passo. Temia que não pudesse andar, e para ela seria um golpe terrível do destino, considerando que Vanga já era inválida pela visão. Lyubka levou a irmã a Marykosti-novo, a fontes minerais, mas a água curativa não ajudou Vanga. Então a curandeira pediu à irmã que a levasse à apiário. Lyubka admirou-se, mas fez como pedia Vanga. A mulher sentou-se ao pé da colmeia, as abelhas cobriram-lhe as pernas e começaram a picar. Vanga, claro, sentiu dor horrível, mas tudo suportou, e uma semana depois começou a andar — ajudou o veneno de abelha.

A medicina moderna afirma que o remédio mais valioso com que nos fornecem as abelhas não é o mel nem a própolis, mas o veneno. Mas a picada de abelha pode ser mortal para o homem, especialmente perigosas são picadas na zona do pescoço, cabeça, vias respiratórias superiores, garganta e globo ocular. O ataque de um enxame de 400 abelhas termina para o homem com morte. Mas se usar corretamente este meio, a cura é garantida, e nisto não há milagre nenhum. Vanga soube da força curativa do veneno de abelha do pai, e este por sua vez — do avô, que tinha apiário.

Vanga prescrevia aos seus pacientes receitas à base de mel, própolis e cera de abelha. Quando lhe perguntavam o que é mais valioso: mel ou própolis, respondia simplesmente: «E o que é mais importante — o olho esquerdo ou direito, quem sabe?» Vanga aconselhava consumir própolis, ou seja, substância resinosa acastanhada que produzem as abelhas operárias, no tratamento de bronquite, eczema e neurodermatites, como meio contra feridas, calos e dor de dentes.

A um doente de bronquite, Vanga aconselhou fazer inalação de mistura de própolis e cera. Pomada de partes iguais de própolis e vaselina ajuda a livrar-se de doenças de pele e calos.

Solução alcoólica de própolis tem ação anti-inflamatória e, como dizia a vidente búlgara, cura doenças infecciosas.

Cera de abelha em combinação com azeite, resina de pinheiro, infusão de sálvia e mel é útil para cura de feridas, reforço das gengivas, melhoria do metabolismo e circulação sanguínea, e também para rejuvenescimento do organismo. Vanga aconselhava às mulheres usar mistura de cera, mel, sumo de cebola e sumo de bulbo de lírio-branco

para máscaras rejuvenescedoras. Vanga recomendava aplicar cera em estagnação de leite em mulheres lactantes e ameaça de mastite.

O segredo da cera de abelha foi aberto a Vanga pelos sacerdotes babilónicos antigos. Graças às suas surpreendentes capacidades de ver o passado, Vanga podia facilmente «viajar» ao passado distante. Comunicando com espíritos de sacerdotes babilónicos, Vanga soube que a força curativa da cera manifesta-se se unir a cera com certas substâncias — condutoras de energia cósmica. Os sacerdotes nomearam as seguintes substâncias e plantas: azeite, manteiga, óleo de pêsego, mel, sumo de cebola, sumo de bolbo de lírio-branco, sálvia, hipericão, camomila, cavalinha, bórax (sal sódico do ácido bórico), espermaceti (substância contida na cabeça de baleias e cachalotes). Os sacerdotes babilónicos guardavam em segredo o segredo da força curativa da cera. À vidente Vanga foi dado saber este segredo e, passados séculos, contá-lo a nós, pessoas modernas.

Vanga considerava que o mel, cera e própolis são substâncias não só curativas, mas também sagradas, que nos foram dadas não por acaso. Só o mel de rododendro Vanga aconselhava não provar. Que mel é este? É mel da planta rododendro.

Filósofos e curandeiros antigos — como Pitágoras, Aristóteles, Hipócrates, Dioscórides — também valorizavam altamente o mel e poções dele preparadas. Medicamentos à base de mel curavam doenças do estômago e rins, preparavam-se bálsamos de mel para tratamento de feridas e abcessos.

Aristóteles escrevia que as pessoas que em vida «provaram plenamente néctar e ambrosia (bebida melíflua grega)», após a morte regressam à terra mais desenvolvidas espiritualmente.

Facto curioso: na antiguidade um exército inteiro envenenou-se com mel de rododendro.

O historiador e filósofo grego Xenofonte descreveu um caso de envenenamento em massa com mel no livro «A Anabase de Ciro» (História Grega. Livro III, capítulo 1, 2).

Em 401 a. C., gregos que guerreavam com persas, após uma batalha malsucedida, retiraram-se e pernoitaram num lugar onde havia muitos ninhos de abelhas. Os guerreiros gregos, sabendo das propriedades úteis

do mel, jantaram com ele, e depois apareceram sinais de envenenamento — náuseas, vômitos, tonturas e perda de consciência. De manhã a cabeça estava pesada, como após forte ressaca. Acontece que todos envenenaram-se com mel que as abelhas recolheram das flores de rododendro, abundante na Ásia Menor.

Os romanos também usavam mel em fins curativos. Assim, Alexandre de Tralles tratava gastrite e úlcera, doenças do fígado, rins, coração com pomadas e bálsamos de mel, e Plínio Velho curava feridas de legionários romanos com mistura de gordura de peixe e mel.

Que receitas de mel aconselhava aplicar a curandeira Vanga aos seus pacientes?

Uma vez veio à vidente em Petrich uma professora da cidade de Sozopol, na costa do Mar Negro da Bulgária. Queixou-se de visão fraca: aos 52 anos não conseguia ler livros — os olhos lacrimejavam, avermelhavam, em leitura prolongada a dor e ardor intensificavam-se, os óculos não ajudavam. Pedia ajuda a Vanga, senão teria de abandonar a profissão que exige leitura atenta e prolongada. Vanga aconselhou-lhe preparar solução a 30 % de mel em água destilada e pingar nos olhos 3 gotas 2 vezes por dia. Tratar-se assim é preciso durante 20 dias — e a dor nos olhos passará. Dois meses depois chegou uma carta de Sozopol: a professora agradeceu a Vanga pela ajuda e informou que os problemas de visão desapareceram.

Um conhecido poeta búlgaro recorreu a Vanga com o pedido de o curar de rinite e tosse, em breve devia celebrar o 50.^o aniversário, e a maleita não largava. Vanga disse-lhe: «Prova mel — e lê poesia em tua saúde!» E deu-lhe uma receita simples, como se expressou o poeta, como 3 das melhores estrofes poéticas.

1. Todos os dias comer 100–150 g de mel, dividindo-o em 5 porções. O mel é preciso mantê-lo na boca o mais tempo possível, não engolir imediatamente.
2. No nariz colocar uma bolinha de mel do tamanho de uma ervilha, deitar no sofá e esperar até o mel escorrer do nariz para a garganta. Fazer este procedimento 2 vezes por dia, depois não sair à rua durante 2 horas.

3. Inalação: é preciso respirar sobre vapor 2 vezes por dia, tendo previamente colocado na chaleira com água a ferver uma colher de mel. Em 2–3 semanas Vanga prometia ao poeta cura completa.

Como predisse a avó Vanga, passadas 2 semanas de tratamento com mel a voz regressou ao poeta e a rinite desapareceu completamente. O jubileu foi celebrado em grande.

Vanga recomendava aos doentes formas muito simples, mas eficazes de cicatrização de feridas com ajuda de mel. Por exemplo, a um pastor da aldeia de Bylgarski-Izvor aconselhou tratar feridas não cicatrizantes com mistura de mel e meliloto. As flores de meliloto contêm óleo essencial com cumarina e são bom melífero. É preciso triturar 50–60 g de flores recém-colhidas com 3 colheres de mel. Com a mistura obtida é preciso untar feridas, úlceras, furúnculos e carbúnculos. Graças a esta composição, as feridas antigas tornam-se limpas (o pus é extraído), e as frescas cicatrizam rapidamente. Todos os dias é preciso mudar o penso.

A outro camponês da aldeia de Ustara a curandeira deu uma receita simples para cicatrização de ferida antiga com bálsamo de mel e gordura de peixe. O modo é o seguinte: misturar 3 colheres de mel e 1 colher de gordura de peixe e tratar as feridas com esta mistura. Com modo tão simples pode curar-se eczema e outras doenças de pele.

A mesma doença a uma mulher da aldeia de Zhivovtsi Vanga aconselhava tratar de outra forma: tomar farinha de trigo e mel, fazer uma bolacha e aplicar à superfície da ferida.

Com mel adicionado de banha de porco (80 % mel e 20 % banha) um certo agricultor da aldeia de Krushare curou uma ferida purulenta por conselho de Vanga.

Frequentemente Vanga recomendava ao paciente simplesmente aplicar mel à ferida, mudar os pensos diariamente e esperar cura em duas semanas.

Qualquer médico dirá que o mel possui ação antibacteriana, desinfeta feridas, contribui para a secreção de secreções e linfa, graças ao que ocorre o processo de cicatrização. E a gordura de peixe e meliloto são meios auxiliares: as flores de meliloto têm ação analgésica e cicatrizante

de feridas, e a gordura de peixe contribui para o crescimento de novos tecidos conjuntivos.

Os que sofrem de eczema e outras doenças de pele sabem como é difícil curar estas maleitas. Para tratamento de eczema, furunculose, queimaduras, Vanga aplicava este modo: misturava mel com banha de porco e resina de abeto (ou pinheiro) triturada em pó, e aplicava ao lugar dolorido.

Em inflamação das gengivas e para reforço dos dentes, Vanga aconselhava enxaguar a boca com água de mel, retendo-a na boca. Esta receita recomendava-a também a crianças que se queixavam de dor de dentes. A vidente búlgara refutava a opinião difundida entre os pais de que o mel estraga os dentes das crianças. Pelo contrário, a curandeira dizia que o mel só reforça os dentes, aconselhava mastigar mais frequentemente mel em favos — contém substâncias antibióticas, assimila-se facilmente graças ao conteúdo de proteína e é agradável ao gosto. Vanga dizia: «Mantende o mel na boca o mais tempo possível — é muito útil!»

Existem muitos tipos de mel. Todas as receitas de que falava Vanga referem-se ao mel floral, recolhido na Bulgária. O clima da Rússia (especialmente de algumas regiões) é muito semelhante às condições climáticas da Bulgária, por isso pode usar-se sem receio o mel local para tratamento segundo as receitas da curandeira búlgara.

O mel desde antigo usa-se na cosmética como meio reforçador e rejuvenescedor. Segundo as palavras de Vanga, é o meio cosmético mais inofensivo. O mel de abelha amacia a pele, restaura a elasticidade dos músculos, ajuda a livrar-se de sardas e manchas pigmentares variadas, dá ao rosto frescura e beleza. Para preparar máscaras rejuvenescedoras, Vanga aconselhava misturar 1 parte de mel e 1 parte de gema de ovo ou em partes iguais mel, gema de ovo e natas azedas, ou 30 g de mel, 2 claras de ovo, 0,5 colher de chá de óleo de amêndoa (ou pêsego) e 2 colheres de sopa de farinha de aveia e aplicar a máscara ao rosto. Passados 20 minutos lavar o rosto com água morna. A frescura e juventude regressarão a vós.

O mel, segundo as palavras de Vanga, é um meio magnífico contra calvície, só que para obter o resultado desejado é preciso repetir o

procedimento regularmente 2 vezes por semana e, além de aplicar a máscara aos cabelos, diariamente (isto é muito importante!) tomar mel por via interna. Todos os dias é preciso comer 80-100 g de mel (2 colheres de sopa cheias). A máscara para cabelos de mel usa-se assim: após lavar os cabelos com champô, aplicar aos cabelos limpos 15–40 g de mel (1,5 colher de chá) e deixar 30–60 minutos. Depois lavar os cabelos com água fresca. Ao fim de um mês sentireis o efeito: os cabelos tornar-se-ão mais espessos, aparecerão brilho e elasticidade.

O mel é remédio para todas as doenças, é especialmente útil para reforço da imunidade, por isso em esgotamento do organismo imediatamente é preciso tomar mel — mobiliza as forças de defesa.

Vanga estabeleceu a dose diária de receção de mel por via interna: 100 g (2 colheres de sopa cheias) para adulto, 30–50 g — para criança. A dose superior a 200 g é prejudicial para a saúde. Importante é em que condições se guarda o mel. Segundo as palavras de Vanga, o mel é preciso guardá-lo à temperatura de 5 a 10 °C num local escuro e seco em recipiente de vidro bem fechado.

Tomar mel Vanga aconselhava em pequenas porções (1 colher de chá) e retê-lo na boca até completa dissolução o mais tempo possível.

Para restauração de forças após doença, Vanga prescrevia bálsamo de mel. Para o preparar é preciso tomar 50 g de mel floral, 10 g de pólen floral e 100 g de leite de vaca fresco, misturar bem e colocar num recipiente de vidro escuro. O bálsamo é preciso tomá-lo 1 colher de chá 3 vezes por dia. Pode simplesmente untá-lo no pão. É um meio geral reforçador adequado tanto para adultos como para crianças. Após preparação é preciso manter o bálsamo 4 dias, e depois consumi-lo como alimento. Se o mel cristalizou, é preciso derretê-lo em banho-maria. A temperatura da água não deve exceder 50 °C. É preciso lembrar que ao aquecer o mel acima de 37 °C destroem-se as substâncias antimicrobianas.

Em doenças dos órgãos respiratórios, Vanga recomendava um meio simples: misturar 300 g de mel de tília com sumo de aloé (tomar uma folha) e 0,5 copo de água e cozer em lume brando durante 2 horas. Tomar 1 colher de sopa 3 vezes por dia.

Em resfriado, bronquite, traqueíte, é útil tomar mel com sumo de rábano-preto. É preciso dissolver 400 g de mel em 2 copos de sumo de rábano-preto, tomar 2 colheres de sopa à noite antes das refeições.

Para reforço da imunidade, Vanga recomendava beber bebidas preparadas de mel, pólen floral e água. Digamos logo que o pólen e o leite real (geleia real), que Vanga usava nas suas receitas, podem ser adquiridos junto a apicultores e guardados no frigorífico a temperatura de 0 °C, caso contrário o leite real espuma e torna-se impróprio para consumo.

O pólen floral deve primeiro ser seco (em papel limpo, obrigatoriamente num local escuro) e guardado em recipiente de vidro também no frigorífico a temperatura de 0 °C. À temperatura ambiente, o pólen perde a atividade biológica já em 5 horas. Pode conservar-se mel com pólen floral na proporção 1:1 ou 1:2. É preciso lembrar que o pólen e o leite real se guardam apenas em frascos escuros ou embrulhar o frasco em papel escuro.

A receita da bebida é a seguinte: dissolver mel (180 g) em água fresca (800 ml), mexendo continuamente, e adicionar pólen floral (50 g). Depois deixar a mistura à temperatura ambiente (até 20 °C) até aparecer fermento. Consumir 3/4 de copo antes das refeições durante 1–2 meses (esta quantidade chega para 6 dias). Vanga dava também receitas de bebidas de mel e pólen floral com adição de anis, limão, pimenta, rosa-mosqueta, passas. Todas estas bebidas reforçam o sistema imunitário tanto de adultos como de crianças.

Uma vez recorreu a Vanga uma mulher com diagnóstico de «gastrite hipertrófica». Sofria desta doença há já 8 anos. Os medicamentos prescritos pelo médico não a ajudaram. Então a mulher veio ter com Vanga. Esta aconselhou à doente tomar durante 30 dias seguidos mel floral de flores silvestres 3 vezes por dia 1 colher de sopa 2 horas antes das refeições. A mulher em breve esqueceu o que era gastrite hipertrófica e curou-se.

A um trabalhador da cidade de Dimitrovgrad, Vanga recomendou também consumir mel para curar úlcera e gastrite crónica. Era preciso tomar mel 3 vezes por dia 1 colher de sopa 2 horas antes das refeições. Passado um mês após o tratamento com mel, o homem recorreu ao médico. Fizeram radiografia — a úlcera cicatrizara completamente.

Acontecia que em um mês o doente não se curava, então Vanga aconselhava repetir o curso de tratamento.

Uma trabalhadora de uma fábrica têxtil recorreu à vidente de Petrich com o pedido de a curar de colecistite crónica: a mulher experimentara uma quantidade de antibióticos — a doença não recuava. Então Vanga disse que a curaria com mel: «Toma 30 g de mel 5 vezes por dia juntamente com sumo. Com limão — de manhã, com cenoura — à noite. E nenhum outro medicamento!» A alguém com rins doentes, Vanga aconselhava beber mel com sumo de limão e cenoura, a alguém recomendava sumo de rosa-mosqueta. Uma receita semelhante ajudava a todos.

Aos diabéticos, Vanga recomendava também tomar mel, de preferência de maio. A dose diária (para adulto) — 100–500 g — distribui-se por 5 tomas. O tratamento dura 20 dias. Contrariamente à opinião difundida, o mel não eleva o açúcar no sangue, pelo contrário, reduz gradualmente o seu nível.

O tratamento com mel para doentes de anemia ajuda a restaurar rapidamente o número de eritrócitos no sangue, desaparecem a letargia e tonturas, eleva-se a hemoglobina. A dose para doentes de anemia — 150 g de mel por dia, tomar 4 vezes por dia durante as refeições.

A uma mulher idosa que sofria de ataques cardíacos, Vanga aconselhou comer por dia 120 g de mel em partes iguais, misturando cada porção com sumo de romã. O curso de tratamento — 20 dias.

Aos hipertensos, a curandeira búlgara dava esta receita: 1 copo de mel, 1 copo de sumo de cenoura, 1 copo de sumo de rábano e sumo de 1 limão misturar bem em recipiente esmaltado com espátula de madeira, deitar num frasco de vidro e tapar bem. Guardar num local fresco. Tomar 1 colher de chá 3 vezes por dia 1 hora antes das refeições. A duração do tratamento — 2 meses.

E se a doença mesmo assim chegou e o sistema nervoso está abalado? Todas as perturbações nervosas (neurose cardíaca, neurastenia, colite nervosa, neurose do estômago, neurose obsessiva) podem ser curadas com mel, afirmava Vanga. Da neurastenia ajuda mel floral: de manhã é preciso tomar 30 g de mel, após o almoço — 40 g, à noite diluir 30 g de mel em água morna e beber 30 minutos antes de dormir. O curso

de tratamento é de 1–2 meses. Já em 3 semanas regressará o sono calmo e forte, aparecerá sensação de vigor e fé em si mesmo.

Em neurose cardíaca, arritmia, ataques cardíacos, tonturas é preciso tomar diariamente 100–200 g de mel por dia (em pequenas porções). Em 20 dias diminuirão as dores na zona do coração, desaparecerão o estado depressivo e sensação de fadiga, normalizar-se-á a atividade cardíaca.

A neurose do estômago também se cura com mel: de manhã e à noite é preciso tomar 30 g de mel, de dia — 40 g, em acidez elevada — 2 horas antes das refeições, em acidez reduzida — antes das refeições, dissolvendo em água (água morna eleva a atividade secretora, água fria — reduz).

Todas as doenças, como justamente considerava Vanga, vêm dos nervos. Se a pessoa perturba a harmonia, a doença já a espreita. De repente o mau não cai na cabeça de ninguém, considerava Vanga. «Como evitar más consequências?» — perguntavam à vidente. Vanga respondia que a receita da saúde é simples: não ser preguiçoso, não fechar-se em si mesmo, resolver problemas no trabalho e desavenças familiares, e o principal — não perturbar a harmonia, ou seja, «esforçar-se por ser bondoso», então as doenças recuarão. «Mel com mel — dizia Vanga —, mas não esqueças a harmonia com as pessoas e a natureza».

Argila

Vanga tratava também as pessoas com argila branca. Uma vez perguntaram à profetisa que propriedades curativas possui a argila. A vidente búlgara respondeu que a força da argila vem de Deus. À pergunta como soubera isso, Vanga após longo silêncio disse: «Transferi-me para tempos antigos... E para diferentes países... Vi como curavam de maleitas e feridas rasgadas e cortantes há 4000 anos.

Os antigos egípcios conheciam numerosos receitas curativas, na composição das quais entrava mel. E poções com uso de argila. Ouvi como Imhotep, criador das pirâmides e grande curandeiro (aquele que era venerado como deus da medicina), dizia ao faraó Djoser: «Existe algo que pode adiar até o limiar da morte... E este algo é o mel de abelha e a argila mais comum!» O que tratavam no Antigo Egito com argila e mel? Acontece que feridas recebidas pelos guerreiros em batalhas, doenças renais e estomacais, até doenças dos olhos. Aplicavam pomadas,

emplastros, cataplasmas, bálsamos, compressas. Os antigos sacerdotes conheciam numerosos modos de tratamento com argila e mel. «Eu mesma vi como Imhotep curava a esposa do faraó Djoser... Dava diariamente 100 g de mel... E como curava o irmão do faraó Djoser — também vi. Dava poção amassada em 2 colheres de pó de argila» (Enciclopédia da vidente Vanga. T. 7, cap. 3).

Com a sua visão interior, a avó Vanga contemplava não só sacerdotes e faraós egípcios. Contou que via como tratavam doentes com pó de argila e poções de mel curandeiros antigo-gregos (Hipócrates e Dioscórides) e antigo-romanos. A argila é útil porque absorveu em si raios cósmicos curativos e energia solar, é rica em minerais, elimina toxinas do organismo, cura praticamente de todas as doenças. Vanga admirava-se de que as pessoas procurem por todo o lado medicamentos e bálsamos milagrosos, e o meio contra todas as doenças está-lhes diretamente debaixo dos pés — é a argila. Basta baixar-se e pegar. Os arredores de Rupite na realidade eram famosos pela água mineral curativa e argila branca.

Com ajuda de água de argila pode curar-se doenças das articulações — reumatismo, artrite, paralisia nervosa. Compressas de argila ajudam bem em picadas de insetos. Bálsamo de mistura de argila e glicerina é preciso aplicar a tumores, úlceras, lugares afetados por eczema e outras doenças de pele. Banhos mornos com adição de argila ajudam no tratamento de doenças do sistema geniturinário, rins, quadris, braços e esporões calcâneos. Até erisipela (inflamação erisipelatosa da pele) pode curar-se com argila, se aplicar compressas de argila e tijolo triturado. A argila elimina escórias do organismo, ajuda em constipações. Com argila tratam angina e até dor de cabeça. Vanga considerava que tratar-se com argila é muito simples e acessível a absolutamente todos, só que atrás desta aparente simplicidade estavam anos de trabalho metódico realizado por Vanga e os seus ajudantes, que registavam receitas e compilavam livros de curas da avó Vanga em benefício das pessoas.

O segredo dos cristais de açúcar

Como foi dito anteriormente, para saber de que estava doente o paciente, Vanga usava açúcar. Por que exatamente ele? Que segredo guardavam em si os cristais de açúcar? Isso permaneceu um enigma para todos.

A profetisa pedia a cada um que vinha ter com ela que trouxesse um pedaço de açúcar. Importante era que este pedaço a pessoa o guardasse em casa pelo menos alguns dias. Vanga pegava cuidadosamente o açúcar nas mãos, segurava-o algum tempo, e depois infalivelmente adivinhava o futuro da pessoa ou contava sobre o seu passado. Os cristais de açúcar de algum modo incrível transmitiam-lhe informação sobre o visitante. Eis como isso acontecia.

Uma vez vieram ter com Vanga os pais de um rapaz doente, a quem os médicos não conseguiam diagnosticar. A vidente pegou nas mãos o pedaço de açúcar que pertencia à criança, girou-o, pensou e disse que encontrara a solução. Aconselhou aos pais do rapaz no dia do aniversário dele colher o primeiro fruto no jardim e dar ao filho. Os pais regressaram a Burgas e, quando amadureceram as maçãs, trouxeram ao filho o primeiro fruto. O rapaz mordeu uma vez o fruto, como ordenara Vanga, e a parte restante deu a uma ovelha. A doença como que foi removida pela mão. Permaneceu enigma de que estava doente a criança, mas graças à curandeira búlgara ele curou-se.

Frequentemente Vanga determinava doenças da pessoa pegando nas mãos flores ou objetos que pertenciam ao hóspede. Podiam ser um relógio ou anel. Há muito se sabe que qualquer coisa possui energia especial e memória. Só que saber que segredos sobre a pessoa guarda a coisa que lhe pertence podiam apenas os escolhidos, como era Vanga.

Eis o que contou o conhecido psicólogo Vladimir Lvovich Levi. A meio dos anos 1980 veio à Bulgária por convite de amigos, dava palestras, consultava pacientes. Um amigo propôs-lhe ir a Vanga. Normalmente havia filas de anos para ela, e aqui tal sorte! Levi, claro, concordou. Na véspera do encontro, o amigo aconselhou Levi a colocar debaixo da almofada um pedaço de açúcar. Assim faziam as *znaharki* rurais: o açúcar à noite «absorvia» os segredos da alma. De manhã o psicólogo pegou no pedaço de açúcar e levou um enorme ramo de flores oferecido por professores búlgaros (o ramo toda a noite esteve no quarto onde dormia Vladimir Lvovich), e partiu para Vanga.

Eis o que escreve mais V. L. Levi: «Diante de mim uma velhinha minúscula com rosto inesquecível. A cabeça coberta com lenço. Nos olhos cataratas. Olha, como é próprio dos cegos, para algum lado ligeiramente

de lado. Mantém-se direita, inclinada para trás. Movimentos imprevisíveis, bruscos, visivelmente obedecem a alguns impulsos internos.

E voz de jovem donzela, alta, cantante, que soa como se não do corpinho seco, mas de algum lado de cima, do céu mais próximo. Imediatamente sinto de repente uma leveza extraordinária e calma surpreendente. Como se toda a vida aqui estivesse e como se não tivesse corpo — da sua presença recordava apenas o arrepio com formigueiro entre as omoplatas. Coloquei a Vanga nos joelhos o meu açúcar juntamente com o ramo de flores.

O açúcar ela com desdém afastou, e o ramo começou silenciosamente a apalpar. Finalmente diz claramente (em búlgaro, estava ao lado uma tradutora, mas mesmo assim compreensível): «Vejo Elena... Vejo Maria... Quem é isto?» E responde ela própria: «É a tua mãe... E avó... As tuas parentes mulheres falecidas vieram contigo através destas flores. A mãe pede que deixes de fumar. Que faças dieta... Cuida do estômago!» E aqui Vanga, velhinha não muito letrada, pronunciou termo médico de algum modo conhecido por ela «pâncreas» — pâncreas» (I. N. Nekrasova. Vanga. Curas milagrosas e fenómeno de vidência).

Realmente, V. L. Levi sofria de pancreatite crónica, e não podia fumar. Por isso Vanga disse a verdade. Meia ano após a viagem, Vladimir Lvovich começou uma neuralgia terrível: doía a metade direita do rosto, como se verificou, de um dente. Removeram o dente, e a dor passou.

Regressou a casa do dentista — na caixa do correio uma carta da Bulgária. Escrevia a tradutora de Vanga Belyana. Informou que a avó urgentemente ordenara a Levi ocupar-se dos dentes e recorrer ao médico. Levi olhou para a data de envio — a carta ia exatamente 10 dias. Ocorreu um milagre: quando Levi estava doente, Vanga de algum modo incrível soube disso e pediu à tradutora que escrevesse urgentemente uma carta ao cientista russo.

Água viva

Água. Parece uma palavra tão comum. Usamos água diariamente, e a superfície terrestre em um terço consiste em água. Um químico dirá sobre a água que é um líquido transparente incolor — H₂O. Mas as pessoas crentes sabem quanta coisa misteriosa e sagrada guarda em si esta palavra mais comum. Na Bíblia lemos: «No princípio criou Deus o céu e a

terra. A terra era informe e vazia, e trevas cobriam o abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas» (Gênesis. Parte 1, versículo 1, 2). Para as pessoas ortodoxas, a água é criação de Deus, com água benta desde tempos imemoriais curavam de maleitas, regeneravam forças, saúde física e espiritual. Água vivificante e vivificadora, recolhida pelos crentes na véspera do Natal, Epifania e Páscoa, possui força milagrosa.

Força curativa da água

Vanga, sendo pessoa profundamente crente, venerava todos os feriados ortodoxos e à água benta relacionava-se com enorme reverência, aconselhava guardá-la em casa e usá-la em fins curativos. De força curativa especial, considerava Vanga, possui água gelada recolhida de rios, poços e nascentes no Natal, Ano Novo e Apresentação do Senhor, e também na Quinta-Feira Santa antes da Páscoa e no verão na noite de Ivan Kupala. Vanga insistentemente recomendava beber esta água como remédio contra todas as doenças e guardar em cada casa como amuleto contra forças das trevas.

Grande é a força da água benta, considerava Vanga, na véspera da Páscoa e no primeiro dia de agosto, quando no povo se celebra o Salvador Molhado. Antes do Natal, Epifania e Páscoa é preciso recolher água à meia-noite: ela não só curará, mas ajudará na realização de desejos, pois adquirirá força milagrosa. E em dias comuns Vanga aconselhava ir buscar água a nascentes cedo de manhã, antes do nascer do sol, pois neste tempo a água torna-se curativa.

Com que epítetos só não dotavam a água no povo: viva, curativa, mágica, medicinal, milagrosa, cicatrizante, vivificante... Muitos curandeiros guardavam em segredo e transmitiam apenas aos seus sucessores receitas de tratamento de diferentes doenças com água benta.

Com água curativa com ajuda de oração — palavra de Deus — expulsavam doenças, incluindo perturbações nervosas, removiam mau-olhado e feitiço, carregavam de energia, saúde, juventude e beleza.

No verão, Vanga recomendava a todos: crianças e adultos, saudáveis e doentes, passear cedo de manhã descalços na relva, quando o orvalho ainda não secou e possui propriedades curativas, elimina o abatimento de forças e contribui para elevação espiritual.

Vanga tratava as pessoas com água bentazinha e contou muitas coisas interessantes sobre os segredos da água viva.

A profetisa dizia que, se deitar água benta três vezes sobre o doente, pode contar com o apoio da Santíssima Trindade. Sete vezes aspergem a pessoa com água para a purificar dos 7 pecados mortais — orgulho, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e acédia. O número 9 também é mágico: 9 vezes lavam ou aspergem com água viva para, segundo os costumes ortodoxos, renascer na pessoa as 9 bem-aventuranças evangélicas.

Na Bulgária, como já dissemos, são famosos os seus curandeiros e znahari. Muitos deles tratam e expulsam maleitas com água benta. Nas aldeias búlgaras até hoje cumprem rituais ligados às propriedades milagrosas da água. Por exemplo, existe a crença de que a primeira pessoa que recolhe água da nascente cedo de manhã recebe água «não começada», ou «não bebida», que possui a força curativa mais forte.

Para remover mau-olhado misturam água de 3 nascentes e aspergem o doente três vezes. Isso cessa a ação das forças das trevas. Noutro caso, a ação das forças negras cessa se aspergir 3 vezes na pessoa com 3 raminhos de urtiga, molhados três vezes em água. O mau-olhado desaparece.

Mais uma tradição interessante: para proteger as raparigas dos 7 pecados mortais e do mau-olhado, é preciso antes do nascer do sol aproximar-se de uma cerejeira e sacudir 7 vezes os ramos — o orvalho que pinga protegerá do mau-olhado e feitiço.

Em algumas aldeias cumprem o rito de consagração da água. Para isso tomam água da nascente duas vezes por dia, de manhã e à noite, ao amanhecer. É preciso recolher água, fechar o recipiente e em completo silêncio regressar a casa. Já em casa, na água é preciso colocar 3 carvões, um pedaço de argila e uma pitada de sal — este ritual dará à água propriedades curativas, e com ela pode tratar-se a pessoa doente. Todo o ato é acompanhado de palavras que se traduzem do búlgaro assim:

Do ganso — água, do cisne — água,

De ti — maleita e magreza.

Os habitantes das aldeias não simplesmente aspergem o doente pronunciando estas palavras. Molham o peito da pessoa, dão-lhe a beber

de uma taça, e o que resta deitam debaixo do lintel. O doente após o cumprimento do ritual, como regra, cura-se.

Tais rituais e crenças na Bulgária existem em grande quantidade, e Vanga, claro, conhecia muitas receitas znahares de consagração e tratamento com água. Considerava que lavar em água ícones bentos é muito importante — então a água adquire força curativa. Claro, sem fé nada resultará. É preciso orar e acreditar para receber cura de Deus. O próprio Jesus deixou-nos a sua imagem graças à água. Como conta a história, Jesus, ao lavar-se, enxugou o rosto com toalha, e nela ficou impressa a imagem puríssima do Salvador. Quando o rei leproso Avgar orou diante da imagem não feita por mãos do Salvador e fez ablução com água, curou-se.

Vanga aconselhava a todos beber água na qual mergulhavam ícones bentos.

De todas as receitas da avó Vanga podem destacar-se os seguintes conselhos: é preciso recolher água de 3 (7 ou 9) diferentes nascentes (fonte, riacho, poço), deixá-la repousar um pouco e tomar em jejum de manhã. Outro conselho: recolher água do lugar onde se juntam 3 diferentes correntes de água, e tratar-se com ela.

Por que a vidente se relacionava com tal reverência ao tratamento com água? A razão estava também no facto de Vanga ter nascido sob o signo de Aquário (31 de janeiro de 1911). A mãe de Vanga chamava-se Paraskeva. Nos povos eslavos existe um culto ligado à padroeira da água — santa Paraskeva Sexta-Feira. Possivelmente por isso Vanga tanto favorecia a água e valorizava altamente os rituais e costumes ligados ao tratamento e consagração com água.

Uma vez Vanga deixou escapar que a água também tem memória e sabe mais do que todos os livros antigos juntos. Esta declaração é extraordinariamente interessante, se considerarmos que relativamente recentemente os cientistas chegaram à conclusão de que a água não é simplesmente um líquido, mas um excelente condutor de informação. A água possui memória e conhecimentos sobre o passado do nosso planeta. Os cientistas explicaram por que a água consagrada na igreja ajuda a curar doenças, e não por acaso se chama benta. As moléculas de água sobre as quais se leu oração carregam-se de energia positiva e pensamentos das

peessoas crentes, a água benta realmente é capaz de fazer milagre — curar física e espiritualmente.

Energetismo da água

Vanga aconselhava deitar água sobre a pessoa 10 vezes. Isso estava ligado às 10 planetas do Sistema Solar, incluindo o planeta desconhecido para a ciência — Vamfim, de que Vanga mencionou muitas vezes. A energia dos planetas, considerava Vanga, alimenta o corpo da pessoa, pois a água serve de bom condutor de energia cósmica e influencia benéficamente a saúde.

Vanga dizia que o vale de Rupite na Bulgária, onde viveu no fim da vida, representa uma zona energética especial, onde a água se carrega de energia do cosmos e das entranhas da terra. Este lugar influencia benéficamente as pessoas, devolvendo-lhes saúde e forças. Em Rupite, como sabemos, há numerosas nascentes termais minerais, que também trazem bênção à pessoa e a tudo o vivo.

Nem todas as pessoas se sentem confortáveis nesta zona biológica: aparentemente, os fluxos energéticos do cosmos e das entranhas da terra exercem tanto um impacto positivo como negativo no organismo humano. Mas Vanga amava esta terra e aqui recebia uma carga de energia e saúde.

Além de Rupite, Vanga nomeou ainda uma zona biológica na delta do Amazonas, que possui um poderoso impacto energético sobre tudo o vivo. O viajante búlgaro Doncho Papazov explorou a delta do Amazonas e encontrou lá uma conhecida curandeira de origem indígena. Acontece que esta mulher, tal como Vanga, nomeou 2 lugares na Terra onde poderosos fluxos energéticos que saem da terra se cruzam com fluxos de energia cósmica — são o vale do rio Amazonas e o vale búlgaro de Rupite. Na região do planalto do Colorado na América do Norte, a água possui, tal como em Rupite, propriedades curativas. São zonas ecológicas especiais do planeta, onde a água e a própria atmosfera carregam as pessoas de energia positiva.

Água viva e água morta

Vanga disse uma vez: «Todos conhecem o conto da água viva e da água morta e que esta água se encontra além de nove terras. Mas poucos sabem que este lugar realmente existe. Encontra-se nos Himalaias, na

posse dos iogues e monges himalaicos. Chegará o tempo, e um viajante russo abrirá o segredo da água viva e morta».

Este viajante revelou-se Ernst Rifgatovich Muldashev. Viajando pelos Himalaias (10 anos após a predição de Vanga), ele com a sua expedição descobriu um lago com água morta. Os iogues usam-na para se livrarem de energia negativa antes de entrar no estado de somati (modo de autoconservação do corpo humano não submetido a explicação científica ou estado de sono profundo). Esta água cura as pessoas de muitas doenças, incluindo diabetes, reumatismo, poliartrite, aterosclerose e contribui para o rejuvenescimento do organismo.

O conhecido viajante e cientista E. R. Muldashev está convencido de que muitas lendas e contos populares têm base histórica real, incluindo a antiga lenda da água viva e morta. Nisto convenceu-o a experiência de muitos anos de viajante e investigador de fenómenos misteriosos do nosso planeta.

O estado de somati, ou sono profundo e prolongado, no qual podem entrar os iogues, é provocado pela ação da água do lago alto-montanhoso himalaico. Pode chamar-se água morta. Como reanimar a pessoa ou tirá-la do estado de somati? Para isso tomam outra água — viva, que corre diretamente da rocha na mesma região onde se encontra o lago. Este lugar os iogues e monges guardam em estrito segredo. Com água viva dão a beber e esfregam a pessoa, e ela desperta.

Muldashev descobriu o lago com água milagrosa a uma altitude de 5000 m acima do nível do mar. No verão é impossível chegar ao lago — sikhs belicosos guardam o caminho para ele. Tomar água do lago podem apenas os iniciados — iogues e monges. Como conseguiu a expedição russa obter amostras de água? Tudo simples: a expedição científica de Muldashev chegou ao lago no inverno, superando uma subida de 4000 m, no inverno o lago ninguém guardava. Os cientistas tomaram não só amostras de água morta, encontraram também a rocha de onde corre a água viva. Os iogues chamam à água morta selvagem, e à viva — dura. Nem toda a água no lago possui força milagrosa, apenas a de profundidade. Para a obter, os iogues mergulham a 30 m de profundidade e recolhem água no cinto.

A água de profundidade tem maior densidade do que a comum, por isso facilmente se pode reter no tecido. Espremem a água num recipiente e bebem para se purificarem de energia negativa e células doentes. A idade dos iogues — de 63 a 83 anos, e a saúde — como de jovens. Os habitantes locais temem beber a água morta, ou selvagem, pois o corpo após o uso desta água torna-se pétreo-imóvel, como morto. Esta água bebem apenas os iogues. Mas da água dura, ou viva, usam todos os habitantes para tratamento de várias doenças. A sua força curativa é tão grande que em 20 anos, como contou o médico local, aqui registou-se apenas um caso de doença oncológica.

Muldashev acredita que com esta água se pode tratar o homem do cancro, e afinal Vanga também previa que «chegará o tempo — e o cancro será acorrentado com correntes de ferro». Eis tal história. Resulta que o conto conhecido por todos sobre a água viva e morta graças à profecia da vidente Vanga e à viagem de E. Muldashev tornou-se realidade.

As pedras também podem falar...

O geólogo búlgaro Hristo Zhishev, além da sua profissão principal, durante muitos anos estudou as propriedades e segredos das pedras preciosas. E isto não era curiosidade vã.

Hristo estava fascinado pela ideia de que as pedras são condutoras de energia cósmica, e os segredos que guardam podem influenciar os destinos das pessoas que as possuem. Esta ideia é muito antiga: desde os tempos da civilização babilónica, astrólogos babilónicos, egípcios, indianos, gregos, chineses e japoneses ocupavam-se da decifração das propriedades milagrosas e influência nos destinos das pessoas das pedras preciosas.

A astrologia, como agora sabemos, de forma alguma é superstição e engano dos povos antigos, é uma ciência antiga sobre modos de predição de destinos tanto de uma pessoa como de povos e Estados inteiros. As pedras preciosas eram objeto de estudo dos astrólogos. Cada pedra, consideravam os antigos cientistas, pertencia a um determinado signo do zodíaco e as pessoas nascidas sob esta constelação deviam usar joias desta pedra. Então a sorte acompanhava-as. A pedra não era apenas talismã que traz sorte, protegia de desgraças e doenças, ajudava pessoas de certas profissões.

Os marinheiros de perigos protegia a esmeralda, a ametista protegia as pessoas que aspiram a conhecimentos espirituais, a turmalina desde antigo considerava-se pedra dos artistas.

Hristo Zhishev recorreu a Vanga com o pedido de comentar o que lera em livros antigos sobre pedras e a sua influência nos destinos das pessoas. A vidente concordou. O cientista, que era também parente distante da avó Vanga — sobrinho-neto (primo em terceiro grau), contou pormenores interessantes sobre como decorriam os seus encontros com a vidente.

Vanga nunca dava informação coerente sobre algo, a sua maneira de exposição — descrição de imagens que «via» com a visão interior. Por isso a profetisa, ao contar, muitas vezes saltava de um para outro — umas imagens referiam-se a tempos antiquíssimos, outras — ao presente, terceiras dirigiam-se a eventos futuros.

Hristo registou e analisou as declarações de Vanga e chegou às seguintes conclusões.

A vidente disse que propriedades mágicas possuem não só as pedras preciosas, mas também os calhaus e as pedrinhas mais simples que rolam debaixo dos nossos pés! Tudo depende da pessoa que as toca.

Interessante como se desenvolve mais esta ideia. No vale de Rupite há um gigante calhau-pedra, que se tornou lugar de peregrinação de turistas. As pessoas acreditavam que esta pedra cura crianças de doenças graves. A água que escorria do calhau recolhiam num jarro de barro e depois lavavam com ela a criança gravemente doente. Após esta lavagem vestiam à criança roupa interior nova, e a velha penduravam nas árvores. Se a criança sobreviveria ou não, ninguém sabia. Aqui até Vanga era impotente. Felizmente, a maioria das crianças curava-se mesmo assim. Por que umas sobreviviam e outras não permanece enigma, mas neste caso a pedra servia de meio de cura e decidia, por mais surpreendente que soe, o destino da pessoa!

Eis exemplo de outra imagem vista por Vanga. Ela uma vez disse que via Eva admirando flores no jardim do paraíso. Satanás, notando o interesse de Eva, decidiu criar algo que excitasse nas pessoas avareza e tentação. E inventou as pedras preciosas.

Mais uma imagem muito curiosa vista por Vanga: há muito tempo (ainda antes da criação do mundo) Satanás mergulhou no mar e tirou do fundo uma pedra. Deus pegou nela e partiu-a em duas partes: uma deu a Satanás, outra deixou para Si. O Senhor bateu com o cajado na sua parte da pedra, das faíscas saltadas apareceram anjos, das faíscas que caíram no mar formaram-se pedras que dão força curativa. Satanás fez o mesmo, só que das suas faíscas apareceram demónios e pedras preciosas que trazem força satânica.

Vanga assim comentou uma vez esta lenda: nas mãos de uma pessoa boa a pedra torna-se condutora de energia curativa, nas mãos de uma má a mesma pedra torna-se condutora de força satânica. Tudo depende de em que mãos cai: o bem multiplica o bem, o mal semeia o mal.

Vanga confirmou a ideia de que nas pedras está contida energia cósmica capaz de influenciar o destino da pessoa. Assim, a ametista protege da embriaguez, contém as paixões; o crisólito afugenta pesadelos noturnos; o coral protege do raio; o granate alegra o coração; o carbúnculo (ou pedra aquática) reconcilia amigos; o topázio aplaca a ira; o safira é símbolo de pureza e castidade e protege as mulheres da calúnia; o ópalo dá esperança; o crisoprásio traz sorte e calma; o cornalina guarda a fidelidade conjugal; a esmeralda traz felicidade e alegria; o ágata salva do mau-olhado e venenos; a turquesa ajuda os apaixonados; o diamante é símbolo de inocência, firmeza e coragem; a pérola protege das dores do amor não correspondido; o âmbar protege do mau-olhado; a olivina (*nesossilicato*) ajuda a adquirir simpatia das pessoas; o jade é pedra da vida; a água-marinha guarda a felicidade conjugal; o lápis-lazúli cura; o rubi ajuda no amor; o ónix é pedra dos líderes; o malaquita aumenta as forças espirituais; o zircão ajuda a compreender as ciências; o berilo é companheiro dos viajantes; o calcedónio ajuda a lidar com a melancolia; o sardónio protege do engano; o jacinto traz sorte; o cristal de rocha livra de sonhos maus e ajuda as mulheres a encontrar amor.

Na escolha da pedra é preciso ter em conta, na opinião de Vanga, a idade da pessoa, o signo do zodíaco sob o qual nasceu, e o motivo da aquisição da pedra. O granate e a pérola convêm a mulheres jovens e solteiras, às quais não devem usar brilhantes. A pérola podem usar apenas pessoas nascidas sob o signo de Peixes. Em geral é preciso ter em conta

que esta constelação é desfavorável ao uso de pedras preciosas. O brilhante, ágata, ónix, crisoberilo consideram-se adorno de roupa de luto.

Agora voltemo-nos aos signos do zodíaco. Ao Carneiro convêm sardónio, ametista e todas as pedras vermelhas. Ao Touro deve usar ágata, cornalina, coral branco e todas as pedras brancas transparentes. Aos Gémeos recomenda-se adquirir topázio, berilo e todas as pedras variegadas. Ao Caranguejo ajudarão na vida esmeralda, calcedónio e todas as pedras brancas opacas. Ao Leão protegerão cornalina, sardónio, safira, obsidiana, ónix e esmeralda. À Virgem deve usar jaspe, esmeralda, cristal de rocha, safira, granate, calcedónio. À Balança convém diamante, berilo, feldspato oculado, cristal, ópalo, turmalina. Ao Escorpião ajudarão topázio e hematite. Ao Sagitário trarão sorte jacinto, turquesa, zircão e todas as pedras vermelhas e verdes. Ao Capricórnio deve usar ónix, crisoprásio, ágata, todas as pedras pretas. Ao Aquário protegerão safira e obsidiana. Aos Peixes são favoráveis alexandrite, coral vermelho, água-marinha, safira.

Claro que Vanga não conhecia os nomes científicos das pedras, chamava-as à sua maneira: ametista — «pedra de viúva», pérola — «lágrimas de saudade», turquesa — «pedra da felicidade», jade — «pedra da vida», água-marinha — «pedra dos apaixonados», ónix — «pedra dos líderes», lápis-lazúli — «pedra curativa», quartzo — «olho de gato», «de falcão» ou «de tigre», esmeralda — «pedra da misteriosa Ísis», cristal acicular — «flechas de Amor», cristal fibroso — «cabelos de Vénus», safira — «pedra de Júpiter», malaquita — «pedra dos poetas» e assim por diante.

Vanga mais de uma vez dizia que talismã pode tornar-se apenas uma pedra oferecida ou transmitida por herança. Uma joia comprada na loja de pedras preciosas poderá tornar-se talismã apenas passados muitos anos. Pedras roubadas trazem energia negativa.

Para que a pedra contribua para a cura, é preciso aprender a «respirar éter através da pedra», ou seja, imaginar-se envolto em éter invisível e espalhá-lo pelo corpo ou concentrar no órgão doente. Estes exercícios é preciso fazer todos os dias.

As mais favoráveis para a pessoa são as pedras ligadas ao planeta que protege o seu destino. Obrigatoriamente é preciso ter em conta que

constelações zodiacais dominavam no céu no momento do nascimento da pessoa. Pedras do Sol: crisólito, diamante, jacinto, aventurina, rubi, heliotrópio, crisoprásio. Pedras da Lua: ópalo, pedra lunar, água-marinha, berilo, pérola, coral. Pedras de Mercúrio: topázio dourado, esmeralda, cornalina, ágata. Pedras de Vénus: safira clara, ágata, pérola. Pedras de Marte: rubi, hematite, jaspe, diamante, granate. Pedras de Júpiter: turquesa, safira, lápis-lazúli. Pedras de Saturno: ónix, ametista, topázio escuro. Pedras de Neptuno: ametista, pedra lunar, cristal de rocha.

Quanto a joias de ouro e prata, Vanga aconselhava aos hipertensos e hipotensos seguir regras simples. O ouro não convém aos hipertensos, pois excita e reforça a energia, a eles é melhor usar prata. É útil colocar anéis de prata nos dedos anelares, pois por eles passa o canal de formação de calor. Remove-se o excesso de tensão, e a pressão baixa.

Na lua cheia e lua nova, Vanga recomendava beber infusão de menta-pimenta: a menta contribui para a normalização da pressão.

Na lua cheia, quando especialmente sofrem os hipertensos, é melhor tirar dos dedos anéis de ouro. Os hipotensos, pelo contrário, sentem-se mal na lua nova. Para normalizar a pressão, às mulheres-hipotensas é preciso usar anel de ouro no dedo médio da mão direita, aos homens — no dedo médio da mão esquerda (reforça o fluxo de energia no canal de circulação sanguínea que passa por este dedo). A prata ajudará ao hipotenso se colocar o anel no dedo indicador da mão direita. O metal acalma o canal do intestino grosso. Elevar a pressão ajudará o seguinte exercício: esfregar as palmas e colocar a palma esquerda (mulheres) ou direita (homens) no cóccix. Esperar 10 minutos — a pressão normaliza-se.

A vidente muitas vezes lamentava que as pessoas usem joias de pedras sem pensar que pedra é diferente de pedra: ajudam apenas à pessoa boa e misericordiosa. Se a pessoa viola as grandes leis do cosmos, as pedras são impotentes para ajudá-la, tornam-se uma bugiganga inútil e até capazes de atrair desgraça à pessoa. Vanga, como sempre, colocava as leis morais acima de tudo o resto.

«Dando liberdade ao mau, involuntariamente nos colocamos no caminho do vício...»

Vanga constantemente recordava às pessoas que curam não só o mel, argila ou erva medicinal, curam os pensamentos! Isto é muito

importante! Tudo o vivo na Terra, considerava Vanga, está subordinado a um determinado ritmo cósmico. Perturbar esta harmonia significa perder a ligação com Deus e o cosmos, e então à humanidade espera uma retribuição amarga. Como alcançar a harmonia com tudo o existente?

A curandeira dizia que o caminho é muito simples — é a bondade. Apenas a pessoa boa vive em acordo consigo mesma e com o mundo: «O jardineiro vê que uma das árvores floresce bem, mas dá poucos frutos. O jardineiro não se deixa enganar pelas flores brilhantes, corta a árvore inútil. E as pessoas não têm direito de serem inúteis, não trazerem benefício aos outros, cada pessoa, seja qual for, cumpre uma determinada missão na terra. A preservação da vida é o nosso principal dever. Cada vida deve ter possibilidade de se desenvolver em nome de altos objetivos, sobre os quais ainda nada sabemos. Mas, dando liberdade àquilo mau que há em nós, involuntariamente nos colocamos no caminho do vício» (K. Stoyanova. Vanga: confissão de uma vidente cega).

Aqui estão alguns exemplos que confirmam as palavras de Vanga.

Uma vez recorreram a Vanga dois idosos — marido e mulher. Começaram a queixar-se do seu destino: atormentam doenças, perseguem apenas falhanços. O que fazer? Esperavam apoio de Vanga, mas esta cortou o velho e perguntou: «E não te esqueceste da corda?» O velho estava perplexo, mas a mulher lembrou-se de um caso. Quando eram jovens, trabalhavam numa plantação de melancias — cultivavam melancias. Levaram a colheita para vender ao mercado, e um rapazinho aproximou-se por trás do carro e roubou uma melancia. O homem parou o carro, apanhou o ladrãozinho e bateu-lhe cruelmente com uma corda. Eis sobre esta corda que lhe recordou Vanga. Disse que o velho pagava com as suas doenças e tristezas por aquela melancia.

Uma mulher desesperada veio ter com Vanga para ajudar a sua filha, que saíra de casa e descontrolara-se completamente: grosseira, não respeita ninguém, não quer regressar a casa. Vanga disse à mulher que nisso era culpa dela: a filha tornara-se tão mimada e desregrada devido à permissividade da mãe. A rapariga crescia sem aplicar esforços, a mãe livrava-a do trabalho físico, mimava, não a habituava ao trabalho. A avó disse severamente que as prisões e castigos mereceram não as crianças, mas os seus pais — foram eles que educaram pessoas incapazes de algo bom.

Uma vez a irmã pediu a Vanga que recebesse uma conhecida dela, que adoecia frequentemente. A vidente recusou, dizendo que era uma pessoa muito má. Atualmente esta mulher tem tudo o que a alma deseja, mas outrora cresceu na miséria. Só que partilhar o seu conforto com ninguém quer, tudo lhe é pouco. «A avareza é a sua doença — disse Vanga —, dela não há remédios».

A Vanga recorriam frequentemente casais sem filhos. Uma vez vieram marido e mulher saber se teriam o tão esperado filho. A curandeira zangou-se fortemente com o homem, repreendendo-o por torturar e bater na mulher, considerando-a estéril. E a causa da sua falta de filhos estava no marido, e não na mulher. Vanga disse que os cônjuges teriam filho se se reconcilhassem e perdoassem mutuamente as ofensas e o mal.

Ainda houve um caso em que veio ter com Vanga uma mulher e perguntou se receberia em breve um apartamento, pois vivia num quartinho pequeno e apertado juntamente com as crianças. A avó bateu com o pé de indignação e disse que nada receberia, pois esta mulher tinha 2 casas que ficaram dos dois maridos. Só a «infeliz» vendeu as casas e esbanjou o dinheiro, e já era tarde para chorar e esperar nova habitação.

Vanga considerava que se a pessoa cuidar da sua saúde espiritual, as doenças irão embora. Atualmente muitas pessoas, a quem a medicina é impotente para ajudar, recorrem a znahari e curandeiros populares. Mas sempre é preciso lembrar, advertia Vanga: para curar os outros, é preciso ser-se puro, pois curam não só poções, bálsamos e ervas, curam a energia e os pensamentos do curandeiro!

Aqui estão algumas declarações da profetisa búlgara que confirmam o antigo princípio «corpo são — mente sã»:

— nove décimos da nossa saúde repousam na capacidade de pensar corretamente;

— pouco é não fazer nada mau, não se pode nem pensar mal, pois o pensamento é material;

— os pensamentos da pessoa são a sua saúde;

— quem inveja, queixa-se da saúde;

— saúde está perto, se não se caiu baixo;

- quem se domina, a doença não o pega;
- quem inveja, pensando que ninguém adivinha, não esperará mercês de Deus;
- saúde não está nas mãos, mas na cabeça da pessoa;
- estar saudável — esquecer ofensas;
- curam não só mel e alegria, mas os pensamentos;
- pessoa saudável tem mente saudável.

A saúde da pessoa, como regra, considera-se em ligação com a influência de fatores circundantes (ecologia, epidemias, impactos do meio social etc.) ou liga-se ao estado emocional da pessoa. Vanga dizia que a pessoa podem curar os seus pensamentos. Os bioenergoterapeutas modernos confirmam as palavras de Vanga de que a alegria e harmonia, ou seja, emoções e ações positivas, são mais importantes para a manutenção da saúde da pessoa do que dietas milagrosas ou ocupações de desporto. Claro, ninguém nega o benefício de um modo de vida saudável, mas o facto de os pensamentos serem materiais e capazes de formar o nosso estado de alma e modelar o nosso futuro é conhecido no mundo da ciência.

Trazemos um pequeno exemplo de conversa com Vanga.

Pergunta: — Todas estas doenças, maleitas, indisposições, desgraças, epidemias — de onde vêm? Doenças da sociedade... Do homem... Espirituais e carnisais... De onde vêm elas?

Vanga: — Tudo isso vem dos nervos.

Pergunta: — Ou seja, todas as doenças não vêm de micróbios, mas de stresses nervosos?

Vanga: — Pode dizer-se assim.

Pergunta: — De stresses nervosos. Significa, então, de emoções negativas? Medo? Sustos? Explosões de ira? Tristeza aguda?

Vanga: — Sim, é assim. Mas tristeza é diferente de tristeza. E melancolia também. E raiva de raiva. E o mal? Na balança universal é pesado.

Daí veio: saber quanto pesa um quilo de mal. E as alegrias também são diferentes...

Pergunta: — Significa que é preciso também entristecer-se? E alegrar-se nem tudo?

Vanga: — A vida sem tristeza e melancolia pode apenas enfraquecer a pessoa, tal como uma alegria sem causa. Especialmente se esta alegria for por ações bem-sucedidas, mas pouco honrosas. Ela perturba a harmonia.

Pergunta: — Resulta que também a sorte lá, na balança celestial, é pesada?

Vanga: — Quando chega a sorte, as pessoas dizem: «Tem sorte»... Que saibam então: por vezes a sorte leva ao topo da bem-aventurança, e por vezes — ao abismo sem fundo. Às trevas eternas. Ao inferno. E a felicidade é uma desgraça negra, inevitável e indelével, se a felicidade for construída sobre a desgraça e males dos outros.

Pergunta: — E «vez» tu, Vanga, com a tua visão interior o movimento no homem daquilo que chamas alegria, felicidade, tristeza, melancolia, medo, ira?

Vanga: — Sim, vejo. E claramente. Diante de mim aparecem pontos luminosos. Eles cintilam e movem-se. Uns, que trazem alegria, cintilam com uma luz muito agradável e graciosa. E dos outros — portadores de ira, susto e raiva — dor e sensações muito pesadas.

Pergunta: — Resulta que vês algo como fluxos energéticos? Fluxos que curam ou, pelo contrário, trazem doenças? E por isso nem de tudo se pode curar usando apenas ervas e mel?

Vanga: — É assim. Mas eu diria de outra forma: o mel é um bom condutor e também um bom «para-raios». No entanto, mel com mel, mas não esqueças a harmonia com as pessoas e a natureza».

Ao falar do mel como condutor de alegria e humor positivo e «para-raios» do mal — stresses, dor, medo, ira e tudo o mau —, Vanga sublinhou que o principal afinal não é o mel (embora o seu mérito na cura de muitas maleitas de forma alguma seja diminuído), mas os pensamentos da pessoa.

Descrição interessante dá a vidente: em cada pessoa via claramente e de forma nítida certos pontos luminosos, que na linguagem da ciência se chamam fluxos energéticos. Uns fluxos trazem energia positiva — emoções de alegria, bem, e outros — ira, dor, medo e mal. Significa que no organismo da pessoa cada estado emocional está ligado a um determinado canal energético, e resulta que a própria pessoa pode controlar a ação destes canais.

A pessoa é capaz de restaurar a harmonia entre o interior e o exterior, dirigindo os seus pensamentos para o lado do bem, o que Vanga ensinava toda a sua vida. E este pensamento simples revela-se o principal no destino de cada um de nós: os nossos pensamentos ou criam o espaço de amor e bem, ou destroem-no, do que no fim das contas depende a nossa saúde espiritual e física.

Os terapeutas da bioenergia afirmam que os stresses nervosos, a que estão sujeitas as pessoas modernas, provocam bloqueios dos canais energéticos (meridianos), que estão ligados aos órgãos internos da pessoa. Como resultado — desequilíbrio completo do organismo: os órgãos internos começam a deformar-se, o que leva a doenças. Mas se harmonizar os seus pensamentos e sentimentos, dirigi-los para o lado do bem, este círculo vicioso pode romper-se e restaurar a saúde perturbada.

O sentimento constante de ansiedade provoca doenças do pâncreas e baço, e o sentimento agudo de ansiedade afeta o estômago. O sentimento de tristeza e melancolia destrói a atividade do intestino grosso, e a sua ausência completa leva a lesão dos pulmões e atrofia completa da função do intestino grosso.

Os cientistas estabeleceram também a ligação causal entre o sentimento de ansiedade súbita e aguda e a úlcera. Pelo ira, à qual todos nós tão facilmente nos sujeitamos, responde o canal energético (ou meridiano) do fígado e vesícula biliar. Quando a pessoa constantemente se irrita e cai em ira, provoca doenças do fígado e vesícula biliar. Mas existe também dependência inversa: se a pessoa de todo não está sujeita a explosões de ira, isso também pode provocar as mesmas doenças.

Por isso à pessoa é necessário manifestar e experimentar quaisquer emoções, mas é preciso aprender a controlar o aparecimento de pensamentos e sentimentos negativos, para não permitir a doença.

O sentimento de alegria está diretamente ligado ao meridiano do coração e intestino grosso. À pessoa é necessária bondade na comunicação com as pessoas, o mundo e Deus. A pessoa alegre inconscientemente protege o seu coração de doenças, sabe manter a harmonia com tudo o existente. Pelo contrário, a pessoa sujeita a melancolia está predisposta a enfartes, AVC, patologia cardiovascular. Provavelmente por isso a melancolia é considerada pela religião um dos pecados mortais.

Existe, na opinião dos cientistas, dois canais principais responsáveis pela saúde da pessoa: o meridiano do pericárdio e o meridiano do triplo aquecedor. O meridiano do pericárdio gere o trabalho dos sistemas endócrino e nervoso, incluindo o coração. «Alimenta-se» do sentimento de alegria, e o sentimento de medo destrói-o. Se este canal está desequilibrado, surgem problemas com a psique e trabalho dos órgãos genitais (perturbação da função reprodutiva).

O canal energético do meridiano do triplo aquecedor passa pelo peito, abdómen e pelve e coordena o trabalho das 3 partes do tronco. Se o canal está desequilibrado, a pessoa sente dificuldades com a termorregulação: ou tem frio ou é tomada por calor. E o canal carrega-se de energia da felicidade. Quando a pessoa se sente profundamente infeliz, ela própria provoca doenças, privando de energia dois meridianos importantíssimos.

A vidente búlgara sabia da influência das emoções e fluxos energéticos na saúde da pessoa, mais ainda, via pontos luminosos, ou seja, canais energéticos, por isso falava da força destrutiva do mal e força criadora do bem.

Do ponto de vista da bioenergética, as palavras de Vanga de que o mel é condutor e «para-raios» devem entender-se assim: o mel possui a propriedade de aumentar a condutividade energética das emoções de felicidade e alegria, que se movem por dois canais importantíssimos — pericárdio e triplo aquecedor. O mel também é capaz de suprimir emoções de ira e medo e proteger os órgãos internos da destruição. Mas o mel é um meio curativo auxiliar, a fonte principal de saúde são os pensamentos da pessoa, o mel ajuda a dar um passo para a cura, e se a pessoa está orientada para a harmonia e o bem, a doença recua.

Atualmente ganhou ampla difusão no mundo um sistema de proteção contra stresses, proposto pelo psiconeuroimunólogo, professor A. Stone. O próprio A. Stone, ao adoecer de cancro, entrou numa clínica de transplante de cérebro. Pelas suas palavras, em lado nenhum antes vira tal quantidade de pessoas alegres (e afinal todas estas pessoas estavam no limiar da vida e da morte).

Stone considera que a desgraça da humanidade moderna está em que as pessoas perderam o sétimo sentido de alegria, e se conseguirem desenvolvê-lo em si, obterão saúde e harmonia.

O que propõe o professor? Trazemos 5 mandamentos de obtenção de saúde.

1. Aprendei a paciência. Habituaemo-nos em qualquer situação, seja conduzir automóvel ou lentidão dos colegas, manifestar agressividade. Stone aconselha aprender a manter-se calmo, aconteça o que acontecer: este estado poupará forças e saúde. E também conservará o equilíbrio! Aceitai tudo tal como existe no mundo real que nos rodeia. A. Stone aconselha desenvolver a paciência da seguinte forma: ponde no bolso 3 notas (digamos, de 100 rublos). Cada vez que sentirdes impaciência, metei a mão no bolso, contaí até 10 e tirai a nota. Dai-a a um mendigo na igreja ou a uma pessoa necessitada. Se no fim do dia vos sobrare dinheiro, parabenizar-vos por terdes vencido a vós mesmos e doai este dinheiro para fins de caridade.

2. O mandamento está ligado ao primeiro. Soa assim: aprendei a viver em harmonia com a realidade que nos rodeia e constantemente escutar o seu ritmo e ordem. Estabeleceu-se que a pessoa nos momentos mais responsáveis da sua vida aspira à unidade. Assim, os pais lançam-se a salvar os filhos de uma casa em chamas, esquecendo o perigo. Mártires pela fé decidem-se por greves de fome prolongadas em nome dos outros. Para sentir a unidade com tudo o existente, aprendei a fazer exercícios simples. Deitai-vos e mentalmente percorrei todo o corpo da cabeça aos pés, escutai os sinais do vosso organismo. Nada critiqueis, simplesmente rastreai os sinais positivos e negativos. Depois tomai as medidas acessíveis dependendo dos sinais do vosso organismo. Segundo exercício: todos os dias usai 5-10 minutos para sentar calmamente

com alguém. Não tenteis discutir problemas, não imponhais a vossa companhia, simplesmente sentai-vos calmamente juntos. Após tal tempo passado em silêncio sentireis quão forte pode ser o sentimento de alegria e unidade (sétimo sentido, como o chamou Stone) de um contacto fugaz. Terceiro exercício: escolhei para treino diário algum ritual — leitura de oração antes do almoço ou execução de canção por toda a família — e tentai cumpri-lo constantemente.

3. Aprendei a suprimir em vós a ira. Se alguém vos irrita fortemente, não caiais imediatamente em ira, aprendei a controlar emoções negativas. Apalpai o pulso. Se começa a acelerar, significa que o coração sofre stress. Relaxai, fazei alguns exercícios respiratórios, esperai até o pulso voltar ao normal. Não se podem resolver problemas em ira, quando o organismo está sujeito a stress.

4. Aprendei a voltar a vossa modéstia em benefício dos outros. As pessoas começaram a viver melhor, mas o bem-estar material não torna a pessoa mais feliz. Como aprender a ser feliz? Ajudar-vos-á a modéstia. E isto não é outra coisa senão a razão espiritual. Fazei esta experiência: nos fins de semana tentai não usar as palavras «eu», «meu» e «mim». Substituí-as ou passai-as completamente. Na comunicação provavelmente estareis constantemente a «tropeçar», mas depois habituar-vos-eis. Começareis a perguntar e escutar mais os outros do que contar sobre vós. E sentireis que as pessoas ao vosso lado se tornaram mais descontraídas. «Diminuindo» a vós mesmos, notareis que os outros fazem o mesmo.

5. Sede mais bondosos! Não era disto que falava Vanga? Os cientistas afirmam que, fazendo o bem aos outros, a pessoa recebe uma carga de alegria, o que é muito útil para a saúde. Tomai o hábito de prestar ajuda a uma pessoa completamente desconhecida: no metro, na rua, na loja. Dizei mais frequentemente a conhecidos e desconhecidos: «Como estais bem!» E sentireis que o vosso bem-estar melhorou.

Recordemos as palavras de Vanga: «O bem provoca o bem, e o mal — o mal». E ainda: «Esforçai-vos por ser bondosos, então o bom virá».

Vanga ajuda os poderosos deste mundo

Encontros de Vanga com pessoas conhecidas da Rússia

A Vanga, como já foi dito anteriormente, vinham muitas pessoas da URSS, e depois da Rússia. Conservou-se uma enorme quantidade de testemunhos de testemunhas que experimentaram em si as capacidades proféticas da vidente búlgara.

Contaremos sobre os encontros da vidente com várias personalidades conhecidas da Rússia: escritores, atores, cientistas e paranormais.

Vanga e Vyacheslav Tikhonov

O encontro de Vanga com o famoso ator Vyacheslav Tikhonov ocorreu em 1979. Sobre este encontro escreveram muitos, porque a reação de Vyacheslav Vasilievich após a profecia de Vanga foi muito ambígua e dolorosa: teve de ser tratado com valeriana. Tudo aconteceu da seguinte forma.

Vanga dizia que o primeiro cosmonauta não morreu, mas foi levado para o céu. «Gagarin — afirmava Vanga — aceitou morte de fogo e tornou-se iniciado. Agora está no seu corpo celestial. A sua alma vive e brilha como estrela» (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Assim que V. V. Tikhonov atravessou o limiar da casa de Vanga em Petrich, a vidente declarou-lhe sem cerimónias: «Por que não cumpriste o desejo do teu melhor amigo Yuri Gagarin? Antes do seu último voo veio a tua casa e disse: “Não tenho tempo, por isso compra tu mesmo um despertador em meu nome e guarda-o na tua secretária. Que este despertador te recorde de mim”» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga). Após estas palavras, Vyacheslav Vasilievich teve um ataque cardíaco, e teve de tomar valeriana.

Realmente, V. Tikhonov e Yu. Gagarin eram amigos. Quando Gagarin partiu, o conhecido ator sofreu muito a morte do amigo e esqueceu completamente o despertador que prometera comprar.

Vanga e Sergei Mikhalkov

Sergei Vladimirovich Mikhalkov, conhecido poeta e escritor infantil, veio ter com Vanga em 1979. Ficou admirado com o dom profético da

vidente búlgara. Ao encontrar-se com colaboradores da revista «Druzhba», assim se referiu a Vanga: «Capacidade surpreendente, difícil de explicar, de olhar para o passado da pessoa, ver o seu presente e futuro — fenómeno único! As pessoas com gratidão recordam esta vidente».

Vanga predisse a Sergei Vladimirovich três eventos que se realizaram exatamente. «A tua amiga Natasha — disse Vanga — passará por uma operação grave ao coração, curar-se-á e depois casará com o seu cirurgião. Ao regressar a Moscovo encontrar-te-ás pessoalmente com Leonid Brezhnev. O teu filho mais velho casará com uma estrangeira e partirá para viver e trabalhar no estrangeiro, onde filmará cinema».

Tudo o que Vanga predisse a Mikhalkov ocorreu na realidade.

Regressando da Bulgária, Mikhalkov encontrou-se com o chefe do Estado — L. I. Brezhnev. Natasha, de que falava Vanga, passou por operação ao coração e após a cura casou com o cirurgião que a tratara.

Um ano depois, em 1980, partiu para Hollywood o filho de S. Mikhalkov Andrei Konchalovsky. Trabalhou como realizador e filmou muitos filmes que o tornaram famoso no mundo inteiro. Andrei Konchalovsky também se encontrou com Vanga, interrompendo a sua viagem de Moscovo para Paris.

O próprio Sergei Vladimirovich esteve com Vanga mais três vezes, e a vidente contou-lhe da existência do planeta Vamfim.

Vanga e Natalia Bekhtereva

Quando a mundialmente conhecida fisióloga, académica, diretora do Instituto de estudo do cérebro e neta do famoso cientista Vladimir Mikhailovich Bekhterev, Natalia Petrovna Bekhtereva decidiu visitar a vidente da Bulgária, estava muito cética e não acreditava em milagres nem em adivinhações. A sua razão educada materialisticamente, como ela própria se expressou, não podiam abalar nem os testemunhos de testemunhas que estiveram em casa de Vanga.

Após o encontro com Vanga, Natalia Petrovna regressou a casa profundamente abalada com tudo o dito pela vidente búlgara. Tudo o que predisse Vanga, segundo as palavras da académica Bekhtereva, ocorreu realmente.

Natalia Petrovna vinha frequentemente a Vanga em Petrich e nunca mais duvidou do seu dom divino.

Quando Natalia Bekhtereva perdeu o marido e sofreu muito, Vanga perguntou se queria ver o falecido. Esta, claro, concordou (aqui desempenhou não o último papel o interesse profissional da psicóloga e fisióloga).

Bekhtereva regressou a Moscovo. Depois ocorreu o seguinte.

Primeiro Natalia Petrovna pensou que tudo isso era miragem da imaginação doente, mas não era assim. Após a morte do marido no apartamento de Natalia Petrovna instalou-se a sua amiga, e ambas as mulheres tornaram-se testemunhas de eventos extraordinários. Várias vezes ambas ouviram claramente passos de alguém, presumivelmente masculinos: alguém se deslocava pelo apartamento. E depois aconteceu o que Natalia Petrovna Bekhtereva prometera Vanga: ela e a sua amiga viram o falecido.

Eis o que contou Natalia Petrovna: «Atrás da cortina na janela que dá para o jardim está um frasco com água. Estendo a mão, afasto ligeiramente a cortina e olho distraída para baixo. Do meu terceiro andar para o jardim do nosso prédio, descendo do lancil, diretamente na neve que derrete está uma pessoa estranhamente vestida e olha-me olhos nos olhos. Conheço-o demasiado bem, mas isto simplesmente não pode ser. Nunca.

Vou à cozinha, onde neste minuto deve estar R. V. (amiga de N. P. Bekhtereva), e, encontrando-a a meio do caminho, peço que olhe pela janela do quarto. Pela primeira vez na vida vi o rosto de uma pessoa viva realmente branco como pano. Era o rosto de R. V. que corria para mim: “Natalia Petrovna! É I. I. (marido de Bekhtereva) que está ali! Foi para o lado da garagem, com este andar característico... Não o reconheceu?” Nisso mesmo, que reconheci, mas no pleno sentido não acreditei nos meus olhos».

Após este caso, N. Bekhtereva pronunciou palavras que voaram pelo mundo científico inteiro: «O fenómeno da vidente Vanga é um facto irrefutável... Embora seja uma realidade não conhecida» (Ciência e religião. 1992. Nº 3).

Vanga e Leonid Leonov

O famoso escritor Leonid Leonov (1899–1994), autor dos romances «Sot», «A floresta russa», «A carruagem dourada», «A fuga do senhor McKinley», «A pirâmide», encontrava-se frequentemente com a vidente e era um dos maiores admiradores do seu dom extraordinário. Leonov dizia que conhecia muitas personalidades famosas, incluindo M. Gorky e I. Stalin, mas a simples búlgara Vanga produziu nele a impressão mais forte. Leonov consultava Vanga relativamente às suas obras, e Vanga dava sempre previsões exatas. Uma vez Vanga predisse que os manuscritos de Leonov arderiam. Então, para os preservar, Leonov transportou os papéis da dacha, onde se ocupava da criação, para o apartamento na cidade. Mas todas as precauções foram em vão — os manuscritos arderam mesmo assim. Do destino, como se diz, não se foge.

Em 1980, quando o escritor veio à Bulgária, visitou a casa de Vanga em Petrich e ao encontrar-se conversou com ela sobre flores.

Vanga, como já foi notado, considerava as flores seres vivos, cultivava-as com enorme cuidado e amor no jardim em Petrich e Rupite. As flores «sussurravam»-lhe segredos desconhecidos a ninguém e ajudavam a saber os destinos das pessoas. Vanga admirou-se de que jardim magnífico tinha Leonov na dacha, onde perfumavam flores maravilhosas. Disse ao escritor: «Sei, e tu compreendes a linguagem das flores, ela é verdadeira e bela!»

Vanga ordenou a Leonov devolver o belo filodendro que oferecera à União dos Escritores para casa, pois esta flor é protetora das pessoas criativas, inspira o escritor a novos temas e livros. Leonov, claro, seguiu o conselho de Vanga (K. Stoyanova. Vanga: confissão de uma vidente cega).

No início dos anos 1990, Leonid Maximovich Leonov queria destruir o manuscrito do romance «A pirâmide», sobre o qual começara a trabalhar ainda em 1938. O mestre de noventa anos estava insatisfeito com o escrito e decidiu queimar o livro. Vanga dissuadiu-o deste passo, dizendo que não se pode destruir uma obra quase pronta. Ao escritor era necessário isolamento para terminar o livro. Aconselhou Leonov a instalar-se por 40 dias na sua dacha e finalizar o manuscrito. Na dacha, como disse Vanga, entre flores e ervas ao escritor desce a inspiração e surge ligação com Deus: «O livro deve ser terminado em 3 anos (a conversa ocorreu em

1989). No romance há 4 imagens — homem, Universo, Deus, demónio. Há aqui também algo sobre pessoas antigas. O livro terá enorme sucesso e será bem aceite por todas as pessoas, até pela juventude».

«O destino deste escritor na literatura é complicado, mas feliz — disse uma vez Vanga. — Falarão muito dele mesmo após a sua morte. Atualmente valorizam-no, mas muitos invejam-no pelo talento e pelos temas bem escolhidos. O romance será traduzido no estrangeiro — na Alemanha, Índia, Brasil, América e em muitos outros países. L. L. (Leonid Leonov) é abençoado. Tinha 10 anos quando Deus o abençoou e lhe deu a capacidade de prever à humanidade através da palavra escrita. Possui um espírito muito forte. Infelizmente, ninguém da sua família herdará nem o seu talento nem a sua inteligência. O seu dom foi abençoado pelo Céu e por Maxim Gorky, que acreditava que L. L. se tornaria um grande homem» (K. Stoyanova. Vanga: confissão de uma vidente cega).

O último romance do grande mestre, «A Pirâmide», saiu em 1994, quando o autor já tinha 95 anos. O mestre viu o livro de toda a sua vida impresso. «A Pirâmide» foi traduzido para muitas línguas e teve sucesso junto dos leitores.

Vanga e Valentin Sidorov

O escritor, poeta, presidente da comissão pelo património literário de N. K. Roerich, Valentin Sidorov (1932–1999) conheceu Vanga através de Lyudmila Zhivkova, com quem o ligava o interesse pela agni-ioga e esoterismo. Sobre os seus encontros com Vanga escreveu o livro «Lyudmila e Vanga».

Mal Valentin Mitrofanovich atravessou o limiar da casa de Vanga em Petrich, a vidente imediatamente agitou-se: «Lyudmila (Lyudmila Zhivkova), onde está o escritor de Moscovo? Deves compor poesia, escrever poesia toda a vida. Tens muitos conhecimentos, e terás ainda mais, e deves transmiti-los às pessoas» (K. Stoyanova. Vanga: confissão de uma vidente cega). Depois Vanga aconselhou o escritor como devia trabalhar para que o visitasse a inspiração: «Para ti, o melhor tempo de trabalho é até às 10 da manhã. Começa a escrever em jejum. Levanta-te da secretária só ao sentires fome. Trabalha ao ar livre — na floresta, no jardim, junto ao rio. Usa sempre calçado leve. Escreve, trabalha até ao meio-dia. Depois já não vale a pena forçar-se... À noite deixa aberta o

manuscrito sobre o qual trabalhas. Assim penetrará nele a irradiação Celestial e as forças». A vidente Vanga gostou do escritor de Moscovo, ligavam-nos laços espirituais.

A Sidorov não era fácil viver no seu país: o primeiro livro do escritor «A cidade após a chuva» foi criticado como «vicioso e revisionista». Após a edição do livro «Sete dias nos Himalaias» (1982) acusaram-no de propaganda de ocultismo. Sidorov era correligionário de Svyatoslav Roerich e brilhante representante do ensino espiritual da agni-ioga na Rússia. Tinha muitos malquerentes, e Vanga frequentemente encorajava o escritor: «Nunca deves temer nada nem ninguém, não caias em desânimo, pois estás protegido — tens um protetor. Nenhum superstição ou preconceito deve impedir-te de seguir o teu caminho. É direto. O teu dia é a terça-feira. À terça-feira tudo te deve correr bem, se te esforçares e afastares as dúvidas».

Vanga manifestou desejo de conhecer a esposa de Sidorov. Adivinhou que se chamava Larisa: «Este nome é de uma bela flor que vive na água como o lótus». Quando Larisa veio ter com Vanga, a profetisa ficou muito contente: «O teu caminho para cima passa pela Bulgária. Aqui, como em lado nenhum, te será fácil perceber os sons e palavras que vêm do céu». Vanga disse que Larisa no passado distante fora búlgara, esposa de um chefe, por isso devia visitar esta terra o mais frequentemente possível (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Vanga e Svyatoslav Roerich

O famoso pintor e filho do mundialmente conhecido artista Nikolai Roerich, Svyatoslav, também visitava Vanga em Petrich.

Quando pela primeira vez visitou a vidente em 1978, as palavras de Vanga abalaram-no até ao fundo da alma. Descreveu com exatidão até aos pormenores o seu gabinete de trabalho. Vanga disse que o maior ornamento do seu gabinete era uma flor de lírio no parapeito da janela. Roerich confirmou as palavras de Vanga, dizendo que era a sua flor favorita: «O belo lírio brilha para mim com prata das neves eternas do Tibete e Himalaias». Vanga disse que era preciso proteger a flor como símbolo da pureza espiritual celestial.

O artista após a morte do pai ficou a viver e criar na Índia, e diante de Vanga imediatamente surgiram imagens destes lugares extraordinários

pela beleza e força espiritual: «Vejo o Tibete e os Himalaias. Lá, nesses lugares, nasceu a história mais antiga da humanidade. O teu pai foi um homem não terreno. Não só artista, mas profeta. Todas as suas pinturas são visões. Deves continuar a sua obra».

Roerich saiu de Vanga profundamente abalado. K. Stoyanova, que esteve presente neste encontro, escreveu: «...saiu em profunda reflexão, e pelo seu rosto passavam como sombras de nuvens» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

Vanga e Evgeny Evtushenko

Para Vanga, mulher direta e justa, não existiam autoridades. Não distinguia quem estava diante dela — pessoa comum ou eminente. Para ela todos eram iguais. Dizia sempre o que vinha do seu coração, mesmo se era desagradável ouvir para o visitante.

Assim aconteceu com o conhecido poeta da Rússia Evgeny Evtushenko. Em 1980, Evtushenko veio ter com Vanga e ficou desconcertado com a sua receção: «Que escritor és tu, quando cheiras a barril! Sabes muito, e talento não te falta, mas por que bebes e fumas tanto?»

Evtushenko, como se sabe, era grande amante de mulheres e pediu conselho a Vanga sobre como livrar-se do pecado de adultério. A vidente disse: «Abstinência, abstinência é necessária! Tanto no amor como no casamento — abstinência!» (L. Georgiev. Encontros com Vanga. Sófia, Knigotsvet. 1996).

Krasimira Stoyanova também descreve o encontro de Evtushenko com Vanga, só que na sua versão as frases soam um pouco diferente: «Ainda da porta Vanga disse-lhe (E. Evtushenko): “Quem és tu?” — “Escritor” — respondeu ele. “Que escritor és tu — cheiras a barril. Fica mais longe de mim.” Pausa. Depois a avó Vanga dirige-se novamente a Evtushenko: “Sabes muito e podes muito, mas lá para onde te diriges não há lugar para ti. Por que fumas tanto? Trata os dentes e o estômago. Não escrevas à noite. Levanta-te cedo e então trabalha. Escreve das 3 às 7 da manhã — então vem a maior inspiração”. — “Estou a escrever um livro” — murmurou o poeta. “Sobre uma mulher?” — perguntou Vanga. O hóspede respondeu: “Sim, e sobre uma mulher.” — “Sobre a guerra?” — “Sim.” — “Bem. Escreve, mas tenta penetrar mais profundamente no

tema. Senão saltas como uma pega de ramo em ramo...”» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

A sobrinha de Vanga Krasimira Stoyanova falava de uma característica estranha: todos os que estiveram presentes nas sessões da vidente Vanga transmitiam de forma diferente o conteúdo da conversa, e nenhum repetia o outro. Possivelmente, isso aconteceu também no encontro de Vanga com E. Evtushenko.

Vanga e Alla Demidova

Quando a atriz Alla Demidova atravessou o limiar da casa de Vanga em Petrich, a profetisa perguntou por que lhe mostravam uma mulher em uniforme nazi. Alla Demidova disse que participara no filme «Escudo e espada», no qual interpretava uma alemã. «És atriz? — admirou-se Vanga —, mas por que te tornaste atriz? Devias ter sido cientista. Cientista famosa».

Alla Demidova realmente estudara na faculdade de filologia na universidade, mas depois abandonara e ingressara no departamento de atuação. Apesar de Demidova ter atingido alturas na profissão de atriz, sempre recordava as palavras de Vanga de que poderia ter-se dedicado à ciência, e não filmar cinema.

Vanga, Grigory Grabovoy e Anatoly Kashpirovsky

A Vanga vinham não só pessoas da arte, ciência e política. Passavam por lá também os que se ocupavam de parapsicologia, por exemplo Anatoly Kashpirovsky e Grigory Grabovoy.

Grabovoy veio a Vanga a 27 de outubro de 1995. Vanga já estava gravemente doente, mas mesmo assim recebeu Grabovoy, conhecido como homem-raios X. Afirmava que podia ressuscitar mortos. Na Rússia havia numerosos admiradores e veneradores do «talento» de Grigory.

Vanga recebeu-o muito friamente, tal repelida Grigory Grabovoy não esperava.

«Quem te disse que tens dom? — atacou-o a avó Vanga. — És fraco, muito fraco. Abre a Bíblia e lê o que lá está escrito. Fazes tudo, mas ora a Deus para que não venha o rei Herodes. Onde está o teu pai? Morreu? E queres ressuscitá-lo? Morreu, e queres reanimá-lo? Meu Deus, enlouqueceste todos! Só o Senhor pode ressuscitar mortos, mas ele não

virá. O corpo morre, e a alma permanece, e vós olhai para que não venha o rei Herodes. Se vier... Ele destruiu 14 mil almas!»

Aconteceu que Vanga tinha razão. Não havia em Grabovoy dom algum, e posteriormente foi condenado por fraude.

Grabovoy interessou-se por quem fora em vida passada. Vanga respondeu que carregador: «Trabalhaste muito e reencarnaste, mas da próxima vez isso não acontecerá» (Trud. 1995, 28 de outubro).

Vanga em geral não gostava de extrasensoriais, considerando que muitos deles estavam contaminados pelo pecado do orgulho e avareza. Entristecia-a muito se algum extrassensorial enganava pacientes, declarando que recebera a bênção da avó Vanga. A profetisa búlgara relacionava-se com desconfiança com vários falsos profetas e pseudocurandeiros que enganavam as pessoas. Por isso com tal indignação se referiu à afirmação de G. Grabovoy de que podia ressuscitar mortos. Era, do seu ponto de vista, blasfêmia. A este respeito recordam-se as palavras da Sagrada Escritura: «Muitos me dirão naquele dia: “Senhor! Senhor! Não foi em teu nome que profetizámos? E em teu nome expulsámos demónios? E em teu nome fizemos muitos milagres?” E então lhes direi: “Nunca vos conheci; afastai-vos de Mim, vós que praticais a iniquidade”» (Evangelho de Mateus. Capítulo 7, versículos 22–23).

Sobre a vidente Djuna, Vanga disse que tinha grande talento. Mas será possível cobrar das pessoas tanto dinheiro? A própria Vanga cobrava pouco pelas sessões, aceitava mais presentes, considerando que a avareza leva à perda da ligação com Deus.

Anatoly Kashpirovsky encontrou-se com Vanga em 1990. Ela recebeu-o muito contidamente, e o famoso psicoterapeuta ficou tão perdido que não sabia o que perguntar à vidente. Ela predisse que ele andaria muito pelo mundo, visitaria a América, Japão e China. Interessou-se por como tratava as pessoas e disse que não se pode acreditar nos que tratam com as mãos à distância. Vanga aconselhou Kashpirovsky a conduzir o automóvel com mais cuidado e ter atenção ao travão da roda dianteira direita. Vanga disse também que Kashpirovsky teve sorte com a esposa: Valentina é uma pessoa maravilhosa. Quando o conhecido psicoterapeuta perguntou como vivia a vidente, ela disse que estava muito cansada das pessoas: todos os dias recebia até 200 pessoas. «Eu também estou

cansado» — disse Kashpirovsky. Vanga reagiu imediatamente: «Então por que continuas as tuas sessões?»

Posteriormente, A. Kashpirovsky realmente visitou a América, Japão e China e em todo o lado reunia salas enormes.

Vanga e Filipp Kirkorov

O popular cantor de variedades Filipp Kirkorov também visitava a casa de Vanga em Petrich e pôde convencer-se da força do seu dom profético.

Os pais de Filipp, como se sabe, viviam na Bulgária, na cidade de Varna. O pai de Kirkorov era músico e dirigia um coletivo de variedades. Uma vez o pequeno Filipp adoeceu, e os pais, sem pensar muito, levaram-no à avó Vanga em Petrich. Vanga não só curou Filipp, como predisse-lhe fama musical. Eis o que disse aos pais do rapaz: «Vejo o vosso filho numa montanha alta. Está de pé e agita uma vara metálica».

Passados anos, tornou-se claro o que Vanga queria dizer. Em forma alegórica chamou ao Olimpo musical, que conquistou Filipp Kirkorov, montanha alta, e ao microfone — vara metálica.

Vanga, Aleksandr Kapralov e Andrey Smirnov

Em 1988, o conhecido jornalista internacional soviético Aleksandr Kapralov juntamente com o amigo e colega — correspondente da TASS Andrey Smirnov — visitou Vanga no lugar de Rupite. Pelo caminho para Rupite, os jornalistas admiravam a paisagem de conto de fadas das montanhas Rila e arredores pitorescos. Quando os amigos se aproximaram da casa da profetisa búlgara, ficaram impressionados com a enorme quantidade de pessoas na fila. O starosta cobrava dos estrangeiros 50 dólares pela consulta, mas dos jornalistas não cobrou dinheiro e convidou os famosos russos para casa.

Aleksandr Kapralov estava algo embaraçado por ter passado sem fila e não encontrou imediatamente o que perguntar à vidente. Como regra, Vanga perguntava ao visitante: «O que queres saber?» O jornalista internacional perguntou o que primeiro lhe veio à cabeça: quanto tempo ficaria na Bulgária? Vanga pegou no pedaço de açúcar, girou-o nas mãos e pronunciou: «Dez». Kapralov ficou muito surpreendido com esta resposta,

pois o prazo da missão de serviço era apenas 5 anos. «Aparentemente, a profetisa enganou-se» — pensou o jornalista, mas calou-se.

Andrey Smirnov, que já estivera com a famosa profetiza, disse que viera despedir-se — as malas estavam feitas, dentro de dias voava de volta para Moscovo. «Partes cedo — declarou inesperadamente Vanga —, para lado nenhum vais. Ainda viverás um ano na Bulgária». Chegou a vez de Smirnov se surpreender: tal viragem dos eventos não esperava. A consulta com Vanga durava não mais de 3–4 minutos, com as palavras: «Hayde, hayde!» Vanga despediu-se dos hóspedes russos.

A vidente búlgara revelou-se, como sempre, certa nas suas predições: Aleksandr Kapralov trabalhou na Bulgária não 5 anos, como se supunha, mas inteiros 10. Ao regressar a Sófia, o correspondente da TASS Andrey Smirnov teve de desfazer as malas: o prazo da sua missão de serviço foi prolongado mais 1 ano.

Este caso mais uma vez demonstra claramente que nas predições a pessoas privadas a Vanga não tinha igual: tudo o que a profetisa comunicava aos visitantes cumpria-se na maioria dos casos com surpreendente exatidão.

«O principal é que no povo viva a fé e o amor!» Encontros de Vanga com celebridades búlgaras

Ao longo de todos os anos, a casa de Vanga em Petrich era visitada por muitas personalidades conhecidas da Bulgária — figuras públicas, políticos, dirigentes do partido comunista búlgaro, artistas, escritores, desportistas. Alguém vinha abertamente, alguém encontrava-se em segredo, mas ajuda e conselhos da vidente búlgara, a partir dos anos 1940, em diferentes períodos pediam tanto altos funcionários como muitas celebridades búlgaras.

A Vanga visitavam os czares búlgaros: Boris III (em 1942) e o seu filho Simeon II (nos anos 1990) e representantes da dinastia czarista. Na casa em Petrich frequentemente aparecia o secretário-geral do CC do PCB Todor Zhivkov, embora posteriormente, em 1996, numa entrevista negasse categoricamente que alguma vez se tivesse encontrado com a vidente. Vanga era amiga da filha de Todor, Lyudmila Zhivkova, membro do Politburo do CC do PCB e ministra da cultura da Bulgária.

Vanga recebia todos, mas não gostava de curiosos ociosos. A profetisa lamentava que pessoas comuns, carregadas de problemas e doenças, esperassem na fila um ano inteiro, e altos dignitários e as suas esposas aparecessem sem fila e apenas atrapalhassem o trabalho: «Vêm ter comigo diferentes grandes pessoas, esposas de ministros e tentam entrar sem fila. E elas não têm doenças nenhuma, nada que cause sofrimento. Vêm ter comigo por curiosidade vã».

Vanga e Todor Zhivkov

Dizem que a primeira pessoa do partido comunista búlgaro, Todor Zhivkov (1911–1998), podia telefonar à vidente a qualquer hora do dia ou da noite e ordenava que levassem a profetisa a casa dele ou ao trabalho. Pessoas de confiança do antigo líder comunista búlgaro afirmam que consultava Vanga antes de tomar decisões políticas importantes. Por exemplo, quando em 1962 se decidia a questão da reforma monetária, Zhivkov recorreu a Vanga por conselho. Ela disse que, se não quisesse que o Estado chegasse ao fim, era preciso trocar urgentemente o dinheiro.

É amplamente conhecido o caso em que Vanga ajudou a encontrar um ícone muito valioso que desaparecera durante a reparação da igreja de Santa Petka Samardzhyska em Sófia. Todor Zhivkov então ligou pessoalmente à vidente e pedia que encontrasse os malfeitores. Ela nomeou os nomes de três clérigos e indicou o lugar exato onde estava escondido o ícone.

Segundo resultados de investigações estatísticas realizadas por cientistas do instituto de sugestologia e parapsicologia, pelas predições de Vanga foram desvendados 80 % dos crimes. Vanga quase nunca se enganava na busca de pessoas desaparecidas.

«Ide à ponte com os passarinhos (Vanga referia-se à Ponte das Águias em Sófia, ornamentada com imagens de águias) — disse a profetisa aos colaboradores dos órgãos de aplicação da lei —, depois ireis para cima pela autoestrada Tsarigradsko shose e no terceiro cruzamento vereis uma casa que lembra uma dacha. Aí vireis, é do lado esquerdo da autoestrada, atravessareis um riacho e no fundo da rua vereis uma casinha pequena. Lá está escondido o ícone» (Trud. 1996, 23 de setembro). O ícone inestimável foi encontrado.

Vanga e Lyudmila Zhivkova

Lyudmila Zhivkova (1943–1981) e Vanga estavam ligadas por 10 anos de amizade e apego estreito (de 1970 a 1980). Lyudmila mais de uma vez intercedeu pela vidente quando as autoridades locais a oprimiam. Nenhuma decisão importante, fosse uma viagem ou discurso no congresso do partido, Lyudmila tomava sem a bênção da profetisa de Petrich. Vanga amava Lyudmila como filha própria. O que ligava a profetiza religiosa e a primeira-dama da Bulgária, filha do partido Lyudmila Zhivkova?

Acontece que estas duas mulheres estavam unidas por fortes laços espirituais. Após a morte inesperada e súbita de L. Zhivkova no auge dos anos em 1981 e a derrubada do regime comunista, tornou-se conhecido que Lyudmila Zhivkova era ardente seguidora do ensino da Irmandade Branca. À Bulgária socialista as visões de Lyudmila e a sua abertura à cultura e religiões do Oriente eram alheias.

O ensino da Irmandade Branca de forma alguma se pode confundir com a seita Irmandade Branca de Maria Devi Khristos, fundada por Maria Tsvigun e o seu marido Krivonogov em 1990. Maria Tsvigun anunciou a encarnação em si de Jesus Cristo e da Mãe de Deus e chamou-se Maria Devi Khristos e Mãe Ra. Atualmente Tsvigun e Krivonogov estão condenados pela lei.

Muitos consideram que a morte de Lyudmila aos 39 anos incompletos não foi casual. Possivelmente, a morte de Zhivkova foi armada pelos seus malquerentes. Foram divulgadas várias versões da morte súbita de Lyudmila, mas a verdade até hoje ninguém sabe.

A vida de Lyudmila Zhivkova era muito difícil apesar de o pai ser a primeira pessoa na Bulgária comunista. Duas vezes sofreu acidente de automóvel — em 1973 e 1979 — e salvou-se milagrosamente: os médicos conseguiram preservar-lhe a vida. Na vida pessoal Lyudmila também era perseguida por falhanços: conflitos na família, divórcio do marido e solidão.

Lyudmila, como ministra da cultura da RNB, viajava frequentemente pelo mundo e encontrava-se com personalidades eminentes do seu tempo, mas por algum motivo era muito fechada e silenciosa. Acontece que a primeira-dama do partido comunista da Bulgária pertencia de toda a alma ao ensino da agni-ioga, era correligionária de N. K. e S. N. Roerich e

fez muito pela disseminação das sementes espirituais da verdade na Bulgária natal. A morte inesperada interrompeu os seus planos.

Em 1973, Lyudmila sofreu um terrível acidente de automóvel. Dirigia-se ao aeroporto de Sófia para despedir o pai, que partia em visita oficial à Polónia. O estado da filha era crítico, e Zhivkov telefonou a Vanga. Esta acalmou Todor, dizendo que a filha viveria.

A Lyudmila ameaçava perda de visão (e aqui já se pode traçar analogia com o destino de Vangelia Surcheva, que se tornou a vidente Vanga). Quando Lyudmila após o acidente recuperou a consciência, descobriu que o mundo circundante se apresentava diante dela em imagem invertida. Os esforços dos médicos não levaram a nada, e então Lyudmila ocupou-se de autotratamento. Com ajuda de exercícios de ioga conseguiu restaurar a visão, embora nisso tenham passado meses de treinos persistentes e fosse necessária força de vontade colossal.

No entanto, foi um período não só de ressurreição física, mas espiritual. Lyudmila após a doença tornou-se pessoa completamente diferente. Ninguém, exceto os próximos, sabia que se condenara até ao fim dos dias a dieta vegetariana severa e modo de vida ascético, não consumia álcool, e das bebidas bebia apenas leite fervido. E isto apesar de constantemente ter de estar presente em receções oficiais e banquetes e estar no foco de todos os eventos políticos do país.

As forças e a energia Lyudmila retirava-as de fontes espirituais do ensino da agni-ioga. Tornou-se autora de uma experiência única e ousada para aquela época. Todos os anos até ao fim do século a vida cultural da Bulgária devia decorrer sob o signo de um ou outro grande nome: em 1978 — sob o signo de Nikolai Roerich, em 1979 — de Leonardo da Vinci, em 1980 — de Vladimir Lenin e assim por diante. Após o ano de Lenin deviam seguir anos dedicados a Rabindranath Tagore, Cirilo o Filósofo, Mikhail Lomonosov, Wolfgang Goethe, o patriarca Eftimiy, Jan Comenius.

Após a morte de Lyudmila Zhivkova, nesta programa cultural na Bulgária preferiram esquecer.

Desafio para aquela época foi também o facto de Lyudmila ter começado a lista de nomes com Nikolai Roerich, cujo nome naqueles anos estava proibido, tal como as suas pinturas. Consideravam-no místico, e as pinturas de Roerich não eram expostas. A situação foi salva pelo facto de

na União Soviética terem reabilitado o nome do grande pintor e pensador e celebrado amplamente o centenário do artista. Então também a Bulgária, graças aos esforços de L. Zhivkova, abriu para si a obra do mestre genial. Para a Bulgária foi convidado o filho de N. Roerich, Svyatoslav, foram organizadas exposições, editados livros sobre Roerich.

Zhivkova foi organizadora da assembleia infantil «Bandeira da Paz», que decorreu na Bulgária sob o lema roerichiano: «Unidade. Criação. Beleza». Jovens poetas, artistas, cantores e atores de diferentes países chegaram a Sófia por 10 dias para partilhar as suas descobertas criativas. Nenhum espírito de rivalidade e competições — apenas alegria da criação e do jogo.

Claro que as ideias e pensamentos de Lyudmila Zhivkova eram completamente alheios e incompreensíveis para muitos dirigentes partidários da Bulgária socialista. Zhivkova era muito solitária. Vanga frequentemente expressava receios pela vida de Lyudmila: «Saibam que a minha filhinha será enviada para o outro mundo... E com o marido não teve sorte, nem com os filhos, nem mesmo com o pai...» (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Em 1979, Lyudmila sofreu novamente um acidente de automóvel, e novamente o destino lhe deu vida, mas por pouco tempo. Em 1981, Lyudmila morreu em circunstâncias estranhas. A morte de uma mulher de 38 anos provocou no país uma tempestade de suposições e suspeitas. Zhivkova não se queixava da saúde, praticava regularmente ioga e alimentava-se de comida vegetariana, aparecia em todas as receções e encontros oficiais.

Ao saber da morte da «filhinha amada», Vanga como que petrificou, e depois começou a lamentar-se: «Ai, dor, dor! Há muito mal no mundo, muitas pessoas más. Nada pode esconder-se de mim, mas como me escapou o que aconteceu com Lyudmila, não consigo compreender. Afinal tudo estava bem com ela. Não me advertiram de cima, não me comunicaram o mau... A morte não lhe estava destinada» (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

A vidente, que muitas vezes predisse a morte de uma ou outra pessoa (e, segundo as palavras dos próximos, nomeou a data exata da morte de Todor Zhivkov), desta vez estava em completa ignorância.

Porquê? Isso permanece um enigma. A Vanga por algum motivo não «comunicaram» sobre a morte próxima da pessoa amada e próxima dela. «Porquê, Lyudmila, porquê partiste, filhinha? Porquê nada me disseste, não me advertiste? O que te aconteceu? Ah, Mara, Mara Maleeva (a mãe falecida de Lyudmila), invejaste que Lyudmila fosse para mim como filha, e tiraste-ma! E a ela estava destinada uma viagem à Síria, e prometera vir ter comigo após o regresso.» — chorava a profetisa de 70 anos (Trud. 1996, 27 de setembro).

A Vanga «não advertiram» de cima. Como sabemos, a informação chegava a Vanga do cosmos: alguma voz, como dizia, ditava o que lhe dizer e a quem, a própria vidente nada inventava e não podia mudar o curso dos eventos. Por algum motivo desta vez as forças do além «calaram-se».

Após a morte de Zhivkova, os búlgaros tentavam, como dizia a própria vidente, saber dela a verdade: «Todos me perguntam, tentam saber como morreu Lyudmila Zhivkova. Isso não direi. A história dirá a verdade. Dela nada se esconde. Enterra embora a 80 metros de profundidade, mesmo assim a verdade virá à luz. Lyudmila era pessoa de grandes méritos, se ficasse viva, muitas coisas teriam seguido outro caminho. Se não tivesse morrido, teria feito milagres» (dito por Vanga em 1995).

O guarda de Vanga, Petar Kostadinov, afirma que Vanga disse ao pai de Lyudmila, Todor Zhivkov, que a filha não morreria, mataram-na. Lyudmila devia viver, mas o destino decidiu de outra forma.

Sabe-se que em vida de Lyudmila os seus encontros com Vanga ocorriam em segredo. Sobre o que conversavam as mulheres, ninguém sabe. Frequentemente Lyudmila levava à vidente hóspedes — pessoas conhecidas, figuras da cultura de diferentes países. Estas conversas também não eram divulgadas. Ainda nos cabe saber que segredos sobre o homem e o mundo contou Vanga a Lyudmila e aos seus amigos.

Uma pessoa do círculo de Lyudmila Zhivkova, seguidor do ensino da Irmandade Branca e amigo de Svyatoslav Roerich, o escritor Valentin Sidorov, deixou as suas memórias no livro «Lyudmila e Vanga». Todos os seus encontros com Vanga eram organizados por Lyudmila e decorriam em ambiente de rigorosa confidencialidade.

Eis o que escreve: «Entrei no quarto e vi duas mulheres com vestes pretas iguais. Uma tinha cavidades vazias em vez de olhos e expressão bondosa-astuta no rosto (adivinhou que era Vanga). A segunda era a sua irmã Lyubka. Lá estava também Lyudmila Zhivkova. Chegara antes para informar sobre o hóspede inesperado. Mas Vanga não lhe deu isso fazer. Mal Lyudmila atravessou o limiar, ouviu: “E onde está o escritor de Moscovo? Esperam-no”. Vanga recebeu-me com exclamação ruidosa, lisonjeira para mim, mas como tinha carácter estritamente pessoal, não a trago aqui».

Mais o escritor desenha traços interessantes ao retrato de Vanga: «Voz aguda, abrupta. Forma de tratamento — outra não aceita — tu. As afirmações que formula são muito categóricas, intercaladas com as mais diversas perguntas. Mas se na resposta há discrepância ou imprecisão, imediatamente com riso corrige-te. Assim como que adverte: enganar-me ou calar algo é inútil: é em vão».

No encontro com Valentin Sidorov em 1980, no qual estive presente também Lyudmila Zhivkova, Vanga contou sobre a vida passada da «filhinha»: «Na vida anterior eras oficial. Tens alma russa. Muito importante o que fazes pelas crianças (Vanga referia-se à realização na Bulgária da assembleia infantil “Bandeira da Paz”). É preciso que outras mulheres sigam o teu exemplo. Mas tais como tu ainda não desceram à terra, estão no céu. Mas em breve aparecerão e ajudarão a terra» (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Eis que o céu levou esta mulher extraordinária.

A morte de Lyudmila gerou uma massa de rumores e lendas. Eis o que escreve Valentin Sidorov: «Nos jornais foi publicado o parecer médico. Dele seguia-se que a morte ocorrera por AVC. Mas então poucos confiavam em pareceres oficiais, tanto mais que as circunstâncias da morte de Lyudmila desde o início estavam envoltas em mistério.

Estranho era que, quando Lyudmila perdeu a consciência — e isso aconteceu na casa de banho —, ninguém, literalmente ninguém, se encontrava na enorme casa de campo. Aproximadamente durante 2 horas ela ficou entregue a si mesma.

Estranho era também que, quando ligaram para a ambulância, esta chegou com grande atraso. E finalmente, estranho era que a ambulância

estava avariada. Pelo caminho soltou-se uma roda, e uma hora inteira foi gasta na reparação da viatura».

Claro que tudo isso poderia explicar-se por coincidência casual de circunstâncias, mas coincidências a mais nesta história misteriosa e trágica. A morte levou a vida de uma pessoa próxima a Vanga de grandes méritos, como dizia, e quem sabe, talvez «se não tivesse morrido, teria feito milagres» (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Vanga e a ginasta Neshka Robeva

Neshka Robeva era treinadora da seleção da Bulgária de ginástica rítmica. Esta famosa desportista estava ligada a Vanga por parentesco de almas. A ginasta considerava Vanga a sua mãe espiritual. Mas isso não aconteceu imediatamente.

Pela primeira vez a vidente e a conhecida desportista encontraram-se em 1973. Neshka então atuava pela seleção do seu país. Veio ter com Vanga juntamente com a treinadora Zhulyeta Shishmanova e a ginasta Maria Gigova. Neshka, como todos, trouxe a Vanga um pedaço de açúcar que mantivera toda a noite debaixo da almofada. Estava sintonizada ceticamente. E o que lhe poderia dizer uma adivinha cega, pensava Neshka, se nem imaginava o que era este desporto — ginástica rítmica. Quando Vanga ficou cega, a ginástica rítmica ainda não existia. A vidente, como sempre, girou nas mãos o pedaço de açúcar e inesperadamente disse: «O que é isso que atirais para o ar, argolas? E garrafas? E fitas?»

Neshka ficou estupefacta, pois compreendeu que Vanga «via» a atuação das ginastas. A vidente descreveu em pormenor o interior do ginásio onde treinavam as ginastas. Depois começou a descrever pormenorizadamente o campeonato mundial de ginástica rítmica que se aproximava. «Vejo uma pessoa com luvas brancas — é o maestro!» — exclamou Vanga.

«De onde nos campeonatos orquestras? — pensou Neshka. — Vanga confunde algo». Mas calou-se.

Depois a profetisa predisse que venceriam as raparigas que tinham flores no cabelo. E advertiu para que as ginastas não usassem calças: aquelas que fossem ao campeonato de calças perderiam. Vanga disse que venceria «a pequenina com olhos rasgados e aquela que está convosco — um ícone olha para ela». Vanga como que encorajava as desportistas:

«Tudo está nas vossas mãos, não vos preocupeis, mas é preciso treinar mais».

Após o encontro, as raparigas partiram para o campeonato mundial nos Países Baixos. E aí Neshka sentiu que tudo o que acontecia já o vira em algum lado. A ginasta tinha todas as hipóteses de vencer, mas ao atuar com maçãs deixou cair acidentalmente o aparelho. A sua amiga da equipa também não lidou com a emoção e deixou cair a maçã. Isso afastou as búlgaras para a segunda posição. E naquele campeonato venceram as ginastas da URSS. Quando saíram durante a cerimónia de prémios, todos viram que estavam de saias curtas e com flores artificiais no cabelo. O seu acolhimento foi feito por uma orquestra verdadeira, e o maestro estava com luvas brancas! Então Neshka compreendeu que Vanga previra todos os eventos vários dias antes do campeonato. Era impossível acreditar, mas era exatamente assim.

Das desportistas búlgaras venceu Galima Shugurova (Vanga chamou-a «pequenina com olhos rasgados»). Partilhou o primeiro lugar individual com Maria Gigova («aquela que está convosco — um ícone olha para ela») (Europa 2001. 1995. Nº 3).

Após este encontro, Neshka Robeva começou a visitar frequentemente a vidente de Petrich e sempre sentia desconforto ao passar pela enorme multidão no pátio da casa. A ginasta não conseguia explicar a estas pessoas que «não furava a fila por cunha», mas por pedido da profetisa. Vinha e transmitia pedidos de muitas pessoas, e Vanga como que já sabia de antemão todas as suas perguntas.

Quando começaram a acusar Vanga de ligações com o KGB, Neshka Robeva defendeu a vidente, afirmando que a tia Vanga era pessoa de honestidade excecional e nunca tomaria tal pecado sobre a alma.

Com as desportistas búlgaras em 1978 aconteceu uma terrível desgraça — ocorreu uma catástrofe aérea, e toda a seleção de ginástica rítmica encabeçada pela treinadora Zhulyeta Shishmanova despenhou-se. As raparigas voavam para a Polónia para competições. Corriam rumores de que as ginastas não morreram, foram raptadas e escondidas numa ilha qualquer no Oceano Pacífico. Os rumores eram provocados por algumas manobras financeiras, mas ninguém sabia ao certo nada.

Num evento festivo, a cantora Veska, irmã de Zhulyeta Shishmanova, perguntou a Vanga com tremor na voz: «Tia Vanga, diz-me apenas “sim” ou “não”». Vanga pronunciou alto: «Sim». O que significava isso, ninguém compreendeu. Vanga levou este segredo consigo. O que realmente aconteceu, só Deus sabe.

Vanga e o cantor Nikola Gyuzelev

O conhecido cantor de ópera Nikola Gyuzelev recorreu a Vanga em 1982. Contou que uma vez lhe acontecera uma história estranha: ao executar uma ária diretamente no concerto perdeu a voz. O cantor estava preocupado para que isso não se repetisse. A vidente búlgara assegurou ao cantor que isso não voltaria a acontecer. «Não é o que pensas — acalmou-o a profetisa. — Durante a execução omitiste intencionalmente uma frase na qual se mencionava o nome de Deus. Por isso de repente emudeceste. Não só sentiste como se cortou a tua voz, mas viste algo, não é?» O cantor confirmou que vira uma mão que com gesto ordenava que se calasse.

Vanga aconselhou corrigir o erro: comprar antes do próximo concerto uma cesta de flores brancas e deixá-la no altar de qualquer igreja. O cantor fez assim. A voz não desapareceu mais (V. Sidorov. Lyudmila e Vanga).

Vanga e o escritor Pavel Matev

Em 1988, a profetisa Vanga na casa na rua Opulchenska foi visitada pelo conhecido na Bulgária escritor, conhecedor da história e da literatura búlgara Pavel Matev. Partilhou com ela planos de escrever um ciclo de poemas sobre a história do Estado búlgaro. Vanga inesperadamente declarou: «E sabes o que significa o nome da aldeia Slepcha?» Nesta aldeia macedónia, segundo as palavras de Vanga, viviam os guerreiros de Samuil cegados. Daí o nome Slepcha — formado de «cegos».

Como já foi referido, o exército do czar búlgaro Samuil foi cegado pelo imperador bizantino Basílio II no século XI. Sobre estes guerreiros contou Vanga ao famoso escritor.

Vanga contou ainda vários pormenores interessantes da história da Bulgária. Na Macedónia há outra aldeia — Vadocha. O nome, disse Vanga, formou-se da expressão «vady ochi», que em tradução do búlgaro significa «arranca os olhos». Junto a esta aldeia, segundo as palavras de

Vanga, foram cegados os guerreiros de Samuil. Interessante é a origem de outra palavra — o nome da cidade Ohrid (Macedónia). A vidente disse que, quando as mulheres choravam os guerreiros mortos, iam para fora da cidade, onde fora cavada uma vala profunda. Lamentavam: «Oh, rid!», que do búlgaro se traduz para russo como «Oh, vala». Daí o nome Ohrid.

Como já foi notado acima, Vanga contou aos historiadores búlgaros muitas coisas interessantíssimas e surpreendentes, sobre as quais nada era conhecido pelos historiadores e arqueólogos modernos. Assim se manifestavam as capacidades da vidente de saber com a sua «visão interior» sobre o que se passava nas profundezas dos séculos.

«Ela sabia muito mais do que nós...»

Vanga destruiu a descrença e ceticismo de muitos materialistas. «Ela sabia muito mais do que nós — reconhecia a docente, doutora em ciências físico-matemáticas Iordanka Peneva —, e abriu-nos coisas surpreendentes». Graças a Vanga, Iordanka conseguiu «encontrar-se» com o seu filho falecido e conversar com ele como com vivo. Eis como tudo aconteceu.

Iordanka Peneva em 1989 encabeçou a primeira comissão interdepartamental na Bulgária para fenómenos anómalos. Nela entravam físicos, químicos, psicólogos, criminalistas, médicos, biólogos. Ao investigar casos de poltergeist na Bulgária, a comissão chegou a um beco sem saída, e Iordanka foi ter com Vanga. Não perguntou nada à vidente, mas esta contou à conhecida cientista toda a sua vida passada, incluindo pormenores íntimos, e depois descreveu o futuro. Adiantando-nos, digamos que tudo o predito por Vanga se cumpriu.

E depois aconteceu algo ainda mais incrível: Vanga mostrou à mulher o seu filho falecido. Iordanka como que mergulhou em algum lado — ou em sonho, ou noutro mundo — e encontrou-se numa clareira onde brincavam dois rapazes. Reconheceu-os imediatamente: um era o seu filho, falecido aos sete anos, o segundo — o neto (tinha cerca de cinco anos). Iordanka correu para os rapazes e começou a beijá-los e abraçá-los. Mas a voz de Vanga interrompeu o seu encontro. «Um rapaz ficará aqui — ouviu Iordanka a voz de Vanga —, e o outro precisa de partir».

Quando Iordanka voltou a si, viu Vanga que estava sentada diante dela e acariciava com a palma um lenço. «Como fazes isso?» — perguntou

a mulher admirada. Ao que Vanga respondeu: «Não sei, tu és cientista, explica-me tu...»

Iordanka Peneva após este caso começou a recorrer frequentemente a Vanga por conselho. Ela, conhecida cientista na área da física do plasma, considerava a vidente búlgara sua colega, até mentora. Iordanka brincava que chamar Vanga sua ajudante era o mesmo que chamar seu laboratorista a Einstein. Vanga, segundo as palavras de Iordanka, era um génio, pois as suas possibilidades eram ilimitadas. Qualquer cientista domina conhecimentos numa área — Vanga sabia de tudo.

Aos extrasensoriais, Vanga relacionava-se com desconfiança, considerando que de mil charlatões um tem dom de Deus. Os cientistas, considerava Vanga, devem encontrar e cultivar tais pessoas, como flores. E confiar neles. Quando não há confiança, a pessoa não manifestará as suas capacidades.

Uma vez Iordanka recorreu a Vanga com o pedido de explicar um caso de poltergeist na aldeia de Dibich. Lá instalara-se algum espírito malvado que «empurrava, puxava, inchava a barriga» — em geral, assustava todos os habitantes. Vanga disse que a natureza dos poltergeists não é preciso estudar, pois a pessoa pode deparar-se com forças das trevas. Aos habitantes de Dibich, Vanga ajudou — o poltergeist desapareceu.

Vanga impressionou com o seu dom fenomenal também a académica de renome mundial, diretora do Instituto Russo do Cérebro Natalia Petrovna Bekhtereva. Natalia Petrovna foi testemunha da conversa de Vanga com a sua mãe falecida. Vanga mencionou factos conhecidos apenas pela família Bekhterev. O exemplo de Vanga convenceu a sua razão materialista de que o contacto com falecidos é possível.

Os cientistas durante muitos anos debateram-se com o enigma do dom milagroso de Vanga. Uma vez o professor Nikola Shipkovensky, especialista em medicina legal, declarou: «Após a morte de Vanga abriremos a sua cabeça e investigaremos o cérebro!» Vanga soube disso e indignou-se terrivelmente. Ao encontro disse a Shipkovensky que ele não conseguiria tirar o seu cérebro, pois morreria antes dela. Em breve o professor faleceu. Foi o único caso em que Vanga disse diretamente (e não alegoricamente) a uma pessoa sobre a sua morte.

«Os ateus começaram a sentir a essência divina do mundo»

Durante muitos anos (mais de 40 anos) amigo de Vanga foi o médico, professor Petar Deliyski. Foi médico assistente da vidente até aos últimos dias da sua vida. O professor contou que conheceu Vanga em 1953 após ser enviado para trabalhar em Petrich. Já então a sua fama troava por todo o lado, mas o jovem doutor Deliyski não acreditava no dom de Vanga. A esposa Elena fez amizade com a vidente, o próprio Petar considerava que as capacidades de Vanga eram fortemente exageradas pelos seus admiradores. Um caso, como se diz, mudou tudo.

Uma vez a esposa de um amigo de Deliyski (também médico) após operação não parava o sangramento. Os médicos tomavam todas as medidas possíveis, mas sem resultado. Então decidiram consultar Vanga. Pelo caminho para a vidente, os homens bebiam café de termo. Deixaram o carro na praça junto à casa de Vanga.

Mal entraram em casa, a profetisa do limiar perguntou o que se passava com Magda. Foi o primeiro golpe na descrença: Vanga, claro, não podia saber como se chamava a doente. Vanga continuava a falar: «Não temais, o tumor removestes durante a operação. Agora aquele lugar sangra, mas passará. Magda viverá. Dizei melhor por que deixastes o carro na praça e por que não acabastes o vosso café do termo?» Após estas palavras, as dúvidas de Deliyski nas capacidades da profetisa dissiparam-se.

Como médico testemunhava que Vanga era absolutamente cega, mas possuía dom fenomenal de ver o passado, presente e futuro. Deliyski compreendeu que após a morte do corpo a consciência continua a existir em alguma outra forma. Não acreditava na vida após a morte, até Vanga lhe contar tudo sobre os pais falecidos. «Graças a ela — recordava posteriormente Petar Deliyski —, muitos de nós, ateus até à medula, começaram a sentir a essência divina do mundo».

Provavelmente, é exatamente nisso que reside o segredo de Vanga: o Senhor dotou esta mulher simples de grande sabedoria e do dom supremo de servir o Bem: «Se contasse tudo o que vejo, aconteceria um milagre. Os segredos do mundo que me foram revelados, dos quais não vos posso falar, transbordam-me, e parece que são como um reservatório cheio até às bordas. Mais um pouco — e a barragem não aguentará a

pressão... Então... Então que o Senhor nos ajude» (K. Stoyanova. A verdade sobre Vanga).

Enquanto o segredo de Vanga não for desvendado, mas chegará o tempo dos milagres, a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial, como dizia Vanga, e então tudo o oculto tornar-se-á manifesto.

Vanga e os maiores profetas do passado

Robert Nixon

Robert Nixon nasceu em 1467 na cidade inglesa de Cheshire, numa família de um agricultor empobrecido. O rapaz nasceu com atraso mental. O pai teve de aplicar enormes esforços mesmo para ensinar o seu único filho a lidar com os afazeres domésticos.

Uma vez o rapaz surpreendeu todos ao dizer subitamente que o touro do vizinho em breve morreria. Passados alguns dias, a predição cumpriu-se. Após exame cuidadoso do touro, verificou-se que não havia causas para a sua morte súbita. Lord Cholmondeley, que vivia nas proximidades, ao saber do caso surpreendente, ordenou que trouxessem Robert a si. Queriam ensinar o rapaz a ler e escrever, mas ele revelou-se surpreendentemente estúpido, e em breve o devolveram ao pai.

Robert tinha uma cabeça extraordinariamente grande, e os olhos salientes faziam-no objeto de troça. Habitualmente, todas as suas conversas limitavam-se apenas a «sim» e «não». Distinguia-se por um temperamento mau e perseguia constantemente as crianças vizinhas para as bater. Mas, apesar disso, Robert entrou na história como o profeta de Cheshire.

Passados alguns dias após o regresso de lord Cholmondeley, Robert lavrava a terra, mas de repente parou inesperadamente, olhando fixamente para o céu claro. Passou mais de uma hora. O pai observava Robert perplexo. Finalmente, como que acordando, Robert voltou ao trabalho. O pai perguntou ao rapaz o que vira. A resposta foi enigmática:

— Vi coisas sobre as quais não posso falar e que o homem não viu antes. A fala do rapaz era rouca e entrecortada, e aqui de repente tornou-se clara e pura.

Encontrando-se com o pai na taberna local, falou durante duas horas dirigindo-se a um grupo de ouvintes assustados. Deles os reunidos

ouviram sobre Oliver Cromwell, que nasceria apenas em 1599, 132 anos depois, e a subsequente guerra civil, sobre a execução de Carlos I, que ocorreria em 1649, 182 anos após o nascimento de Robert. Depois contou sobre a Grande Revolução Francesa de 1789 e, finalmente, predisse a derrubada do rei Jaime II, que ocorreria em 1688.

— Quando o corvo construir o seu ninho na boca do leão de pedra no topo da igreja em Cheshire, o rei será expulso do seu reino. Como prova de que o dito é verdade, a parede de lord Cholmondeley deve desabar.

Esta predição rapidamente chegou a lord. Ele imediatamente ordenou examinar todas as paredes, mas os criados não encontraram causas para preocupação. E no dia seguinte uma das paredes desabou de repente. Cumpriu-se também a segunda parte da predição, quando o corvo construiu o seu ninho no topo da igreja em Cheshire. Isso aconteceu exatamente um dia antes de o rei Jaime II ser derrubado do trono em 1688.

O destino da abadia de Vale Royal

Uma das predições mais conhecidas e sombrias referia-se ao destino da abadia de Vale Royal. O rei Eduardo I fundara-a em 1277, e no período do seu reinado era a maior abadia na Grã-Bretanha. Robert advertiu um dos abades:

— Tem cuidado com o corvo, em breve aqui haverá um ninho de corvos.

Tudo isso era predito nos tempos da Reforma. O abade de Vale Royal de nome Harrow foi chamado pelo líder dos cavaleiros sir Thomas Holcroft e condenado à morte por recusar aceitar o rei Henrique VIII como chefe da Igreja. Henrique vendeu o mosteiro e parte dos seus bens ao cavaleiro Holcroft por 915 libras esterlinas. No elmo de Holcroft estava representado um corvo.

Além da predição do futuro, Nixon podia «ver longe» também no presente. Cheshire, casa de Nixon, fica no oeste da Inglaterra, junto a Liverpool e o Mar da Irlanda, e Market Bosworth encontra-se na Inglaterra Central, em Leicester, perto de Birmingham. A distância entre eles era cerca de 88 milhas. A 22 de agosto de 1485, perto de Bosworth, ocorreu uma das batalhas mais famosas da história da Grã-Bretanha. O profeta de Cheshire «viu» o combate.

O profeta de Cheshire predisse também que as pedras do mosteiro de Norton em Runcorn próximo e as pedras da abadia de Vale Royal se encontrariam no meio do rio Weaver que corre ao lado. As pessoas não acreditavam nesta predição e riam-se das palavras de Nixon, mas em breve as pedras de Vale Royal e do mosteiro de Norton foram usadas como material de construção para uma ponte no meio do rio.

Visão de eventos

Uma vez de dia o jovem Nixon trabalhava no campo e, deixando cair inesperadamente a foice, gritou: «Vai, Dick! Vai, Harry! Não, isso não serve, Dick! Exatamente assim, Harry! Harry venceu!» Os camponeses que trabalhavam ao lado não deram importância às suas palavras. No entanto, no dia seguinte soube-se que o rei Ricardo III caíra em combate com o futuro rei Henrique VIII Tudor. Os gritos do rapaz começaram exatamente quando entre Henrique e Ricardo ocorria o duelo. A batalha terminou, Henrique venceu.

Parece que a um rapaz camponês estúpido devia ser indiferente quem venceria este combate. Significa que Nixon «via» o combate com os olhos de alguém? Possivelmente, contemplava o combate com os olhos de um dos soldados de Henrique ou, possivelmente, do próprio Henrique?

Os aldeões não compreendiam quem era Henrique e em que batalha vencera. A explicação receberam apenas dois dias depois, após um mensageiro cansado chegar a galope a Cheshire com notícias importantes: o rei Ricardo III morrera em Bosworth em combate contra as tropas do galês Henrique Tudor, que se tornou rei Henrique VIII. Esta batalha terminou a longa luta pelo trono inglês, que ganhou fama como Guerra das Rosas Branca e Vermelha (1455–1485), e mudou a história do país — começou o reinado da dinastia Tudor.

Já uma semana depois, Robert tornou-se celebridade. As suas palavras proféticas transmitiam-se de boca em boca. Após o rumor do acontecido chegar a Londres, Henrique VIII, ao saber do dom profético do rapaz rural, imediatamente enviou um mensageiro com ordem de trazer Robert ao palácio. Ao ouvir a ordem do rei, o rapaz caiu em histeria. Temia abandonar a casa natal. Com gritos: «Não, deixem-me em casa, morrerei no palácio real de fome!» o infeliz tentava esconder-se.

Os guardas reais que vieram buscar o rapaz mal continham o sorriso, as palavras de Robert pareciam completa loucura. Apesar da histeria, mesmo assim o levaram ao palácio. O rei, decidindo verificar se diziam a verdade sobre o rapaz, escondeu um brilhante e pediu ao vidente que o encontrasse. No entanto, Robert recusou-se a procurar a pedra. O jovem Nixon disse que aquele que escondeu a pedra era perfeitamente capaz de a encontrar. A fala do rapaz causou tal impressão forte em Henrique que ordenou destinar a Nixon aposentos no palácio. Ao ouvir isso, Robert caiu novamente em histeria, gritando que não queria morrer de morte tão terrível. Então Henrique designou ao rapaz um soldado que devia vigiar para que Robert fosse regularmente alimentado e dessedentado na cozinha real.

Ao serviço de Henrique, o vidente honestamente ganhava o seu pão. Em breve predisse todas as guerras civis em Inglaterra, a guerra com França, a morte e abdicação do trono de muitos reis europeus (incluindo ingleses). Uma das suas predições — a destruição da cidade de Nantwich em resultado de uma forte inundação — cumpriu-se significativamente mais tarde. Mas o medo de morrer de fome não abandonava Robert. O soldado designado a ele relacionava-se tão honesta e conscienciosamente com a obrigação que lhe fora confiada que, em caso de ausência forçada, fechava o profetiza num armário. Fazia isso para proteger o favorito real de todos os perigos possíveis. Uma vez, durante uma ausência seguinte, o soldado foi temporariamente detido por uma patrulha, e após libertação da detenção correu a toda a velocidade para o palácio. Ao abrir as portas do armário, descobriu que Robert já morrera. Claro, de fome.

Mãe Shipton

Mãe Shipton, ou Ursula Southeil, nasceu em 1488 em Yorkshire e era tão feia que muitos consideravam que o pai dela fora um demónio.

A mãe de Ursula, segundo uma versão, morreu imediatamente após o parto, segundo outra — em breve foi para um mosteiro, abandonando a filha aos cuidados de estranhos.

Feitiçaria ou dom?

Quando a menina tinha 1 ano, manifestou pela primeira vez as suas capacidades sobrenaturais. Uma vez a tutora deixou-a na alcofa sozinha em casa e foi à feira. A mulher regressou a casa com conhecidos, e aqui

começou... Os homens literalmente colaram-se a uma pá voadora e ficaram pendurados a meio metro do chão, as mulheres puseram-se a dançar em círculo... Passada uma hora, os hóspedes exaustos e a dona da casa voltaram a si. E só então descobriram que o bebé desaparecera. Passado algum tempo, a alcofa com a menina a dormir pacificamente foi encontrada na chaminé a 4 m acima do chão.

Com o tempo, na casa da tutora começaram a ocorrer constantemente desordens variadas. Pela sala movia-se e voava mobília, rangiam as escadas. Por vezes diretamente diante dos olhos dos hóspedes assustados desaparecia comida dos pratos. Ninguém compreendia o que se passava, até a menina quieta e silenciosa, à qual nessa altura já tinha 8 anos, confessar que a culpa era dela. Exatamente a partir desse momento a pena pela infeliz órfã feia mudou nos aldeões para medo dela. Todos decidiram que a menina herdara da mãe, e talvez do pai, capacidades de feitiçaria.

Ursula ninguém amava, e aos vinte anos, alta, com corpo encurvado e anguloso e rosto feio, ganhou o apelido firme de Bruxa de Yorkshire.

As relações com os pares em Ursula formavam-se mal. Com os anos, a sua necessidade de demonstrar as suas capacidades diabólicas tornou-se simplesmente incontrolável. Os pobres pares literalmente choravam das suas traquinices. Bastava-lhes trocar um pouco de Ursula, como uma força desconhecida começava a beliscá-los, pontapeá-los e derrubá-los ao chão.

Toda a região estava perplexa quando Ursula de 24 anos casou com o noivo mais vantajoso local — o belo e abastado carpinteiro Tobias Shipton, todos consideravam que ela o enfeitiçara. Nessa altura, já se fixara firmemente atrás dela a fama de vidente e profetisa. Passavam os anos, Ursula dava filhos ao marido e profetizava. E após o casamento começaram a chamá-la mãe Shipton.

Sobre ela falavam mal tanto na aldeia natal como na região. Decidindo vingar-se dos seus malquerentes, reuniu os aldeões para um almoço. Durante a refeição, os hóspedes de repente foram tomados por um ataque de riso, depois foram levantados acima do chão e levados para fora da casa da «hospitaleira» Ursula.

Predições da mãe Shipton

Os prejudicados recorreram ao magistrado com queixa, e a bruxa compareceu perante o tribunal.

No entanto, a mulher não se assustou. Contou pormenorizadamente aos juízes as desgraças e infortúnios que os ameaçariam caso não a deixassem em paz. Os juízes recuaram. Numa das crónicas inglesas daquela época descreve-se o seguinte: após a sua declaração, a mãe Shipton gritou: «Updraxi, chamo Stignician Heluay!» Após o que apareceu algo como um dragão alado e levou-a da sala do tribunal. Vale a pena duvidar que a justiça deixou a feiticeira em paz.

Não mais perturbada por ninguém, a mãe Shipton continuou a profetizar.

A julgar por tudo, exatamente no tempo em que Ursula era casada, profetizou mais. As profecias jorravam dela como de um corno da abundância e referiam-se, como regra, a guerras e desgraças típicas do período da Contrarreforma, surtos de fome e eventos de importância local.

Em 1513, a mãe Shipton predisse que as tropas de Henrique VIII invadiriam a Normandia.

Aproximadamente na mesma altura predisse o terrível incêndio de Londres, que ocorreu em 1666, e a perda da «invencível armada» dos espanhóis.

Também a mãe Shipton predisse a descoberta do tabaco e da batata no Novo Mundo, o movimento de libertação feminina no início do século XX e muito mais. É de notar que ela própria morreu muito antes de todos estes eventos.

As suas profecias, a mãe Shipton escrevia-as em verso, que depois era difícil ler, tudo era muito confuso e nebuloso. Além disso, nenhuma profecia continha data exata. Por isso as pessoas frequentemente recordavam-na quando o evento já ocorria. Assim, o príncipe Rupert, quando ocorreu o incêndio em Londres, exclamou: «Cumpriu-se a profecia de Shipton!»

Apesar da abstração das predições da mãe Shipton, muitas delas eram verdadeiras. Assim, o famoso astrólogo do século XVII William Lilly

no seu «Coleção de profecias» afirmava que dezasseis de dezoito predições atribuídas à mãe Shipton ao momento da escrita do livro já se tinham cumprido.

E no fim do século XIX as suas predições foram expostas de forma bastante profissional em forma poética pelo escritor inglês Charles Hindley. Nestes versos descrevem-se muitas invenções técnicas adivinhadas pela profetisa, bem como guerras e outros eventos históricos da metade do século XIX. Por exemplo, a sua predição «...quando for construída uma casa de cristal... desatar-se-á guerra entre turcos e pagãos...» refere-se claramente à Guerra Russo-Turca, que ocorreu exatamente após em 1851 em Londres para a Exposição Mundial ter sido construído um pavilhão de aço e vidro chamado Palácio de Cristal.

Também se deve pensar que a mãe Shipton predisse a Segunda Guerra Mundial. Num dos seus numerosos versos diz-se que mais perto da metade do século XX «...começarão a tramar grandes guerras». Exatamente nessa altura Hitler e os seus subordinados começaram a preparação para a guerra.

Aqui está uma das suas profecias:

A voz correrá sobre a Terra cem vezes Mais rápida que a flecha e até o olhar... E navegará nas profundezas marinhas um barco, Como escuna, vestido de madeira, de ferro. E ouro extrairão do riacho Num país que por enquanto é de ninguém. Quando as pinturas ganharem vida E diretamente para as pessoas forem, Quando os barcos como peixes nadarem, Quando como pássaros as pessoas voarem para o céu, Então correntes de sangue engolirão meio mundo...

É de notar também que as predições mais estranhas e terríveis da Bruxa de Yorkshire foram preditas até ao recente século XX.

Segundo alguns manuscritos da mãe Shipton, as provações mais difíceis devem caber à humanidade num futuro distante. Distante para ela, mas será assim tão distante de nós?

Tudo o sinistro que nos espera adiante, ela descreveu num poema:

A tempestade sulcará o oceano rugidor, Na escuridão Gavriil erguer-se-á no céu e na terra. A morte do mundo antigo tocará na sua trombeta, E ao mundo novo chegará o tempo de nascer. E o dragão flamejante O céu

atravessará Seis vezes, até o mundo antigo morrer. Ouço como a terra trémula gritou, Destes seis arautos do fim...

A cauda ardente do dragão é tal sinal: Queda do espírito, de todos os pecados humanos. Antes que toda a profecia se cumpra, O meu túmulo arderá e o espírito libertar-se-á.

Noutra profecia dela — relativamente à Terceira Guerra Mundial — diz-se que a causa dela será a situação no Médio Oriente. E na luta apocalíptica com os árabes vencer está destinado aos Estados Unidos.

A mãe Shipton morreu em 1561, quando tinha 73 anos. Tanto a casa como o túmulo da mãe Shipton conservaram-se até aos nossos dias.

Michel Nostradamus

Em todo o mundo Michel Nostradamus era conhecido como grande profeta que previa o futuro. Até hoje cientistas e investigadores tentam decifrar o segredo dos seus misteriosos quartetos. Muitas lanças foram quebradas por causa destas linhas misteriosas, muitos espíritos tentam desvendar as predições cifradas. Assim, por exemplo, os americanos desenvolveram programas informáticos especiais para decifração dos quartetos. A máquina dava informação diferente e por vezes paradoxal. No entanto, os resultados deste experimento não foram levados a julgamento público.

Médico talentoso

Nostradamus era ainda um médico talentoso, o que testemunha o facto de lhe ter sido possível fazer recuar a epidemia de peste.

Michel Notredame nasceu a 14 de dezembro de 1503. O seu pai era notário e esperava que o filho seguisse os seus passos. Mas Michel desde a infância sentia aversão a copiar papéis e outro trabalho de escritório. Em vez disso, fugia para o prado recolher ervas, observar pássaros e insetos, e à noite não dormia, olhando fixamente para o céu estrelado. O pai não aprovava as suas aspirações. Em compensação, a mãe, que ela própria provinha de uma linhagem de médicos (o pai dela era médico da corte em Provença), apoiava o filho. É de notar que também o avô de Michel pela linha paterna era médico talentoso.

Os antepassados de Nostradamus encontraram-se em Provença no fim do século XV, quando o rei espanhol Fernando expulsou os judeus do

seu país. Mas também em França só se podia viver calmamente convertendo-se ao cristianismo. Exatamente assim procedeu o avô de Michel, Guy Gassonet. O sonante apelido Notredame recebeu pelo nome da igreja em que aceitou o batismo. Os Gassonet provinham da antiga linhagem judaica de Issachar, famosa pelo dom profético. No entanto, em França os antepassados de Michel tiveram de trabalhar arduamente e comerciar, para profecias simplesmente não tinham tempo.

A educação inicial do futuro grande médico e profeta Nostradamus foi feita pelos avós. Ensinavam Michel a cura popular baseada no uso de plantas curativas e os princípios básicos da medicina oficial. Além disso, no rapaz descobriu-se capacidade para o estudo de línguas estrangeiras, e rapidamente dominou o latim, grego e hebraico antigo. Graças aos seus mestres conheceu a matemática, astrologia, alquimia e cabala.

Chegou o dia em que Michel reuniu as suas poucas coisas e foi para onde os olhos viam. Naqueles tempos assim procediam muitos jovens: consideravam que viajando se pode obter os maiores conhecimentos, ou seja, ganhar experiência. A peregrinação de Notredame prolongou-se por inteiros 8 anos. Percorreu quase toda a Europa.

Regressando a casa em 1529, Michel ingressou na universidade de Montpellier, que nessa altura se considerava uma das melhores da Europa. No entanto, em breve o jovem trocista quase foi expulso por troças eternas sobre os conhecimentos dos professores. Possivelmente, Notredame, graças aos seus mentores, já nessa altura sabia mais do que os seus docentes. Realmente, os conhecimentos dos médicos daquela época eram pequenos. Tinham apenas uma ideia aproximada da anatomia, e os principais meios de tratamento naqueles séculos consideravam-se a sangria e o clister. Apesar de tudo, Michel não foi expulso, e passados 3 anos recebeu o diploma e o direito de receber pacientes.

Mas o jovem Michel Notredame interessava-se não só pela medicina. O acaso juntou-o com Jules César Scaliger, italiano que fugira da inquisição. Este homem era grande conhecedor da antiguidade e fundara em Agen um círculo.

Exatamente ele apresentou Nostradamus a textos antigos gregos e latinos, incluindo os «Livros Sibilinos». Esta coletânea de profecias fora compilada ainda na Antiga Roma.

As linhas ameaçadoras das profecias encontraram eco inesperado na alma do jovem. Exatamente nesse período surgiram as suas primeiras predições. Mas tornou-se famoso não só graças a elas.

Michel Nostradamus era um médico excelente: tratava os doentes com ervas e misturas que preparava ele próprio. Mais de uma vez conseguiu pôr de pé um paciente que a medicina da época considerava sem esperança. É de notar que Michel nunca cobrava dinheiro aos pobres.

Passado algum tempo, a Inquisição interessou-se por Nostradamus. Suspeitaram-no de heresia e relação desrespeitosa com os postulados cristãos. Provavelmente, estas acusações tinham fundamento: os pais de Notredame, tendo oficialmente aceitado o cristianismo, em segredo continuavam a professar o judaísmo. Nas tradições desta religião educavam também o filho. E o estudo da cabala, de que se ocupava Notredame, era incompatível com o cristianismo.

E em breve sobreveio uma verdadeira desgraça — sobre a Provença avançava a peste. Esta terrível doença levou a vida das pessoas próximas de Michel — esposa e filhos. Mas, apesar da dor, o jovem médico entrou na luta contra a terrível maleita. Mudava-se de Marselha para Aix, de Toulouse para Lyon, tentando parar a epidemia. Mas à peste era difícil resistir, pois naqueles tempos ainda não existiam preparações para tratamento eficaz desta doença. As pessoas muitas vezes simplesmente tentavam salvar-se fugindo. Juntamente com todos fugiam também os médicos. Apenas Nostradamus sozinho enfrentava a contagiosa destruidora.

Como tratar a doença já desenvolvida era inútil, o jovem médico dirigiu todos os seus esforços à prevenção dela. Obrigava os cidadãos a arejar as casas, lavar as mãos, fumigar os aposentos com fumo de especiarias. Aconselhava manter constantemente na boca pílulas de canela e cravinho.

E preparava-as Nostradamus com os seus próprios meios e distribuía na rua a todos os que queriam gratuitamente.

Michel tornou-se organizador da quarentena, isolando os bairros infectados. O jovem médico sem medo combatia a terrível doença dia e noite, e aconteceu um milagre — a peste recuou. A capital da Provença honrava Notredame como herói. O município da cidade nomeou ao salvador uma pensão vitalícia, e os cidadãos ofereciam-lhe dádivas generosas. Mas o médico doou tudo aos órfãos e viúvas das pessoas mortas pela doença.

Exatamente neste período começou a ocupar-se de predições, e em 1550 saiu o seu primeiro almanaque. Nele Nostradamus usava registos de muitos anos sobre dias de bom e mau tempo, calendário aproximado de cheias, informações sobre doenças e mortes. No fim das contas, o seu almanaque tornou-se muito popular.

E em 1555 Nostradamus publicou o almanaque seguinte, com advertências ao rei francês, que depois se cumpriram.

No entanto, dedicando muito tempo à nova ocupação, Nostradamus não abandonava a prática médica. Em 1564, a rainha Catarina de Médici visitou o profeta em Salão. Com ela veio também o seu filho, Carlos IX, que substituíra o irmão mais velho, falecido pouco após a coroação. As predições de Nostradamus continuavam a cumprir-se. E em breve Henrique III subiu ao trono, substituindo Carlos.

E entretanto no país crescia a confusão. Para o profetiza foram anos difíceis. Uma vez Michel foi até preso. Verdade, na prisão esteve pouco tempo — uma semana depois foi libertado. Mas a masmorra húmida refletiu-se negativamente na saúde de Nostradamus.

Em 1569, Catarina de Médici nomeou Nostradamus médico real. No entanto, as doenças antigas já se faziam sentir, o profetiza era atormentado por forte artrite, e o coração trabalhava com interrupções. Sendo médico, Michel compreendia que o seu fim já estava próximo. Terminou o seu último almanaque, dividiu a herança entre os filhos. Ao entrar a 1 de julho no quarto de Nostradamus, o seu secretário Chevigny desejou-lhe boa noite. Ao que o profetiza respondeu-lhe: «Para mim já não haverá manhã». E realmente, ao amanhecer o habilidoso curandeiro e profeta morreu.

Nostradamus morreu, mas o mito sobre ele apenas começava a viver. Michel foi sepultado segundo o seu testamento na parede da igreja de São

Lourenço em Salão em posição de pé, para que pudesse, segundo a sua própria afirmação, dignamente encontrar o dia do Juízo Final.

John Dee

John Dee nasceu em 1527 em Londres.

Os primeiros anos de John decorreram no condado de Essex, onde estudou na escola de Chelmsford.

Os pais de John eram protestantes, mas isso não o impediu de continuar os estudos. Durante as repressões contra protestantes, tentaram punir o seu pai, mas este safou-se com uma grande multa e regressou à família. Depois John ingressou no St. John's College, estudava 18 horas por dia e apenas as horas restantes dedicava ao sono e comida. John em geral era incansável no conhecimento tanto das ciências permitidas como proibidas, ocultas. Paralelamente à carreira de cientista começa a sua ascensão como destacado mago e alquimista.

Em 1546, Dee obtém o grau e lugar no conselho científico do Trinity College de Cambridge. Mais tarde o college de Oxford propôs-lhe o título de professor, mas recusou o cargo.

Próximo de Elizabeth I

Em 1555, Dee torna-se próximo, e depois profetiza da corte da rainha Elizabeth I.

É de notar que John Dee não só a ajudava na modernização da educação inglesa, mas também compunha prognósticos astrológicos, realizava diversas manipulações mágicas.

Como mestre espiritual, John Dee considerava Cornelius Agrippa, cujo livro «Filosofia Oculta» se tornou para ele de cabeceira. O jovem cientista ocupou-se de alquimia e começou a realizar experiências secretas. Atraía-o também a adivinhação chinesa.

Após a morte de Eduardo VI, subiu ao trono a sua filha Maria Tudor. Ela convidou John Dee ao seu palácio para que lhe compusesse o horóscopo. Ele cumpriu a ordem e compreendeu que o reinado de Maria seria curto e muito em breve ela morreria. Por isso John Dee decidiu aproximar-se da irmã dela, Elizabeth, à qual estava destinado, como já sabia, subir ao trono no futuro. Elizabeth nessa altura estava no exílio, mas

John Dee encontrou possibilidade de a visitar e informou-a de que em breve ela seria rainha. Assim começou a sua amizade, que durou muitos anos. Dee compôs o seu caderno de profecias, que sempre assinava enigmaticamente «Voo».

A carreira de John Dee como profetiza da corte terminou com a morte da rainha Elizabeth. O rei que subiu após ela ao trono, Jaime I, não acreditava no dom de John Dee.

O doutor Dee morreu em 1608 em completa miséria, a sua casa e biblioteca única foram saqueadas e queimadas.

Xénia de Petersburgo

A data do seu nascimento é conhecida apenas aproximadamente — algures entre 1719 e 1730. Nasceu Xénia em Petersburgo numa família nobre. A bem-aventurada levava uma vida cheia de fé, amor ilimitado às pessoas e abnegação.

Pobre Xenushka

Aos 20 anos, Xénia casou com o nobre, coronel Andrey Fedorovich Petrov. Os cônjuges amavam-se muito fortemente e viviam alma em alma. Xénia, como era costume, levava a casa, o marido servia, e aos fins de semana cantava no coro da igreja. Os cônjuges acreditavam de todo o coração em Deus, ocupavam-se de caridade, e no tempo livre estudavam literatura espiritual. Os jovens viveram juntos 3 anos em paz e acordo, mas depois à sua família veio a dor — o marido de Xénia adoeceu gravemente. Xénia Grigoryevna estava constantemente ao lado do marido doente e nem por um minuto se afastava da cama. Recusava o sono e a comida e pedia a Deus a cura do cônjuge. No entanto, o destino decidiu de outra forma: após adoecer pouco tempo, Andrey Fedorovich faleceu. Antes da morte conseguiu abençoar a esposa.

Toda a noite Xénia esteve sentada junto ao corpo do seu marido amado. Pelo visto, exatamente nessa noite na sua alma ocorreram algumas mudanças sérias. Nessa noite despedia-se não só do marido, mas também da sua vida anterior.

De manhã os familiares e próximos não reconheceram Xénia. A jovem rapariga numa noite transformou-se em velha: os cabelos embranqueceram, o olhar apagou-se, no rosto apareceram rugas. Nem

todos imediatamente notaram que mudara não só o aspeto exterior, mas a essência da rapariga. No entanto, quando os familiares começaram a expressar-lhe condolências pela morte do marido, Xénia Grigoryevna disse que o seu marido não morrera, e morrera a esposa dele, ou seja, ela própria.

No dia do funeral, Xénia vestiu um dos fatos do marido. Deixou de responder ao próprio nome e conversava apenas com quem a chamava Andrey Fedorovich. Não produzia impressão de pessoa abatida pela dor, e caminhava confiante atrás do caixão, sem derramar uma lágrima.

Após o funeral, Xénia rezou pelo repouso da alma da «pobre Xenushka» e pediu longos anos de vida ao «infeliz viúvo Andrey Fedorovich».

Os próximos e conhecidos de Xénia estavam convencidos de que perdera a razão pela dor. Todos tinham pena da infeliz rapariga, e especialmente compadecia-a Praskovya Ivanovna Antonova, que alugava vários quartos na casa deles. Como não tentava distrair Xénia da dor, mas todas as suas tentativas revelavam-se vãs.

Xénia ofereceu a Praskovya Ivanovna a sua casa, mas com a condição de que esta obrigatoriamente aceitasse viver nela todos os necessitados e não cobrasse deles pagamento. Após isso, a louca deu todas as suas coisas aos necessitados e para sempre abandonou a casa onde tão recentemente fora feliz com o seu marido amado.

Profecia de Xénia

Uma certa habitante de Pskov sempre acreditava em Deus e era mulher piedosa. À noite antes de dormir rezou por Xénia. À noite sonhou com uma mulher desconhecida que andava à volta da sua casa e regava a lenha e a terra. De manhã verificou-se que à noite alguém incendiara o celeiro com feno seco, que estava a apenas alguns metros da casa residencial, no entanto milagrosamente o fogo não se alastrou.

Xénia era amada por todos — tanto o povo simples como nobres e comércio. Em cada casa onde a vidente entrava com bênção, reinava paz, calma e alegria, aparecia conforto material, e se na família havia doentes, estes em breve melhoravam.

As mulheres levavam a Xénia os seus filhos, acreditando que, se ela embalasse a alfofa ou segurasse o bebé nos braços, a criança cresceria saudável, piedosa, justa, feliz e viveria longa vida serena.

Xénia vivia um enorme amor a Deus e ao próximo, cumprindo santamente os principais mandamentos do cristianismo, e via nisso o principal sentido da sua existência. Toda a sua vida tentava ajudar os necessitados com o seu dom ou dinheiro. É de notar que a iurodivaya recebia dádivas generosas, que imediatamente distribuía por aqueles que, na sua opinião, mais precisavam delas.

Em 1761, a vidente predisse grande dor para a Rússia — a morte da imperatriz venerada por todos Elizabeth Petrovna. Durante o seu reinado não fora executada uma única pessoa, não houve guerras nem revoltas, no país reinavam paz e ordem.

Xénia predisse também a morte de Pedro III e toda uma série de golpes palacianos sangrentos que se seguiram.

Mais uma predição cumpriu-se já após a morte de Xénia. Adoeceu gravemente o futuro imperador da Rússia Alexandre III. A sua esposa Maria Fedorovna rezava e pedia a Xénia de Petersburgo que curasse o marido. Uma vez em sonho apareceu-lhe a profetisa e predisse a cura do marido, e além disso o nascimento em breve de uma criança, a primeira menina após três rapazes. À recém-nascida a bem-aventurada pedia que dessem o seu nome, pois era guardiã da família imperial de desgraças e males. Tudo o que profetizara Xénia cumpriu-se — Alexandre III em breve melhorou, e a esposa deu à luz uma filha, que chamaram Xénia.

Enquanto a princesinha vivia na família imperial, tudo corria bem, no entanto assim que casou e partiu para o marido, o pai-imperador adoeceu subitamente e faleceu, a mãe, Maria Fedorovna, partiu para a pátria na Dinamarca, e os irmãos mais tarde foram fuzilados pelos bolcheviques.

Uma enorme quantidade de pessoas vinha ter com Xénia na esperança de saber algo sobre o seu futuro, mas como regra partiam com nada. Xénia fazia predições apenas quando considerava necessário, quando sabia que trariam benefício real às pessoas piedosas.

Os vendedores do mercado local rapidamente notavam que se a vidente entrava na loja e pedia um pastel ou uma moedinha, os negócios corriam excelentemente, e quando recusava a oferta — podia-se parar o

comércio, pois de qualquer forma não havia proveito dele. Tudo o recebido dos vendedores dava aos pobres e desamparados. De manhã muitas vezes reuniam-se multidões inteiras de povo para que Xénia aceitasse deles uma ou outra dádiva, mas a vidente nem sempre concordava em aceitar a oferta, infalivelmente determinando se diante dela estava uma pessoa honesta ou um comerciante trapaceiro.

A alguns lojistas dizia: «As tuas intenções são negras e ímpias» ou «Tu ofendes os pobres». Neste caso na sorte nos negócios não se podia esperar.

Muito em breve entre os lojistas começou uma espécie de competição, que consistia em relação consciencioso aos compradores, misericórdia e ajuda desinteressada aos pobres. Graças a isso, o mercado muito em breve foi chamado Sytny.

A avarentos e imorais ricos, Xénia muitas vezes predizia ruína, e a pobres piedosos — riqueza, e estas predições sempre se cumpriam.

Segundo as memórias de contemporâneos que nessa altura vinham a Petersburgo, a moralidade das pessoas que viviam na cidade estava a nível muito alto, cada um tentava ajudar o seu companheiro menos afortunado.

Os cidadãos acreditavam que se imitassem a iurodivaya em mansidão, amor ao homem, bondade e humildade, poderiam merecer a sua bênção, saúde forte e sorte na vida.

Durante muitos anos a vidente não tinha casa própria, estava privada de alegrias humanas simples, no entanto, apesar disso, conseguiu tornar felizes uma enorme quantidade de pessoas.

Xénia dizia que na ajuda aos outros e serviço ao Senhor Deus encontrava a sua felicidade ilimitada, e a inimizade e maldade humana tornavam-na realmente infeliz.

Na Rússia houve muitos iurodivye que andavam por cidades e aldeias, recolhendo esmola e como que profetizando, no entanto na realidade recolhiam «capital para a velhice». De forma alguma eram santos profetas, pois vendiam o seu dom muitas vezes inexistente.

Xénia, agraciando todos os necessitados com o que lhe davam ou simplesmente com a sua bênção, conservava o dom divino de profecia até

ao fim da vida, encontrando nisso o sentido da sua existência e felicidade extraordinária.

«...Muito terá de suportar, mas resistirá...»

Xénia participava na construção da igreja de Smolensk em Petersburgo, previra que ao templo «muito terá de suportar, mas resistirá.» Assim aconteceu, em 1824 ocorreu uma terrível e sem precedentes inundação pela sua escala e força destrutiva, muitas pessoas morreram, não sobreviveu nenhum edifício, no entanto a igreja por algum milagre resistiu. No cemitério junto a este templo no início do século XIX foi sepultada Xénia, falecida aos 71 anos, grande parte da vida passou em peregrinação, serviço ao Senhor Deus e ajuda desinteressada às pessoas simples.

Em edificação aos descendentes na lápide por pedido da profetisa foi gravada a seguinte inscrição: «Quem me conheceu que recorde a minha alma para salvação da sua alma. Amém».

Após a sua morte, Xénia muitas vezes aparecia em sonhos aos que pediam a sua ajuda, aconselhava, ajudava e continuava a proteger os crentes e que a recordavam.

Nos dias difíceis do bloqueio de Leninegrado, Xénia apareceu em sonho a uma das habitantes da cidade e disse-lhe que não passasse a noite em casa na noite seguinte. A mulher fez assim, e à noite aquele prédio os fascistas bombardearam até aos alicerces juntamente com o abrigo antiaéreo que estava debaixo dele. Naqueles tempos frequentemente se falava que uma mulher estranha com lenço branco e cajado por vezes andava pelo cemitério de Smolensk, e na capela viam luzes e ouviam canto da igreja.

Até aos dias de hoje de todos os cantos da Rússia continuam a vir e chegar pessoas à sepultura da profetisa Xénia, pedindo ajuda em assuntos ou cura de doenças, no entanto considera-se que a santa ajuda apenas aos que são puros nos pensamentos e acreditam profundamente em Deus.

Alessandro de Cagliostro (Giuseppe Balsamo)

Sobre o famoso profetiza, mago e feiticeiro Alessandro de Cagliostro sabe-se não assim tanto, apesar de o número de livros dedicados a ele ser

difícil de comparar com a quantidade de biografias de outras pessoas famosas. A sua personalidade até hoje é objeto de disputas e discussões de cientistas: uns consideram-no «rei dos enganadores», e outros — o maior mago e profetiza da história.

Giuseppe Balsamo, como inicialmente se chamava Cagliostro, nasceu em 1743 na casa de um agricultor pobre. Toda a sua família vivia num quarto. O pai de Giuseppe morreu ainda jovem, por isso quase não o recordava.

Giuseppe várias vezes tentou fugir de casa, mas todas as tentativas foram mal sucedidas. Então o jovem decidiu conseguir que os membros da família eles próprios renunciassem à sua presença nas paredes da casa natal. E eis que uma vez, fazendo de conta que sobre ele descera a graça de Deus, Giuseppe propôs aos irmãos ler orações. Nos trechos do texto onde se devia pronunciar nomes de santos, substituiu por nomes de conhecidas prostitutas da cidade. Naturalmente, os irmãos, não conseguindo suportar a ofensa, expulsaram o parente blasfemo da sua família. Após isso, Giuseppe, tendo obtido a desejada liberdade, ingressou na oficina de um pintor e começou a tomar lições de pintura, decidindo que tinha certas capacidades.

Ainda adolescente, Giuseppe Balsamo manifestou-se como pessoa muito desequilibrada. Causava muitos problemas e aborrecimentos aos seus próximos e familiares. No conselho familiar decidiu-se que o temperamento impulsivo e indomável de Giuseppe apenas as orações e jejum severo podiam suavizar.

Capacidade de vidência

Em breve Balsamo descobriu em si mais uma qualidade extraordinária — capacidade de vidência. Muitos investigadores consideram que, como na Sicília sempre foram desenvolvidas as ciências ocultas, Balsamo facilmente podia haurir tais conhecimentos «proféticos» de livros. Uma vez, encontrando-se num receção social com a baronesa de Oberkirch, Balsamo disse-lhe, pelo seu costume alongando lentamente as palavras: «Há muito perdeste a tua mãe. Quase não a recordas. Foste filha única, tens uma filha, que também será filha única, mais filhos não terás». Posteriormente a baronesa, que não gostava do atrevido Balsamo, mesmo

assim foi obrigada a reconhecer que realmente não conseguiu dar ao marido mais uma criança.

Nas suas memórias sobre Cagliostro, a baronesa dizia: «Cagliostro possuía força demoníaca; capturava a consciência, paralisando a vontade...» Após Cagliostro e a sua esposa Lorenza Feliciani entrarem como membros da loja maçónica, as capacidades ocultas do conhecido profetiza começaram a manifestar-se ainda mais fortemente. É de notar que como médiuns preferia usar crianças pequenas.

A Balsamo bastava soprar na testa e queixo da criança, e depois desenhar na testa e mãos símbolos mágicos misteriosos, para que esta caísse em transe. Por exemplo, ao filho de cinco anos do marechal van Medem, Giuseppe ordenou olhar atentamente para as mãos, e após o rapaz cair em estado hipnótico, o pai perguntou ao filho o que fazia a sua irmã. «Ela beija o irmão que regressou a casa, e antes segurava a mão no peito esquerdo» — respondia a criança. O marechal protestou alto, dizendo que não acreditava nisso. Mas na realidade, como se confirmou posteriormente, naquele dia a filha mais velha de van Medem tinha o coração a doer todo o dia, e passado algum tempo após longa viagem regressara a casa o seu irmão mais velho.

Quando Balsamo estava em Estrasburgo, recomendou-se como o maior profetiza. Na presença de outras pessoas traziam-lhe uma carta selada, na qual ele, sem abrir o envelope, escrevia a resposta.

A prisão de Cagliostro

Após o tristemente célebre caso do colar da rainha, Cagliostro foi preso juntamente com o cardeal de Rohan e a vigarista condessa de La Motte Valois, que se fazia passar por descendente do rei francês Henrique II. No processo judicial, a condessa divulgou documentos correspondentes, segundo os quais as suas pretensões pareciam bastante fundamentadas. No entanto, a sentença proferida pelos juizes em relação a ela foi rigorosa: foi marcada a ferro e, depois, submetida a flagelação pública. O cardeal de Rohan e Cagliostro foram absolvidos, mas isso de forma alguma significava que os seus sofrimentos tinham terminado. Antes do início do processo, Cagliostro era um homem rico, gozava de respeito em certos círculos, e após a estadia na Bastilha pareceu perder completamente a força de espírito e tornar-se motivo de riso geral. Após o

fim do processo, propuseram-lhe que abandonasse a capital de França e partisse para Londres como residência permanente.

De Londres, Cagliostro enviou uma carta dirigida ao povo francês, na qual escrevia que não regressaria a Paris até que a Bastilha caísse e se transformasse num lugar de passeios populares.

Cagliostro foi o primeiro a prever o destino trágico da casa real francesa. Assim, a predição relativa a Luís XVI dizia que devia temer a morte no cadafalso antes dos 39 anos, e a rainha «será infeliz, sem sorte em França, envelhecerá prematuramente, coberta de rugas, e será decapitada».

Nesta mesma carta profética, Cagliostro escreveu que em breve à frente do Estado estaria um líder que revogaria o decreto real de prisão sem julgamento, convocaria o parlamento e, não se contentando com a posição de primeiro entre os ministros, aspiraria a ocupar o melhor lugar entre todos os franceses.

Em 1789, Cagliostro foi preso por propaganda da maçonaria em Roma e, durante a detenção no castelo de San Leo, que claramente não se distinguia por grande conforto, rapidamente e em silêncio extinguiu-se.

Cagliostro morreu em 1795 aos 52 anos, mas quando em 1797 os soldados franceses que ocuparam o castelo começaram a procurar Balsamo para o proclamar herói da revolução, não encontraram o grande profetiza nem vivo nem morto. E mesmo passados mais de dois séculos, a personalidade deste homem notável permanece para nós ainda enigmática.

O monge Abel

Vasily Vasiliev — o profetiza Abel — nasceu em 1757 na aldeia de Akulovo, região de Tula. Até aos 28 anos não se distinguia por nada de especial, mas de repente Vasiliev abandonou a família, o trabalho e em 1785 aceitou a tonsura no mosteiro de Valaam sob o nome de monge Adão. Tendo vivido no mosteiro um ano, Adão isolou-se no deserto na mesma ilha, onde recebeu o dom de prever eventos. Ele próprio explicava isso pelo facto de «de modo desconhecido se encontrar no céu e lá ler dois livros». Desde então, conversava com ele uma certa voz que lhe ordenava não guardar os seus conhecimentos para si, mas comunicá-los aos escolhidos, ou seja, aos soberanos.

Passados alguns anos, Vasily Vasiliev escreveu a primeira parte do livro de predições. O seu conteúdo referia-se ao reinado de Catarina II e revelou-se tão revoltante que o caso chegou ao Sinodo e à própria imperatriz.

Nas predições dizia-se que reinaria exatamente 40 anos e que a coroa após a sua morte não a receberia o neto amado Alexandre, mas o filho Paulo, que ela não amava. Naquela altura decorria exatamente o 40.º ano do reinado da imperatriz. Catarina estava furiosa.

Pela predição, Vasiliev foi desmonacado e condenado à morte «por ofensa à autoridade suprema», no entanto depois a pena de morte foi substituída por prisão perpétua na fortaleza de Shlisselburg.

Catarina II faleceu subitamente em 1796 após 40 anos de reinado, e no trono subiu Paulo I. Paulo, ao saber do arquivo secreto da mãe sobre as predições de Vasiliev, mandou buscá-lo. Em 1796, no mosteiro de Alexandre Nevsky, Vasiliev aceitou novamente a tonsura sob o nome de Abel.

Peregrinações de Abel

Primeiro, Abel vive no mosteiro, depois abandona-o e começa a peregrinar pela Rus. No entanto, Abel regressa a Valaam, onde escreve a segunda parte do livro de predições relativa ao destino de Paulo e à sua morte próxima. Pelas suas predições, Abel caiu novamente na Chancelaria Secreta e em breve foi novamente preso na fortaleza de Shlisselburg. Passados alguns meses, Paulo I foi assassinado. Não acreditando anteriormente em mística, Alexandre I liberta Abel e exila-o para Solovki. Estando no exílio, Abel escreveu o terceiro livro de predições relativo ao reinado de Alexandre e ao destino próximo da Rússia, nomeadamente a invasão dos franceses e o incêndio de Moscovo. O imperador enfurecido deu ordem de encerrar Abel na prisão monástica «até que se cumpram as suas predições».

Após a guerra com Napoleão e a devastação de Moscovo, Alexandre ordenou libertar Abel, dar-lhe passaporte, dinheiro e permitir-lhe deslocar-se livremente pela Rússia e além das suas fronteiras. Nessa altura, Abel tinha 56 anos. Visitou muitos cantos da Rússia, esteve em Jerusalém, no Monte Athos. Regressando à pátria, Abel instalou-se na Lavra de Trindade-Sérgio.

Sobre as suas predições souberam muitos, a fama de Abel-profetiza tornou-se conhecida de todos, constantemente vinham ter com ele nobres, as suas esposas e filhas com o pedido de prever o destino. Mas a tais pedidos Abel não respondia, preferindo o isolamento. Estando no mosteiro, escreveu dois livros — «Vida e sofrimentos do monge pai Abel» e «Livro do ser», nos quais tocou questões da criação do mundo e do homem.

Em breve Abel abandonou a Lavra de Trindade-Sérgio e voltou a peregrinar pelo país. Começou novamente a prever, anunciou a morte próxima de Alexandre I e a revolta iminente dos nobres. Por estas predições, Alexandre I não puniu Abel, mas o seu irmão Nicolau I, que recebeu dos livre pensadores o apelido Nicolau o Bastonador, não tolerava desordens. Por ordem de Nicolau I, pelo decreto do Santo Sinodo de 27 de agosto de 1826, Abel foi preso e encerrado para humilhação no mosteiro de Spaso-Evfimiev em Suzdal.

A 29 de novembro de 1831, na prisão monástica após longa doença, Abel faleceu aos 74 anos. Foi sepultado atrás do altar da igreja de detidos de São Nicolau.

A Igreja Ortodoxa recorda Abel a 29 de novembro. Todo o seu património e capital acumulado Abel legou ao mosteiro de Spaso-Evfimiev.

Maria Lenormand

Maria Anna Adelaide Lenormand nasceu a 27 de maio de 1772 na cidade francesa de Alençon numa família de rico comerciante de manufaturas e ainda em criança tornou-se famosa pela sua capacidade de fazer predições exatas.

Foi educada num mosteiro de beneditinas, onde descobriu uma biblioteca cheia de livros antigos e fólhos. Mais interessavam à menina os livros sobre conhecimentos secretos e tratados dedicados à simbólica dos números.

Nos anos 1780, após a morte do pai, Maria Lenormand juntamente com a mãe mudou-se para Paris. Aqui conheceu o sistema de adivinhação com cartas Tarot, desenvolvido pelo famoso profetiza Etteilla (Jean-François Alliette). Em 1790, juntamente com uma amiga, Maria abriu na Rue de Tournon o seu próprio salão, no qual às damas e senhores

desejosos predizia o destino com ajuda de cartas, astrologia e outros métodos. Maria Lenormand interessava-se também pela «linguagem das flores» e composição de aromas. Tornando-se profetiza, Maria Lenormand usava para a sua atividade as cartas mais comuns. Apenas a interpretação do seu significado era própria.

Em 1793, o salão foi visitado por Jean Paul Marat, Louis Saint-Just e Maximilien Robespierre. A todos os três predisse morte violenta. Em breve assim aconteceu: Marat passados alguns meses foi ferido mortalmente, e os outros dois foram presos e executados um ano depois. A própria Lenormand foi presa por suspeita de simpatia pelos jacobinos, no entanto as ligações fizeram o seu trabalho, e permitiram-lhe continuar a prática.

A maior fama trouxe a Maria Lenormand a amizade com Joséphine Beauharnais, esposa do jovem general Bonaparte. Logo no primeiro encontro, a adivinha predisse-lhe a coroa. Nem Joséphine nem o próprio Napoleão acreditaram então na adivinha, mas não passaram 10 anos até que a predição se cumprisse.

Após o general Bonaparte se tornar imperador Napoleão, começou a irritar-se com o passatempo da esposa por «tolices», tanto mais que a adivinha predisse-lhe não só divórcio do marido, mas também derrota do exército francês na guerra com a Rússia. Em 1808, Napoleão expulsou Maria Lenormand de Paris.

Em 1814, quando as tropas russas entraram em Paris, a adivinha foi visitada pelo futuro decabrista Sergei Muravyov-Apostol, a quem Lenormand predisse que seria enforcado. Indignado com a execução vergonhosa, Muravyov objetou-lhe bruscamente que ele «não era algum inglês, mas nobre russo!» (na Rússia naquela época fora abolida a pena de morte para representantes da nobreza). No entanto, a predição cumpriu-se passados 12 anos, quando Muravyov-Apostol foi realmente enforcado entre os cinco líderes da revolta dos decabristas.*

**(Participantes da Revolta Decembrista (ou Revolta dos Decembristas), um importante episódio da história russa ocorrido em 14 de dezembro de 1825.)*

Adivinhando para si mesma, Lenormand soube que devia passar por fogo e água, e depois morrer às mãos de um homem desconhecido.

No incêndio provocado pelo padre Deleuze, a adivinha conseguiu salvar-se. Mais tarde, o barco em que se encontrava Lenormand virou-se e afundou no Sena. Mas a vidente foi salva por um milagre: o seu espartilho prendeu-se numa trave que flutuava.

Morreu Maria Anna Adelaide Lenormand durante distúrbios de rua — foi estrangulada por um jovem desconhecido.

Após a morte de Lenormand, não se descobriram cartas especiais nem descrição da técnica de adivinhação. Os métodos de Maria foram apenas parcialmente restaurados pelos seus alunos e seguidores.

Mitar Tarabich

Mitar Tarabich (1829–1899) era camponês da Sérvia, a quem Deus e a Providência dotaram de capacidades extraordinárias — podia prever o futuro. Mitar não sabia ler nem escrever e sobre as suas visões contava ao sacerdote local Zaharije Zaharić (1836–1918), e este registava as profecias num caderno. Hoje este manuscrito inestimável é guardado pelo bisneto de Zaharić, Dejan Malenković. As predições de Tarabich com surpreendente exatidão começaram a cumprir-se no século XX após a derrubada da dinastia real sérvia Obrenović.

Tarabich predisse muitos eventos fatídicos do século XX: o assassinato do rei sérvio Alexandre e da sua esposa Draga em 1903, o início da guerra entre os países da União Balcânica e a Turquia (1912) e a vitória nela da Sérvia e dos seus aliados (Bulgária, Grécia e Montenegro), o início da Primeira Guerra Mundial (1914), o ataque da Alemanha hitleriana à Jugoslávia (1941) e a vitória da União Soviética, o estabelecimento do regime comunista de Tito na Jugoslávia, a guerra nos Balcãs em 1991–1995, a invenção da televisão, computador e Internet e muito mais. Tudo o que predisse Tarabich em relação aos povos e Estados eslavos, incluindo a Jugoslávia e a Rússia, cumpriu-se com incrível exatidão e sequência.

Predições sobre a guerra

«Após o assassinato do rei e da rainha (Alexandre e Draga Obrenović) ao poder chegarão os Karageorgević. Então começaremos guerra com os turcos. Quatro Estados cristãos atacarão a Turquia, e a nossa fronteira

passará pelo rio Lim. Então finalmente reconquistaremos Kosovo e vingá-lo-emos».

«Em breve após esta guerra — continuava Tarabich —, começará outra guerra maior, na qual se derramará muito sangue (refere-se à Primeira Guerra Mundial). Se esse sangue fosse um rio, o seu fluxo facilmente arrastaria uma pedra de trezentos quilos. Do outro lado do rio atacar-nos-á um exército poderoso, três vezes maior que o nosso... Destruirão tudo no seu caminho. Avançarão profundamente nas nossas terras. Para nós chegarão tempos difíceis. O nosso exército quase se renderá, mas inesperadamente à frente dele colocar-se-á um homem inteligente num cavalo negro e exclamará: “Avante para a vitória, povo meu! Avante, irmãos sérvios!” O nosso exército erguer-se-á. Nele despertará o espírito de combate, e expulsará o inimigo de volta ao rio...»

Todas as predições de Tarabich estão expostas em linguagem conversacional comum, nelas não há simbólica nem alegorias próprias de muitos profetas, por exemplo Nostradamus. Não requerem decifração, como algumas profecias da vidente búlgara Vanga.

Como se sabe da história, a Primeira Guerra Mundial começou após o assassinato pelo nacionalista sérvio Princip do herdeiro do trono austríaco arquiduque Francisco Fernando. A Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia, mas esta guerra rapidamente cresceu para mundial, na qual participaram 32 países. A Áustria avançava para o interior da Sérvia, capturando novos territórios, até à frente dos sérvios se colocar o general Aleksandar Mišić («homem inteligente num cavalo negro»). Graças ao seu talento de comandante, os sérvios conseguiram afastar os austríacos para trás do rio Drina.

Mais adiante Tarabich descreve como se desenvolverão os eventos da Primeira Guerra Mundial: «Depois do norte atacar-nos-á um exército ainda maior. A nossa terra ficará deserta. Muitos de nós morrerão de fome e doenças. Três anos a Sérvia viverá em completa escuridão. Nesse tempo os nossos tropas derrotadas estarão no estrangeiro, num lugar rodeado pelo mar. Lá alimentá-los-ão e tratarão amigos de além-mar. Quando as suas feridas cicatrizarem, regressarão a casa em navios. Libertarão a Sérvia e todos os países onde vivem os nossos irmãos». Comparando esta profecia com factos históricos: do norte à Sérvia atacou a Alemanha e desferiu golpe esmagador. Os restos do exército sérvio

fugiram para a ilha grega de Corfu, lá os sérvios ganhavam forças e realizavam reorganização das tropas. Depois o exército sérvio chegou a Salónica, onde se uniu às tropas dos aliados. Após combates pesados, a Sérvia foi libertada e uniu-se a outros povos eslavos — croatas e eslovenos. No período da ocupação alemã, muitos sérvios morreram de fome e doenças.

Tarabich predisse a morte do seu cronista — o sacerdote Zaharić (em 1918) e a morte na guerra de dois netos dele. A profecia cumpriu-se.

O profetiza sérvio deixou profecia sobre o início da Segunda Guerra Mundial: «Toda a Europa ficará sob o poder dos ímpios (nazis). A Rússia não entrará imediatamente na guerra; quando o exército mau (fascista) atacar, os russos darão repelida. No trono russo nessa altura estará o czar vermelho (assim Tarabich chamou Stalin)». Tarabich previu que os russos juntamente com os aliados destruiriam o exército dos «ímpios» (fascistas), e entre os sérvios aparecerá «homem de olhos azuis num cavalo branco e com estrela brilhante na testa» (refere-se ao comunista Josip Broz Tito), que «reunirá exército poderoso e libertará Belgrado ocupado». Em maio de 1945, a URSS e os exércitos dos aliados — EUA, Grã-Bretanha e França — derrotaram a Alemanha fascista, e o comunista Tito entrou em Belgrado num cavalo branco e fez do palácio real a sua residência. A Jugoslávia tornou-se país comunista.

«A paz que se estabelecerá após o derramamento de sangue não será mais do que ilusão...»

Tarabich, tal como Vanga, sempre se referia com calor aos russos, chamando-os «irmãos ortodoxos» que sempre vinham em ajuda aos povos da Jugoslávia. Mas predizia também que as relações entre os países piorariam: «O homem de olhos azuis com estrela na testa romperá a amizade de muitos anos com os nossos irmãos ortodoxos russos. Surgirá grande discórdia entre nós e os russos. Derramar-se-á sangue na nossa terra. Mas as feridas cicatrizarão rapidamente, e voltaremos a ser amigos com os russos, mas não sinceramente, apenas formalmente».

Em 1948, Tito recusou cumprir as ordens de I. Stalin, e as relações entre os dois Estados tornaram-se hostis. Após a morte de Stalin em 1953, a URSS renovou relações amistosas com a Jugoslávia, mas o frio de desconfiança e afastamento permaneceu.

«Após a grande guerra — continua o relato Tarabich —, chegará a paz em todo o mundo. Surgirão muitos novos Estados — pretos, brancos, vermelhos e amarelos. Será formado um tribunal internacional que não permitirá aos países guerrear uns com os outros. Este tribunal será mais importante que todos os reis. Bem-aventurados serão aqueles a quem couber viver nesses tempos». Em 1945 foi formada a Organização das Nações Unidas (ONU). No seu Estatuto falava-se de resolução de conflitos entre Estados por meios pacíficos com ajuda de negociações e regulação jurídica. Após a guerra nos anos 1946-1970 muitos países da Ásia, África, América Latina, Médio Oriente obtiveram independência, como predizia Tarabich.

A Jugoslávia, dizia o profeta sérvio, após a guerra com os «ímpios» (fascistas) espera tempo de florescimento e bem-estar. «Muitas gerações nascerão e morrerão em paz, conhecendo a guerra apenas de livros, relatos e visões estranhas fantasmagóricas. O nosso reino será forte, amado e respeitado por todos. As pessoas poderão comer pão branco e farinha de trigo quanto quiserem. Todos andarão em carroças sem bois. As pessoas voarão pelo céu e olharão para a terra de altura duas vezes superior à montanha Tara» (não é difícil adivinhar que Tarabich falava de automóveis e aviões). A Jugoslávia no período do poder do regime de Tito realmente atingiu altos ritmos de desenvolvimento económico.

Tarabich predisse que enquanto «o homem de olhos azuis no cavalo branco» governasse o país, «a Sérvia prosperará». Mas após a sua morte no país começarão desordens — «irmão odiará irmão e desejar-lhe-á o mal». «O homem de olhos azuis no cavalo branco», segundo as palavras de Tarabich, viverá quase até aos cem anos, mas uma vez na caça cairá do cavalo branco e perderá a perna, desta ferida morrerá. Tito (1892–1980) viveu 87 anos, amava a caça, mas não caiu do cavalo. Tito morreu de diabetes, mas a perna perdeu-a realmente — os médicos amputaram-lhe o membro devido ao diabetes.

Após a morte de Tito, a Jugoslávia passou a ser governada por um órgão coletivo — o Presidium, e em 1991 começou a guerra nacionalista nos Balcãs. Estes eventos trágicos Tarabich predisse também no século XIX: «Nas nossas fronteiras e além delas surgirá um novo povo (refere-se aos albaneses que viviam na província de Kosovo e aspiravam à independência, o conflito entre sérvios e albaneses cresceu para guerra).

Serão pessoas boas e honestas, e à nossa raiva responderão com sangue-frio. Cuidarão uns dos outros como irmãos, e nós pela nossa loucura pensaremos que sabemos tudo e podemos tudo, e começaremos a convertê-los à nossa nova fé, mas em vão, pois acreditarão apenas em si mesmos e em ninguém mais. Desta sairá grande desgraça, pois será um povo valente». A guerra entre os povos da antiga Jugoslávia — sérvios, croatas, eslovenos e bósnios — durou 5 anos (1991–1995), e apenas a intervenção internacional (tanto diplomática como militar — por parte da NATO) parou o derramamento de sangue nos Balcãs.

«Esta desgraça durará muitos anos, e ninguém a poderá parar, pois esse povo crescerá como erva após cheia. Aquele que nascer muitos anos após vós será honesto e conseguirá negociar pacificamente com eles. Viveremos em paz — eles lá, e nós aqui e lá». As últimas palavras devem entender-se assim: após o fim da guerra, os croatas étnicos passaram a viver apenas na Croácia, e os sérvios — na Sérvia e na Croácia.

O profetiza sérvio Mitar Tarabich com amargura disse que «a paz que se estabelecerá finalmente após o derramamento de sangue não será mais do que ilusão», porque «muitos esquecerão Deus e adorarão apenas a própria razão. E o que é a razão humana em comparação com a vontade e conhecimento de Deus? Menos que uma gota de água no oceano.»

A búlgara Vanga, tal como o sérvio Tarabich, predisse a guerra nos Balcãs. Os búlgaros preocupavam-se que o seu povo também fosse arrastado para este conflito entre povos eslavos, mas Vanga assegurou que «não haverá guerra». E realmente, tudo passou sem intervenção da Bulgária nas ações militares no território da antiga Jugoslávia.

«O maior e mais mau enfrentará o mais poderoso e furioso!»

O profeta sérvio e a vidente búlgara viam a principal causa das desgraças humanas na perda pelas pessoas da fé em Deus.

«As pessoas dia a dia compreenderão cada vez menos quem são e para que vivem — dizia Tarabich. — Nascerão sem saber quem foram os seus avós e bisavós. Pensarão que sabem tudo, mas não saberão nada». Tarabich predisse que aqueles que pensam saber mais do que Deus levarão o mundo a uma catástrofe global: «Pessoas más devastarão a Terra, e as pessoas começarão a morrer em enormes quantidades». Estas «pessoas más», que perderam a fé no Senhor e adoram apenas a ciência,

«envenenarão o ar e a água, espalharão peste sobre mares, rios e terras, e as pessoas de repente começarão a morrer de várias maleitas».

Tarabich, tal como Vanga, advertia que a intervenção grosseira do homem na natureza e a violação das leis estabelecidas por Deus levarão a uma catástrofe ecológica no planeta. Aqueles que quiserem salvar-se, segundo as palavras do profeta sérvio, «correrão para longe das cidades e procurarão montanhas com três cruzeiros, e aí poderão respirar e beber água». Depois virá a fome, haverá comida suficiente, mas não se poderá comer — tudo estará envenenado. Sobreviverá aquele que orar e se abster de comida, e então «o Espírito Santo salvá-lo-á e aproximá-lo-á de Deus».

Tarabich, tal como Vanga, falava de que as pessoas voarão para o cosmos e para a Lua, mas não encontrarão lá vida semelhante à nossa. «Ela lá estará, mas não a compreenderão nem verão que é vida».

Tarabich desenha uma imagem apocalíptica do fim do mundo, nas suas visões o mundo perecerá durante a Terceira Guerra Mundial. «O maior e mais mau enfrentará o mais poderoso e furioso! Nesta guerra terrível, dor haverá para os exércitos que se erguerem aos céus, mais fácil será combater na terra e na água». Nesta guerra será usada nova arma — Tarabich chama-a «estranhos projéteis de canhão», que em vez de explodir encantarão tudo o vivo — pessoas, exércitos inteiros e gado. As pessoas sob o impacto deste encantamento dormirão em vez de combater, mas depois voltarão a si.

Apenas um país sobreviverá a este massacre — «no extremo do mundo, rodeado por grandes mares, do tamanho da nossa Europa» (talvez a Austrália?), aqui não explodirá nenhum projétil de canhão. As pessoas que se esconderem nas montanhas com três cruzeiros (não se sabe de que montanhas se trata) sobreviverão a estes eventos terríveis e viverão depois em abundância e amor, porque guerras na terra não haverá mais.

As palavras de Tarabich ecoam as predições alarmantes da búlgara Vanga: a imprudência das pessoas levará no fim à morte de tudo o vivo no planeta: «As pessoas começarão a cavar poços na terra e extrair ouro, que lhes dará luz, velocidade e energia (refere-se à extração de petróleo, que também se chama “ouro negro”), e a Terra chorará lágrimas de amargura,

porque na sua superfície há muito mais ouro e luz do que no interior. A Terra sofrerá com estas feridas abertas». Em vez de cultivar os campos, as pessoas, cegadas pela ganância, lançar-se-ão a procurar petróleo, e depois compreenderão «quão estúpido foi perfurar todos estes buracos». Segundo as estimativas dos especialistas, os recursos petrolíferos esgotar-se-ão no planeta já em 2050.

As pessoas farão muitas estupidezes, segundo as palavras de Tarabich, «pensando que sabem e podem tudo, sem saber nada». Depois virão sábios do Oriente, a sua sabedoria atravessará fronteiras e oceanos, mas as pessoas declararão esta verdade divina mentira. As suas almas, prevê Tarabich, serão dominadas não pelo diabo, mas por algo mais terrível — as próprias ilusões. As pessoas acreditarão que os seus conhecimentos são a verdade, «embora nas suas mentes não haja verdade alguma».

O que descreve Tarabich lembra com surpreendente exatidão a vida das pessoas nas cidades modernas: «As pessoas odiarão o ar puro, esta frescura divina e esta beleza divina e instalar-se-ão em esgotos. Ninguém as obrigará, farão isso por vontade própria». Depois muitos dos que abandonaram casas nas aldeias regressarão para «curar-se com ar puro». Mulheres e homens será impossível distinguir — «todos se vestirão igual» (as mulheres usarão calças, como os homens), as pessoas deixarão de pensar para que vivem na terra.

«Mais tarde as pessoas verão que se enganavam a si mesmas»

Tudo o de que advertia a humanidade Tarabich ocorreu no século XX. Tal como Vanga, o profetiza sérvio dizia que a pessoa deve refletir sobre quem é e para que veio a este mundo. Senão a maldade humana, inveja e orgulho levarão a que as pessoas cuidem mais de diversos aparelhos e do seu bem-estar do que dos seus próximos (o que já acontece).

Mas Deus não abandonará os seus filhos perdidos — «no povo que vive longe no norte (não se sabe que povo é este), aparecerá um homem pequeno que ensinará as pessoas ao amor e compaixão, mas à volta dele haverá muitos hipócritas, por isso lhe será muito difícil. Nenhum destes hipócritas quererá saber o que é a verdadeira graça, mas daquele homem ficarão livros sábios e todas as palavras por ele ditas, e mais tarde as pessoas verão que se enganavam a si mesmas». Quem é este homem, se

veio ao mundo ou se tudo isto ocorrerá no futuro, permanece enigma (do artigo «As profecias de Mitar Tarabich». «МЕХиБ em russo» 2008, nº 1).

Pessoas como o camponês sérvio Mitar Tarabich e a vidente búlgara Vanga, claro, não apareceram na terra por acaso. As suas profecias e revelações destinam-se a ajudar-nos, que vivemos hoje, a refletir sobre quem somos e para que viemos à terra, e, enquanto não é tarde, mudar algo na nossa consciência.

Louis Hamon

O nome verdadeiro do conde Louis Hamon — William John Warner. Mudou o nome após descobrir em si o dom de vidência. Por vezes Louis usava o pseudónimo Cheiro. Do latim esta palavra traduz-se como «mão».

John nasceu a 1 de novembro de 1866 na cidade irlandesa de Bray perto de Dublin. O pai de John era empresário inglês, a mãe — cigana francesa. Já em anos jovens John descobriu em si a capacidade extraordinária de «ler» pelas linhas nas palmas dos colegas de escola e professores, e aos 10 anos escreveu um livro sobre quiromancia.

Cheiro passava muito tempo na Índia, onde estudava meditação transcendental e existência da alma fora do corpo. Uma vez, viajando pela Índia, num dos templos em cavernas Cheiro foi admitido à investigação de um livro manuscrito extremamente antigo. Era feito de pele cortada em folhas grandes, cobertas de centenas de belos desenhos com texto: quando, onde e como os factos das predições pelas mãos encontravam confirmação na vida. Muito provavelmente era (e seguramente existe) o manuscrito mais antigo sobre o estudo das linhas das mãos, que por um instante foi aberto a um europeu, e isso apenas porque Cheiro era digno destes conhecimentos.

Passado algum tempo, Louis recebeu herança de um parente e regressou a Londres.

A fama trouxe-lhe a predição feita a Arthur James Balfour de que ocuparia o posto de primeiro-ministro de Inglaterra. Após a predição cumprir-se, Arthur e Louis tornaram-se bons amigos.

O início das predições

A fama a Cheiro trouxe a sua ajuda à polícia na busca do assassino em East End. Ao profetiza pediram que «lesse» a impressão sanguinolenta

de uma mão no batente da porta do apartamento onde ocorrera o assassinato. Cheiro disse que este rasto fora deixado pelo filho ilegítimo do morto, da cuja existência a polícia nem suspeitava. Passadas três semanas, o jovem foi encontrado e preso.

Em 1894, Cheiro mudou-se para os Estados Unidos. Lá fez uma quantidade de predições sonoras a pessoas privadas. Tendo-se enriquecido, mas cansado, regressou a Inglaterra.

Ao conde Louis Hamon vinham frequentemente Oscar Wilde. Ao conhecido escritor Louis Hamon predisse grandes problemas passados 7 anos, dos quais poderia evitar apenas se mudasse o seu modo de vida. Oscar Wilde não levou a sério as palavras do profetiza. Exatamente passados 7 anos foi preso por acusação de homossexualidade e metido na prisão.

Durante a Guerra Russo-Japonesa, Hamon foi correspondente na Manchúria. No decurso da Primeira Guerra Mundial trabalhou para a contrainteligência britânica. Em 1926 saiu o livro de Hamon «Predições de Cheiro».

Em 1893, Cheiro visitou os EUA, onde se encontrou com Mark Twain. O conde Louis Hamon prometeu-lhe riqueza passados 10 anos. Em 1903, a sua predição cumpriu-se.

Visitou o conhecido vidente também lord Horatio Kitchener. O conde Louis Hamon profetizou-lhe carreira brilhante, que faria até 1914. Alegando-se, o lord já queria partir, mas Louis Hamon deteve-o e disse que esquecesse viagens marítimas, pois trariam desgraça. Especialmente perigosas tais viagens se tornariam para o lord após completar 66 anos.

Começou a Primeira Guerra Mundial, e lord Horatio Kitchener realmente ocupou alto posto militar. A sua carreira subiu. Quando chegou 1916, o lord foi convidado para um encontro por Nicolau II. Horatio Kitchener lembrava-se da advertência do vidente, mas negligenciou-a e partiu para a Rússia por mar. Aconteceu a desgraça — o navio do lord explodiu numa mina alemã.

Em 1900, o xá da Pérsia premiou o conde Louis Hamon com a ordem do Leão e do Sol. Alguns meses antes disso, o conde salvara-lhe a vida, prevendo o perigo que o ameaçava durante a visita à Exposição de Paris. Foram tomadas medidas adicionais de precaução, e a vida do xá foi salva.

A profecia ao rei de Itália Umberto I revelou-se mais trágica. Apesar de Louis Hamon o ter advertido de que seria assassinado passados 3 meses, medidas não foram tomadas, e o rei foi baleado pelo anarquista Gaetano Bresci.

Em 1902, recorreu ao vidente o rei de Inglaterra Eduardo VII com o pedido de calcular o dia favorável para a sua coroação. Louis Hamon determinou o dia, mas advertiu o rei de que viveria até aos 69 anos.

Ao rei Eduardo VIII predisse que abdicaria do trono por causa da mulher amada. Através do rei Eduardo VII, Cheiro conheceu Nicolau II, a quem predisse o seu destino e a revolução de 1917. Em 1904, Nicolau II convidou Cheiro para a Rússia. Em São Petersburgo, este predisse a Rasputin a morte: «Ameaçar-vos-ão veneno, faca e bala. Após isso as águas do Neva fechar-se-ão sobre vós».

Em 1911, Cheiro advertia o escritor V. T. Stead do perigo que o esperava na água. E um ano depois Stead partiu em viagem no tristemente célebre «Titanic».

O conde Louis Hamon era próximo de Mata Hari. À conhecida espiã e dançarina predisse destino triste — morte em 1917. Assim aconteceu: Mata Hari foi fuzilada por espionagem.

O que espera o mundo?

Além de predições privadas, o conde Louis Hamon predisse também a Primeira Guerra Mundial, a Guerra Anglo-Bóer, a revolução chinesa, a ascensão de Israel e o regresso dos judeus à Palestina, a Grande Depressão dos anos 1930 e o regime ditatorial em Espanha, a proclamação da independência da Índia e assim por diante.

Cheiro era excelente jornalista, ocupava-se com sucesso de negócios — possuía jornais e fábricas, escrevia argumentos para filmes para Hollywood, tornou-se fundador da Sociedade Geográfica Americana do Pacífico, escreveu também uma enorme quantidade de livros cativantes dedicados ao principal assunto de toda a sua vida — quirologia.

Em 1930, Cheiro mudou-se para Hollywood. Apesar de numerosas intrigas amorosas, Cheiro nunca casou.

Cheiro era conhecedor de astrologia e diversos adivinhações, isso dava-lhe possibilidade de fazer predições mais exatas.

Na sua autobiografia «Confissões — memórias de um vidente moderno» descreve-se como personalidade dotada com psico-intuição muito desenvolvida. Não por acaso Cheiro estava ligado aos rosacruzes (organização oculta) e tinha ligações próximas com vários grupos espíritas. Era mais extrassensorial do que simplesmente quirologista. Cheiro descreveu este processo intuitivo em várias das suas obras, reconhecendo abertamente o uso de adivinhação e astrologia como meios para criar as suas predições. Na autobiografia menciona também frequentemente que muitas predições vinham a ele de fora, sem estudo das linhas nas mãos. A si mesmo chamava frequentemente vidente.

Cheiro nunca criou família nem ganhou enorme fortuna. Todos os seus capitais desapareceram num instante no período da crise bancária. Morreu na Califórnia num hospital para pobres em 1936.

Alice A. Bailey

Nasceu a 16 de junho de 1880 em Manchester (Inglaterra), ao nascer recebeu o nome Alice La Trobe Bateman. Os seus pais pertenciam a uma antiga linhagem nobre.

Alice ficou órfã cedo. Mãe e pai morreram de tuberculose, e a menina foi educada pela avó e avô. A sua infância não foi simples: educavam-na na mais rigorosa disciplina e obediência, por tentativas de voluntarismo a menina era castigada.

Na juventude, a vida de Alice foi cheia de tormentos e sofrimentos espirituais. Não atingindo os 15 anos, já várias vezes tentara suicidar-se. Felizmente, Alice em breve começou a compreender o que estava por trás deste impulso: descontentamento com o mundo, sentimento de solidão e sensação de abandono.

A dor espiritual e imersão em si em breve ajudaram a revelar a capacidade inata de sentir as pessoas e prever circunstâncias, saber o que a pessoa pensa e como agir.

A consciência em si disso tornou-se o início do período místico na vida de Alice.

A missão de Alice A. Bailey

Segundo as palavras de Alice, a primeira visão visitou-a a 30 de junho de 1895. Nesse momento em casa não havia ninguém, exceto os criados.

Alice lia na sala de estar um livro. De repente abriu-se a porta, e apareceu um homem alto em fato europeu, mas na cabeça usava turbante. O desconhecido aproximou-se silenciosamente dela e sentou-se ao lado. Alice estava tão atônita e assustada que não conseguia pronunciar som algum. Entretanto, o desconhecido disse que havia um trabalho importante planeado que apenas ela poderia realizar para as pessoas, mas este trabalho exigiria dela profunda mudança de caráter. Para isso, Alice devia aprender a controlar-se.

O desconhecido disse que à rapariga caberia viajar muito pelo mundo inteiro, visitar numerosos países, realizando o trabalho que lhe fora confiado pelo mestre. Disse também que tudo dependeria dela própria, de quanto Alice conseguisse mudar o seu caráter, e que devia começar imediatamente a fazê-lo. A tudo o dito acrescentou que entraria em contacto com ela uma vez a cada vários anos. Depois levantou-se e saiu do quarto. Passado algum tempo, Alice soube que o desconhecido que lhe aparecera então em visão era o conhecido dos teosofistas mestre Koot Hoomi (este facto foi refutado por Elena Roerich, afirmando que ele apenas se fazia passar por Mestre da Irmandade Branca).

No seu tempo, Alice recebeu excelente educação, além disso era pessoa profundamente religiosa. Ensinavam-na a cuidar dos necessitados e doentes, educavam nela a compreensão de que o próprio bem-estar impõe à pessoa certas obrigações e responsabilidade em relação aos outros.

Aos 22 anos, mudou bruscamente pela primeira vez a vida de Alice. Abandonou a vida confortável, decidindo tornar-se pregadora entre os soldados do exército britânico. Durante 6 anos, Alice realizou difícil trabalho missionário. Realizava reuniões evangélicas, dirigia aulas de estudo da Bíblia, trabalhava na Irlanda e Índia. Por semana tinha de realizar quinze reuniões.

Frequentemente Alice visitava hospitais, cuidava de doentes e feridos.

Na Índia em 1907 encontrou Walter Evans, que em breve se tornou seu marido. Nesse mesmo ano, os cônjuges mudaram-se para os EUA, onde Evans recebeu o posto de sacerdote da igreja protestante. Mas o casamento revelou-se mal sucedido, as relações de Alice e Evans

começaram a piorar, e passados 7 anos de vida conjunta separaram-se. Alice ficou sozinha com três filhas. Passou por um período de pobreza, teve de trabalhar muito para alimentar e educar as crianças.

Em janeiro de 1919, Alice conheceu o teosofista Foster Bailey, com quem mais tarde, quando conseguiu oficialmente obter divórcio de Evans, casaram. No fim de 1919, Foster Bailey tornou-se dirigente da secção nacional da Sociedade Teosófica. Durante vários anos, A. Bailey juntamente com Foster trabalhou em vários departamentos da Sociedade Teosófica dos EUA, incluindo secções esotéricas, encontrava-se com alunos de E. P. Blavatsky. O conhecimento com «A Doutrina Secreta» de E. Blavatsky tornou-se para A. Bailey o impulso inspirador mais forte.

Em novembro de 1919, ocorreu o contacto telepático de Alice Bailey com o mestre Djwhal Khul, que, segundo os seus relatos, fora enviado a ela pelo mestre Koot Hoomi e que é mencionado nas suas obras sob o nome de Tibetano. A voz que ouviu disse-lhe: «Há alguns livros que é desejável escrever para as pessoas. Pode escrevê-los você. Fará isso?» Assim começou o trabalho de Alice, que durou 30 anos, em resultado do qual foram escritos mais de vinte livros, que, como ela própria declarava, na maioria foram escritos sob ditado do Tibetano.

Em 1923, Alice Bailey juntamente com o marido fundou a Escola Arcana. O objetivo da escola era ensinar os alunos o correto arranjo da vida — em conformidade com o Grande Plano Universal.

Durante a Segunda Guerra Mundial, nas suas palestras, Alice frequentemente dedicava atenção ao problema do genocídio dos judeus pelos nazis. Sobre os fascistas expressava-se como seres que passaram caminho espiritual de evolução insuficientemente longo e por isso cometem erros tão horríveis. Por tais declarações, Alice foi incluída na «lista negra» de Hitler. Também Alice afirmava que a atual situação triste dos judeus em grande medida é provocada pelo seu destino passado, pelo qual agora têm de pagar. Isso deu motivo aos opositores de A. Bailey para supor que considera correto o massacre em massa que se realiza sobre os judeus, e acusá-la de racismo e antissemitismo.

Em 1947, pouco antes da morte, Alice por pedido dos alunos e seguidores escreveu a autobiografia.

Apesar da relutância em prestar atenção especial à própria pessoa e engrandecer-se, mesmo assim decidiu escrever o livro para inspirar cada um a seguir o próprio caminho espiritual.

A autobiografia ficou inacabada.

Alice Bailey morreu em 1949.

Grigory Efimovich Rasputin

Grigory Rasputin nasceu a 29 de julho de 1871 na aldeia de Pokrovskoye, região de Tyumen. Sobre a sua vida na terra natal conservaram-se poucos dados exatos, cuja fonte era na maioria ele próprio. Não se sabe ao certo se foi monge ou apenas bom ator que talentosamente representava a sua eleição e comunicação estreita com Deus.

A sua primeira peregrinação ao mosteiro em Verhoturye, Rasputin realizou aos 18 anos, no entanto não aceitou a tonsura monástica. Aos 19 anos regressou a Pokrovskoye, onde casou com Praskovya Fedorovna. Neste casamento nasceram três filhos.

No entanto, o casamento não arrefeceu o ardor peregrino de Grigory Rasputin. Continuava a visitar vários lugares santos e até a pé chegou ao mosteiro de Athos na Grécia e a Jerusalém.

É de notar que Rasputin em lado nenhum estudou, não tinha a menor ideia de medicina, era analfabeto. No entanto, realmente ajudava as pessoas, conseguia acalmar aqueles que estavam no limiar do desespero.

Com o tempo, Rasputin imaginou-se eleito de Deus, declarou que era santo, e a cada passo contava do seu dom milagroso de trazer cura. Rumores sobre o znahar siberiano começaram a espalhar-se por toda a Rússia, e em breve já não Rasputin realizava peregrinações, mas as pessoas aspiravam a chegar a ele.

Uma vez, durante a lavoura do campo, Rasputin teve um sinal: apareceu-lhe a Mãe de Deus, que contou sobre a doença do único filho do imperador Nicolau II — o tsarevich Alexei (sofría de hemofilia, maleita hereditária que lhe foi transmitida pela linha materna). A Virgem Maria ordenou a Rasputin ir a Petersburgo e salvar o herdeiro do trono.

Em 1905, Grigory Rasputin chegou à capital do Império Russo. Era tempo em que o país precisava de «profetas» — pessoas em que o povo acreditasse. Rasputin encaixava perfeitamente neste papel. Segundo as memórias dos contemporâneos, era um homem com aparência tipicamente camponesa, fala simples e temperamento rude. Os inimigos diziam que Rasputin usava a religião apenas como biombo para o seu cinismo, sede de dinheiro e poder.

A ajuda de Rasputin

Em 1907, Rasputin foi convidado ao palácio imperial no momento em que o tsarevich teve um ataque da doença. A doença do herdeiro foi escondida durante muito tempo, temendo agitação pública. Por isso o imperador durante muito tempo recusava os serviços de Rasputin. No entanto, quando o estado da criança se tornou crítico, Nicolau rendeu-se e recorreu a Rasputin com o pedido de ajuda.

Toda a vida subsequente de Rasputin em São Petersburgo estava indissolúvelmente ligada ao tratamento do tsarevich. Nesse tempo, Rasputin ganhou muitos conhecidos nos estratos mais altos da sociedade petersburguesa. Quando se tornou próximo da família imperial, a elite da capital aspirava a ser apresentada ao znahar siberiano.

Em 1910, para Petersburgo mudou-se a sua filha Maria, para ingressar na Academia de Teologia. Mais tarde juntou-se-lhe a segunda filha, Varvara.

Nicolau I não aprovava as frequentes aparições de Rasputin no palácio. Além de tudo o mais, em breve em Petersburgo começaram a circular rumores sobre o comportamento extremamente indecente de Rasputin. Diziam que, usando a sua enorme influência sobre a imperatriz Alexandra Feodorovna, Rasputin aceitava subornos para promover certos projetos. Os seus deboches alcoólicos e verdadeiros pogroms horrorizavam a população de Petersburgo.

Rasputin minava fortemente a autoridade imperial, pois falava-se de relações demasiado próximas entre Grigory e a imperatriz.

No fim das contas, o cálice da paciência transbordou. No círculo do entorno imperial surgiu uma conspiração contra Rasputin. Os seus iniciadores foram o príncipe Felix Yusupov (marido da sobrinha do imperador), Vladimir Mitrofanovich Purishkevich (deputado da IV Duma

Estatal) e o grão-duque Dmitry Pavlovich (primo do imperador Nicolau). A 30 de dezembro de 1916 convidaram Rasputin ao palácio de Yusupov para um encontro com a sobrinha do imperador, conhecida beleza de Petersburgo. Nos bolos e bebidas servidos ao hóspede continha cianeto de potássio. No entanto, o veneno não fez efeito.

Yusupov decidiu fuzilar Rasputin. Mas este voltou a sobreviver. Quando Rasputin correu do palácio, encontraram-no Purishkevich e o grão-duque. Dispararam à queima-roupa em Rasputin. Este ainda tentou levantar-se quando o amarraram, meteram num saco com peso e atiraram a uma abertura no gelo. Mais tarde, a autópsia mostrou que o ancião, já no fundo do Neva, lutara desesperadamente pela vida, mas no fim afogara-se.

Edgar Cayce

O mais conhecido profeta do século XX com razão considera-se Edgar Cayce. Nasceu no Kentucky em 1877. Ainda adolescente surpreendia os pais com a capacidade de ver o místico. Uma vez surgiu-lhe um ser luminoso que perguntou o que desejava mais do que tudo no mundo. O jovem Edgar respondeu que queria curar as pessoas das doenças.

Desde jovem sentia grande atração pela leitura da Bíblia. Compreendia que de alguma forma se distinguia das outras crianças, por isso em vez de jogos comuns com elas frequentemente isolava-se na natureza, sentindo unidade com ela e comunicando com os habitantes da floresta. Conseguia ver o brilho (aura) à volta da pessoa e conversar com aqueles que abandonaram o mundo dos vivos.

Aos 4 anos, Cayce viveu o primeiro abalo da sua vida, tornando-se testemunha de um acidente infeliz: afogou-se o seu avô favorito Thomas Jefferson Cayce.

Este caso produziu no jovem Edgar forte impressão. O espírito do avô aparecia-lhe durante muitos anos, e mantinham longas conversas.

Aos 21 anos, Cayce sofre um ataque súbito de afonia — maleita misteriosa ligada à perda da voz. Durante meses falava apenas ao sussurro, consultava-se com muitos médicos, mas ninguém nem nada o podia ajudar. Trabalhando num estúdio local, Cayce encontrou um hipnotizador que garantia a cura da sua doença graças ao hipnotismo.

Interessante que sob hipnose a sua voz era completamente normal, mas após o fim da sessão Cayce voltava a perder a voz.

Descoberta das capacidades

Edgar já começava a desesperar, sem acreditar que curaria, quando um médico local o encaminhou a um especialista em psicologia, osteopata e hipnotizador de Nova Iorque. Ao ouvir que, ainda adolescente, Edgar usava o método de melhoria da memória no sono, decidiu aplicar o hipnotismo numa direção completamente diferente. Mergulhando Edgar em estado de sono, o médico sugeriu-lhe: «A tua mente inconsciente examinará agora a tua garganta e informar-nos-á o que lá não está em ordem e o que se pode fazer para a cura». Para surpresa dos pais presentes, Edgar respondeu com voz confiante:

«A doença, como agora vemos, consiste em paralisia parcial das cordas vocais devido a tensão nervosa. Para eliminar este estado, é preciso apenas sugerir aumento do fluxo de sangue à zona afetada num curto intervalo de tempo». Lain ordenou a Edgar cumprir esta prescrição. E quase imediatamente a garganta de Edgar tornou-se vermelho-escura — o sangue afluía ao lugar doente em resultado da autossugestão. Ao voltar a si, Edgar começou a falar com voz normal. Lain, abrindo consultório em Hopkinsville, refletia sobre os resultados surpreendentes do tratamento de Edgar por auto-hipnose e esclarecia as possibilidades de uso do seu talento para diagnóstico e tratamento de outros pacientes.

Por sentimento de gratidão a Lain, Edgar concordou realizar «diagnóstico adormecido» a alguns dos seus pacientes, e os resultados foram impressionantes. Nunca se lembrava das recomendações que dava em estado inconsciente e não compreendia o que acontecia — tudo lhe parecia demasiado fantástico e incrível.

Um ano depois, Edgar veio para a pequena cidade de Bowling Green para continuar as suas ocupações de fotografia. Aqui estava-lhe destinado começar longa e feliz vida familiar com a jovem amada Gertrude Evans e gerar dois filhos.

Nos anos 1920, Edgar começa a fazer mais frequentemente predições relativas a eventos mundiais futuros. Grande parte delas Cayce fazia durante «leituras adormecidas», no entanto estas capacidades manifestavam-se-lhe espontaneamente também em estado de vigília.

Mesmo assim, Cayce não se considerava profeta, não gostava de fazer predições e muitas vezes não dizia às pessoas o que via, para não influenciar a liberdade da sua escolha. As suas profecias podem considerar-se «possibilidades encorajadoras» ou «advertências úteis», e dava-as não para «alarmar alguém ou produzir impressão de profeta».

Existem também registos bastante fidedignos de predição de duas guerras mundiais com indicação do tempo do seu início e fim; da crise económica mundial de 1929 com descrição de pormenores impressionantes do crash na bolsa e do início do ascenso económico a partir de 1933. Cayce predisse também exatamente a formação do Estado de Israel e a obtenção da independência pela Índia. Muitas profecias interessantes referem-se à Rússia: o fim da época comunista, o estabelecimento de relações amistosas com os EUA, «o desenvolvimento religioso da Rússia», que dá ao mundo grandes esperanças.

Cayce predizia aos EUA reforço de confrontos raciais e sociais, explicando isso pela morte de dois presidentes em exercício.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o número de pessoas que recorreram por ajuda a Edgar aumentou significativamente. Em março de 1943, Tom Sugrue (primeiro biógrafo de Edgar Cayce) publicou o seu livro «Rio da vida», no qual dizia que as cartas eram entregues por camiões, e ao lado da casa do profeta estavam armadas tendas onde viviam pessoas na esperança de obter acesso às «leituras».

Apesar de com os anos a energia de Edgar se esgotar (já tinha 66 anos), cheio de cuidados e compaixão, esforçava-se por ajudar a todos. O seu horário diário mudou bruscamente. Teve de abandonar os passatempos, e o número de «leituras» chegava a 4–6, e por vezes a 12 por dia.

De junho de 1943 a junho de 1944 foram dadas 1385. As cargas aumentadas refletiram-se na saúde de Edgar, e em agosto de 1944 sofreu esgotamento nervoso. Passado algum tempo, Cayce sentiu-se melhor, estava animado e fazia planos para o futuro. Mas em setembro de 1944 seguiu-se um ataque de paralisia, do qual já não recuperou.

No Dia de Ação de Graças, o filho mais novo de Edgar, Evans, trouxe o pai para casa numa ambulância. Gladys, a sua secretária, recorda: «Era pena olhar para o senhor Cayce, trouxeram-no numa maca, e estava tão

fraco que não conseguia falar nem ao sussurro, nos seus olhos brilhavam lágrimas de alegria por estar novamente em casa, mas esta alegria era ensombrada pelo sofrimento pela consciência da sua impotência». O lado esquerdo do corpo de Cayce estava paralisado. Ninguém esperava que passados alguns dias ditasse uma carta a Hugh Lynn, que estava no exército do general Patton na Europa. Ditou também ao sussurro uma carta de Natal aos amigos e membros da Associação. A partir de meados de dezembro, Cayce por vezes caía em estado comatoso, e estando consciente encontrava em si forças para dizer à esposa quanto a amava. Edgar Cayce morreu a 3 de janeiro de 1945 aos 67 anos. Uma hora antes da morte, as suas últimas palavras foram: «Como o mundo hoje precisa de Deus».

Assim terminou a vida de, provavelmente, um dos mais destacados curandeiros e videntes do século XX — pessoa compassiva, modesta e profundamente religiosa, da qual pessoas de todas as idades recebiam apoio de amigo e bons conselhos. O trabalho iniciado por Cayce não cessou: centenas de pessoas continuam a receber ajuda física, mental e espiritual com base na informação guardada na Associação de Investigação e Iluminação por ele criada e graças ao trabalho inspirado dos seus colaboradores.

No nosso tempo, muitas pessoas estudam seriamente as profecias de Cayce relativas a cataclismos esperados dos anos 1930 até à primeira década do século XXI. Algumas delas já se tornaram realidade; entre elas — o crescimento notável da atividade vulcânica a partir dos anos 1960, especialmente no Alasca, Califórnia e Mediterrâneo; e outras que, possivelmente, ainda não tiveram tempo de ocorrer nos limites do tempo indicado.

Cayce afirmava que as profecias não se consideram verdade absoluta, e repetidamente sublinhava que completamente nada se pode predeterminar, predetermina-se apenas a possibilidade.

Matrona de Moscovo

A bem-aventurada Matrona (Matrena Dmitrievna Nikonova) nasceu a 22 de novembro de 1881 na aldeia de Sebino, região de Tula, numa família pobre de Dmitry e Natalia Nikonov. Era a quarta filha. Primeiro os pais queriam deixá-la num orfanato, pois a menina nascera cega, mas a mãe

recusou esta ideia após ter um sonho profético: uma ave branca de beleza extraordinária, mas cega, pousou no seu peito.

«Esta menina é um dom do Senhor. Será justa»

Das memórias de Anna Vybornova e Ksenia Sifarova: «Batizaram Matrona na nossa igreja, na guarita junto à igreja. Quando a mergulharam na pia, espalhou-se um aroma por toda a guarita, impossível de descrever. Todos se admiraram. E o sacerdote disse: “Esta menina é um dom do Senhor. Será justa”».

«Uma vez Matronushka diz: “Mãe, sonho sempre com o ícone “Procura dos Perdidos”. A Mãe de Deus pede para vir à nossa igreja”. Reuniram-se as velhinhas, Matronushka abençoou-as para recolher dinheiro para o ícone em todas as aldeias. Recolheram dinheiro, pão, óleo, ovos. Depois encontraram na cidade um pintor. Matryushka perguntou: “Consegues pintar este ícone?”

Ele respondeu que pintaria. Matryushka ordenou-lhe que se arrependesse dos seus pecados, confessasse e comungasse. Passou muito tempo, o pintor veio ter com Matrona e disse que nada conseguia pintar. Matryushka disse-lhe: “Vai, arrepende-te dos teus pecados, mataste uma pessoa”. Então foi novamente ao sacerdote, arrependeu-se, comungou novamente e veio ter com Matryushenka, pediu perdão por não se ter arrependido imediatamente. Então ela disse-lhe: “Vai, agora pintarás o ícone milagroso da Rainha dos Céus “Procura dos Perdidos””.

A este ícone milagroso vão as pessoas com qualquer dor, com quaisquer doenças e tristezas».

Desde cedo, a bem-aventurada Matrona podia não só adivinhar pecados humanos, crimes, mas também pensamentos. Previa a aproximação de perigo, desgraças naturais e sociais. Pelas suas orações as pessoas recebiam cura de doenças e consolo nas tristezas. À isbá dos Nikonov, à menina cega, vinham pessoas, chegavam carroças, carros com doentes das aldeias e vilas próximas, de outros distritos e até províncias. Traziam doentes deitados, que a menina punha de pé.

Em gratidão pela cura, as pessoas deixavam aos pais de Matrona produtos e presentes. Assim a menina, em vez de se tornar fardo para a família, tornou-se a sua sustentadora. Em 1925, Matrona mudou-se para Moscovo e viveu lá até ao fim dos seus dias.

Aos 8 anos, Matrona começou a prever e curar. Dizia: «Doenças psíquicas não existem, existem espirituais: débeis, relaxados, possessos por espíritos do mal...

Há doenças fingidas, que são enviadas. Que Deus guarde de levantar na rua alguma coisa de coisas ou dinheiro».

Das memórias de Pasha, dona da casa em Tsaritsyno, onde por algum tempo viveu a bem-aventurada Matrona: «Os seus próximos visitavam frequentemente a Lavra de Kievo-Pechersk, a Lavra de Trindade-Sérgio e outros lugares santos e frequentemente levavam-na consigo. Visitaram o mosteiro de Ioannov em São Petersburgo. No templo, o padre Ioann de Kronstadt no fim do serviço de repente disse aos crentes: “Afastai-vos! Dai passagem! Matronushka, vem, vem ter comigo. Eis que vem a minha substituta — o oitavo pilar da Rússia”.

Ensinava-nos Matrona a não esquecer benzer a comida, especialmente à noite guardar tudo e cobrir».

«Com a força da Cruz Vivificadora salvai-vos e protegei-vos. O inimigo ataca — é preciso obrigatoriamente orar. A morte súbita acontece se sem oração. O inimigo no ombro esquerdo, e no direito — o Anjo. Cruzai-vos mais frequentemente: a cruz é o mesmo cadeado, como na porta.

Se vos disserem algo ofensivo velhos, doentes, não os escuteis, mas ajudai-os».

Quando perguntavam à bem-aventurada Matrona por que o Senhor permitiu o encerramento de tantos templos, respondia que crentes haveria poucos, servir não haveria a quem.

«O povo sob hipnose, não é seu, força terrível entrou em ação, antes as pessoas iam aos templos, usavam cruzes, as casas eram consagradas, protegidas por ícones».

A bem-aventurada Matrona dizia: «Não vos aflijais, em breve dissolverão todo o artigo 58, não haverá aquilo que havia».

«Após a guerra primeiro removerão Stalin, depois após ele os dirigentes serão um pior que o outro. Despedaçarão a Rússia. Eis que os camaradas após a guerra viajarão pelo estrangeiro, corromper-se-ão e quebrarão os dentes. Alguns verão o que é bom, o que é mau, que continuar a viver como antes é a morte. E surgirá nessa altura Mikhail.

Quererá ajudar, mudar tudo, virar do avesso, mas se soubesse que nada mudará... Só pagará por isso... Começarão confusões, disputas, um partido irá contra o outro. Será assim por pouco tempo. Suspirareis, mas pouco. Haverá tudo, e missa na Praça Vermelha, e panikhida pelo Ungido de Deus assassinado e pela sua família. Depois virão os antigos, e será pior do que era! A vida será cada vez pior e pior. Chegará o tempo em que diante de vós colocarão a cruz e o pão e dirão: “Escolhei. Nós escolheremos a cruz”».

Um fluxo incessante ia ter com Matrona pessoas que esperavam dela cura espiritual, orientação e ajuda em oração. As suas orações curavam débeis, relaxados, sofredores de doenças espirituais e corporais. As suas profecias e predições ajudaram muitas pessoas a evitar perigos e morte, escolher o caminho certo em situações complicadas.

Quando começou a guerra, a bem-aventurada Matrona pedia a todos os que vinham ter com ela que trouxessem ramos de salgueiro. Partia-os em paus da mesma comprimento, descascava a casca e rezava. Os seus próximos recordavam que os dedos dela estavam em feridas. Matrona podia estar espiritualmente presente em vários lugares, para a sua visão espiritual os espaços não existiam. Frequentemente dizia que estava invisivelmente nos fronts, ajudava os nossos soldados. Num dia, a bem-aventurada Matronushka recebia cerca de 40 pessoas.

Além disso, predisse a sua morte 3 dias antes, continuando a receber pessoas mesmo antes da morte.

Faleceu Matrona a 2 de maio de 1952 e foi sepultada no cemitério de Danilovskoye. Mas mesmo após a morte da bem-aventurada Matrona, as pessoas vinham à sua sepultura, rezavam, invocavam-na em ajuda e recebiam consolo, cura e apoio.

A 1 de maio de 1998, o caixão com os restos da vidente foi transferido para o mosteiro feminino de Pokrovsky na rua Taganskaya.

A 2 de maio de 1999, Matrona foi apresentada ao número dos santos localmente venerados. A partir desse momento começou a peregrinação à abadia de milhares de crentes.

Num fluxo incessante vão os crentes à abadia de Pokrovsky venerar a bem-aventurada Matrona de Moscovo, acreditando na sua força, recordando as suas palavras: «Todos, todos vinde ter comigo e contai,

como a viva, as vossas tristezas, eu ver-vos-ei e ouvir-vos-ei e ajudar-vos-ei».

Incessantemente eleva-se junto às santas relíquias da maravilhosa anciã a oração: «Santa justa anciã Matrona, ora a Deus por nós!»

Valya a Bem-Aventurada

Valya a Bem-Aventurada (Valentina Pavlovna Baranova) nasceu em 1895. Consideravam-na a Vanga russa, à qual era conhecido o passado, presente e futuro.

Valya a Bem-Aventurada nasceu em Stavropol numa família nobre abastada. Diante dos seus olhos em 1918 os bolcheviques fuzilaram os pais. Na Guerra Civil morreram os irmãos e irmãs. Nessa altura foi ferida e contusa Valentina. Durante a operação amputaram-lhe o peito.

Nos anos 1920-1930 passou por prisão, campos, esteve no exílio. «Destruíram todos os meus, só eu sobrevivi, e julgaram-me apenas por ser filha de nobre — dizia com amargura Valentina Pavlovna —, e vivi com bilhete de lobo sem quaisquer direitos. Depois escondi-me em Kugulta (em Stavropolshchina), pensei que pelo menos aqui viveria calmamente, mas visivelmente não era destino...» Nessa altura tinha 45 anos. Era pobrezinha, bem-aventurada, não deste mundo. Desde a primavera cedo até ao outono tardio andava de uma camisa, descalça, podia passar dias inteiros sentada numa pedra fria, e nenhuma doença a afetava. Na conversa com as pessoas por vezes revirava os olhos e abanava a cabeça, mas raciocinava sensatamente.

Primeiro conflito com os vizinhos mostrou: com Baranova melhor não se meter. Cobria os adversários de injúrias furiosas e não se acalmava imediatamente.

Valentina vivia isolada, não ia a casa de ninguém e não convidava ninguém para a sua. Aqueles que conseguiam entrar na sua isbá, na maioria das vezes encontravam-na a ler livros antigos, dos quais Baranova tinha muitos. Estes livros e um belo quadro na parede levaram os aldeões a pensar que era de origem aristocrática.

O dom de Valya a Bem-Aventurada

Em breve começaram a vir ter com Valentina pessoas, e pela aldeia correu o rumor de que a bem-aventurada encantava doenças e previa o

futuro. Conseguia parar a pessoa que lhe agradava e profetizar-lhe o futuro, de passagem repreendendo por algo ou advertindo. E verificava-se que sabia sobre a pessoa algo tão secreto que nem à mãe própria confiava.

Durante muito tempo, Baranova geria sozinha o seu lar, e a partir de 1972 ajudava-a a aldeã Praskovya Andreevna Svyatashova, que se tornou depois a sua pessoa de confiança. A cada ano aumentava o número de pacientes e clientes. Segundo as palavras de numerosas testemunhas, as suas predições cumpriam-se sempre. Com os forasteiros falava autoritariamente e não tolerava objeções.

A meio dos anos 1980, começaram a tentar ser alunos de Valentina diferentes charlatães, mas ela expulsava todos estes «seguidores»: «Será que se ensina isso? Tive uma visão da Mãe de Deus, e ela abençoou-me. E fazer isso sem vontade do Altíssimo é pecado terrível...»

Rumores sobre a riqueza de Baranova circulavam não um ano, mas ninguém se atrevia a tocar no seu capital. A primeira tentativa foi feita no verão de 1985, mas o roubo não se realizou, já em 1986 dois jovens com antecedentes criminais entraram de noite, bateram-lhe na cabeça com uma barra e atiraram-na da cama para o chão. Nessa altura, Baranova já tinha 90 anos. Debaixo do colchão num lenço de nariz encontraram 4000 rublos. Antes da aldeia vizinha, o carro dos ladrões virou-se. O processo criminal pelo facto de assalto à mão armada a V. P. Baranova foi confiado à investigadora Tokova Sofya Bekbulatovna. Os ladrões sofreram o castigo merecido.

Aos 90 anos, Baranova possuía memória magnífica e mente sã. A investigadora Tokova recordava: «Profetizou-me o futuro a mim e aos meus filhos. Passaram 8 anos, e tudo sai como predito. E sobre o passado contou de forma como se eu tivesse escrito e ela lido. Capacidades únicas tinha». A 1 de março de 1988, Praskovya Andreevna, como sempre, tratou do lar de Baranova. Quando se preparava para partir, baba Valya parou-a: «Bem, em breve partirei de vós. Amanhã não venhas, preciso de estar sozinha. Vem depois de amanhã, mas não de manhã, ao almoço». E ao despedir-se disse baixinho e carinhosamente: «Obrigada por não me teres abandonado.»

A 3 de março, Svyatashova descobriu na cozinha da casa de Baranova o seu cadáver meio queimado. Tendo matado a velha, deitaram-lhe gasolina e incendiaram.

«A mim, filhinha, foi-me dado muito», contava Valia, a Bem-Aventurada, à investigadora Tokova. «Olho para uma pessoa e vejo: é feliz ou não, o que lhe aconteceu, o que a espera. Trato doenças nervosas, femininas, de pele, impotência sexual. Quem me não visitou, incluindo pessoas muito importantes. A alguns afasto-os, pois não compreendem que não sou onipotente. Se não posso curar, não me meto... Que me roubaram, paciência, que se engasguem com o meu bem. Tenho dinheiro para cem desses canalhas. Será que o dinheiro faz o homem feliz?

O que me assusta é a inveja das pessoas. Não gostam de mim, têm medo, e alguns estão prontos para me tirar a vida. Ver o homem a fundo, isso é a minha cruz, o meu Calvário. A quem fiz mal? O que sei, morre comigo. Senhor, se soubessem quantas desgraças e infortúnios, humilhações e sofrimentos me calharam em sorte. Em vez de terem pena da velha miserável, solitária e doente, odeiam-me tanto. Será que eu, filha de nobres, que todos mimavam e amavam, alguma vez pensei que me calhasse viver assim.» E estendeu a Tokova uma fotografia antiga amarelada. Nela via-se uma jovem beldade com a cabeça erguida orgulhosamente, num magnífico vestido e com um penteado admirável.

Volf Grigórievitch Messing

Volf Messing nasceu a 10 de Setembro de 1899 numa pequena cidade perto de Varsóvia, numa família judaica.

O primeiro milagre com Messing aconteceu por não querer estudar. O pai decidiu que Volf devia começar a estudar o livro sagrado Talmud. Mas o rapaz não queria. Na autobiografia, Messing escrevia: «O pai mandou-me comprar cigarros, escurecia, a varanda da nossa casa estava mergulhada na escuridão total. Na escada apareceu uma figura nítida: "Filho, fui enviado do céu para prever o teu futuro. Vai à escola! As tuas orações alegam os céus"». Volf seguiu esse conselho. Infelizmente, não pôde acabar os estudos. No início dos anos 1930, o país começou a transformar-se num enorme campo de concentração. A maioria dos judeus polacos ficaram pobres e desempregados, alguns conseguiram ir para a Alemanha.

As peregrinações de Messing

Aos 11 anos, Messing fugiu de casa e dirigiu-se a Berlim, onde trabalhava como estafeta. Frequentemente passava fome, uma vez até caiu em desmaio de fome e foi para o hospital, onde o neuropatologista, professor Abel, descobriu nele capacidades invulgares. Isso aconteceu quando Messing ouviu os pensamentos não ditos em voz alta de Abel: «É preciso avisar a polícia para encontrar os pais deste rapaz. Enquanto isso, há-de ir para um orfanato».

Então, Messing respondeu em voz alta: «Não me mande para o orfanato! E não chame a polícia». Intrigado com o incidente, o doutor Abel começou a estudar as espantosas capacidades telepáticas do adolescente. Depois de recuperado, Volf começou a trabalhar num museu de figuras de cera. Mostrando as suas capacidades, Messing conheceu Sigmund Freud, Albert Einstein, Mahatma Gandhi e outras celebridades da época.

Em 1937, Messing regressou à Polónia. Às vésperas da guerra, veio ter com ele uma mulher com a fotografia do irmão. Dizia que o irmão fora para a América e desaparecera como uma pedra no água. O que lhe aconteceu? Onde está? A Messing nunca lhe tinham pedido para prever o destino de alguém por fotografia. Mas nesse caso sentiu logo contentamento e bem-estar.

«No trigésimo dia, contando este, receberás notícias», disse Messing.

Atuando em 1937 na Polónia, à pergunta «O que acontecerá se a Alemanha atacar a Polónia?», respondeu: «Se Hitler virar para oriente, a Alemanha perecerá».

Depois do início da Segunda Guerra Mundial, Volf Messing fugiu para a União Soviética. Encontrou-se várias vezes com Estaline. Messing atuava no circo soviético como ilusionista.

Durante a guerra, com os próprios meios de Messing foram construídos dois aviões.

Em 1953, quando Messing veio ter com Estaline pedir para parar as perseguições aos judeus, previu ao líder a sua morte. Volf disse que Estaline morreria na Páscoa judaica, o que aconteceu.

Em 1971, Volf Messing foi galardoado com o título de Artista Emérito da RSFSR.

Até Sigmund Freud, que estudava a psique humana, não conseguia explicar o fenómeno de Messing. Ele próprio dizia que no seu fenómeno não havia nada de sobrenatural. Não lia pensamentos – via-os: «É muito difícil ser um enigma para si mesmo. As pessoas só vão em direção à telepatia. O assunto é que todos têm tais capacidades, só em grau diferente, e é preciso desenvolvê-las. É como o dom musical. Muitos podem tocar vários instrumentos, mas virtuosamente – só uns poucos».

Messing não teve mestres nem protetores. Uma vez disse em brincadeira: «Não me resta mais do que acreditar piamente no meu talismã – o anel de diamante». O anel roubaram-lhe uma vez, o que deixou Messing muito abalado. Os amigos diziam: «Vai aparecer, com as tuas capacidades». Ele respondia que não era isso, sabia quem roubara, mas não tinha provas. Alguns dias depois do sucedido, em 1975, Volf Messing morreu.

Depois da sua morte, os médicos soviéticos estudaram minuciosamente o cérebro de Messing, tentando desvendar o segredo do predictor. Esperava-os uma desilusão: nada de especial foi encontrado. Os segredos do espantoso fenómeno, ainda não desvendado até hoje, Volf Messing levou-os para a tumba.

Jane Dixon

Jane Pinkert nasceu em Medford (estado de Wisconsin) em 1918, numa família de emigrantes alemães, com sete filhos. Em breve a família mudou-se para a Califórnia.

Já aos 5 anos, a menina demonstrava aos familiares as suas notáveis capacidades de vidência: previa eventos futuros, prendas que os convidados trariam, e até a morte de parentes. Uma vez deixou a mãe perplexa, perguntando-lhe por uma carta com borda preta – a mãe não percebeu o sentido da pergunta. As palavras da menina só se tornaram claras duas semanas depois, quando no correio encontraram um envelope com borda preta com notícias da morte na Alemanha do avô de Jane.

A bola de cristal

Em 1926, uma cigana adivinhou a Jane, que disse: «Esta menininha vai tornar-se muito famosa. Ela poderá prever eventos mundiais, tem o dom profético». Depois, a cigana levou a menina à bola de cristal e

perguntou o que via nela. Jane descreveu tudo em pormenor. A cigana ofereceu-lhe a bola e disse sobre a visão na bola: «É a minha pátria».

Em 1939, Jane casou com o rico empresário James Dixon, depois do que se mudaram para Washington.

Jane começou a prever, olhando para o futuro através da bola de cristal. Ao seu irmão Ernie Pinkert profetizou a carreira de atleta, o que também se cumpriu. Uma vez Jane encontrou-se com Carole Lombard, mulher do ator Clark Gable. Olhando-a fixamente nos olhos, Jane disse: «Não deve voar de avião nos próximos 6 meses». Carole não deu grande importância às palavras e alguns dias depois morreu num desastre de aviação.

Em breve, Jane provou ao marido cético as suas capacidades. Literalmente com lágrimas nos olhos convenceu James a não voar para Chicago.

Na manhã seguinte, anunciaram no rádio que o avião em que ele tinha bilhete se despenhara, perecendo todos os passageiros. Desde então, o marido nunca mais duvidou das capacidades da mulher.

Em Novembro de 1944, Jane foi convidada pelo presidente T. Roosevelt, que perguntou: «Diga francamente, quanto tempo me resta para acabar o que comecei?» Jane não pôde esquivar-se da resposta: «Seis meses, senhor presidente, talvez até menos».

Mais tarde, Dixon recordava esse encontro: «Depois o presidente fez uma pergunta inesperada: "Como evoluirão as relações da América com a Rússia no futuro, após o fim da guerra?" Respondi que no fim se tornarão aliados face à ameaça da China vermelha. "China vermelha? – perguntou o presidente. – Mas a China não é vermelha! Não temos problemas com ela".

Olhei para a minha bola de cristal e disse que via com absoluta certeza: "A China tornar-se-á comunista"». Cinco meses depois desse encontro, a 12 de Abril de 1945, Franklin Delano Roosevelt, como previra Dixon, faleceu.

No fim de 1956, Jane previu que o sucessor do primeiro-ministro indiano Jawaharlal Nehru (1889–1964) seria, cerca de 7 anos depois, uma

pessoa cujo apelido começava por «Sh». Após a morte de Nehru em Junho de 1964, primeiro-ministro da Índia tornou-se Lal Bahadur Shastri.

Em 1946, Dixon previu com precisão a partilha da Índia. Contudo, um diplomata indiano em Washington não acreditou e riu-se da previsão, considerando impossível tal desenvolvimento. Pela manhã de 20 de Fevereiro de 1947, o diplomata telefonou a Dixon, zombando da profecia não cumprida. Mas Jane manteve a calma, respondendo tranquilamente que o dia ainda não acabara. No dia seguinte, todos os jornais saíram com artigos na primeira página sobre a divisão da Índia.

Dixon avisou sobre o terramoto de 1964 no Alasca. Mas nem todas as suas previsões se cumpriam.

Nos anos 1940, Jane com o marido mudou-se para Washington, e pessoas dos altos escalões do poder começaram a recorrer a ela. Interessava-os especialmente os eventos futuros nas frentes da Segunda Guerra Mundial.

Jane atuava com sucesso na televisão, tinha uma dicção perfeita, possuía capacidades artísticas. Não fumava, era católica devota, ajudava idosos e crianças de famílias disfuncionais.

Jane Dixon morreu a 25 de Janeiro de 1997, permanecendo um enigma para os cientistas.

Muito do que Jane Dixon previa cumpriu-se em breve: a catástrofe do «Apollo-1», a vitória nas eleições presidenciais de Harry Truman, Dwight Eisenhower e Richard Nixon, a derrota de Winston Churchill nas eleições, o assassinato de Mohandas Gandhi, o suicídio de Marilyn Monroe, a revolução na China, o assassinato de Martin Luther King, John e Robert Kennedy, o casamento de Jacqueline Kennedy com Aristotelis Onassis, etc.

Uma das previsões mais famosas de Dixon é esta: «Uma criança nascida em algum lugar do Médio Oriente a 5 de Fevereiro de 1962 depois das 7 horas da manhã revolucionará o mundo. Antes do fim do século trará à humanidade esperança, lançará as bases do neo-cristão» (I. M. Smirnova. Vidência – avanço no tempo e espaço).

Hassan ash-Sharani

Um dos mais famosos videntes contemporâneos é o astrólogo tunisino Hassan ash-Sharani. Há algum tempo previu a morte da princesa Diana, o assassinato do primeiro-ministro israelita Yitzhak Rabin, a guerra no Golfo Pérsico e muito mais.

Algumas das suas previsões cumprem-se atualmente, outras dizem respeito ao futuro. Eis uma das suas profecias: «Em muitos distritos do globo terrestre continuará o derramamento de sangue. No Iraque crescerá significativamente a resistência às tropas americanas, que se encontrarão numa situação ainda pior do que no Vietname. No país ocorrerão atentados terroristas, e num deles morrerão simultaneamente centenas de soldados dos EUA. Além disso, ocorrerá um atentado num dos cidades costeiras dos EUA, e os cidadãos desse país obrigarão o seu governo a declarar a retirada das tropas do Iraque» (de entrevista à cadeia de televisão «Al-Arabia»).

Hassan ash-Sharani está convencido de que os atentados de 11 de Setembro de 2001 em Nova Iorque e Washington foram planeados pelos serviços secretos americanos e israelitas.

Em consequência, crescerão os ataques ao presidente George Bush e até haverá um atentado à sua vida. Segundo Hassan ash-Sharani, não conseguirão salvar o presidente – ele morrerá. Também Hassan ash-Sharani profetizou a morte por doença grave do presidente iraquiano Saddam Hussein e a desgraça de Ariel Sharon: «Ariel Sharon acabará o ano de 2006 numa cadeira de rodas, e quem o substituir derramará muito sangue».

Hassan ash-Sharani «viu» o atentado de 2005 em Londres, a morte do Papa João Paulo II e de Yasser Arafat.

Também prevê atentados na França e grandes desordens na Alemanha, a morte do cantor Johnny Hallyday, numerosas epidemias e cataclismos naturais.

Pode recordar-se muitos outros casos em que pessoas simples de repente adquiriam o dom de ver o futuro: Joana d’Arc previu a Carlos VII que em breve seria rei de França e coroado em Reims, o escritor e filósofo Jacques Cazotte previu a Grande Revolução Francesa e as numerosas vítimas que provocou, Rasputin avisou a czarina russa Alexandra

Fiodorovna de que se lhe acontecesse algo, em 6 meses o czar perderia a coroa e morreria o seu filho (o que se cumpriu). Mas ao comparar as capacidades de Vanga com as de outros preditores, a sua singularidade torna-se evidente. Nenhum deles desenvolveu o seu dom tão profundamente como ela: uns podiam prever o futuro, outros ver o presente, outros ler pensamentos, mas Vanga era capaz de tudo isso, e para prever o futuro não precisava nem de bola de cristal, nem de adivinhação chinesa, nem de estudar astrologia.

A profecia é um dos fenómenos mais interessantes inerentes aos eleitos da humanidade. A profecia diz respeito a todos os aspetos da existência humana: ciência, arte, religião, relações interpessoais e eventos geopolíticos. Muitos habituaram-se tanto a este conceito que não suspeitam da extraordinária multifacetada natureza do fenómeno. Então, o que significa realmente o termo profecia? O que a acompanha? O que está na origem, qual a consequência deste fenómeno único do dom humano? É quase um problema místico.

Quem sabe, talvez em breve possamos responder a estas perguntas com mais precisão.

Djuna

A curandeira, doutora em ciências médicas Djuna (Evguénia Iuvachovna) Davitachvili nasceu a 22 de Julho de 1949. O nome assírio Djuna significa o mesmo que o conhecido Evguénia.

Desde 1980, Djuna vive em Moscovo. Em 1990 organizou a Academia Internacional de Ciências Alternativas.

O sentido da vida de Djuna tornou-se a cura das pessoas. Mas a todos interessa, em que baseia-se o seu tratamento, na feitiçaria ou nas capacidades ocultas do homem?

Djuna é assíria, os assírios (assírios, aturanos) – povo que vive nos países do Médio Oriente, EUA, no território da antiga URSS.

«Venho de uma província profunda, da stanitsa Assíria no Kuban», conta Djuna ao jornalista A. Morgatchov. «Apenas quatro dezenas de casinhas. Essa aldeiazinha é-me mais querida do que tudo no mundo. Ainda lá vou com frequência... A aldeia sempre acreditou em curandeiros, bruxas, domovóis. A aldeia ainda hoje acredita. E, aparentemente, não por

acaso. Na verdade, porquê, quando alguém morre, o espelho rebenta, os relógios param? A palavra "bruxa" vem de "vedar", "saber". O que sei eu? Que possuo um campo energético, que os cientistas descobriram em todos os organismos vivos. Neste campo há praticamente todas as formas de energia conhecidas pela física. Só que em umas pessoas os campos são mais fortes, noutras mais fracos.

Na nossa aldeia havia certos costumes e crenças que remontam à profunda antiguidade. Eu, por exemplo, até hoje, quando deito água a ferver, digo: "Shimy alla!" ("Em nome de Deus!"). Como se recordasse a esses seres invisíveis (se quiserem, espíritos), que podem estar debaixo do jato de água quente, que não me esqueço deles. Assim me ensinaram os pais.

Sinto a minha ligação ao passado também através da bisavó, que viveu mais de cem anos. Através da névoa da memória, surge-me a minha bisavó. Aqui faz uns movimentos com as mãos, acaricia, sussurra algo, aqui pega numa ramita e faz com ela movimentos circulares sobre o doente e volta a sussurrar algo.

Estas imagens vívidas gravaram-se na minha memória. Na infância, brincando, tentava repetir os seus movimentos, sussurrando ou cantando algo meu, nascido na minha imaginação. Quantas doenças curava a minha bisavó? Ninguém pôde responder a esta pergunta... Mas eu, que hoje sei fazer muito, ainda não sei como tirar uma hérnia, e ela fazia-o. E a filha dela, irmã da minha avó, também cura hérnias com o toque das palmas. Quanto à minha mãe, não tinha nenhum dom de cura, mas cozia muito saborosamente.

Dos antepassados pelo pai, também das margens do lago Urmia, não sei nada. O meu pai, Iuvash Sardis, nos anos pré-guerra veio da Irão à União Soviética por assuntos, casou-se aqui, assentou na nossa aldeia e trabalhou toda a vida na kolkhoz.»

Aos 13 anos, Djuna começou a sua atividade laboral na kolkhoz do krai de Krasnodar, no Kuban.

Passado algum tempo, obtive formação médica. Depois disso, continuou os estudos na Universidade Médica Colombiana no Ceilão.

Cada criança herda algo do pai e da mãe, mas eu, como afirmam os familiares, sou a cópia exata do meu pai. Para a mãe, eu era estranha

demais, muitas das minhas traquinices assustavam-na, punia-me frequentemente, enquanto o pai me amava sem limites.

O pai, por vezes, conseguia prever o futuro. Uma vez, sentado à mesa com amigos mais velhos do que ele, disse de repente, com seriedade e tristeza, que morreria antes deles. Os amigos não acreditaram, mas assim aconteceu.

O pai compreendia-me como ninguém. Quando soube que na aldeia começaram a circular rumores de que eu era shida, ou seja, bruxa, disse-lhe que fugiria de casa, mas ele acalmou-me. Lembro-me de que chegou a noite e o pai começou a falar-me do céu estrelado. Foi então, sob as estrelas grandes e brilhantes da noite, que surgiu em mim pela primeira vez a sensação de que vivia simultaneamente na Terra e em milhares de outros planetas, sem conseguir reunir-me num todo...» (Sessões de cura de Djuna. Mn. 1991).

Na infância, aconteceu com Djuna um caso que poderia ter terminado tragicamente para ela. Contou-o a V. I. Kuznik – doutor em ciências médicas e parapsicólogo: «Na nossa família éramos muitos filhos. Mas quem mais me atormentava era o irmão mais novo. Tinha apenas 2 anos na altura, e a mãe obrigava-me a vigiá-lo. Eu queria tanto fugir para brincar com os meus pares. Mas que fazer – irmão é irmão. Uma vez, levava-o ao colo perto de um poço profundo no nosso quintal. E de repente, uma força desconhecida arrancou-o dos meus braços e atirou-o com violência para dentro do poço!

Mergulhei imediatamente no poço. Era profundo e estreito, não conseguia virar-me lá dentro. Empurrei-o com os pés para fora do poço, mas eu própria não conseguia sair. Não sei quanto tempo lá estive, creio que uns 5 minutos, pelo menos. O maninho correu para casa e começou a chamar a mãe. Ela não percebia nada, e o irmão não conseguia explicar bem, quase não falava ainda. A mãe saiu a correr para a varanda e começou a chamar-me.

O irmão aproximou-se do poço e apontava com o dedinho – dizendo que eu estava ali. Quando a mãe percebeu que eu estava no poço, desmaiou. Ainda bem que o Voldia (irmão) estava em casa, foi ele que me tirou. E o mais espantoso! Nos meus pulmões não havia uma gota de água. E também não perdi a consciência.

E este não foi o único milagre que me aconteceu na infância. Uma vez previ um terramoto, mas na aldeia ninguém acreditou em mim. E pagaram caro por isso.

Após o terramoto, na nossa pequena aldeia começaram a tratar-me mal. Os rapazes gozavam comigo chamando-me shida – bruxa em assírio – , não me davam passagem.

E quantos maus-tratos suportei quando estudava na Universidade Popular. Os professores não conseguiam aceitar que eu pudesse curar sem medicamentos. E num exame estatal, um dos professores disse-me: «Queres o diploma, cose a ferida sem agulha nem ligadura».

Pensei: pronto, está tudo perdido. Não vou ter o diploma. E de repente ouvi a voz do pai. Sim, sim, não se espantem.

Ouvi claramente a voz dele: «Jenuchka, cola. Jenuchka, cola».

Compreendi que era preciso colar as bordas. Felizmente, a ferida do doente era cortada, as bordas mais ou menos direitas. Comecei a aproximá-las uma da outra, sussurrando para mim mesma: «Colam-se, colam-se, colam-se».

Não posso dizer exatamente quanto tempo estive a «fazer feitiço» sobre o doente. Mas as bordas colaram-se. Toda a comissão estatal viu isso. E recebi o diploma.

...E como cheguei a Moscovo é uma história à parte. O meu marido ocupava um cargo bastante elevado em Tbilissi. Através dele, não sem ajuda de pessoas muito influentes, consegui ir para Moscovo. Primeiro vivi num hotel. E quando Brejnev falou favoravelmente de mim, deram-me um apartamento. Como veem, o apartamento não é mau, no centro da cidade, mas muito pequeno. Acreditam, às vezes chegam tantos familiares que não há onde deitar. Dormem não só no chão do quarto, mas também no corredor.

...Sabem como amo o Vaho. Uma vez, ele tinha apenas 6 anos, adoeceu. Fiz o diagnóstico imediatamente – sarcoma da coxa. A febre era altíssima, estava a morrer. E então decidi que morreria com o meu filho. Não quero recordar isso.

Dez dias sem me afastar dele um passo. Dormíamos juntos. Quase não comia. Acariciava e acariciava a perna doente, dias inteiros sem tirar

as mãos do local afetado. E no décimo dia a ferida abriu-se. Se vissem quanto pus saiu! E depois as coisas começaram a melhorar.

Pouco a pouco a ferida começou a limpar-se, e agora – tfu, tfu, tfu! – o meu filho está saudável.» (B. I. Kuznik. Djuna, Vanga e outros. M. Rádio e comunicação. 1995).

A ajuda de Djuna

«Uma vez», conta Djuna, «recorreu a mim em busca de ajuda uma mãe com dois filhos – Genia e Andriucha. O filho mais velho, Genia, nasceu a tempo e completamente saudável. Mas aos poucos a mulher foi tomada pela ansiedade – a criança não reagia aos sons. Ao ano de idade o menino não falava, e então a mãe levou-o ao otorrinolaringologista. Verificou-se que Genia era surdo de nascença. E então a mulher decidiu ter outro filho. Infelizmente, o segundo menino também nasceu surdo. O que fazer à infeliz mãe com dois filhos surdos? E a mulher cometeu um ato heroico. Aprendeu a linguagem dos surdos-mudos e à noite, antes de dormir, contava contos de fadas que terminavam sempre com milagres. Mas um dia o filho mais novo, Andriucha, depois de ouvir o conto, chorou e perguntou: «Mãe, quando virá finalmente o bom feiticeiro e curar-me a mim e ao Genia?»

O que devia responder-lhe a infeliz mulher? «Virá», disse ela, «só têm de esperar e acreditar». Assim viveram os dois irmãos durante longos anos. O menino mais velho tornou-se adulto, casou-se, mas a mulher dele – uma jovem encantadora – também era surda-muda.

Não sei como a família soube de mim, do meu método de tratamento, mas um dia os três apareceram em minha casa. Após examinar os irmãos, compreendi que podia ajudá-los. Ambos conservavam resquícios de audição, mas para ouvirem um som era preciso disparar um canhão ao lado do ouvido. Não exagero, eram vestígios de audição.

Entre 1982 e 1985, Djuna demonstrou centenas de vezes o impacto à distância, massagem sem contacto, aquecimento à distância, durante o qual em poucos minutos a palma da sua mão aquecia a pele dos sujeitos vários graus. Hipnose estava excluída.

Ah, com que fúria e persistência trabalhei! Às vezes tomava-me tal desespero que queria abandonar tudo e fugir para onde os olhos vissem.

Tantos doentes à minha volta esperavam ajuda, e eu gastava tanto tempo com os irmãos surdos-mudos. Mas quando o mais novo falou. Nunca esquecerei esse dia. A primeira palavra que pronunciou foi «mama». E dirigiu-a a mim. Depois falou também o mais velho. E a seguir tudo dependeu dos próprios irmãos, da sua perseverança. Ambos agora ouvem e falam. O apelido deles é Anokhine...» (B. I. Kuznik. Djuna, Vanga e outros. M. Rádio e comunicação. 1995).

O reconhecimento de Djuna

Depois de ter trabalhado como barman, enfermeira, cantora, atriz de cinema, Djuna acabou por recorrer aos cientistas. E estes ficaram espantados: as suas mãos em «estado de trabalho» aqueciam tanto que o calor bastava para aquecer o corpo de outra pessoa à distância. Com essa energia, Djuna fazia massagem sem contacto aos doentes (pelo método de imposição de mãos), e nisso se baseava a sua metodologia de tratamento. Que se tratava de um impacto físico, e não de sugestão hipnótica, foi confirmado por muitas experiências.

Ao mesmo tempo, realizavam-se outros experimentos com a participação de Djuna. O facto é que a capacidade de Djuna para massagem sem contacto está de algum modo ligada a outra possibilidade ainda mais misteriosa: receber informação à distância sem meios de comunicação habituais, ou seja, telepatia, e também prever o futuro.

Hoje em dia, Djuna é reconhecida, e não só no nosso país. Em 1989 foi nomeada a mulher mais notável do planeta. Visitou muitos países do mundo.

Atuou em congressos e simpósios mundiais sobre métodos não tradicionais de diagnóstico e terapia, realizou sessões coletivas em enormes auditórios.

No XVIII Congresso Mundial da associação internacional de medicina tradicional e alternativa, realizado em Havana, Djuna foi eleita presidente da associação e distinguida com o bastão presidencial e a mais alta condecoração médica – a ordem de I grau do Templo de Jerusalém. Foi-lhe também entregue um diploma que lhe dá o direito de formar médicos de todo o mundo em qualquer ponto do planeta. No total, Djuna possui 28 prémios internacionais.

A atividade de Djuna foi aprovada pela igreja cristã. Ainda na altura em que, não reconhecida, tentava provar que com a massagem sem contacto se podiam tratar várias doenças, o patriarca Pimen convidou-a. Mais tarde recebeu-a várias vezes e conversou longamente com ela. O prelado abençoou Djuna para boas obras e ofereceu-lhe, como recordação, um relógio de ouro «Naira» com pulseira de ouro ornamentada com ametistas.

No Vaticano, Djuna encontrou-se com o Papa. Sobre esse encontro contou o seguinte:

«Ainda em Moscovo pressenti que me encontraria obrigatoriamente com o Papa e escrevi especialmente para ele «Maria Madalena» (Djuna devia ir a Roma para o Congresso Mundial «Fenómenos misteriosos na terra e no céu»). O nosso encontro devia acontecer após a missa. Mas quando me aproximava da praça, desabou um aguaceiro terrível. Literalmente implorei: «Deus, se existes no mundo, faz com que a chuva pare». E imaginem, por um instante a chuva parou.

Atravessei a praça em frente à catedral sem estragar o quadro. E logo a chuva recomeçou. Quando entrei na catedral, o Papa viu-me e acenou-me amigavelmente com a mão. Após a missa aproximei-me dele. Observou longamente as minhas mãos. A nossa conversa durou literalmente 2–3 minutos. Contei-lhe que era médica de formação e ofereci-lhe o quadro. Agradeceu-me.

O quadro, parece, agradou-lhe» (B. I. Kuznik. Djuna, Vanga e outros. M. Rádio e comunicação. 1995).

«O presidente da sociedade de representantes diplomáticos da Organização Mundial «Orbis» apela a todos os diplomatas, cônsules, representantes civis e militares para prestarem a máxima atenção ao portador deste passaporte, utilizando todas as possibilidades legais, bem como exceções às regras, de modo a ajudar ao máximo o cumprimento da sua missão sem quaisquer obstáculos». Passaportes semelhantes são entregues pelo presidente da sociedade às pessoas mais conhecidas. São muito poucos. O de Djuna é o nº 239. É a única possuidora dele no nosso país.

No verão de 1991 foi entregue a Djuna o passaporte da Organização Mundial «Orbis», fundada em 1963.

Em 1991 abriu-se em Moscovo a Academia Internacional de direções alternativas na ciência «Djuna». Foi eleita presidente E. Iu. Davitachvili.

A 12 de Janeiro de 1993, o Conselho de Veteranos «em sinal de gratidão pelos longos anos de cuidado com os guerreiros do Afeganistão e em sinal de futura colaboração» atribuiu a Djuna o título honorário de general-coronel do serviço médico com direito a usar uniforme.

Djuna não é só curandeira. É também uma excelente poetisa e pintora. Nas suas telas, Djuna frequentemente insere um profundo sentido filosófico. Em alguns dos seus poemas foi composta música.

A editora «Compositor Soviético» publicou a coletânea «Canções de Djuna», e na editora «Kniga» saiu um pequeno livro dos seus poemas, que com razão se podem chamar poesia energética.